ALMANAQUE
D'O
TICO
TICO
1943
PREÇO 8$000

O Hino Nacional

A letra do Hino Nacional brasileiro é de autoria do poeta e acadêmico Osório Duque Estrada, e a música foi composta pelo maestro Francisco Manoel.

Todos os filhos do Brasil devem saber de côr as lindas estrofes desse Hino, que refletem o sentimento patriótico do nosso povo, falam das belezas e das grandezas da nossa terra, descrevem um momento de grande significação histórica — o do grito do Ipiranga — e nos fazem antever o fulgurante futuro que está reservado ao nosso país.

Tanto Francisco Manoel como Osório Duque Estrada já são mortos. Seus nomes, porém, hão de ser lembrados pelas gerações de patrícios nossos que se forem sucedendo, até á eternidade dos séculos, pois o bélo hino da Pátria, que inspiradamente escreveram, em sons marciais e em versos imperecíveis, há de ser cantado sempre por filhos deste torrão americano, tão amante da Liberdade, da Ordem e do Progresso, que é o nosso querido Brasil.

Vocês, meninos, devem aprender o hino nacional. Devem decorá-lo mas, tambem, guardá-lo no fundo do coração.

•

Nunca se deve ouvir o Hino Nacional sentado, ou de cabeça coberta, a não ser que se esteja fardado, caso êste em que se fará a continência militar.

Hino Nacional

I

Ouviram do Ipiranga às margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhôr dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece!

Gigante pela própria natureza,
És bélo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza!

Terra adorada
Entre outras mil
És tu, Brasil!
Ó Pátria amada!
Dos filhos deste sólo és mãe gentil.
Pátria amada,
Brasil!

II

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do novo mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos lindos campos têm mais flôres,
"Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida no teu seio mais amôres".

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro dessa flâmula:
— Paz no futuro e glória no passado. —

Mas se ergues da justiça a clava forte
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil
És tu, Brasil!
Ó Pátria amada!
Dos filhos deste sólo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

AMOR MATERNAL

Era durante a terrível época da Revolução Francesa. Na noite de 13 de Abril de 1790 esperava-se de um momento para outro um ataque do povo ao palácio das Tulherias, residência de Luiz XVI e sua família.

O monarca, ao ouvir uns disparos, julgou que os revolucionários se preparavam para invadir o palácio e correu ás habitações da rainha para preveni-la, afim de que se pusesse a salvo. Mas com grande surpresa, o soberano não encontrou Maria Antonieta. As damas de honra não puderam dizer-lhe onde a soberana havia ido, pois nada lhes comunicára a respeito.

Foi então ao apartamento reservado ao Delfim e ali encontrou este nos braços da rainha, que parecia encontrar-se muito tranquila, sem demonstrar nenhum temor.

— Senhora — disse Luiz XVI, — eu vos procurei por todo o palácio e já começava a ficar inquieto com vossa ausência.

— Senhor — replicou Maria Antonieta, beijando o filho, — eu estava em meu posto, cumprindo o meu dever.

QUESTÃO ANTIQUISSIMA

E' uma pergunta histórica tão antiga que passa como havendo sido feita ao senado romano no tempo do imperador Tibério.

Ei-la:

"Porque um balde cheio dágua não pesa nem mais nem menos do que o mesmo balde igualmente cheio mas com um peixe dentro a nadar?"

Discutiu-se acesa e longamente, e o fenomeno curioso foi explicado de inumeras maneiras, — cada qual mais racional e satisfatória!... — isto é, conforme sempre acontece, de tantas formas quantas as cabeças que projetaram luz sôbre o caso... até que um dos senadores se lembrou de fazer repetir a experiência, o que permitiu à ilustre assembléia verificar que o balde com o peixe, cuja densidade é superior à da água, pesa, naturalmente, mais do que sem êle.

A moralidade do caso é simplesmente que antes de aceitar a enunciação de fatos estranhos e empreender a sua justificação científica deve-se, preliminarmente, pôr à prova à sua realidade...

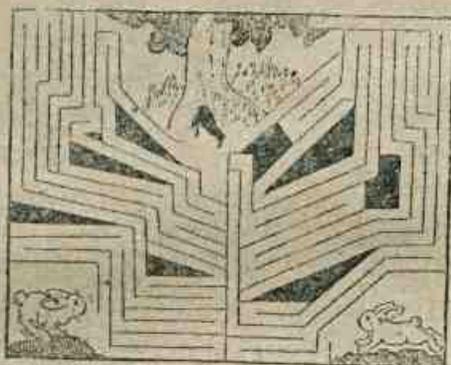
FÍDIAS

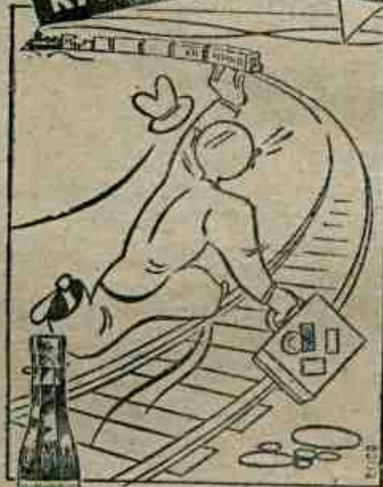
Segundo a autorizada opinião de vários autores, não houve quem excedesse nem igualasse a perfeição e beleza dos modêlos desse celebre escultor ateniênse, apesar dos séculos transcorridos desde quatrocentos anos antes de Cristo até nossos dias.

Seu nome de grande artista atravessou os tempos de Alexandre e de Augusto e os séculos barbaros, merecendo sempre admiração universal.

A estátua de Minerva, colocada no Partenon, de Atenas; as treze de oferenda consagradas no templo dos Delfos; a de Minerva, chamada Lemniana, a de Jupiter, que foi considerada uma das mais maravilhosas do mundo, imortalizaram sua memória.

Foi um prodígio do gênio humano, cuja sublimidade reconheceram tanto a antiga quanto a moderna civilização.

QUAL DOS DOIS SERÁ?

Qual dos dois coelhinhos está no caminho certo para alcançar a tóca, no tronco daquela árvore?

Os dois? Só vendo, não acha? Pois tome seu lápis e veja com a própria experiência.

Saudação à BANDEIRA

Ao recitar esta poesia, póde haver 5 crianças, cada uma para uma côr.

O VERDE:

Quando a bandeira desfralda,
Que linda côr de esmeralda
Que eu vejo! Que linda côr!
Côr do ramo que balança,
O verde é para a criança
A esperança sempre em flôr!

O AMARELO:

Sôbre a bandeira! que belo!
Vejo um losango amarelo,
Côr do sol, da sua luz!
E' toda a enorme riqueza
Do Brasil, que a natureza
Dentro das minas produz!

O AZUL:

Este azul que a gente enxerga
Sôbre nós e que se verga
Transparênte como um véu,
Tambem neste pano aberto
Se vê, mas todo coberto
Das estrelinhas do céu

O BRANCO:

Ha, por fim, na fita branca
Um lema. Ninguem o arranca
Do fundo do nosso olhar!
Decorem bem, eu lhes peço,
Pois sem *Ordem*, sem *Progresso*,
Ninguem póde, não, marchar!

AS ESTRÊLAS:

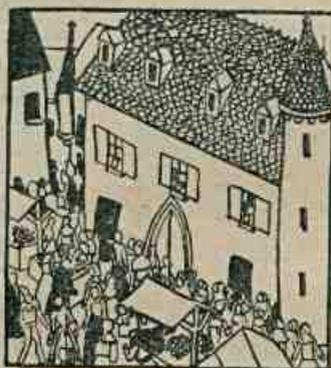
As estrêlas são Estados
Que, nós sabemos, contados
São vinte, e todos iguais.
Mais o Acre, falo franco,
Que o Barão do Rio Branco
Para a Pátria trouxe mais!

TODOS EM CORO:

Salve, portanto, bandeira!
Bandeira linda, a primeira
Que escolheria, entre mil!
O que nosso peito encerra
E' para ti, bôa terra,
Bôa terra do Brasil!

ANTONIO PEIXOTO

TONICO INFANTIL
UM PRODUTO
RAUL LEITE

ANO BOM

NA história do calendário, nada há tão variavel como a data do ano novo. Para os antigos egipcios e caldeus, o ano começava com o equinócio do outôno. Segundo o astronomo Lalande, os gregos celebravam o ano-novo a 1.º de Setembro.

Na época de Rómulo, os romanos começavam a contar o ano no equinócio da primavéra, mas quando ocorreu a reforma do calendário, foi fixada a data do inicio em 1.º de Janeiro.

Na França, durante o reinado dos merovingios, era o 1.º de Maio o dia escolhido para as felicitações por motivo da entrada do ano-novo.

Os carlovingios o trasladaram para o dia de Natal. Os Capetos celebravam o ano-novo na páscoa, mas como essa festa é muito variável, resultava disso grande confusão.

Mais tarde, afim de evitar essas complicações, se escolheu como data de ano-novo o 1.º de Abril.

O rei Carlos IX, apezar da oposição que lhe fizeram, fixou para sempre, na França, o dia 1.º de Janeiro como começo do ano.

OS alfabetos das diversas nações contêem o seguinte número de letras: Inglês, 26; Francês, 23; Italiano, 20; Espanhol, 27; Alemão, 26; Slavo, 27; Russo, 41; Latim, 22; Grego, 24; Hebraico, 22; Arabe, 28; Persa, 32; Turco 33; Sanscrito, 50, e Chinês, a insignificância de 210.

PRESENTES DE FESTAS

QUAL a origem dos presentes de festas? Vem de Ruen, êsse costume.

Era hábito, na França, instalarem-se postos na via pública para a venda de brinquedos, joias, etc. e foi o infortunado Luiz XVI quem deu licença aos pequenos comerciantes para iniciarem êsse comércio, pelo Natal. Com a revolução de 1789, o costume caiu, mas vale a pena recordá-lo, ao tratar dos presentes de Natal.

HÁBITOS CURIOSOS

EM muitos lugares da Europa, é uso se realisarem grandes limpezas e arrumações nas vésperas do ano novo, pois havia antigamente a superstição de que se o ano-novo chegasse e encontrasse em uma casa coisas quebradas, velhas e sujas, a Felicidade não sorriria aos donos da casa.

O que não serve, se queima. E a "fogueira do ano bom" é às vezes alimentada por tempo infinito, com as velharias de todas as casas do povoado, pois toda a gente quer se vêr livre de velharias e coisas inúteis, cheia de esperanças para o novo ano.

As cobras nunca fecham os olhos, pois não teem pálpebras. Protege o seu órgão visual uma escama muito forte, porém, tão clara e transparente como o cristal. O veneno das serpentes é tão intenso, que um dedal cheio dêsse liquido bastaria para matar vinte e cinco pessôas.

Dez preceitos para o escolar

1

Brincar e estudar onde puder respirar ar puro.

2

Passar a maior parte do tempo que fôr possível ao ar livre.

3

Dormir com a janéla aberta, embora bem agasalhado.

4

Respirar como se deve fazê-lo: pelo nariz, e não pela bôca.

5

Tomar banho todos os dias.

6

Manter o corpo sempre eréto, firme, e fazer ginástica metódicamente, uma vês por dia e nunca mais do que isso.

7

Conservar suas roupas limpas, escovadas e decentes.

8

Conservar os dentes limpos, escovando-os pelo menos uma vês pela manhã e uma à tarde.

9

Não levar à bôca objetos de uso escolar doméstico ou quaisquer que sejam que não tenham sido feitos para isto.

10

Lavar as mãos antes das refeições, ao chegar da rua e ao deitar-se.

Os meninos que observarem estes preceitos, estarão defendendo sua própria saúde, preparando uma juventude sadia e contribuindo para a grandêsa futura do Brasil.

A Cigarra e a Formiga

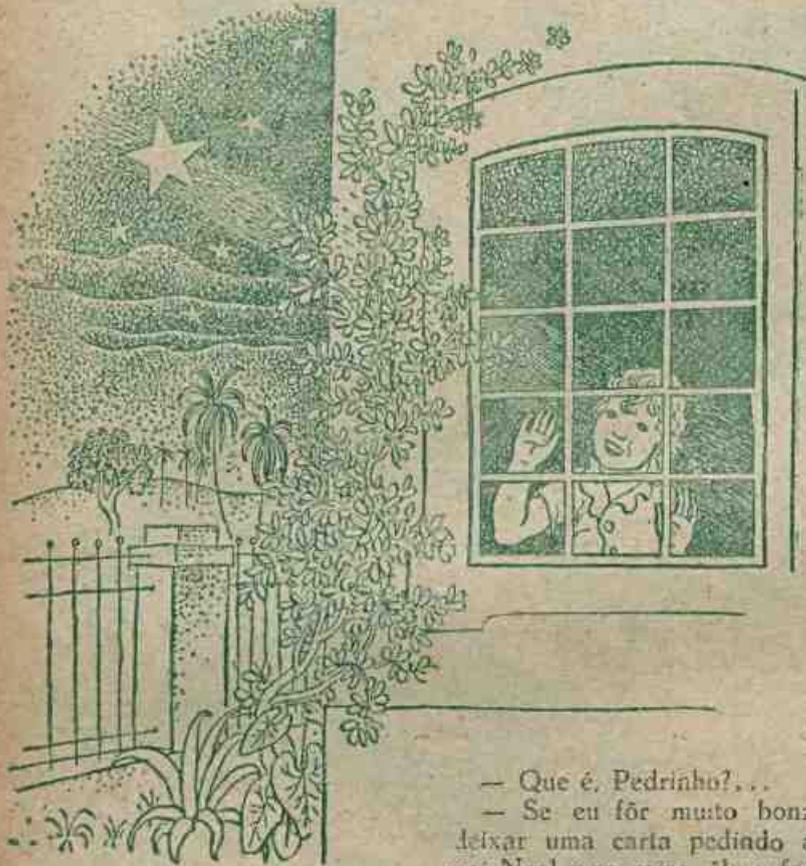
Como a cigarra o seu gosto
E' levar a temporada
De junho, julho e agosto
Numa cantiga pegada,
(De inverno tambem se come
E então rapa frio e fome)...

Um inverno a infeliz
Chega-se à formiga e diz:
— Venho pedir-lhe o favor
De me emprestar mantimento,
Matar-me a necessidade...
E, em chegando a novidade,
(Faço até um juramento)
Pago-lhe seja o que fôr!) —

— Mas, (pergunta-lhe a formiga)
O que fez durante o estio?. —
— "Eu... cantar ao desafio". —
— Ah! cantar! Pois, minha amiga,
Quem leva o estio a cantar,
Leva o inverno a dansar.

João de Deus

O PRESENTE DE PAPAI NOEL

CONTO DE ALMA CUNHA DE MIRANDA

QUE é Natal, hein, mamãe? perguntou Pedrinho.

— Natal é o aniversário de Jesús, meu filho.

— Ahn... Mas porque é feriado, hein, mamãe?

— É para festejar o dia em que Papai do Céu deu Jesús à mãezinha Dele. Êle era um menino lindo e muito bonzinho, e, quando homem, foi santo, e o mais nobre de todos: protegia os pobres, tratava dos doentes e adorava as criancinhas.

— Mas, mamãe... continuou o curioso Pedrinho, — como é que, se é Êle que faz anos, nós é que temos árvore de Natal e ganhamos os presentes, hein?!...

— Pois está aí o que te vem mostrar a bondade de Jesús, meu filho. Era tão bom e desinteressado das cousas do mundo, que, em seu aniversário, Êle é que dava os presentes, e criou um Papai Noel só para visitar as casas das crianças, saber do que elas precisam, se são boazinhas ou desobedientes, e julgar se merecem ou não presentes no Natal.

E, depois de algum silêncio:

— Mamãe...

— Que é, Pedrinho?...

— Se eu fôr muito bonzinho e deixar uma carta pedindo ao Papai Noel uma coisa, êle a fará, mamãe?

— Conforme... Se você não pedir uma coisa muito complicada e difícil de fazer, é provavel que êle possa satisfazer seu pedido...

::

VÉSPERA de Natal... A noite mais risonha do ano, com seu manto azul cintilante de estrelas, e a lua a jorrar sua luz por todos os lados, como a querer pratear cada cantinho do Universo...

A briza leve cochichava com as fôlhas das árvores; os sapos discutiam; os grilos tagarelavam, e, aos pulos, fugindo, queixavam-se da luz

Ilustração de PERCY LAU

dos pirilampos... Ouvia-se a risadinha do riacho, saltitando, a brincar entre as pedras imóveis e frias, o arrulhar das pombinhas a sonhar no pombal...

E no intervalo desses sons campestres, sentia-se o respirar da própria natureza que dormia...

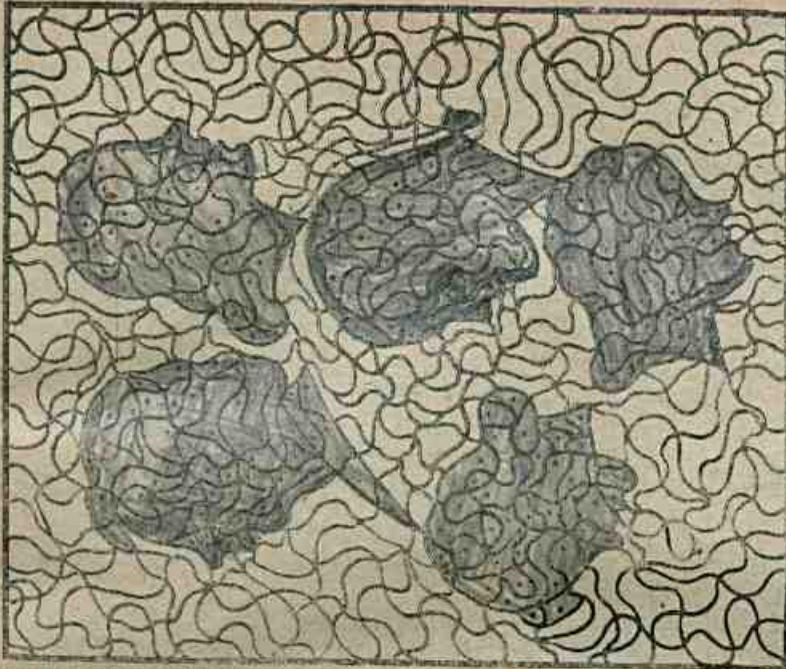
APROVEITANDO êsse silêncio para fazer travessuras, uma estrêlinha muito marota, pulando para perto de um raiozinho de luz que da lua emanava, desafiou-o para ir espreitar pelos vidros da janela o que havia no quarto de uma casa que ela tanto se fartava de olhar, sem, no entanto, ter conseguido, até então uma espiadinha, sequer, no seu interior. O raiozinho de luz, não menos gaiato, aceitou o desafio, contanto que seu empreendimento, se levado a efeito com êxito, fôsse recompensado com um beijo. A estrêla, sem refletir nas consequências da aproximação que daí resultaria, assentiu, e lá se foi o raiozinho de luz, atravessando os riachos, galhos, frondes de árvores, capinzais, e, por fim, metendo-se aos pinotinhos, por entre os ramos de uma trepadeira de jasmim que perfumava e enfeitava a janêla do quarto; transpassou os vidros da janêla, e foi pousar bem juntinho da linda cabecinha de cabelos louros e cacheados do Pedrinho.

Curioso, por um momento, logo ficou quieto, a cismar... E, fascinado, se pôs a acariciar, de leve, aquelas faces rosadas e macias. Oh! Pedrinho acordou! O raiozinho de luz despertou-o! Por mais suave que tivesse sido, aquela carícia não deixou de perturbar o sono do garotinho, e êste, assim que sentiu a claridade, arregalou os olhos. Primeiro, um pouco assustado, encarou o raiozinho de luz que, diante da expressou de Pedrinho, começou a sorrir. O menino, ao ver o que era, também achou graça.

Uma formiguinha, ao dar seu costumeiro passeio noturno, passou por baixo da porta do quarto; vendo entrar o raiozinho de luz e espantando-se com a risadinha brejeira da criança, deu meia-volta, abriu as asas que guardava escondidinhas, e, lá se foi a toda velocidade. Em menos de quinze minutos, não houve formiga que não tivesse lido a notícia formidavel, nas fôlhas espalhadas pela formiguinha, que mais não era senão o reporter-colosso do seu reino.

No quarto, porém, o garotinho, que sorria para o raiozinho de luz, lembrou-se, de-repente, de que tinha uma carta muito especial para en-

(Conclúe à pág. 131)

BOM PASSATEMPO

Se você encher cuidadosamente, com lápis, todos os espaços que teem no centro um pequenino ponto, encontrará 5 pessôas que aí estão escondidas nêste cipoal aparentemente tão misterioso.

Sir Thomas Lipton, o célebre mercador de chá, começou a revelar o seu gênio comercial quando ainda era de tenra idade.

Um dia, quando era ainda menino, estando a ver o seu pai a vender ovos a um freguês, observou-lhe:

— Porque não deixa à minha mãe o trabalho de vender os ovos?

— Qual a vantagem disso? — perguntou-lhe o pai.

— E' que as mãos da mamãe são muito menores que as suas, e desse modo os ovos pareceriam maiores aos olhos do freguês.

Dia de Festa

Olho o céu mais contente.

Por que tantas bandeiras
batem alegremente,
como grandes pavões, as asas verde e ouro,
inquietas e ligeiras ?

Por que passam soldados
e nas armas teem flôres ?

Por que estrondam dobrados
com clarins e tambores ?

Por que todos na escola, reunidos, cantamos,
todos nós, mais de mil ? !

É o Brasil que faz anos . . .

É o Brasil que faz anos ;
Viva o Brasil !

MURILO ARAUJO

DOIS JOGOS

PASSAR O FARDO

Dividem-se os jogadores, em dois ou mais teams, com número igual de participantes. Cada team fórma uma coluna dupla, frente a frente e de mãos dadas, formando uma ponte. Escolhe-se um jogador de pêso leve que se coloca num dos extremos da coluna, de frente para ela e atrás da linha de partida. Outro jogador de pêso pesado se coloca na outra extremidade da coluna, de frente para ela, a uma distância de 0,m75. Dado o sinal para começar, o jogador leve (que é o fardo) corre e salta, caindo nos braços dos jogadores que formam a coluna dupla. Êste jogador é passado até o fim da coluna, sendo ajudado na saída pelo jogador que se coloca aí a propósito. A corrida termina quando os pés do fardo tocam o chão. É importante que o fardo mantenha os braços bem rigidos.

MUNIÇÕES GANHAS

É bem interessante e deve ser feito na praia ou no campo.

Dividem-se os jogadores em dois grupos : A e B.

Risca-se uma linha divisória, nas extremidades dos dois campos, assim formados, faz-se um pequeno "goal", onde se colocam 6 pausinhos.

Consiste o jôgo em que o grupo A deve procurar tomar os pausinhos do "goal" do grupo B, sem se deixar apanhar, no campo de B, por nenhuma pessôa dêsse grupo ; conseguindo isso êle poderá voltar livremente para o campo A, trazendo consigo o pausinho adquirido do inimigo.

Si fôr apanhado no campo inimigo, ficará prisioneiro, no respectivo "goal", até que um seu colega de grupo o venha salvar. Poderão, os dois, voltar livremente para o campo.

"O caminho mais curto para muitas coisas é fazer uma só de cada vez."

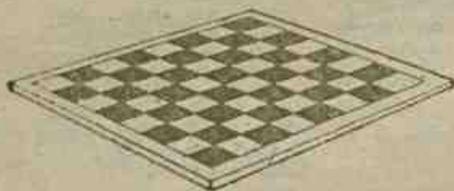
GREY

"O presente é a bigorna onde se forja o futuro."

VICTOR-HUGO

O custo de um invento

Segundo refere uma lenda, o inventor do tão apreciado jogo de xadrês pediu a um rei da India que lhe pagasse, pelo seu invento, da seguinte maneira:

Que lhe désse trigo em tal quantidade que satisfizesse essa forma: 1 grão pela 1.ª casa do taboleiro, dois pela segunda, quatro pela

terceira, oito pela quarta e assim por diante, dobrando sempre, até a 64.ª casa do taboleiro, que é a última.

O rei concordou e mandou realisar a entrega. Mas qual não foi sua estupefação, ao verificar que não havia, em todo o reino, trigo suficiente para satisfazer o compromisso!

Vocês pensam que é exagêro? Pois então somem a expressão que vamos indicar:

1 + 2 + 4 + 8 + 16 + 32
+ 64 + 128 + 256 + 512 +
1024 + 2048 + 4096 + 8192
+ 16.384 + 32.768 + 65.536
+131.072+262.144+524.288
+ 1.048.576 + ...

Vejam que chegamos só à 21.ª casa do taboleiro. A soma de todos os grãos das 64 casas é de 18.446.744.073.709.551.615 grãos de trigo. Um quilo de trigo contém aproximadamente 21.000 grãos. Façam a divisão e vejam como foi espertinho o tal inventor do jogo de xadrês...

A INGRATIDÃO

Certo dia, Leandro, filho maior de Socrates, encolerizado por uma reprimenda que sua mãe lhe havia dirigido, tratou-a duramente, faltando-lhe ao respeito da forma mais reprovavel possivel.

Socrates, que assistiu ao arrebatamento do filho, quis corrigi-lo de modo suave, porém firme, inspirando-lhe ao mesmo tempo o dever da gratidão para com os pais.

— Vem cá, meu filho — disse-lhe. — Nunca ouviste falar dos homens chamados ingratos ?

— Sim, senhor. Constantemente — replicou o joven.

— E sabes o que é a ingratidão ?

— E' não retribuir uma deferência ou um favor recebido, quando se apresenta a oportunidade de fazê-lo ou esquecer-se de algum beneficio que nos fizeram.

— De modo que a ingratidão é uma espécie de injustiça ?

— Assim eu creio — replicou Leandro.

— Então, por que pagaste todos os beneficios que tua mãe te fez com palavras ásperas e proferidas em tom irado ?... Não compreendes que essa é a maior ingratidão que podes cometer no mundo ?

Envergonhado, Leandro baixou a cabeça. Compreendeu a justiça da advertência. E correu a desculpar-se diante de sua progenitora, prometendo-lhe não mais voltar a encolerizar-se.

CALENDARIO - - - - - - - - PERMANENTE

B (MESES)												A (ANOS)		
J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	1901-80		
4	0	0	3	5	1	3	6	2	4	0	7		25	53
5	1	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3		26	54
6	2	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4		27	55
0	3	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6		28	56
2	5	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0	01	29	57
3	6	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1	02	30	58
4	0	0	3	5	1	3	6	2	4	0	2	03	31	59
5	1	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4	04	32	60
0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5	05	33	61
1	4	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6	06	34	62
2	5	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0	07	35	63
3	6	0	3	5	1	3	6	2	4	0	2	08	36	64
5	1	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3	09	37	65
6	2	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4	10	38	66
0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5	11	39	67
1	4	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0	12	40	68
3	6	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1	13	41	69
4	0	0	3	5	1	3	6	9	4	0	2	14	42	70
5	1	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3	15	43	71
6	2	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5	16	44	72
1	4	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6	17	45	73
2	5	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0	18	46	74
3	6	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1	19	47	75
4	0	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3	20	48	76
6	2	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4	21	49	77
0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5	22	50	78
1	4	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6	23	51	79
2	5	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1	24	52	80

C (DIAS)

D	1	8	15	22	29	36
S	2	9	16	23	30	37
T	3	10	17	24	31	
Q	4	11	18	25	32	
Q	5	12	19	26	33	
S	6	13	20	27	34	
S	7	14	21	28	35	

Explicação: Que dia da semana será 8 de Junho de 1943? Será terça-feira. Para se chegar a êste resultado, toma-se o ano respectivo da tabela A - Anos, seguindo-se à esquerda até à coluna do mês de Junho na tabela B - Meses, onde se encontra o número 2. Adiciona-se êsse número ao algarismo do dia 8, sendo a soma igual a 10 (8 + 2 = 10).

Procura-se depois o número 10 na tabela C - Dias, encontrando-se o mesmo na coluna de "terça - feira".

A CONTAGEM DO TEMPO

Os romanos tinham um sistema curiosissimo de contar os dias. Não os chamavam o primeiro, o segundo, o terceiro do mês, e assim por diante. Os que fundaram Roma e, depois, aumentaram o seu dominio através do mundo, contavam o tempo para traz, tomando por ponto de partida três épocas, em cada mês, conhecidas pela designação de calendas, nonas e idos. As calendas eram o primeiro dia de cada mês. As nonas, o quinto, excéto em Março, Maio, Julho e Outubro, quando eram o setimo. Os idos eram o 13.° dia, excéto em Março, Maio, Julho e Outubro, meses em que os idos eram o 13.° dia. Assim 25 de Dezembro era chamado o setimo antes das Calendas de Janeiro.

A palavra calendario vem de calendas. Na Roma antiga, era costume colocarem-se noticias ou calendas, nos logradouros publicos, marcando os jogos e os grandes divertimentos populares.

O VALOR DE UMA VIRGULA

A falta de pontuação em qualquer escrito é um dos maiores defeitos conhecidos, e tanto assim, que um periodo qualquer, embora bem redigido, mas não pontuado, dá ocasião à leitura de disparates, como aquele que se vai vêr:

"Um lavrador tinha um bezerro e a mãe do lavrador era também o pai do bezerro."

Si puzermos uma virgula depois da palavra mãe, fica o período perfeitamente compreensível; mas, como está, fica um *imbroglio* de difícil compreensão.

ANO BOM

NUM dia de Ano Bom, há muitos anos, uma professora disse aos seus alunos:

— Esta noite, meus filhos, o Menino Jesus, mais belo do que nunca, virá visitar todos os meninos.

Ficarão cheios de perfume os lugares por onde Ele passar, e sua tunica resplendente iluminará o caminho.

Calou-se por um instante e continuou:

— Cada um de vocês deve pedir aquilo que mais deseje. Vamos ver. Tu, Heitor, que lhe pedirás?

— Uma bicicleta! — respondeu Heitor.

— E tu, Rafael?

— Um automovel com faróis!

— E tu, Antonio?

— Um avião que se governe cá da terra!

E assim foram todos manifestando os seus desejos, até que chegou a vez de João.

— E tu?

— Quero... ser bom...

NAQUELA noite, os meninos todos se deitaram pensando nos desejos que tinham manifestado. E todos sorriam, esperançosos.

E Jesus veio. E entrou no quarto de dormir de Joãozinho, inclinou-se sobre sua cama e lhe deu um beijo.

No dia seguinte, quando João se levantou, seus pais o contemplaram assombrados.

— Filho! Meu filho! — disse a mãe.

— Parece — exclamou o pai — que tens algo na fronte... algo que brilha assim como uma estrela!...

— Mas... com a luz do dia se vai tornando invisivel — acrescentou a mãe.

E ambos se calaram, com os corações transidos pela emoção...

CONSTANCIO C. VIGIL

VEJA O QUE SIGNIFICA

CAETE' — mata virgem.
CAPIBERIBE — rio das capivaras.
CARIOCA — casa do branco.
CAYAPO' — o que queima.
CORUMBA' — banco de cascalho.

Porque parece estar quebrado um pau quando o metemos na agua de um tanque?

Nós vemos o páu, como vemos todos os objétos, graças aos raios de luz que êle nos envia, os quais se propagam obedecendo a certas leis. Se pódem, caminham em linha reta; por isso, se o páu é direito vemo-lo todo inteiro através de um meio único e homogeneo, como, através de u'a massa tranquila de ar ou de agua o vemos reto, tal como êle é. Mas, se o ar e a agua estão em movimento, já o não vemos direito, nem tampouco se o mergulhamos em parte na agua.

Podemos realizar nós mesmos esta experiencia mergulhando um páu na agua de um tanque, ou um lapis num vaso com agua ou doutra qualquer maneira, e observaremos que êstes objétos parecem estar partidos no ponto onde são interceptados pela superficie da agua. Isto aprecia-se melhor levantando o vaso e vendo, pela parte de fóra o que se passa lá dentro. Vemos então, metade do lapis através do ar e a outra metade através da agua; mas, se dermos atenção, veremos que a luz proveniente da sua metade inferior, para chegar até aos nossos olhos, tem que atravessar, primeiro, a agua, depois, as paredes do vaso e, por último, o proprio ar.

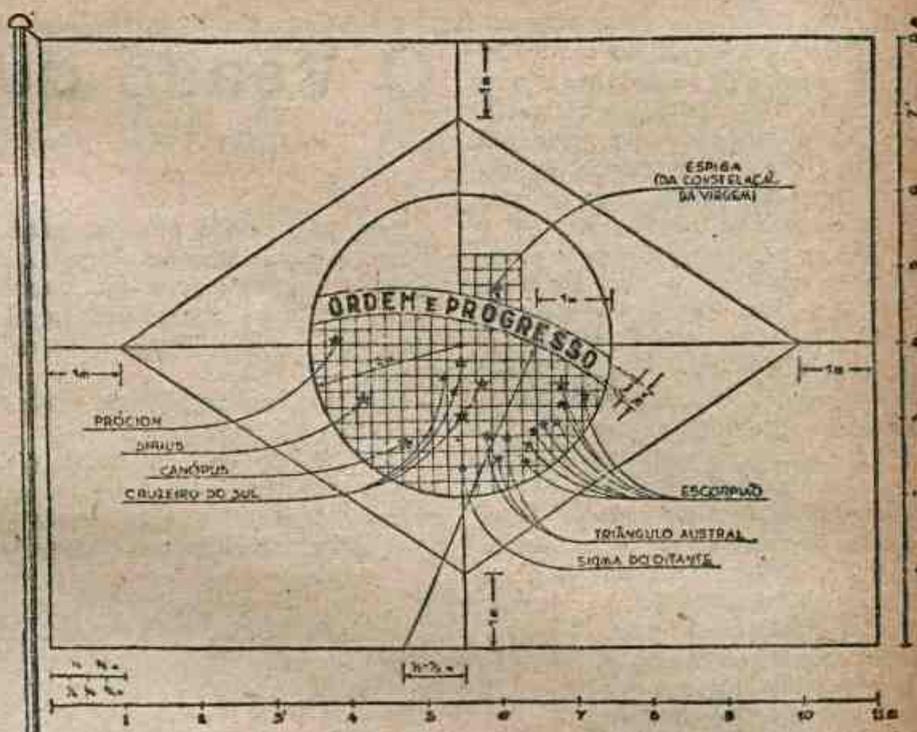
Ora, ha uma lei que diz que sempre que um raio de luz passa de um meio para outro, como, por exemplo, de agua para o ar ou vice-versa, sofre um desvio; por isso, embora vejamos bem reta a parte do pau que está dentro da aguà, enquanto esta permanece tranquila, parece-nos que fórma um angulo mais ou menos obtuso com a parte que fica de fóra. Êste desvio que os raios de luz sofrem em tais casos chama-se refração, que significa quebra.

Como se desenha a BANDEIRA BRASILEIRA

TODOS devemos saber desenhar o pavilhão nacional, de maneira corrêta e perfeita. Êle não póde ser desenhado errado e o modêlo ao lado ensina como se deve proceder.

No desenho, o m não quer dizer "metro", e, sim, **médulo**. É um segmento de reta que se toma à vontade, de acôrdo com o tamanho da bandeira a fazer. Escolhida, então, essa medida m, a altura da bandeira será 8 vezes m; a largura, 11 vezes m; o raio do circulo 2 vezes m; etc. As indicações que se vêem no desenho dispensam qualquer outra explicação.

Uma observação é, entretanto, indispensavel: as duas faces da bandeira são exatamente iguais. Olhando-se para qualquer delas, não se vê nenhuma diferença: o Escorpião fica sempre à direita; Prócion, Sirius e Canópus, à esquerda, etc.

Não estaria certo, pois, fazer-se uma das faces como se fosse o avesso da outra.

"Ela tremúla só, única e dominadora, sôbre o nosso vasto território. Simbolo do Brasil de hoje e de amanhã, bela e forte, afirma a unidade do nosso povo, numa sintese perfeita da sua existência e dos seus ideais de engrandecimento." — GETULIO VARGAS

O GASPARINHO

O gasparinho é a menor das frações em que se divide um bilhete de loteria. O povo se habilita sempre à sorte, comprando um "gasparinho", porque é a fração que a sua bolsa comporta. Décima ou vigésima parte do número de bilhetes de cada extração, é por gasparinho que toda a gente o chama. De onde vem, porém, a palavra e quando nasceu?

Como o bilhete de lotéria não fosse acessivel a todos, o ministro da Fazenda, Gaspar da Silveira Martins, autorizou a sua divisão em frações. O povo começou então a chamar de "gasparinho" a menor fração dos bilhetes, tal como às apólices municipais emitidas pelo interventor Adolfo Bergamini o povo denominou "as bergaminas".

Gaspar da Silveira Martins foi um tribuno gaúcho dos mais ardorosos e brilhantes, um politico dos mais prestigiosos do seu tempo. Nascido em Bagé, em 1835, foi juiz na Côrte, em 1859, deputado provincial, em 1862, deputado à assembléia geral da 15.ª e 17.ª legislaturas, senador em 1880, tendo tambem presidido a provincia do Rio Grande do Sul. Faleceu em 1901.

A CRUZ

Estrêias
singéias!
Luzeiros!
fagueiros!
Esplêndidos orbes que o mundo aclarais!
Desertos e mares, florestas vivazes!
Montanhas audazes que o sol rastejais!
Campinas
divinas,
eternas!
extensos
Espaços
celestes!
Rochedos
bravios!
Abismos
sombrios!
Ergastulos frios!
Infernos terrestres!

Sepulcros e berços, mendigos e grandes!
Curvai-vos ao vulto sublime da cruz!
Só ela nos mostra da glória o caminho!
Só ela nos fala das leis de Jesus!

FAGUNDES VARELLA

O Veado de São Julião

HOUVE mais de um santo com o nome de Julião. Esta página se refere, porém, a um outro, de nobre família e que, pelo seu arrependimento e penitência, se tornou digno das recompensas celestes e da companhia dos Santos.

Seus pais eram muito ricos e davam ao filho único uma educação esmerada, não só com relação ao cultivo da inteligência, como com relação ao cultivo das armas. Um sábio monge o instruia nas escrituras outro, na botânica, outro, nas matemáticas. O castelo em que moravam, era dos mais suntuosos da época. E, aí, viviam felizes, agradecendo a Deus o filho que lhes havia dado, quando um dia, na claridade da janela aberta, estando a mãe de Julião ainda no seu leito, uma visão branca e luminosa lhe apareceu exclamando: "Rejubila-te; teu filho será um Santo!"

A senhora relatou o fato ao marido e ambos resolveram guardar a propósito o maior segredo.

Julião crescia, assim, entre as horas da lição, os carinhos maternos e a liberdade dos campos.

Seu instinto era, porém, máu. O seu grande prazer eram as caçadas. Entregava-se a elas com fúria, ora acompanhado de archeiros e matilhas, ao ruído de trompas e alarmas, ora só, a cavalo, e com o seu falcão no ombro, um grande falcão amestrado na Scythia, de altos penachos e garras afiadas.

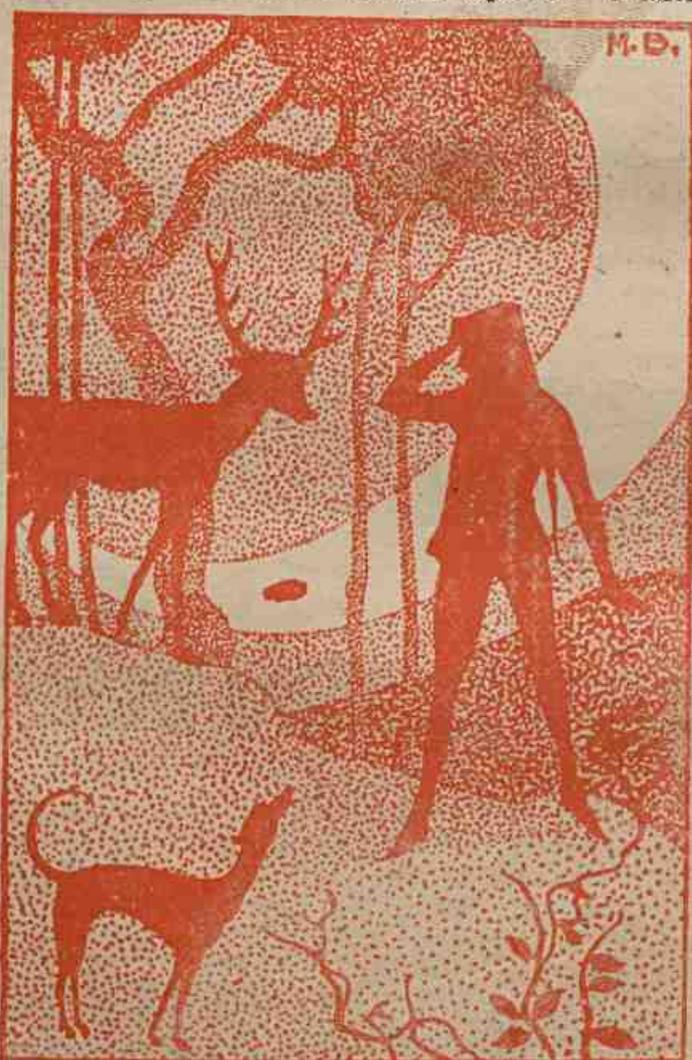
Sentia-se bem, feliz, no meio das hecatombes de javalis, veados e aves.

A prática da caça deralhe coragem de enfrentar os maiores perigos; lutava corpo a corpo com as féras mais bravias e vencia-as. Um dia, perseguindo tenazmente um bando de veados, um deles, um grande veado, desgarrando-se e voltando-se para Julião, exclamou:

— Por que me persegues, tu que estás destinado a ser o assassino de teu pai e de tua mãe?

Essa voz, ouvida pela sua consciência e partindo assim de um daqueles a quem êle perseguia, tocou-lhe o coração e o impressionou tanto, que Julião decidiu abandonar as caçadas.

Para impedir a predição do veado, resolveu fugir para longe.

Tendo chegado a um reino que estava em armas contra reinos vizinhos, ofereceu os seus serviços. Queria afrontar os perigos, expôr-se.

E com tal brilho se conduziu na guerra, que o rei o fez cavaleiro.

Depois, tendo visto e amado loucamente a viúva de um rico dignatário da côrte, casou-se com ela, gozando os dois vida feliz.

Um dia, pela manhã, estando Julião na janela, viu passar no campo um bando de veados e o ardor da caça lhe voltou. Tomou das armas e partiu, prometendo à esposa voltar breve.

Durante a sua ausência, dois velhinhos bateram à porta do castelo.

Vinham desolados e cansados de longas jornadas.

A bela castelã os recebeu.

Contaram então a desaparição do filho e que longos e longos anos andavam êles pelo mundo à sua procura. A castelã, que era a esposa de Julião, compreendeu que se tratava do seu marido. A noite caíra sôbre o castelo sem que Julião chegasse.

A castelã, para melhor obsequiar os dois velhinhos, obrigou-os a dormirem no seu próprio leito.

Pela madrugada do dia imediato, entra Julião, pé ante pé, na sua alcova. Dirigindo-se para o leito, ouve uma dupla respiração. Os seus cabelos se eriçam; abaixando-se, nota que havia alí dois corpos; tateia; passa a mão no travesseiro e sente que toca em longa barba.

Um homem dormia no leito!

E no desespero do ciume, puxa da espada e atravessa os dois corpos!

Nesse momento uma aparição surge na porta aberta: é a esposa, que se levantára e vem, risonha, ao encontro do marido.

— Quem dormia então alí? Pergunta êle aterrado.

— São teus pais, a quem ofereci o teu leito.

O que ouvindo, Julião desata em pranto, exclamando:

— Maldito que sou! Realizei a predição do veado!

E acrescentou:

— Adeus, minha doce e querida companheira, pois não mais terei sossêgo sôbre a terra enquanto Deus não aceitar o meu arrependimento.

Ao que ela respondeu:

(Continúa à página 130)

POÊMA À
Juventude Brasileira

Sentinela do Brasil
— Juventude brasileira! —
Em teu peito canta e vibra
A divisa da Bandeira!
Eia, avante, juventude!
Das cidades, dos rincões!
O Brasil Novo caminha
Com as novas gerações!

ESTRIBILHO:

Juventude brasileira!
Vence, em bravura, o herói!
— Por teu povo, tua terra,
— Idealiza! Constrói!

Segue o roteiro dos bravos:
— Ordem, progresso, — vencer!
O grande Brasil espera
"Que cumpras o teu dever!"
De nossa terra as belezas
Decantaram estros mil...
Vive e luta com valor!
Combate pelo Brasil!

ESTRIBILHO:

Juventude brasileira!
Vence, em bravura, o herói!
— Por teu povo, tua terra,
— Idealiza! Constrói!

Castro Alves, Tiradentes,
Bilac, Osório, Caxias,
— Flamas de patriotismo —
Sejam teus faróis e guias!
Desbrava a terra louçã
"De tal modo graciosa
"Que tudo nela se dá..."
Juventude valorosa!

ESTRIBILHO:

Juventude brasileira!
Vence, em bravura, o herói!
— Por teu povo, tua terra,
— Idealiza! Constrói!

Do progresso nas jornadas,
O' mocidade ardorosa!
Ao destino abre a clareira
Desta pátria gloriosa!
Combate pelo Brasil
Juventude brasileira!
Em teu peito canta e vibra
A diviza da Bandeira!

ESTRIBILHO:

Juventude brasileira!
Vence, em bravura, o herói!
— Por teu povo, tua terra,
— Idealiza! Constrói!

Zulmira Amador Colpaert

A GRATIDÃO DO INDIO

CENARIO: — *uma região da Norte América.*
PERSONAGENS: — *Mr. Haynes, seu filho Bob e "Asa Branca", um pele-vermelha.*

MR. Haynes voltava, a cavalo, certa manhã, da cidade, aonde fôra a negócios. Parando em frente a seu chalé de madeira gritou:

— Bob! Bob! Bob!

Chamava o filho, um menino desempenado, que acorreu, sem tardar.

— Que quer, paizinho?

— Nada. Chamei-te à tôa... Para ver se estavas em casa...

— Devia saber que estava.

— E' que... Vou ser franco... Receiava que te houvesse sucedido qualquer cousa... Soube que "Asa Branca" tem sido visto nestas paragens.

— Outra vez?

"Asa Branca" era um pele-vermelha. Vivera em paz com os brancos até certo tempo. Tendo sido ludibriado por um fazendeiro, que lhe queria impingir um cavalo defeituoso, jurou ódio à raça branca. Fez-se ladrão de cavalos.

— Olha, Bob, vai já ver se os nossos cavalos estão no pasto.

— Devem estar... Há pouquinho, estavam, quando lhes levei o milho.

— E Deus queira que ainda estejam!

— Vou trazê-los cá para cima, e encerrá-los na granja. Ficam em maior segurança. Não acha?

— Bôa idéa.

Bob desceu numa disparada, e quando chegou ao pasto, que decepção! não viu os cavalos...

Olhou em derredor. Que esperança!... Tinham, mesmo, desaparecido.

Deu uns passos, saltou para a estrada.

— Êles hão de voltar — pensou. Nós os tratavamos tão bem...

A marcha de um cavalo que se aproxima lentamente faz pulsar de júbilo o coração de Bob.

— Eu não disse? Aí já vem um.

Mas não era nenhum dos cavalos que esperava. Foi o "Relampago", o cavalo de "Asa Branca", que apareceu.

— Que soberbo alazão! — fez o mesmo. — Assim é que eu desejava ter um.

O animal veio se avizinhando de Bob, e ao estacar diante dele agachou-se, como a pedir ao menino que montasse nele.

Bob, que era bem inteligente, adivinhou a intenção do solipede, e pulou todo lampeiro para a séla que se lhe oferecia.

Nesse instante, um grito ecoou perto deles.

— Socorro!

Bob esporeou o "Relampago", que saiu a correr, seguindo a direção que lhe dava o pequeno cavaleiro. Não foi longa a caminhada, felizmente.

O terreno, agora, elevava-se a uns dois metros acima do nível de um rio, cujas zonas perigosas eram assinaladas por pequenas bóias. Apoiado a uma delas achava-se o homem que, há pouco, implorara socorro. Bob descobriu-o imediatamente.

— E' um indio! — exclamou. Será "Asa Branca"?

Apeou de seu ginete.

— Seja ou não seja, o meu dever é salvá-lo.

No chão, a seus pés, encontrou um enorme tronco de pita. Apanhou-o. A seguir, arrojou-se à água.

A aproximação de Bob, que nadava a grandes braçadas, o índio explicou:

— Mim é "Asa Branca", mas mim é amigo de você. Mim estava nadando. Agua muito fria. Câimbra não me deixa nadar...

Bob não precisou ensinar ao selvagem o que lhe competia fazer para voltar à terra, e dali a pouco ambos se juntavam a "Relampago", que os conduziu ao chalé de Mr. Haynes.

Bob teve uma bela surpresa: os cavalos tinham voltado ao pasto.

•

Tempos depois, o pele-vermelha teve a satisfação de poder pagar a dívida que contraíra com Bob.

Andava o menino pelo bosque quando se defrontou com um urso pardo. Seria devorado pela fera, se em seu auxílio não acorresse ligeiro "Asa Branca", que por alí passava a cavalo.

— Você me salvou. Mim salva você. — disse o índio, arrebatando, na carreira, o seu salvador.

VAMOS VÊR?

AQUI estão alguns problemas desafiando vocês, que são "craques" em raciocinio e em agilidade mental.

Não se trata de concursos e nem é preciso mandar as soluções. Procurem resolvê-los apenas como adextramento da inteligência.

Que flores são estas?

Aquí estão 12 nomes de flores escondidos. Procure-os.

1 — ERDEAS
2 — IDALA
3 — EGIEANO
4 — A A A E L Z
5 — MECCANIL
6 — GLARIOS
7 — E GIRANDA
8 — VARACIN
9 — O GIVO
10 — GAIDRARAM
11 — TALOVIE
12 — GIROBA

A lesma e a parede

Uma lesma devia subir a uma parede de 7 metros de altura. Durante o dia ela subiu 3 metros, mas durante a noite descia 2 metros. Em quantos dias conseguiu alcançar o alto da parede?

Procure resolver sòzinho. Só mesmo se não puder, veja a resposta no lugar indicado nesta mesma página.

O BILHETE DO ADVOGADO

Certa senhora era acusada de um crime. A' hora do julgamento ela disse qualquer coisa ao juiz que a comprometeu. Então o advogado, querendo dizer ao marido da ré, sem que ela o percebesse, qual seria a sua sentença, escreveu um bilhete assim:

Que teria êle mandado dizer? Se não conseguir decifrar, veja a solução no lugar indicado.

ADIVINHAÇÃO

Você poderá calcular o mês e a idade de uma pessôa mediante um artificio muito simples:

Peça a essa pessôa que escreva o número de ordem do mês em que nasceu, e a seguir que efetue com êsse número as seguintes operações: multiplique por 2, some 5, multiplique por 50, some a idade atual, tire 360, some 110. O número resultante dará o mês em que a pessôa nasceu e a idade que tem; a idade é indicada pelos dois algarismos à direita e o mês pela parte restante à esquerda.

Exemplo:

Digamos que a pessôa, tendo nascido em março, tenha 41 anos:

Número do mês	3
Multiplique por 2	6
Some 5	11
Multiplique por 50	550
Some a idade	591
Tire 360	231
Some 110	341

Solução: A pessôa nasceu em março (3.° mês) e tem 41 anos de idade.

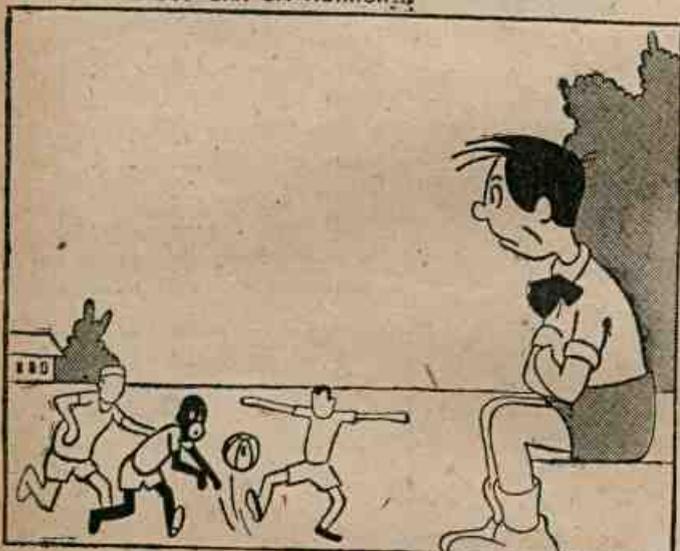
FAÇA UM IGUAL

Todas as soluções dos problemas aqui apresentados, são encontradas à página n.° 116, dêste mesmo Almanaque. Antes, porém, de você ir vêr as soluções, procure resolvê-las por si, pois nisso é que está o interêsse dos passatempos.

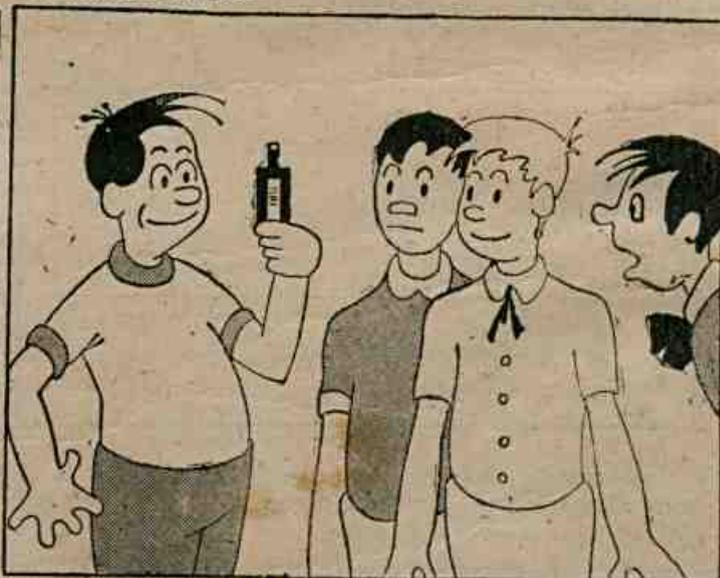
QUE será que aqui aparece nêsse desenho exquisito? Arranje-se, leitor, e veja se descobre. Não é coisa dificil. Ao contrário. Depende só de habilidade...

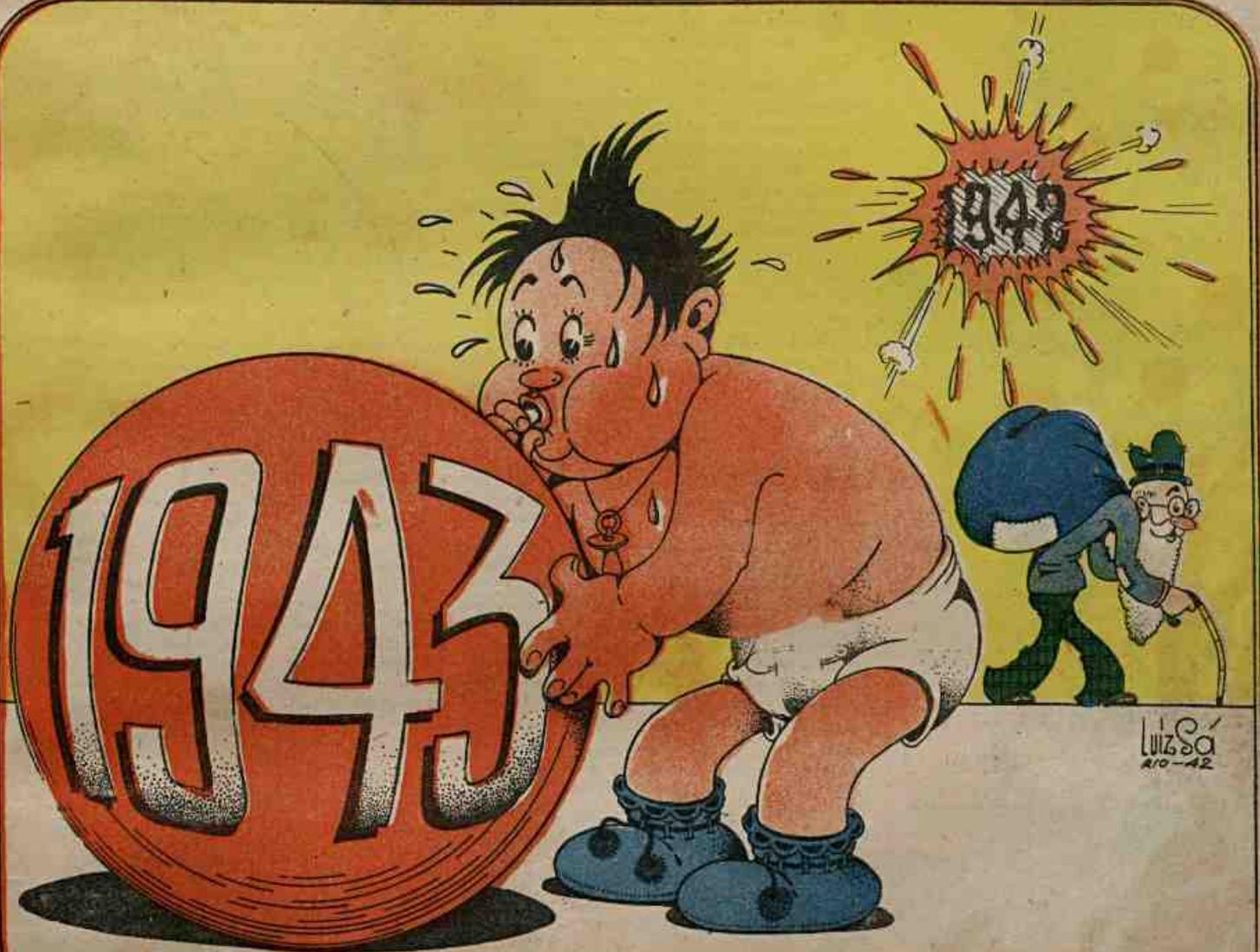
O SEGREDO da SAÚDE

QUEM OLHASSE PARA O JOÃOSINHO TINHA ATÉ DÓ, POIS O COITADO ERA UM MENINO FEIO, RAQUITICO E AMARELENTO QUE SÓ VENDO. OS GAROTOS DA RUA NÃO PODIAM VER O JOÃOSINHO, COMEÇAVAM LOGO A CHAMÁ-LO DE "CAVEIRINHA" "ALFINETE" E OUTROS APELIDOS. ERA UM HORROR...

NO COLÉGIO, OS OUTROS MENINOS ZOMBAVAM DELE PORQUE ERA INCAPAZ DE SABER QUALQUER LIÇÃO. JOÃOSINHO NÃO TINHA CABEÇA PARA NADA E VIVIA CONSTANTEMENTE SOFRENDO CASTIGOS E REPREENSÕES DO PROFESSOR.

NAS HORAS DOS EXERCICIOS FISICOS O MENINO ERA O MESMO FRACASSO. SEMPRE CANÇADO, SEMPRE DESANIMADO. ENQUANTO OS OUTROS MENINOS PULAVAM E BRINCAVAM ALEGREMENTE, JOÃOSINHO FICAVA SOSINHO, DE LONGE, OLHANDO COM INVEJA OS COMPANHEIROS.

EM CASA, ERA O INDOLENTE DE SEMPRE. QUANDO NÃO ESTAVA NA CAMA, ESTAVA PELOS CANTOS DA CASA SEMPRE JURURÚ. POUCO COMIA, POUCO FALAVA, NADA FAZIA. OS PAPAIS MUITO SE PREOCUPAVAM COM AQUILO, E TUDO FAZIAM SEM RESULTADO, PARA VER O MENINO SATISFEITO.

MAS, UM DIA, O PAI DE JOÃOSINHO LEU QUALQUER COUSA NO JORNAL. E DESDE ESSE DIA, EM TODAS AS REFEIÇÕES A MAMÃE DAVA AO PEQUENO UM CALICE DE UM LICOR MUITO SABOROSO E EM POUCOS DIAS, JOÃOSINHO COMEÇOU A TOMAR CORPO, A FICAR ROBUSTO E CORADO.

MESES DEPOIS, JOÃOSINHO ERA OUTRO MENINO. FOI O PRIMEIRO ALUNO DA CLASSE. QUANDO OS SEUS COLEGAS PERGUNTAVAM A' CAUSA DAQUELA TRANSFORMAÇÃO MILAGROSA, JOÃOSINHO MUITO SATISFEITO DIZIA TER SIDO AO PODEROSO ELIXIR DE INHAME GOULART, O REMEDIO QUE DEPURA, FORTALECE E ENGORDA, VELHOS E CRIANÇAS.

Almanaque d'O TICO-TICO

No instante em que o ano de 1942 se finda, e todas as esperanças se voltam para 1943, o "ALMANAQUE D'O TICO-TICO" saúda seus milhares de leitores, desejando-lhes muitas venturas e felicidades no ano novo.

Um ano que finda não deve ser, como na ilustração acima, um balão que, estoirando, nada deixa. Todos devemos trabalhar, estudar e tudo empreender para que, ao fim da nova etapa de 365 dias, possamos contemplar algo sólido, apreciavel, dignificante, por nós realisado.

Por isso é que o "ALMANAQUE D' O TICO-TICO" concita todos os seus leitores a, em 1943, estudarem e se esforçarem, como bons filhos e bons brasileiros, para que o novo ano seja util, fecundo, progressista e feliz.

AS ESTAÇÕES

Coelho Netto

O velho Chronos, estirado à beira do rio perene cujas águas, golfando límpidas e sonóras da urna abundante, correm em direção ao abismo, ora por entre o arvoredo gracil, ora por vales tristes de pedregulho esteril, em ferteis campinas ou em sáfaros areiais, lisas, serenas, espe'hadas ou atropelando-se, precipitando-se de rochas com escachôo, contemplava, sorrindo, o brinquedo das Horas quando romperam do bosque os seus quatro fi'hos prediletos — a Primavera feminea e os três mancebos: Estío, Outono e Inverno.

Vinham em disputada corrida, atroando a selva com um vozerio raivoso e, mal chegaram ao sitio em que jazia o deus impassivel, contiveram-se arquejando

E a donze'a ofegante, com as faces floridas e os claros olhos resplandecendo, disse, por entre lágrimas, que lhe davam mais beleza ao rosto admiravel: — Padre, dá-me outra sorte — funde-me nessa água, muda-me em pedra inerte, torna-me em ave, em bruma, em nuvem ou em astro, faze de mim o que quizeres, mas livra-me da companhia cruel destes irmãos que tanto me martirisam e humilham com doestos e ironias mais ferinos que dardos.

E o Estío rubro, adeantando-se, com os cabelos fulvos revoltados, os olhos lançando chispas, atravessou a distancia que o separava de Chronos e, à sua passagem, as hervas pendiam languidas, secavam as nascentes doceis, acolhiam-se palpitantes os pássaros aos ninhos. Inclinando-se ante o deus falou com palavras cálidas: — E' melhor que a conserves a teu lado, Padre. Enquanto trabalhamos na terra para utilidade dos homens ela só cuida em garridice.

— Vê os campos que ela atravessou, disse o Outono — só teem flores. E o lento e livido Inverno acrescentou transidamente:

— E' inutil! Que valem flôres? Chronos ouviu em silencio, por fim, soerguendo-se, depois de acenar às Horas para que não se detivessem, chamou a Primavera temida e, acolhendo-a carinhosamente, dirigiu-se ao Estío impetuoso:

— Achas que a devo conservar em minha companhia, assim seja. Ide vós outros, fazei o que vos cabe. Mas que a vida não cesse. E' preciso que haja pão e linho, frutos e novos rebanhos e o homem não lamente o destino na terra. Ide, ela ficará comigo. E os três irmãos partiram: o Estío, o Outono e o Inverno.

A Primavera ficou junto a Chronos sereno e, em torno dela, a terra rebentou em flores. As águas corriam perenes da urna — eram a miragem da Vida atraida pe'a Morte. As Horas bailavam cantando e sorrindo, na mão direita rosas, na sinistra a foice.

Passaram dias.

Súbito, uma manhã, abrumaram-se os ares, toldou-se o azul do céu de nuvens pardas, os ramos despiram-se das fôlhas e o Inverno lívido e merencoreo apareceu taciturno. Adiantando-se para a ribeira eterna logo se congelaram as águas. Instantes depois alumiou-se o céu broslando-se de purpúra, crepitaram as areias brancas, estalaram os ramos exciduos e um hálito de fogo abrazou o espaço — e o Estío apareceu ardendo.

Sem ânimo de falar a Chronos quedou-se no penedio calcinando a rocha em que se assentou em silencio. O Outono chegou por último.

— A que vindes? Perguntou o deus. E os três, a uma, exclamaram:

— Padre, a terra está morta.

— Aquecia-a, disse o Estío. Foi em vão.

— Debalde a fecundei, disse o Outono.

— Adormeci-a e morreu, disse o Inverno. E o Estío lamentou:

— Não há rebento...

— Não há seára, suspirou o Outono. E o Inverno concluiu:

— Está morta.

Chronos sorriu e, docemente, chamando a Primavera, disse-lhe:

— Vai, filha; paira sôbre a neve e funde-a com o teu hálito, acorda com as canções dos teus pássaros a terra que dorme em frio, dá-lhe a a'egria da tua eterna mocidade e a graça que é o teu encanto e, quando assim houveres feito, volta.

E foi-se a Primavera cantando.

Logo um perfume suave encheu os ares tépidos, rebentaram renovos nos ramos desnudos, sairam dos ninhos galreando nuvens de pássaros vivazes, enxames de abelhas cruzaram-se zumbindo, desregelaram-se as águas, desanuviou-se o céu e a Primavera tornou carregada de rosas.

— Vai agora, disse Chronos ao Estío: todas as flôres já passaram da infância, estão em plena puberdade; cerca-as o cortejo nupcial dos insetos alados e as brisas que passam, enchendo-se de aroma entoam docemente o epithalamio amoroso. E'as esperam-te, és o noivo das corolas. Bendito seja o teu beijo doirado. E foi-se o Estío.

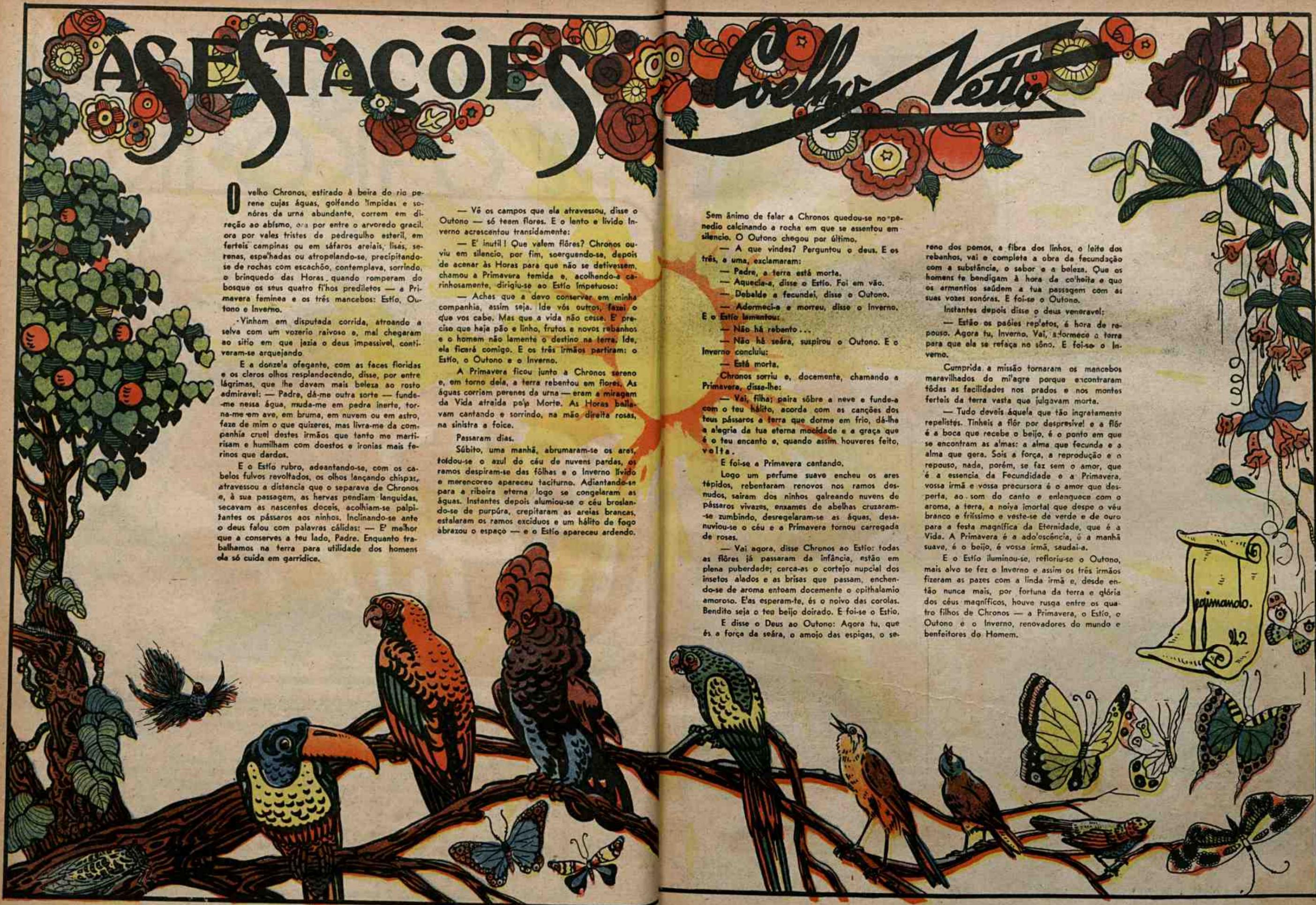
E disse o Deus ao Outono: Agora tu, que és a força da seára, o amojo das espigas, o sereno dos pomos, a fibra dos linhos, o leite dos rebanhos, vai e completa a obra da fecundação com a substância, o sabor e a beleza. Que os homens te bendigam à hora da co'heita e que os armentios saúdem a tua passagem com as suas vozes sonóras. E foi-se o Outono.

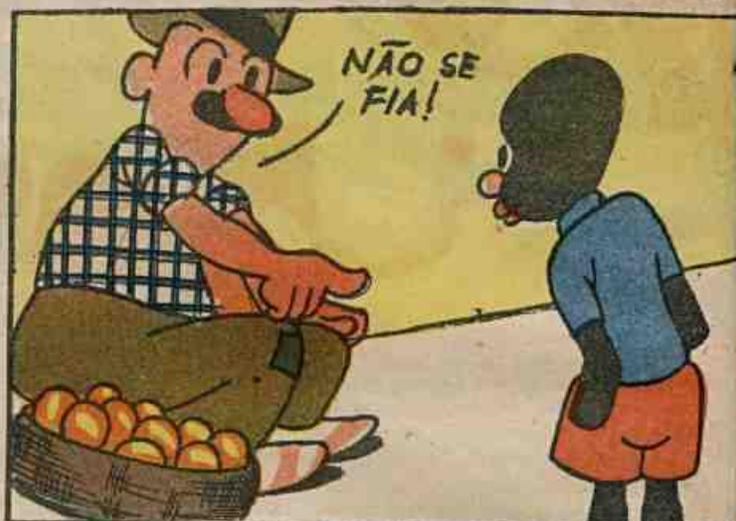
Instantes depois disse o deus veneravel:

— Estão os paóies rep'etos, é hora de repouso. Agora tu, Inverno. Vai, adormece a terra para que ela se refaça no sôno. E foi-se o Inverno.

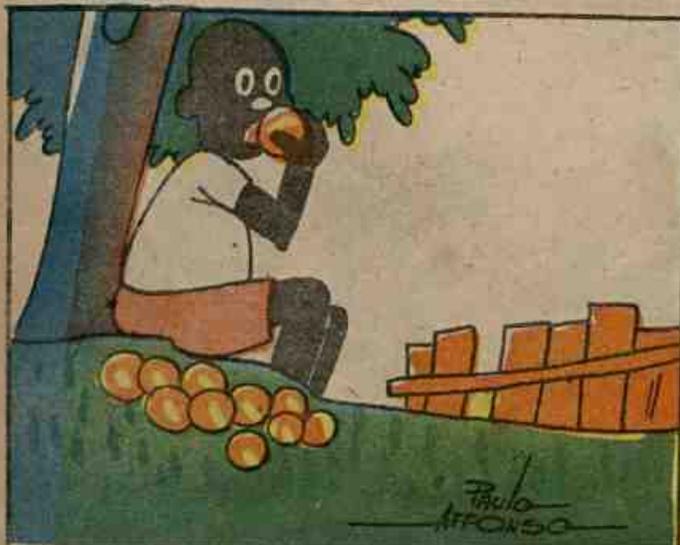
Cumprida a missão tornaram os mancebos maravilhados do mi'agre porque encontraram tôdas as facilidades nos prados e nos montes ferteis da terra vasta que julgavam morta.

— Tudo deveis àque'a que tão ingratamente repelistes. Tinheis a flôr por despresivel e a flôr é a boca que recebe o beijo, é o ponto em que se encontram as almas: a alma que fecunda e a alma que gera. Sois a força, a reprodução e o repouso, nada, porém, se faz sem o amor, que é a essencia da Fecundidade e a Primavera, vossa irmã e vossa precursora é o amor que desperta, ao som do canto e enlanguece com o aroma, a terra, a noiva imortal que despe o véu branco e friíssimo e veste-se de verde e de ouro para a festa magnífica da Eternidade, que é a Vida. A Primavera é a ado'escência, é a manhã suave, é o beijo, é vossa irmã, saudai-a.

E o Estío iluminou-se, refloriu-se o Outono, mais alvo se fez o Inverno e assim os três irmãos fizeram as pazes com a linda irmã e, desde então nunca mais, por fortuna da terra e glória dos céus magníficos, houve rusga entre os quatro filhos de Chronos — a Primavera, o Estío, o Outono e o Inverno, renovadores do mundo e benfeitores do Homem.

AS LARANJAS DO "SEU" MANOEL

"SEU" MANOEL, UM VENDEDOR AMBULANTE, FICAVA DANADO DA VIDA QUANDO OS GAROTOS DA RUA O CHAMAVAM PELO APELIDO DE "BACALHAU".

NOUTRO DIA O "FEIJOADA" VIU-O, COM UM CÊSTO AO LADO, CHEIO DE BONITAS LARANJAS. TEVE VONTADE DE CHUPAR ALGUMAS, MAS NÃO TINHA NEM UM NIQUEL.

"FEIJOADA" TEVE ENTÃO UMA IDÉIA. ESCONDEU-SE ATRÁS DE UM MURO, E COMEÇOU A BERRAR COM TODAS AS FÔRÇAS: — "BACALHAU"! "BACALHAU"! "BACALHAU"!

PRA QUÊ! "SEU" MANOEL PISOU NA TROUXA. E BUFANDO DE RAIVA, COMEÇOU A ATIRAR LARANJAS, CADA VEZ QUE O PRETINHO BERRAVA, BOTANDO A CABEÇA A MOSTRA.

"FEIJOADA" ENTÃO APANHOU TODAS AS LARANJAS DO CHÃO, E MUITO CALMAMENTE FOI COMÊ-LAS NUM LUGAR SOSSEGADO.

ENQUANTO O "SEU" MANOEL, COM O CÊSTO QUASI VASIO, VENDO O LOGRO EM QUE CAIRA, JURAVA NUNCA MAIS SER CAVAQUISTA.

A FUGA PARA O EGITO

José, dormindo em seu leito,
Sonha que vê, de repente,
Baixar um varão perfeito,
D'uma expressão imponente.

Em sonhos, o mensageiro
Lhe bradou: "O rei maldito
Da Judéa busca o herdeiro
Dos céus. Vai pois ao Egito!

"Ergue-te, e vai, que eu irei
Mais teu bordão de jornada,
Té que a Morte sele o rei
Na sua tumba lavrada!"

Ergue-se José. Desperta
A Mãe abraçada ao Filho,
Como uma violeta aberta
A uma haste de junquilho.

Erguem-se cheios de assombros
E, sob os céus condoidos,
Mantos mal presos nos ombros,
Fogem, como uns reis banidos.

Como sentinela cauta,
Vela o archanjo as dianteiras.
Geme o vento como a flauta
Chorosa pelas figueiras.

Passam rochedos e montes,
Sob os astros diamantinos.
Na água corrente das fontes
Cuidam ouvir assassinos.

Rasgam seu manto as piteiras.
O terror gela seus ossos.
Como velhas chocalheiras,
Fazem barulho os tremoços.

A Virgem vai tôda em pranto,
Sob os estrelados ceus,
Entre as dobras do seu manto,
Levando o fugido Deus.

Ai! quantas vezes Judá,
Tôda em choros, sob o açoite,
Não levou tambem Jehovah,
Para os desterros, de noite!

Ah! que vezes, prisioneiros,
Por desertos areais,
Não levaram seus guerreiros,
Outróra, o Deus de seus pais!

GOMES LEAL

A HISTORIA dos MESES

Vamos traçar a história dos nomes dos meses; e para segui-la com mais agrado, suponhamos estar apreciando um cortejo triunfal dos meses romanos. Em primeiro lugar, aparece uma figura extranha, um deus com duas caras, olhando para frente e para trás, trazendo na mão esquerda uma chave. Êsse deus é Jano. Os romanos o adoravam num templo que estava aberto durante as guerras, e que se fechava quando havia paz. Era o deus dos principios e dos fins; todo o romano religioso que queria começar qualquer cousa bem, implorava a sua proteção. Jano era o porteiro do céu, e os romanos tinham-no como protetor das suas portas e portões. Como o ano tem doze meses, assim o seu templo tinha doze portões. Atribuia-se a Jano, a faculdade de ver ao mesmo tempo o passado e o futuro, e por isso as suas estatuas o mostram com duas caras, olhando uma para frente e outra para trás.

Seguindo o deus Jano surge uma magestosa dama romana. E' Februa, a deusa das purificções. Celebravam-se no segundo mês do ano, festas especiais em honra de Jano e Plutão, rei dos infernos; e havia sitios especiais para aplacar as almas dos defuntos. Estas festas eram tambem de expiação para o povo, e chamavam-se februais. Fevereiro é o mês mais curto do ano, pois tem 28 dias nos anos comuns e 29 nos bissextos. Junta-se um dia de 4 em 4 anos, porque, constando o ano aproximadamente de 365 dias e 6 horas, ao cabo de 4 anos, essas 6 horas formam um dia, que se agrega a Fevereiro por ser êste o mês mais curto de todos. Data essa inovação do tempo de Julio Cesar, o qual, vendo os inconvenientes que resultavam de se não tomarem em conta aquelas 6 horas, chamou a Roma o astronomo Sosigenes, de Alexandria, o qual propôs que de quatro em quatro anos se repetisse o dia 24 de Fevereiro, que se chamava "sexte kalendas martii" daí o ficar com mais um dia, denominado bissexto.

Terceira figura do cortejo passa, num carro puxado por dois cavalos, cujos nomes são terror e fuga. E' uma figura de guerreiro ameaçador, manejando uma comprida lança, levantando para o céu um escudo luzidio. E' Marte, o deus da guerra, que para os romanos era um deus que tudo conseguia pela sua grande fôrça. A êle pediam chuva, consultavam-no sôbre os casos da sua vida particular, sacrificando no seu altar um cavalo, carneiro, lobo, pêga ou abutre. Quando os soldados iam para a guerra levavam uma gaiola com galinhas consagradas a Marte e antes dos combates davam milho a estas aves consideradas consagradas. Se o milho era comido, Marte protege-los-ia, se rejeitado, má sorte os esperava.

Depois de Marte aparece Abril. E' uma figura graciosa, delicada e meiga que surge espalhando pela Terra lindas flôres e fazendo nascer nos sulcos feitos pelas rodas do carro do guerreiro, flôres tão pequeninas e tão bonitas que faz gôsto vê-las. Abril é "o que abre". Os romanos viram que êste mês fazia renascer tôdas essas lindas cousas que se tinham escondido aterrorisadas com o vento do inverno. Em Abril na Europa, renova-se a vida dos campos, as árvores cobrem-se de folhas e aparecem as mais belas flôres. "Omnia Aperit!" exclamavam com admiração os romanos essas palavras que significam: "Abre Tudo!".

Atrás de Abril vem a deusa Maia, sentada num trono de luz. Seu pai chamava-se Atlas e supunha-se que sôbre os seus ombros assentava o mundo inteiro. Atlas tinha sete filhas das quais a mais celebre foi Maia, cujo filho era Mercurio, o qual supunham levar as ordens dos deuses para a Terra. Jupiter, o pai de todos os deuses, levou Maia e as suas irmãs e colocou-as como estrêlas no firmamento. Supunha-se serem elas que formavam o grupo de estrêlas chamado as pleiadas. A setima estrêla do grupo é invisivel; representa uma das irmãs que casou com um homem chamado Sisypho, e como êle fosse condenado a rolar eternamente uma pedra por um monte acima, ela, envergonhada, escondeu o rosto.

Seguem-se no cortejo duas figuras disputando o sexto lugar! Uma é a deusa Juno e a outra é um homem chamado Junio. Há divergência de opiniões sôbre o nome dêste mês, que uns supõem consagrado a Junio, e outros, que são a maioria a deusa Juno. Juno era rainha do céu e espôsa de Jupiter. Todos os deuses lhe prestavam homenagens quando se apresentavam no palacio de Jupiter. Tinha essa deusa poderes superiores, em virtude dos quais exercia dominio nos fênomenos celestes. Com tais poderes, Juno produzia o trovão nas alturas, os raios no céu. Desencadeava os ventos e mandava em todos os astros. Segundo a mitologia, gostava essa deusa de passear pelos bosques sagrados num soberbo carro puxado por vários e belos pavões.

A setima figura do cortejo é um dos maiores homens que existiram; foi um imperador e um grande guerreiro, Julio Cesar! Quando o ano começava em Março êste mês era o quinto, e os romanos chamavam-no quintilius, que significava o quinto. Julio Cesar não só conquistou nações, fez leis celebres e escreveu livros imortais, mas tambem emendou o calendário, que estava em estado deploravel. O tempo e os meses já não se correspondiam como antigamente, a primavéra vinha em Janeiro e o inverno nos meses que deviam corresponder a primavéra. O mês quintilius foi eliminado em sua honra, tomando o seu nome, Julio.

Depois de Julio Cesar veiu seu sobrinho Augusto, que a principio se chamava Otavio e governou os romanos com Marco Antonio e Lepido. Por fim foi imperador, fazendo muito pela glória e engrandecimento do seu magnifico imperio, e o povo, na intenção de lhe agradar mudou o seu nome para Augusto, que significa nobre, chamando-se então Augustus ao oitavo mês do ano. Julho, que era o mês de Julio Cesar, tinha 31 dias, e Agosto só trinta; os romanos, pensando que Augusto se poderia melindrar pelo dia a mais de Cesar tiraram um dia de Fevereiro e puzeram-no em Agosto. E' fácil lembrar que Julho e Agosto teem 31 dias, recordando-nos dos grandes imperadores. O oitavo mês foi escolhido para ter o nome que tem porque era nessa ocasião que Augusto celebrava os principais acontecimentos da sua vida. Foi em Agosto que êle foi feito consul, que acabaram as suas guerras e que conquistou o Egito. Augusto ficou na história como uma grande personagem. O seu reinado recebeu o nome de Edade de Ouro, porque êle não só trouxe paz ao mundo farto e cansado de guerras, mas tambem porque muito floresceram a arte e a literatura. Os imortais poétas Horacio e Virgilio viveram nesta época. Julio Cesar orgulhava-se de ter encontrado Roma feita de tijolos e tê-la deixado de marmore.

Augusto é a última personagem da procissão pagã a que assistimos. Os outros meses aparecem-nos disfarçados com nomes enigmaticos que trataremos de decifrar. Para compreendermos o nome do mês de Setembro é necessario recordar que o primitivo ano romano constava de dez meses e que começava em Março, sendo portanto Setembro o setimo mês nessa série, e por isso representado pelo número sete que eles escreviam VII. Êste número lia-se em latim "septem" derivando daí "September", em português Setembro.

Outubro para os romanos, como hoje é para os povos que lhes sucederam no continente europeu, era o mês das colheitas e das vindimas. Êste nome provém de "octo", que em latim significa oito. Com efeito era o oitavo mês do antigo calendário romano, passando a ser o decimo quando um rei de Roma, fixou o principio do ano no primeiro dia de Janeiro; mas Outubro não mudou de nome pelo fato de mudar de lugar na série dos meses. Celebravam nêste mês tanto os romanos como os gregos, muitas festividades. Era costume em uma dessas festividades atirar aos poços e fontes coroas tecidas de flôres e ervas, como tributo as ninfas a quem tais festas eram consagradas. Outubro era o mês da colheita das frutas, cujas primicias se ofereciam as divindades.

O mês seguinte era o nono no primitivo calendário romano, e por isso lhe chamavam "november". Contava-se entre os mais importantes pelo que respeita as festividades e ritos religiosos, e estava consagrado a Diana, deusa das montanhas e dos bosques. Começava com um banquete dedicado a Jupiter e com os jogos circenses. No mesmo mês se celebravam jogos "plebeus", instituidos para comemorar a reconciliação de patricios, ou nobres, e plebeus. Se ofereciam sacrificios a Netuno, deus dos mares; e se faziam as festas "brumais", ou do inverno, por começar então na Italia, o tempo chuvoso, nevoento, frio, desagradavel. Fechando o cortejo, está a última das personagens que teem por um número disfarçado com a mesma extranha terminação dos anteriores.

Era Dezembro — do latim "december", de decem-dez — o decimo e último mês do antigo calendário romano. E' costume figurá-lo hoje por um velho de barbas brancas, que trás brinquedos para as crianças no dia de Natal. Para algumas pessôas êsse velho representa São Nicolau, que viveu no século IV e é considerado como patrono das crianças. Esta idéia origina-se numa lenda segundo a qual São Nicolau teria feito ressuscitar três crianças que haviam sido assassinadas por um homem máu e carniceiro. Dezembro é um mês caracteristico do frio inverno nos paises da Europa, e por isso o representam numa paisagem desolada, com os caminhos cobertos de neve

DA CURIOSA FAUNA DO BRASIL

O ANÚ

Todo preto, brilhante, o grito aflautado, sempre em bandos de 10 a 20, o "anú" é ave bem conhecida nos nossos campos.

Gostando de pousar no gado para lhe catar os pequeninos e sugadores carrapatos é, assim, o anú utilissimo, havendo já quem contasse mais de 70 carrapatos no estomago de uma só ave. Alimentando-se tambem de todos os outros insétos e experimentando especial prazer em devorar gafanhotos, o "anú" se revela astuto e comodista: em vez de procurá-los no capim vai seguindo a rez que está pastando porque esta faz aparecer, sem demora, os insétos cubiçados . . .

A ANHUMA

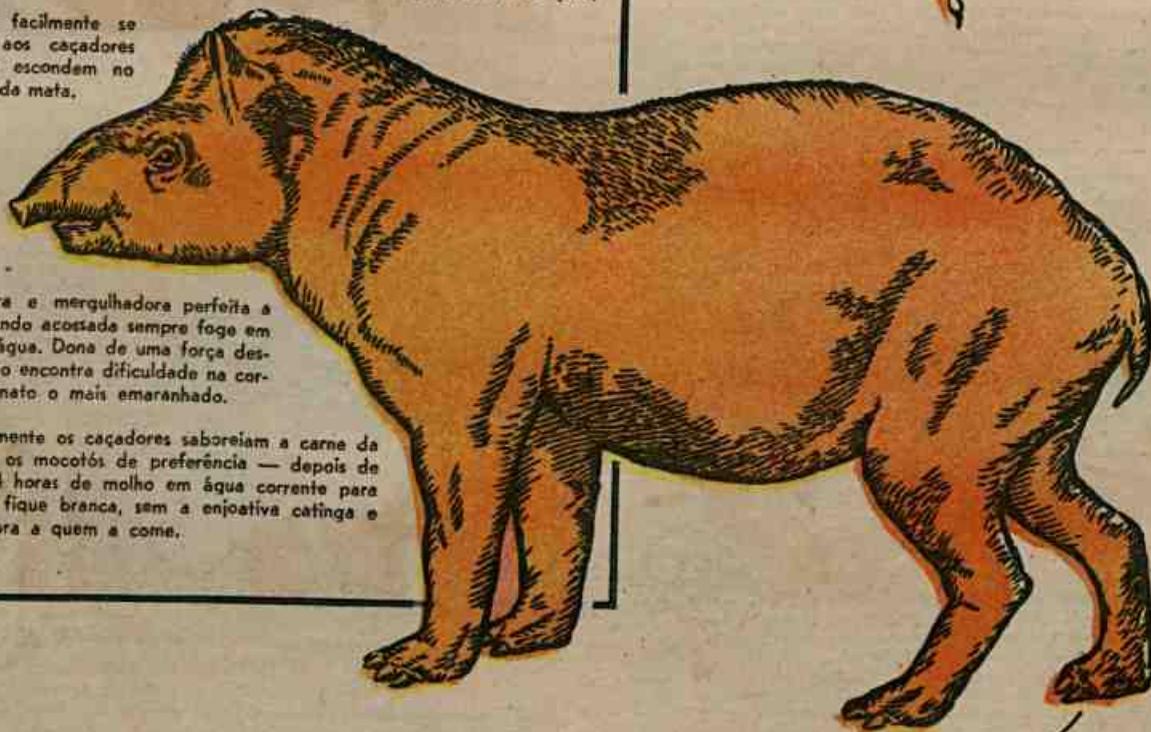
Aqui está a ANHUMA, ave grande de 80 a 90 centimetros de comprimento conhecida na Amazonia por CAUINTAU ou CAMETAU. Pelo aspecto geral é comparavel ao perú, embora apresente várias singularidades notáveis. Tem os pés com dedos enormes, a asa, no bordo anterior, com dois aguçados esporões e a cabeça com um pequeno chifre recurvado de 12 centimetros de comprimento!

Seus pés feiosos, contudo facilitam-lhe a caminhada nos banhados sôbre as plantas aquáticas e os esporões das asas, penetrantes como baionetas, são as suas perigosas armas.

Ao esquisito chifre frontal os naturais sempre atribuiram virtudes curativas. E' tido mesmo como poderoso remédio contra ataques de estupôr . . .

A ANTA

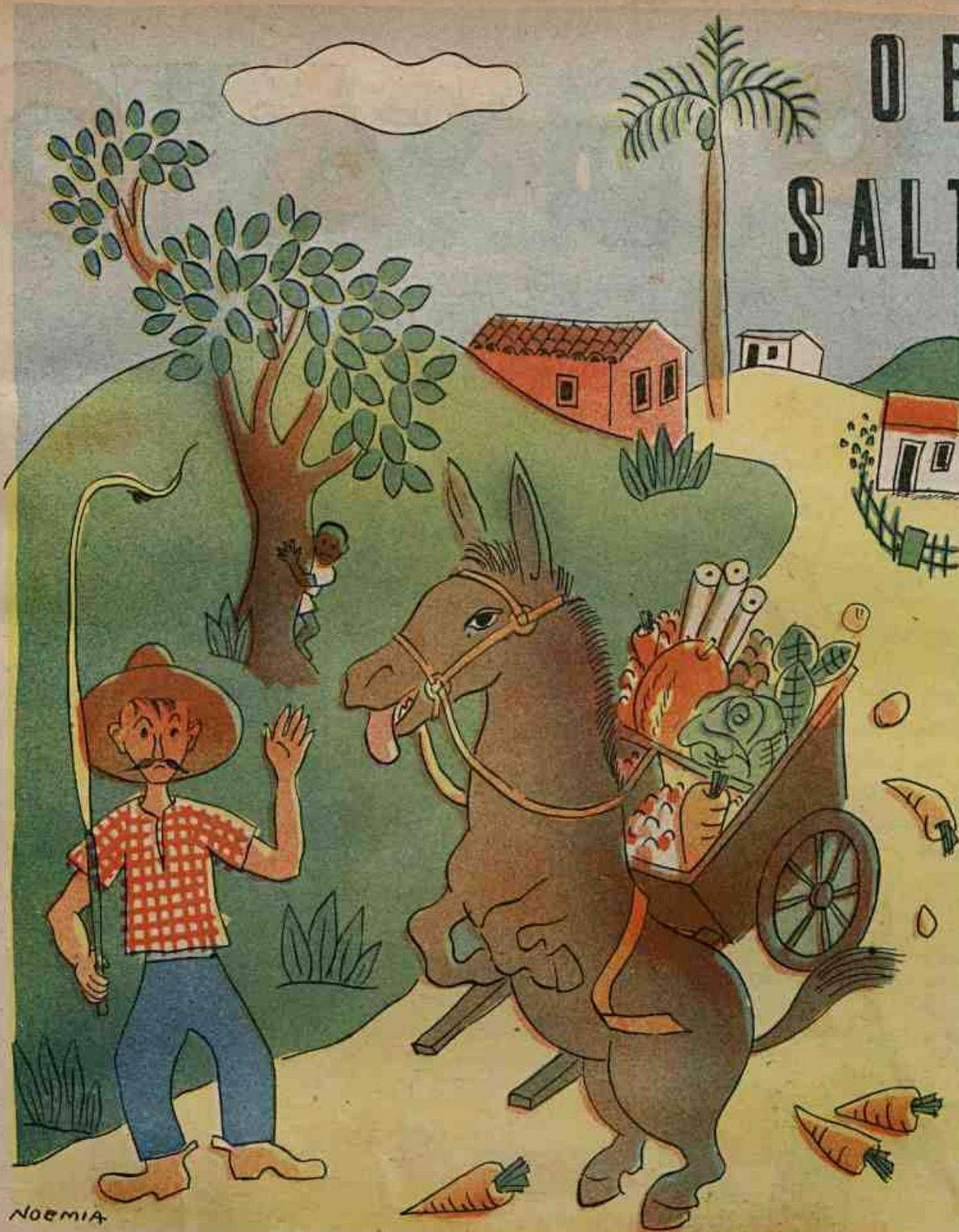
Medindo as vezes 2 metros de comprimento e 1 metro de altura a ANTA ou o TAPIR dos indigenas é das nossas maiores e mais apreciadas caças.

Adulto o animal tem o pélo todo colorido de bruno pardo, mas os filhotes, até o sexto mês, são malhados. Levam assim as focinhentas e gorduchas ANTINHAS, com tal roupagem, maiores vantagens sôbre os pais, pois mais facilmente se furtam aos caçadores quando se escondem no lusco-fusco da mata.

Nadadora e mergulhadora perfeita a ANTA quando acossada sempre foge em direção à água. Dona de uma força descomunal não encontra dificuldade na corrida pelo mato o mais emaranhado.

Usualmente os caçadores saboreiam a carne da ANTA — os mocotós de preferéncia — depois de deixá-la 24 horas de molho em água corrente para que assim fique branca, sem a enjoativa catinga e não dá lepra a quem a come.

O BURRO SALTADOR

CONTO DE TOSTES MALTA

DESENHO DE NOEMIA

SEU Zobão precisava de um burro para puxar a sua carrocinha de verduras. Foi a uma feira e encontrou um que lhe agradou. Comprou, levou para casa e enfiou o burro na carrocinha. O burro, muito mansinho, ia puxando bem. Mas, aí, seu Zobão se lembrou de cantar uma modinha que êle tinha aprendido num circo. Foi só começar. O burro deu um salto com carroça e tudo, que até arrebentou os arreios.

Seu Zobão ficou furioso. Coseu os arreios, meteu o burro, outra vez, na carrocinha, com duas chicotadas, e tocou para a frente, resmungando.

Daí ha pouco, esqueceu tudo, e tornou a cantar a modinha. Dessa vez, o burro deu um salto tão grande que virou a carroça, esparramando a verdura.

Seu Zobão perdeu a paciência. Deu mais chicotadas no burro e tratou de o entregar na feira, que êle não o queria mais. E foi puxando o bicho pelo cabrêsto. Perto da feira, tornou a cantar a modinha, e o burro se poz a saltar. Como não havia mais carroça, nem arreios para arrebentar, Seu Zobão não se importou e continuou cantando. E o burro sempre pulando. Só ficou quiéto quando a cantiga acabou.

Na feira, Seu Zobão contou o defeito do burro a um seu conhecido.

— Qual defeito, nada, Seu Zobão! Esse burro era do circo, e, com certeza, aprendeu a saltar com a música que o senhor gosta. Experimente para ver.

Seu Zobão começou a cantar e o burro deu mais saltos. Era mesmo um burro ensinado e bastava tocar a música para êle saltar.

Seu Zobão levou-o outra vez, muito contente. Mas, não cantou mais a música quando o burro puchava a carrocinha.

O DESAFIO

Conto de GALVÃO de QUEIROZ

Ilustrações de Luiz Sá

O primeiro cuidado que teve o "coronel" Leovigildo, dono da Fazenda das Garças Pretas, quando desceu do trem na Estação D. Pedro II, nem imaginam vocês qual foi: comprar um relogio despertador.

O coronel vinha ao Rio tratar de negocios. N e g o c i o s importantes. E como pretendia demorar alguns dias, e não tinha trazido a sua querida Marócas, que era quem o acordava tôdas as manhãs, na Fazenda, queria logo de chegada arranjar um substituto para a espôsa, que fazia as vezes de seu despertador. Dona Marócas, enquanto lhe arrumava as malas, e até mesmo na hora do embarque, tinha recomendado sempre:

— Lió, meu filho, lá no Rio não vais ter quem te dê safanões de manhã, para te acordar. Compra um relogio despertador, senão vai ser uma coisa horrivel!

O "coronel" seguia sempre os conselhos da espôsa. E sabia, mesmo, que tinha um sono pesadissimo, sendo impossivel despertar, cada manhã, sem que alguem o chamasse.

Por isso, com a recomendação da mulher ainda bem viva na lembrança, mal chegou no Rio foi logo enveredando pela Avenida Marechal Floriano, onde há muitas relojoarias, e na primeira que viu, entrou, e pediu para ver relogios despertadores. Antes mesmo de arranjar hotel, p a r a hospedar-se, queria resolver de uma vez aquele problema.

Foi o próprio dono da casa, homem esperto e um p o u c o sem escrupulos, quem veiu atender. Ouvindo o pedido, espalhou, solicito, no balcão, diversos tipos de relogios. E o coronel foi examinando todos, um por um, devagar, concienciosamente, fingindo de entendido — porque, na verdade, não entendia nada daquilo... — para não ser ludibriado pelo vendedor.

No meio de todos, um havia que, logo de início, lhe pareceu maravilhoso! Não era dos mais caros, mas na sua opinião era o de mais valia, pela originalidade que apresentava no mostrador. Em vez de ter nêste impressas as horas, como todos os relogios, apresentava uma cara, uma cara de negro sorridente e expansivo, cujos olhos reviravam, moviam-se, oscilando à medida que a máquina ia realisando o seu movimento normal.

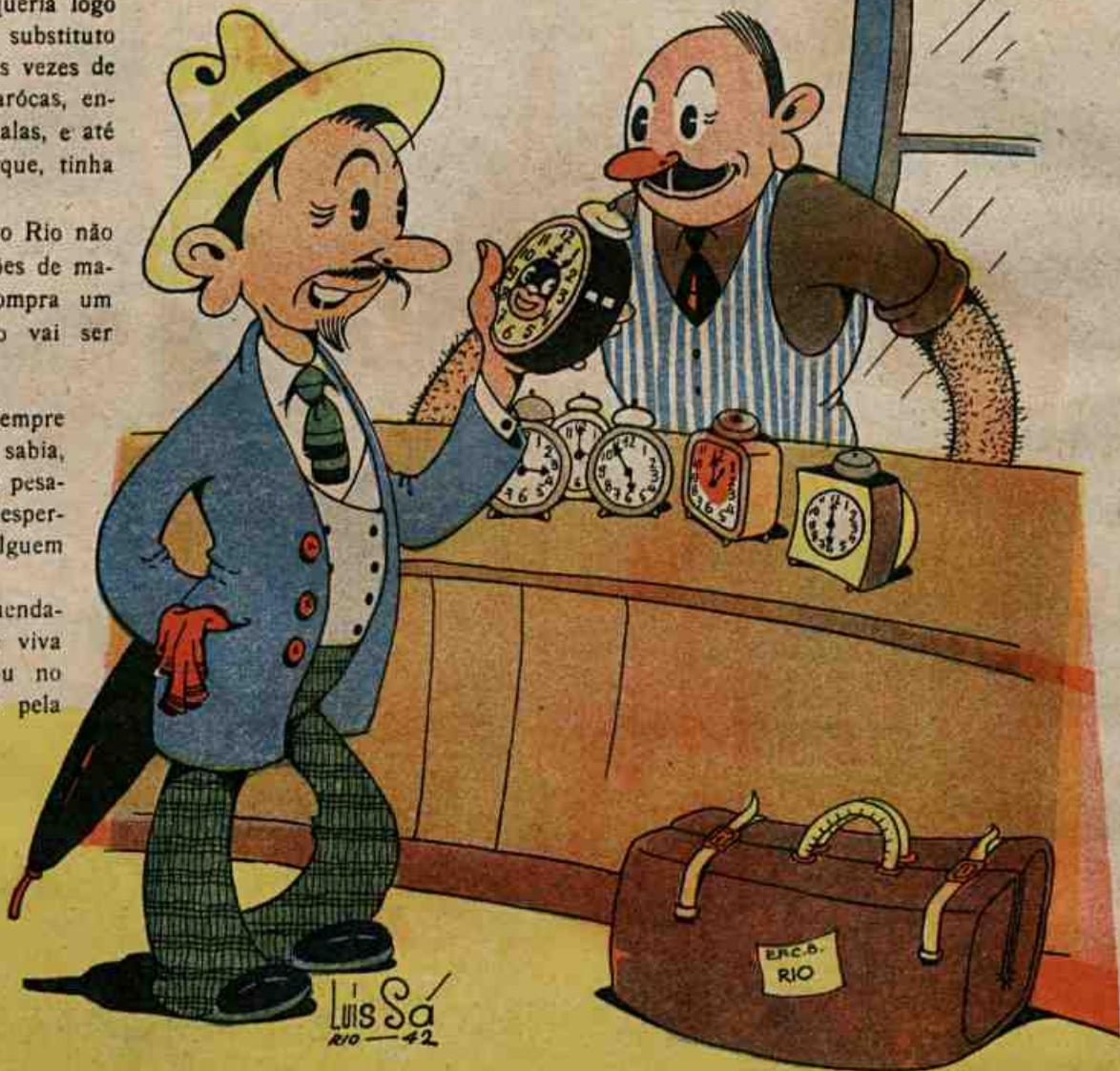
— Bela peça! — exclamou, sem poder conter o entusiasmo.

— Lindo! confirmou o dono da loja.

— Bem... Êste, no mínimo, vale aí uns cincoenta mil réis... Não?

O comerciante, percebendo que o cliente nada entendia do assunto, e vendo seu aspecto de forasteiro, quis tirar proveito do entusiasmo que êle mostrava pelo relogio, impingindo mais caro, e bem mais caro a máquina que valia tanto como as outras.

Está claro que êsse era um ato deshonesto e condenavel. Mas no mundo há muita gente que não conhece o prazer de ser limpo de conciência, de ser leal e agir sempre com honestidade. O que aquele homem ia fazer era um verdadeiro roubo, pois n ã o é só apoderando-se do que pertence aos outros que se furta, mas tambem agindo deshonestamente assim.

Como não tinha escrupulos, o homem dos relogios respondeu:

— Sim... Efetivamente... Êste é dos mais caros. Estou vendo que o amigo é conhecedor do artigo. Até sabe o preço... Êste custa justamente cincoenta mil réis...

— Bem... Pois levo êste. Póde embrulhar.

Paga a compra, retomando a pesada maleta de viagem, coronel Leovigildo deixou a loja, e foi procurar, com a alma tranquila e satisfeito com a compra, um hotel barato, onde ficaria os cinco ou seis dias que precisava passar longe de casa.

— Bonito relogio! — ia pensando consigo mesmo. — Aquele negro é engraçado, a mexer com os olhos... Olhe que inventam cada coisa! Aquilo deve ser um maquinismo complicado... Ora vejam só! Quando é que eu pensei que se podia fazer uma coisa dessas... Hei de me rir muito é da cara que a Marócas vai fazer, coitada, vendo o negro virar os olhos... Na verdade, estou de sorte: mal chego nêste Rio de Janeiro e logo encontro uma coisa formidavel destas... Bem se diz que esta gente da cidade é uma gente danada...

Não demorou muito e achou o hotel que procurava, na Praça da Republica, e para o qual trazia recomendação de um compadre mais viajado do que êle.

x x x

O coronel era homem de pouca instrução, vocês já perceberam. Mas quanto a caracter, era completamente diferente do dono da casa de relogios. Em sua terra era um dos cidadãos mais respeitados, e ninguem tinha coragem de brincar com êle, e muito menos de enganá-lo.

Bom homem, cordato, pacifico e calmo, perdia entretanto a paciência, virava féra, se alguem deixava siquer transparecer a intenção de iludi-lo. Era amigo da verdade. Com êle, era "pão, pão, queijo, queijo" — dizia sempre.

Por isso é que, dois dias depois, passando pela relojoaria onde tinha comprado o despertador, ao parar displicentemente junto à vitrina, o sangue lhe subiu à cabeça, enfureceu-se e embarafustou pela casa, apoplético, indignado, disposto a fazer loucuras.

As palavras lhe vinham à bôca aos borbotões, aos jorros, num verdadeiro encachoeirar de xingamentos!

Surpreso com aquilo, o relojoeiro, que nem mais se lembrava dele, ficou esperando, prudentemente, que o barulhento freguês voltasse à calma para então indagar a causa daquilo. E quando o coronel ficou mais brando, tentou, com jeito, esclarecer a situação.

— Venha cá... venha cá! — disse o fazendeiro, arrastando-o para a rua, para diante da vitrina, onde estavam vários despertadores.

Puxado pela manga, o outro não teve remédio sinão ir.

— Alí está! — explodiu o coronel Leovigildo, indignado. O senhor não é um homem sério! Ah! isso, não é, não! Veja alí! Veja alí! Um roubo, um assalto, uma extorsão! O senhor é um "gangéster", é o que é!

Ouvindo dizer "gangéster", e sabendo que era "gangster" que êle queria dizer, o relojoeiro quasi solta uma gargalhada. Mas nem poude falar, porque o coronel já continuava:

— Um roubo miseravel! Fui roubado, sim, senhor! Mas isso é o de menos. Fui idióta, paguei, foi muito bem feito, está acabado. O roubo, ainda admito. O que não admito é o senhor querer brincar comigo, sabe disso? Sou um homem velho, tenho netos, sou coronel, fui chefe politico quinze anos, sou presidente de duas Irmandades, e não admito troças comigo! Não admito!

Em frente à casa começava a juntar gente. O relojoeiro começava a ficar envergonhado, com aquele escândalo formado à sua porta. E o homem, furioso, prosseguia:

— Vá lá que me roubasse... Se o senhor é ladrão, não póde fazer outra coisa. Mas não quero é brincadeira! Não tolero é êsse desafio a um homem sério como eu! Veja: um desafio!

— Des-a-fio? — perguntou o comerciante. Mas, que desafio?!

— Esse, aí na janela! Esse! Esse! Esse!

Vermelho de raiva, o coronel apontava a vitrina. Entre os relogios expostos haviam posto um cartaz colorido. Amigo de ostentar, o dono da casa era dos tais que preferem usar os idiomas estranjeiros, quando o nosso é tão rico em belas expressões, em palavras expressivas, tão claras e tão justas que não necessitamos recorrer e nenhum outro. No cartaz estava escrito **"Réclame: 25$000"**! E era essa a causa de tôda a raiva do coronel.

— Pois não vê? **Reclame!** Vinte e cinco mil réis! Isso quer dizer que eu paguei cincoenta por um relogio que vale a metade... E ainda botam aí esse papel me desafiando a reclamar! Não é isso o que está aí? Não é um desafio?! Pois aqui estou, reclamando. Gaiatos! Cambada de gaiatos... Gaiatos e ladrões!

E saiu, vermelho, furioso, entre as gargalhadas dos curiosos.

O REI

Em alguns paises, a bonita tradição de Papai-Noel e seu saco de presentes é substituida pela dos Reis Magos. São eles, Melchior, Baltasar e Gaspar, que distribuem os lindos brinquedos às crianças, colocando-os nos sapatos dos meninos bem comportados. E' sôbre essa lenda que vamos contar a vocês esta interessante história. Prestem tôda a atenção.

Voltavam os Reis Magos da adoração a Jesús Menino, quando lhes ocorreu oferecer tambem aos meninos da terra presentes bonitos, para festejar aquele acontecimento. Saíram, então, nos seus camelos, levando inumeros servos, e levando brinquedos e gulodices para distribuir.

Acontecia, entretanto, que os meninos batiam palmas de contente quando Melchior e Gaspar se aproximavam deles, mas quando viam Baltasar, o rei negro, se punham a correr, com mêdo, apezar dêle dizer que tambem queria dar presentes a todos.

Venham cá — dizia êle. Tenho aquí bonecos engraçados, bichinhos bonitos... Olhem para eles... Vejam... Tambem tenho doces... balas... bombons... Mas os meninos corriam, cheios de susto, porque êle era preto.

Em balde as mamãs procuravam ensinar aos filhinhos que aquilo não tinha razão de ser. Os garotos não queriam saber de nada e só viam na pele escura do rei Baltasar motivo de mêdo, pois não havia negros no país onde eles viviam.

E se apareciam os outros dois, Melchior e Gaspar, corriam para eles, e não havia brinquedos que chegassem! Quando eles pensavam que não havia mais crianças, apareciam vinte, trinta, cincoenta...

Negro

Ao regressar, Melchior e Gaspar estavam contentíssimos e esfregavam as mãos, com a bôa sensaçao de terem sido caridosos e de terem distribuido alegria. Mas Baltasar vinha triste. Seus presentes tinham sido recusados... E os outros ficavam penalisados.

Certa tarde, quando Baltasar regressava, com um nó na garganta, e seus servos iam guardar os brinquedos recusados, viéram ter com êle os dois amigos, Melchior e Gaspar, que tinham imensa pena do que acontecia.

Aquilo não era justo. As crianças, é claro, não sabiam o que estavam fazendo. Mas o bom Rei negro não merecia o que estava acontecendo com êle.

E se tú te pintasses com alvaiade? — propôs Gaspar. — Impossivel! — respondeu Melchior. Logo se veria que era pintura. Não se deve, além disso, enganar os outros. Seria mentir às crianças...

— Já sei! exclamou então Melchior, batendo na testa. Em lugar de saírmos de dia, todos sairemos à noite! As crianças estarão dormindo e não cometerão essas injustiça com o amigo Baltasar...

A única dificuldade seria saber o que os meninos preferiam. Mas êstes foram avisados para que escrevessem cartas, dizendo quais eram os brinquedos desejados. E tudo se harmonisou do melhor modo.

Desde então, é sempre à noite, quando as crianças estão dormindo, que os três Reis Magos Melchior, Baltasar e Gaspar, sáem pelo mundo a distribuir presentes aos meninos bons, obedientes e estudiosos. Não é verdade que a lenda é bonita?

SIMBAD, o maritimo, estava sentado à cabeceira da mesa que, a muito pouca altura do chão, permitia a seus convidados comerem, sentados sôbre as preciosas esteiras que cobriam o mosaico.

Sua veneravel barba descia até à região umbilical, e um turbante razoavelmente grande lhe rodeava a cabeça, testemunhando sua personalidade de grão senhor, possuidor de inumeraveis riquezas... Um diamante no turbante de sêda luzia sôbre sua nobre fronte.

A pouca distancia dele, modestamente vestido, desde que o dono da casa o havia agasalhado, comia Hidbad, moço do cordel, aquele que, por se haver queixado um dia sob a janela do palacio de Simbad, foi por êste convidado a participar de sua mesa para escutar a história de suas riquezas e viagens.

O moço do cordel, sentado de cócoras, continuava admirando o esvoaçar dos passaros maravilhosos, prisioneiros de uma enorme jaula de ouro, enquanto que os comensais olhando o devastado rosto de Simbad, aguardavam que o marinheiro desse começo a outra de suas histórias, pois ninguem se conformava que suas aventuras terminassem naquela setima e famosissima viagem, na qual Simbad se dedicou à caça de elefantes, e durante a qual o tinham feito escravo.

Compreendendo-o assim, o marinheiro, depois de receber de um criado que permanecia de pé às suas costas, um frasco de água de rosas e, com ela, salpicar a própria cabeça e a de seus convidados, começou contando sua oitava viagem que, não sabemos qual a razão, nenhum de seus cronistas inseriu nas "Mil e Uma Noites":

— Depois de minhas fatigantes aventuras no País dos Elefantes, julguei nunca mais voltar ao mar. Meus ossos estavam moidos, e fazia já um ano que, em Bagdad, no meu palacio, desfrutava minha imensa riqueza, quando uma noite nosso senhor o califa Abdala Harum Al Raschid, deu-me a honra de chamar-me.

"Não demorei nem um minuto.

— "Sabe-se, disse, que vários pescadores salvaram da morte um pobre marinheiro. Êste lhes contou que havia naufragado de volta de uma viagem a uma ilha onde todos os utensilios eram de ouro massiço. Eu te ordeno que te jogues ao mar e trates de averiguar o que há de verosimil em tôda essa história que me parece fantástica, pois, se tal ilha existir de fato muito beneficio trará ao nosso califado e à gloria do Islam.

"Depois de haver falado assim o califa, entrevistei o grande almirante que me forneceu as adequadas informações — instruções e referencias — sôbre a tal ilha. Guardei o máximo segredo sôbre essa viagem.

"Durante vários meses navegamos escrupulosamente todo o largo mar que medeia entre as costas do país dos cristãos e o dos mussulmanos, até que chegamos ao grande oceano onde o mistério é infinito e o temôr do crente grande e duradouro.

"Recordo que, naqueles dias, o verão era abrazador e eu tinha minha tenda armada em local onde a brisa me parecia soprar com mais suavidade. Uma noite enluarada, cheia de estrelas, acordei inquiéto. Sem pensar em vestir-me, saí de minha tenda e vi com horror que nosso barco se precipitava velozmente sôbre uma ilha gigantesca e branca, que na lisa superficie do mar negro parecia avançar ao nosso encontro.

"Branca como o marmore e alta como a mais alta montanha era aquela ilha. E, naquela noite iluminada pelo clarão maravilhoso da lua, causavam espanto sua brancura e sua elevação sôbre as águas negras e douradas.

"Embora quizesse despertar o maldito piloto, único culpado por sua negligencia desse próximo naufragio, não pude pronunciar uma só palavra porque o terror havia paralisado a voz em minha garganta e, de pronto, nosso barco se precipitou sôbre a ilha.

"Eu esperava ouvir o gemido aterrorisador de sua prôa e vêr saltar em pedaços todo seu madeirame; porém, como si aquela ilha terrorifica por sua brancura e elevação fosse de espuma, nosso barco enterrou nela à prôa. O barco ao se sentir freiado rugiu como nunca ouvi outro rugir e parou sem sofrer o menor prejuiso.

"Finalmente, ouvi a voz atroadora do piloto, gritar:

— "Que diabo de ilha é esta?!

Efetivamente, diante da beleza natural da ilha, estavamos todos maravilhados.

Os marinheiros recolheram seus arcos e flexas e iniciaram o exame da ilha silenciosa. As águas negras e douradas entrechocavam os flancos do veleiro e, salvo aquele ruido aquatico, o silencio da noite era infinito. Alguns homens estavam evidentemente atemorisados e outros recordavam minhas viagens à ilha do Ciclope; outros, ainda, minhas aventuras no país onde se enterrava vivos os viuvos, porém, nenhum sinal de vida na vegetação se sentia naquela ilhóta, em quasi tôdas as suas partes vertical como um pão de açúcar.

— "Será a ilha de Ouro? — perguntou meu pilôto.

— "Não o creio — respondi —, porque meu fosse a ilha de Ouro luziria, como um turbante brilhante, como uma torre de açúcar candi no meio de suas águas.

"No entanto, um grupo de marinheiros, na pôpa do veleiro, baixou ao mar um dos botes e, audaciosamente, se dirigiu à ilha. Bem desejei eu impedir aquela temeridade e pensava de que modo havia de castigar aqueles imprudentes ao regressar, quando alguns minutos após ocorria a catastrofe.

"Aquele grupo de audazes, depois de desembarcar na ilha, se introduziu pelo bosque que avançava rumo à praia. Esgrimiam alegremente suas espadas e se iluminavam com grossas tôchas. De repente, algumas chispas dessas tôchas alcançaram as árvores verdes e frondosas. O bosque, como se estivesse untado de breu, começou a incendiar-se velozmente.

"Em menos tempos do que demoro em contar-lhes êste fáto, os infortunados marinheiros estavam rodeados por um circulo de chamas. Inutil pensar em correr em seu auxilio. O incendio avançou, fulminantemente, ao longo da ilha. Em poucos momentos aquela terra maravilhosa era uma fogueira viva no meio da ilha. Nossos companheiros saltavam no meio das chamas como verdadeiros loucos. Suas roupas ardiam, martirisando-os. Depressa desapareceram consumidos pela fogueira.

"E todos compreendemos que nos encontravamos em frente às ilhas de Papel. Muitos incendios eu havia visto, porém, nenhum como aquele, creiam, meus amigos!

"As labarêdas se levantavam como torres, desmoronando-se no mar como cataratas de chispas reluzentes. Em grandes extensões, as águas se tingiram de alaranjado, com tanta vivacidade porém, que terminaram por espantar os monstros marinhos. Muito trabalho nos deu fugir da cólera de gigantescas baleias, cujos golpes de cauda levantavam verdadeiras trombas d'agua. Nossos remadores tiveram imenso trabalho para alheiar-se das proximidades da ilha cujos fragmentos de chispas, graças à benevolencia de Alah, não alcançaram as velas do nosso barco. Um marinheiro, porém, que vigiava no alto do mastro, perdendo o equilibrio, caiu ao mar, sendo seu corpo cortado ao meio pela violentissima rabanada de um monstro marinho.

"Atemorisados, conseguimos afastar-nos um pouco das ilhas de Papel. Durante tôda a noite se consumiram em inestinguivel fogueira. Um espetaculo soberbo, dantesco! As labaredas, semelhantes a caudas reais, enchiam o espaço de chispas coloridas. Era tal o calor reinante ali que o betume que calafetava o barco corria derretido pelo chão.

"Quando o sol saiu do fundo do mar, não ficou outro rastro da ilha de Papel sinão um imenso tapete oleoso ao longo das águas. Todos estavamos silenciosos temerosos de maus presságios, porque jamais haviamos singrado mar tão negro. A maior parte dos tripulantes, ao contemplar o funesto aspecto das águas, consideraram agourentos os dias que viriam. Nem um só homem da tripulação deixou de lamentar-se por estar tão longe da formosa Bagdad.

"Anoiteceu, e não tardaram em confirmar-se nossos temores. Entrados na obscuridade do mar desconhecido, vimo-nos rodeados de vários refletores e antes que tivesse havido tempo de nos pôr-

mos em condições de defendermo-nos, caíram sôbre nós inumeros bandos de piratas. Impossivel qualquer defesa. Que deveriamos fazer? Pegamos em nossas espadas e esperamos, ansiosos, ofegantes, dispostos...

"Durante quinze dias nevegamos sôbre aquele sepulcro de mahometanos. Os menos resistentes morriam amarrados sem que ninguem pensasse em socorrê-los, e eram ditosos. Tinhamos que arrojar ao mar nossos companheiros mortos, e como estavam amarrados, para livrá-los mais rapidamente tivemos necessidade de cortar-lhes os pés e as mãos.

"Finalmente chegamos à cidade Eidulah-el-Kar, cujas torres de porcelana esmaltada se lobrigavam de longe.

Aquele dia era chamado o da Fortuna, isso porque o sultão daquele país sofria do mal da melancolia e, para afugentar essa amargura, um dia por semana mandava torturar um homem na sua presença na praça da cidade. Como os habitantes de Eidulah-el-Kar eram ordeiros, cidadãos probos, o sultão mandava pelo mar colher escravos fugitivos.

"Nem bem tocámos terra, nossos algózes nos fizeram tomar banho de mar, cobriram nossas correntes com lindas vestimentas de sêda bordadas de ouro e o capitão da esquadra que nos havia aprisionado, depois de nos enfileirar, nos disse:

— "Êste é o dia em que deveis dar graças a Alah pela vossa sorte, que vos escolheu para que possais servir de amistoso consolo ao nosso piedoso Senhor.

"Muitos dos meus companheiros ficaram satisfeitos com estas palavras, entretanto, eu me sentia mais preocupado do que nunca. O instinto me dizia que nada de bom adviria para nós da amabilidade do nosso carcereiro.

"Vestidos, como disse, com os lindos trajes para não ofender a vista do Sultão e escoltados por soldados a cavalo e armados de certeiras "balestras" de cabo de marfim, nos encaminhamos para a "Praça dos Tormentos", que não é necessario dizer para que fim se destinava, pois se viam nas lages de pedra, do chão, grandes manchas de sangue enegrecido.

— "Por onde a vista se fixava havia troncos, forcas, rodas, tenazes, caldeirões cheios de chumbo derretido e breu, havia tambem prensas e al-

VIAGEM DE SIMBAD o Marítimo

Conto de ROBERTO ARLT — Tradução de ALBERTUS DE CARVALHO

gumas especies de colchões com grandes agulhas e camas que se abriam e fechavam de maneira estranha. Havia rodas de aço com o corte tão afilado como o de uma navalha sevilhana, havia pilões imensos, pedras enormes colocadas de maneira a se precipitarem sôbre a vitima com o simples puxar de um cordel. Todos os instrumentos de tortura que ali estavam apresentavam vestigios de uso continuo, o que demonstrava que os verdugos não descançavam.

— "Várias chicotadas nos fizeram ajoelhar com a fronte encostada ao chão, e de repente, as portas de um castelo negro que estava situado de fronte a praça se abriram de par em par. Primeiro saíram vários homens de armas, faustosamente vestidos com roupas bordadas e brilhantes; logo apareceram outros tocando grandes trombetas, cimbalos, clarins e pífaros, depois um grande elefante. Êste elefante, coberto com uma baldrana escarlate, carregava sôbre o lombo um tronco de ouro protegido por um guarda-sol de púrpura. Por baixo do para-sol repousava o Sultão com a fisionomia transtornada pela melancolia. Quando o elefante se deteve no meio da praça, vários peões apoiaram suas escadas no animal e, sem a menor dificuldade, retiraram o tronco e o colocaram no chão. Em seguida um mestre de cerimonias deu ordem ao tamboreiro de torturas que tocasse o seu tambor de uma maneira especial, e de uma porta lateral do castelo saiu uma brigada de algózes. Alguns mantinham prisioneiros imoveis em suas mãos, outros carregavam duas grossas tábuas a maneira dos carpinteiros.

"O Sultão, graciosamente sentado em seu trono, olhava-os indiferente.

— "Os algózes ajustaram o prisioneiro entre as duas tábuas, amarrando-o com tanta habilidade, que o preso não podia mover-se dentro das tábuas mais que uma quarta parte de uma polegada. Estas duas tábuas com o prisioneiro dentro, fôram colocadas sôbre vários cavalêtes em frente ao trono do Sultão; em seguida, um carrasco subiu sôbre elas armado de um serrote afiadíssimo e começou a cortar as tábuas em sentido longitudinal, precisamente onde estavam os pés do prisioneiro! Um grito terrivel escapou por entre as tábuas, um grito tão pavoroso e alucinante, que o Sultão sorriu debilmente e muitos de nós em um minuto envelhecemos trinta anos... outros, moços e fortes, converteram-se em corpos achacosos pelo efeito do mêdo e da emoção.

"Aquele tormento era horrivel, porque o homem não morria de hemorragia e nenhuma de suas partes vitais eram atacadas, a não ser os ossos das pernas, que eram cortadas simultaneamente ao comprido, de maneira que o homem — (isso eu ouvi dizer de um soldado) morreu quando o serrote chegou aos joelhos, além do mais, um chefête jurava a quem quizesse ouvi-lo que um outro homem havia resistido vivo ao suplicio até o momento em que o serrote chegou aos ossos da bacia!

"Mais mortos que vivos, nos conduziram à prisão onde deviamos aguardar a nossa vez para sermos torturados. Uma vez só em meu calabouço, comecei a pensar de que maneira poderiamos recuperar a liberdade e de meus companheiros. Estava resolvido a tirar-me a vida por minhas proprias mãos a ter que submeter-me a semelhante tortura. Ao amanhecer, porém, vários carcereiros entraram em nossas celas, obrigaram-nos a vestir um trajo de couro que nos impedia de ferir-nos; depois de alimentar-nos abundantemente abrindo nossas bôcas à força, foram embora, deixando-nos abandonados na escuridão, deitados sôbre grossas tábuas encaixadas no muro.

Três vezes por dia nossos carcereiros entravam e nos alimentavam com fartura para que pudessemos ter fôrças suficientes para suportar o suplício, dando-nos comidas gordurosas, caldo de aves, doces e cremes, em seguida nos deitavam nas tábuas e retiravam-se deixando-nos na mais completa escuridão. Nossos corpos engordavam metidos nas camisas de força de couro.

"Uma noite, na hora em que nossos verdugos estavam nos dando comida, tive a impressão de que a tábua por baixo do meu corpo se movia; escutou-se uma especie de rugido subterraneo, os carcereiros deixaram de nos alimentar... e de repente, os muros ruiram fragorosamente por entre os gritos inenarraveis dos presos. Sobreveiu a noite do terremoto no país das torres de porcelana. Rodei pelo chão e fiquei por baixo da minha cama como se estivesse sob um teto. Assisti a várias e tremendas tempestades no mar, nenhuma porém que se pudesse comparar à que devastou esta cidade no espaço de uma noite. O vento soprava com tamanha violencia, que deslocava os telhados dos palacios, levando-os pelo espaço. Eu, por baixo de um monte de escombros, milagrosamente protegido, ao amanhecer, via voar pelos ares os habitantes de Eidulah-el-Kar, arrebatados por incessantes e irresistiveis torvelinhos. Flutuavam alguns instantes a altura das nuvens; logo pulverizavam-se nas profundezas do mar ou esmigalhavam-se sôbre rochedos, e o bosque, milenário e imenso, com todos seus troncos arqueados pela furia do vendaval, rugia com tanta furia, que incutia mêdo às féras mais sanguinárias. "Finalmente, ao cair da tarde a terrivel tormenta passou. De Eidulah-el-Kar e suas lindas torres de porcelana não restava mais que montões de escombros.

Consegui pôr-me em pé, meus trajes de couro rasgaram-se em parte durante a tormenta. Devido a farta alimentação que me havia sido dada, estava gordo e quasi forte. Peguei numa espada e a prendi à cintura, mais adiante encontrei uma "balestra", apanhei-a e coloquei-a ao ombro; subitamente, uma luz ofuscou-me a vista. Junto a mim, no chão, de uma pequena arca arrebentada faiscavam rubis e brilhantes. Apanhei o tesouro e guardei-o em meus andrajos, continuei andando até chegar a praia. Dos barcos que fundeavam no porto, não se via mais que tábuas flutuando na resaca. Durante três meses vivi em companhia de alguns sobreviventes, que, como eu, guardavam em seus trapos pedras preciosas de valôr suficiente para comprar um reino. Desconfiavamos uns dos outros nos escondiamos para dormir, entretanto, a necessidade de tomarmos alimento nos reunia. Finalmente, pude fazer-me ouvir por êles, e depois que me ouviram, concordaram em obedecer-me. Com incontaveis trabalhos construimos um navio carregamos para bordo tôdas as pedras preciosas e metais finos que havia entre os escombros e, aproveitando o tempo favoravel nos fizemos ao mar.

Não pouco trabalho nos estava reservado no oceano para escapar à rapina dos piratas, aos incontaveis perigos das tempestades e outros mais que tivemos que enfrentar, por fim, depois de vinte e três meses de navegação, chegamos novamente a Bagdad. Embora não tenha descoberto para o nosso califa as ilhas do ouro, levei para êle tão grandes tesouros, que, depois de vê-los, exclamou: Simbad, a metade destas riquesas será para ti e a outra metade para os teus homens. Eu respondi: E tú, com que ficas? "Eu fico com Simbad o Marinheiro, o capitão mais habil do Islam" — respondeu nosso senhor...

E assim terminou a história da oitava viagem de Simbad, que não é a última, e por certo não será a penultima.

MISTERIOS DO MAR

STOMIAS BOA

QUANDO vocês vão ao banho de mar que é sem dúvida uma delicia para o corpo, nem por um momento desconfiam estar invadindo, sem cerimonia, a casa alheia !

— "A casa alheia ? Como ? perguntarão naturalmente .

— Sim ! A casa alheia, a soberba morada dos habitantes do mar, que vocês devem saber que são os peixes,

BATHYPTEROIS

esses animais criados pela natureza, para a delícia dos nossos olhos e do nosso estomago tambem.

Vocês, como é natural, devem conhecer diversas especies desses sêres, e distinguí-los, pelas côres, pelas formas e até o que é interessante pelo paladar, pois embora sendo peixes, êles variam infinitamente de características.

Os mais conhecidos, como a tainha, o robalo, a corcoroca, a sardinha, a cavala, a garoupa, o badêjo, e muitos outros, como vocês já devem ter notado, diferem bastante. Esses peixes, podemos dizer habitam quase que na superfície das águas, e por tal razão estão sempre ao alcance das rêdes e dos arpões que lhes dão caça.

Não lhes é possivel viver nos abismos, isto é nas profundezas submarinas que chegam a atingir a 8500 metros.

Além de 300 metros calculadamente onde reina a mais completa obscuridade, e onde só os animais fosforecentes lançam alguns clarões, é que habitam em elevado número certas especies de peixes interessantes e desconhecidas.

Estão êles colocados num meio muito especial. Se qualquer um de nós pudesse descer aos mais profundos abismos, mais sentiria aumentar a pressão, o desaparecimento da luz, sem entretanto sentir quaisquer agitações na superficie das águas. A temperatura no mar tambem varia, tendo grande importancia na distribuição dos animais.

Experiencias diversas permitiram estabelecer que até 250 braças a temperatura baixa rapidamente, mantendo-se depois bastante regular além deste limite.

MELANOCETUS JOHNSTONI

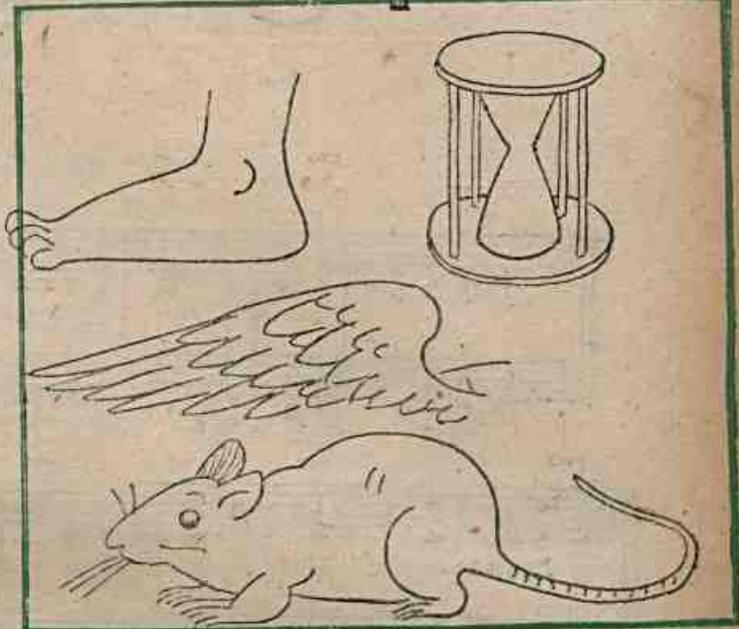
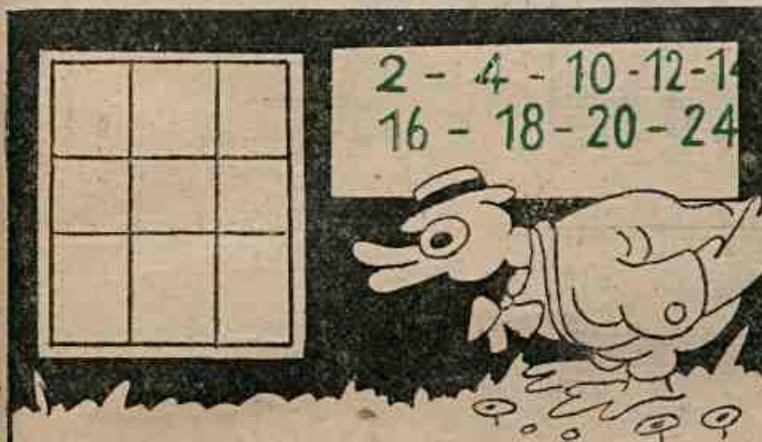
A fauna dos abismos é de uma variedade incalculavel.

Rêdes especiais já têm permitido recolher em grande número certas formas de peixes de aspectos verdadeiramente monstruosos, como o "Stomias Boa", o "Melanocetus", o "Eurypharynx Pelicanoides", e muitos outros ainda.

A maior parte desses extranhos peixes são de côr sombria, geralmente negra e aveludada, afetando alguns uma côr esbranquiçada.

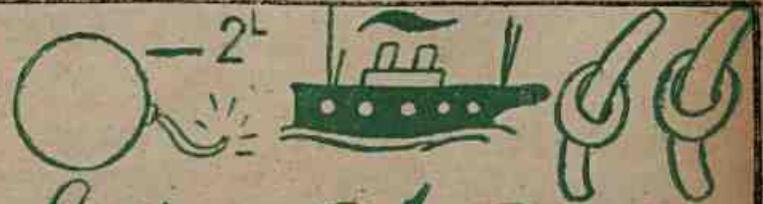
O estudo dos peixes dos grandes fundos é interessante, sobretudo porque permite reconhecer diversas adaptações de forma que tiveram de sofrer os sêres colocados nas mais diferentes condições de vida e para as quais parece não terem sido dispostos.

EURYPHARYNX PELICANOIDES

QUEBRA CABEÇAS

FORMEM COM AS INICIAIS DAS FIGURAS DESENHADAS O NOME DE UM ESTADO DO BRASIL.

O PATO, PODE ESCREVER CADA UM DOS NUMEROS ACIMA EM CADA QUADRADO VAZIO, DE FORMA QUE, EM CADA FILEIRA, OS NUMEROS HORISONTAIS OU VERTICAIS SOMEM EXATAMENTE 40...
VOCÊ FARÁ O MESMO?

			14
			16
			15
12	17	16	12

TENTE ESCREVER OS NOVE NUMEROS ABAIXO, UM EM CADA ESPAÇO VAZIO. ELES DEVEM ESTAR DISTRIBUIDOS DE TAL FORMA QUE SOMEM EXATAMENTE A QUANTIA QUE APARECE NO FIM DAS SETE FILEIRAS DO QUADRADO.

1-2-3-4-5-6-7-8-9

U R U Á

Versos de C. PAULA BARROS, poeta paraense

Música de F. Pereira Lessa

1.º GRUPO: (*Vogais* - 10 *crianças*)

Uruá
Onde tu vais?

2.º GRUPO: (*Consoantes* - 20 *crianças*)

Vou à roça do meu pai !

1.º GRUPO:

Em que vais?

2.º GRUPO:

Vou a pé
A — E !

1.º GRUPO:

Tatuí
Onde tu vais?

2.º GRUPO:

Vou ao mar e volto aquí

1.º GRUPO:

Com quem vais?

2.º GRUPO:

Eu vou só!
A, E, I, O.

1.º GRUPO:

Quirirú,
Onde tu vais?

2.º GRUPO:

Vou à escola do tatú !

1.º GRUPO:

Que fazer ?

2.º GRUPO:

Aprender
A, E, I, O U !

1.º GRUPO:

Aprender?

2.º GRUPO:

A querer,
a querer o Brasil -

1.º GRUPO:

o Brasil !

(Do livro "Teátro Escolar")

A PARTILHA DOS FRASCOS DE VINHO

Três amigos foram presenteados com 21 artísticos frascos de um litro de capacidade, dos quais 7 cheios de vinho fino, 7 com vinho pela metade e 7 vasios.

Naturalmente, propuzeram-se dividi-los entre si de sorte a receberem não só a mesma quantidade do líquido, isto é, 3½ litros como igual número de frascos.

De que maneira procederam?

(Solução na página 116)

MANDAMENTOS CIVICOS

COELHO NETO

Artista da palavra, Henrique Coelho Neto, romancista e novelista, foi um escritor de vigorosa imaginação, cultor da lingua, exprimindo-se com elegância, graça e originalidade; seu vocabulário era rico e copioso, seu dizer, correto; seu estilo, límpido, cristalino e colorido.

Pertenceu à Academia Brasileira de Letras, — cadeira Alvares de Azevedo.

O escritor maranhense estudou no Colégio Pedro II o seu curso de humanidades; frequentou o 1.º ano da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, transferindo-se depois para São Paulo, cuja Faculdade de Direito cursou até o 3.º ano. Foi secretário do governo do Estado do Rio, em 1891.

Deixou lindas páginas cívicas para a infância, e uma delas é a que o "Almanaque d'O TICO-TICO" tem o prazer de reproduzir aqui.

1

Honra a Deus amando a Pátria sôbre tôdas as cousas por no-la haver Êle dado por berço, com tudo o que nela existe de esplendor no céu e de beleza e fortuna na terra.

2

Considera a bandeira como a imagem viva da Pátria, prestando-lhe o culto do teu amor e servindo-a com tôdas as fôrças do teu coração.

3

Honra a Pátria no Passado: sôbre os túmulos dos heróis; glorifica-a no Presente: com a virtude e o trabalho; impulsiona-a para o Futuro: com a dedicação, que é a Fôrça da Fé.

4

Instrue-te, para que possas andar por teu passo na vida e transmite a teus filhos a instrução, que é o dote que não se gasta, direito que não se perde, liberdade que não se limita.

5

Pugna pelos direitos que te confere a Lei, respeitando-a em todos os seus principios, porque da obediência que se lhes presta resulta a ordem, que é a Fôrça suave que mantém os homens em harmonia.

6

Ouve e obedece aos teus superiores, porque sem a disciplina não pode haver equilibrio. Quando sentires o tentador, refugia-te no trabalho, como quem se defende do demônio na fortaleza do altar.

7

Previne-te na mocidade economizando para a velhice, que assim prepararás de dia a lâmpada que te há de aluminar à noite.

8

Acolhe o hóspede com agasalho, oferecendo-lhe a terra, a água e o fogo, sempre, porém, como senhor da casa: nem com arrogância que afronte, nem com submissão que te humilhe, mas serenamente sobranceiro.

9

Ouve os teus, que têm interêsse no que lhes é próprio, reservando-te com os de fora. Quem sussurra segredos é porque não pode falar alto, e as palavras cochichadas na treva são sempre rebuços de idéias que não se ousam manifestar no sol.

10

Ama a terra em que nasceste e à qual reverterás na morte. O que por ela fizeres, por ti mesmo farás, que és terra e a tua memória viverá na gratidão dos que te sucederem.

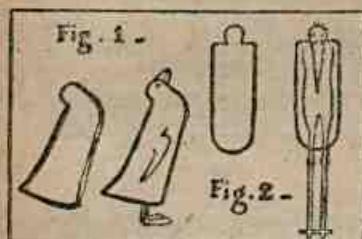
CALENDARIO D' O TICO-TICO

JANEIRO

— 1943 —

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24/31	25	26	27	28	29	30

Signo do Zodiaco AQUARIO

DESENHOS

Aqui está como se póde desenhar um pinguim e uma cegonha. Observem que tudo é bem simples, desde que se tenha a necessária habilidade. O pinguim, então, é tão fácil que até parece brincadeira de criança ! !

Experimente !

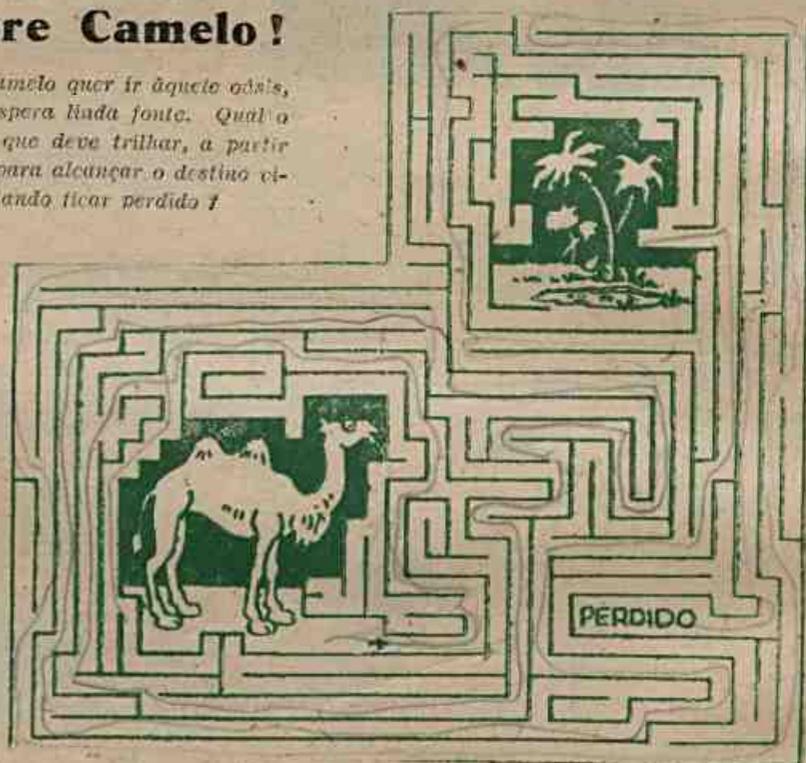
Excentridades dos numeros

Multiplique-se 37, sucessivamente, pelos 9 primeiros multiplos de 3, (3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24 e 27).

Os produtos obtidos são todos formados por algarismos identicos e a soma dos algarismos do produto dar-nos-á uma soma igual ao multiplicador:

$37 \times 3 = 111;\ 1+1+1 = 3$
$37 \times 6 = 222;\ 2+2+2 = 6$
$37 \times 9 = 333;\ 3+3+3 = 9$
$37 \times 12 = 444;\ 4+4+4 = 12$
$37 \times 15 = 555;\ 5+5+5 = 15$
$37 \times 18 = 666;\ 6+6+6 = 18$
$37 \times 21 = 777;\ 7+7+7 = 21$
$37 \times 24 = 888;\ 8+8+8 = 24$
$37 \times 27 = 999;\ 9+9+9 = 27$

Pobre Camelo !

Esse camelo quer ir àquele oásis, onde o espera linda fonte. Qual o caminho que deve trilhar, a partir da seta, para alcançar o destino cisado, evitando ficar perdido !

O ano novo entre os chineses

Os chineses não celebram o dia de Ano-Novo como nós, em data fixa, porque, para êles é festa móvel e umas vezes cái em Janeiro, mais a miúdo em Fevereiro e, raras vezes, a princípio de Março; porém, sempre é motivo de grandes e prolongados festejos.

Até o dia 20 da duodécima lua declaram-se fechadas durante quatro semanas as repartições públicas e durante êste tempo "todos os que estão sob os céus", como dizem os chineses, se dedicam a divertir-se de acôrdo com os seus meios.

Antes de terminar o ano, celebram-se determinados ritos domésticos, tais como o de varrer o lar em honra do deus da casa. Na véspera do Ano-Novo, os indivíduos da família tomam um banho fragante e vestem suas melhores roupas para prostrar-se, à meia-noite, diante dos céus e Kota. Depois adoram seus ídolos domésticos, enquanto que outros acodem ao templo para rezar.

As cerimônias religiosas prosseguem até o amanhecer, entre nuvens de incenso.

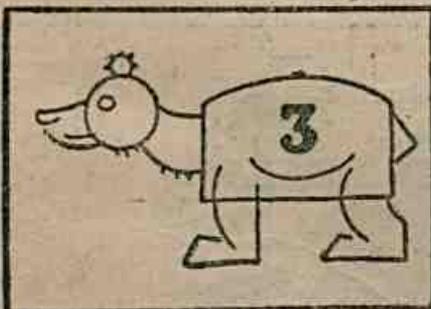
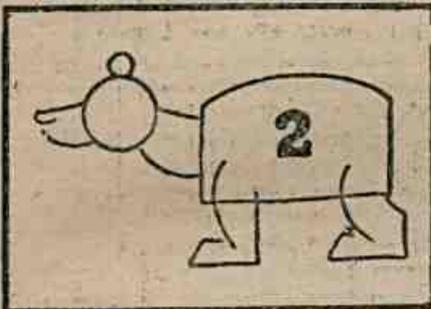
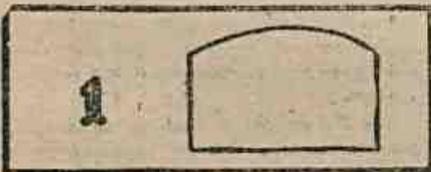
CALENDARIO D'O TICO-TICO

FEVEREIRO

— 1943 —

Signo do Zodiaco PEIXES

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28						

Uma lição de desenho

Os números 1, 2 e 3 nos mostram como se póde desenhar um urso amestrado com argola no focinho.

Para principiar, usa-se uma caixa de fósforos, em tôrno da qual se risca o contôrno com o lapis.

PENSAMENTO:
"Quem desanima, rendo-se"
COELHO NETTO

Sublime abnegação

Antes que Roux descobrisse seu famoso sôro, a difteria causava grandes estragos nos meninos e era uma ameaça para sua vida.

Em um pequeno povoado do sul da França declarou-se uma epidemia que, pode-se dizer, dizimou em varios dias a população infantil. Todo o povo estava aterrorisado com o mal e não havia medicos bastantes para combatê-lo.

Uma noite, levando seu filho nos braços, uma mulher desesperada correu à casa do doutor Lechamps um jovem medico que havia pouco tempo se instalara.

O facultativo, compreendendo que o caso era desesperador, pois o menino estava atacado de difteria, com o bisturí fez uma incisão na garganta, pôs um tubinho e aspirou com toda força.

O menino salvou-se, mas o doutor Lechamps morreu pouco depois contagiado pelo terrivel mal. Em sua abnegação para salvar o doentinho, esqueceu-se de cuidar de sua propria vida.

Diamantes de côr

Os diamantes mais apreciados pelos entendidos na matéria são aquêles que mais limpidez, brancura e brilho têm; os mais cristalinos são sempre os diamantes que obtêm os preços mais elevados pela sua coloração especial.

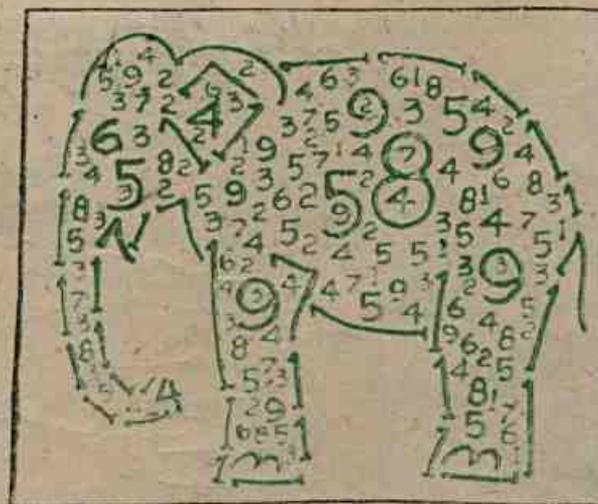
Além dos diamantes pretos, há de outras côres, mas em número muito reduzido; tão reduzido que não passam de quatro ou cinco os brilhantes azues que se conhecem. Entre êstes, o mais importante é o notável brilhante azul da coleção Hope, avaliado em mil e novecentos contos de réis.

Também são rarissimos os diamantes verdes; o mais belo de todos é um valor incalculável, esteve durante muitos anos em poder de um joalheiro de Londres.

E quanto a diamantes vermelhos, só se conhece um que pesa três gramas e está avaliado em vinte e cinco contos de réis.

Quanto pesa?

Se vocês somarem todos os valores dos algarismos que formam o desenho ao lado, terão descoberto o peso do paquiderme. Será bom que a soma seja realisada por você e por dois colegas ao mesmo tempo, para verem depois se os resultados obtidos conferem.

Como os algarismos contidos são muitos, é provavel que haja enganos.

CALENDARIO D' O TICO-TICO

MARÇO

— 1943 —

Signo do Zodiaco CARNEIRO

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

O EXEMPLO

Lord Palmerston foi convidado a um banquete sem outro objetivo de aproveitar o ensejo para ouvi-lo pronunciar um discurso politico.

Quando chegou a sobremesa, os demais convivas mostraram claramente o desejo que tinham de ouvi-lo, mas o ministro respondeu :

— Acabais de me lembrar, agora, uma anedota que se conta de Canning. Êste havia sido convidado a um banquete dado por uma associação de pescadores e quando lhe pediram que pronunciasse um discurso, levantou-se e disse : "Senhores, êste é um banquete de pescadores e êstes formam um grêmio poderoso, que deve participar dos hábitos daquêles com os quais está em constante contacto, isto é, os peixes. Este é o animal menos comunicativo, pois é mudo. Imitemos seu exemplo e não digamos uma palavra".

DESENHOS

Fazer um gato e um cão é coisa bem simples. Se duvida, veja o desenho acima. O gato é feito como se se fôsse desenhar um vaso. Depois se põe a cauda, as pernas, as barbas, os olhos... O tótó, ainda mais fácil será. Experimente agora mesmo, olhando o modêlo e veja se não é mesmo conforme dissemos acima.

UMA LIÇÃO

Socrates, o filosofo grego, tinha grande cuidado com sua cabeleira, que penteava com esmero, deixando-o cair em caracois sobre seus ombros.

Um dia em que andava por um prado, sentiu-se cansado e deitou-se a dormir sobre a erva.

Uns meninos que brincavam não longe dalí, decidiram fazer-lhe uma brincadeira e atando, um por um, os cachos de cabelo com um barbante, enrolaram este depois em um pedaço de pau enterrado no chão.

Ao despertar, Socrates notou a diabrura feita pelos meninos e, longe de se zangar, apanhou uma pequena faca que levava consigo e foi cortando todos seus caracois.

— Na verdade — disse a si proprio — estes meninos me deram uma boa lição, pois os melhores adornos não são os do corpo e, sim, os da alma.

Quem será ?

Liguem com um traço continuo todos os números, pela ordem natural, de 1 a 42 e verão quem está contando anedotas aos pássaros e fazendo com que estejam dando gargalhadas. É um velho conhecido nosso, grande conversador.

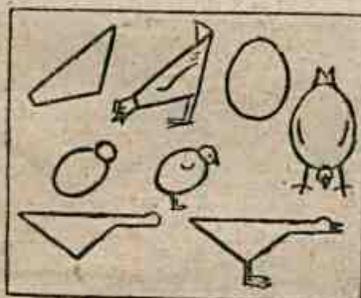
CALENDARIO D' O TICO-TICO

ABRIL

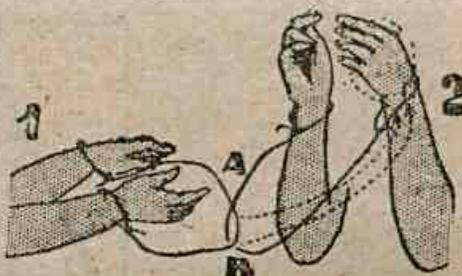
— 1943 —

Signo do Zodiaco TOURO

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

DESENHOS

Aqui está uma verdadeira aula de desenho. É preciso explicação? Olhem para os modêlos e vão fazendo iguais...

O Brasil ocupa a parte centro-oriental da América do Sul e acha-se situado, quase todo, no hemisfério meridional. Apenas uma faixa do seu território encontra-se ao norte da linha equatorial, que o corta exatamente a partir da embocadura do rio Amazonas.

PRESTIDIGITAÇÃO

Veja as figuras. Claras, não? Duas pessôas com os pulsos amarrados em cordões de 1 metro.

Os fios se cruzam tal como as figuras indicam. E agora? Convide os prisioneiros a se libertarem sem cortar os fios e sem desatar os nós. Claro que não o farão. Vá, então, você para o lugar de um dêles. Digamos: do n.º 2.

Você segura o fio do n.º 1 do lado B, com a mão direita e puxa como indica a linha interrompida, passando-o por dentro do laço de sua mão esquerda e por cima desta.

A mágica estará feita.

GENEROSIDADE

Quando sir Humphry Davy inventou, depois de grandes trabalhos e inúmeros ensaios, a lâmpada de segurança para os mineiros que trabalham nas minas de carvão, afim de evitar as perigosas explosões de grisú, não quis, de modo nenhum, reservar-se os direitos de sua patente de invenção.

— Mas você — disse um amigo — podia assegurar-se o privilégio dêsse invento, que seguramente lhe proporcionaria de 5 a 10 mil libras esterlinas anuais. Rechassar, isso é uma loucura.

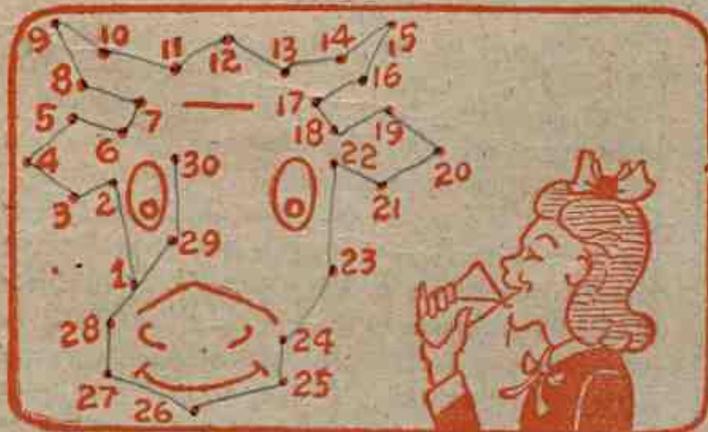
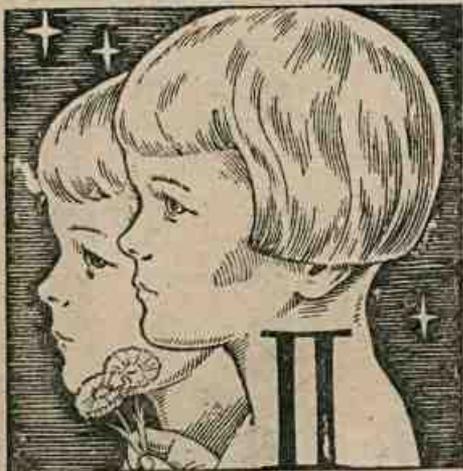
— É verdade — repôs sir Humphry Davy. — Mas nunca o teria feito, porque meu único propósito é servir à humanidade. Mais riquezas me proporcionariam, talvês, os meus estudos, aos quais me consagro para ser útil aos meus semelhantes. E isto vale mais do que todo o dinheiro.

Quando os mineiros ingleses conheceram a generosa atitude do inventor, organizaram uma subscrição na qual cada um contribuia com pequena importância e uma vez reunida certa quantia — de que participaram todos os homens da Inglaterra que trabalhavam nas minas — compraram uma baixéla de fina porcelana para presentear àquele que tanto se havia preocupado, desinteressadamente, para salvar suas vidas.

*

Ligue os pontos seguindo a ordem natural dos números, de 1 a 30 e verá a vaquinha que deu o leite que a garota está bebendo.

UMA AVE VINGATIVA

O cisne é uma das aves mais vingativas que existem. Quando outra ave entra em seus domínios, o cisne a persegue a bicadas e muitas vezes lhe dá morte. As lutas entre cisnes são terríveis.

CALENDARIO D'O TICO-TICO
MAIO
— 1943 —

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23/30	24/31	25	26	27	28	29

Signo do Zodiaco GEMEOS

FESTAS MOVEIS

Quarta-feira de Cinzas póde cais de 4 de fevereiro a 10 de março;

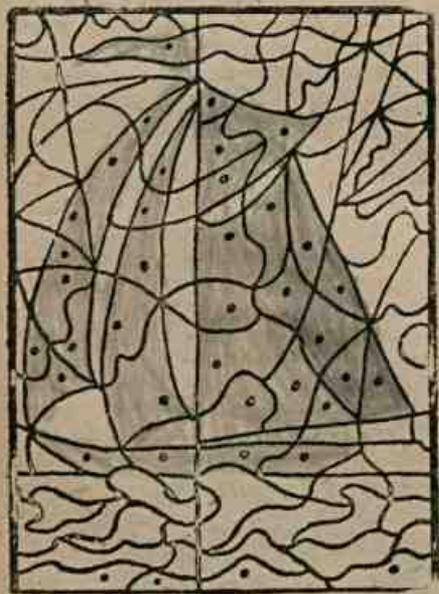
Domingo de Pascoa póde cair de 23 de março a 25 de abril;

Quinta-feira da Assenção póde cair de 30 de abril a 3 de junho;

Domingo do Espirito Santo de Pentecostes póde cair de 10 de março a 13 de junho;

Domingo de Santissima Trindade póde cair de 17 de maio a 20 de junho;

Quinta-feira do Corpo de Deus póde cair de 21 de maio a 24 de junho;

Sexta-feira do Sagrado Coração de Jesus póde cair de 29 de maio a 2 de julho.

Encha com o seu lapis os espaços que contêm um ponto. Verá uma paisagem. Se o trabalho for feito cuidadosamente, o resultado obtido será interessante. Vá riscando de vagar, para não haver confusão e para que o risco não atinja os espaços onde não há pontos negros. Estes devem ficar em branco como estão.

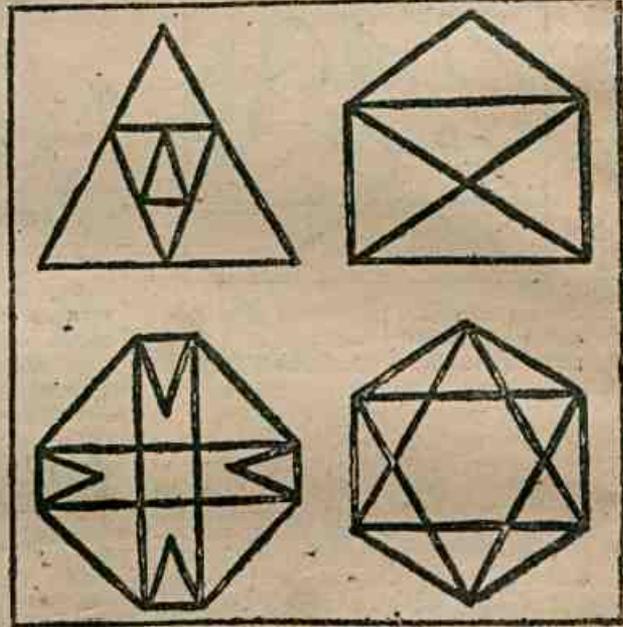
Você póde fazer isto?

Claro que póde. Qualquer um póde. Não há nada dificil neste mundo, quando se tem força de vontade e decisão.

Essas 4 figuras geometricas podem ser executadas de acordo com estas duas exigencias:

1.° — sem levantar o lapis do papel uma vez siquer, até que cada uma esteja completa;

2.° — sem se cobrir o risco já feito, isto é, sem que o lapis passe duas vezes pelo mesmo trajéto.

Vamos! Coragem! Você está em férias, tem tempo para empregar nesse ótimo exercicio de argucia e persistencia!

Como se singularizou o mês de Maio

O mês de maio singularizou-se porque no transcurso de seus 31 dias morreram muitas personagens ilustres, contando-se, entre elas: Napoleão I, morto em Santa Helena em 5 de maio de 1821; Vitor Hugo, falecido em 22, no ano de 1885; Henrique IV, rei da França, assassinado em 14 (1610); Rubens, o grande pintor, morto em 30 (1640); Cristovão Colombo, falecido em 21 (1506); Leonardo da Vinci, morto em 2 (1509); Boticelli, outro grande artista, falecido em 17 (1510); Joana d'Arc, queimada viva em 30 (1431); os exploradores Livingstone e Stanley, que pereceram, respectivamente, no dia 1 (1873) e 10 (1904).

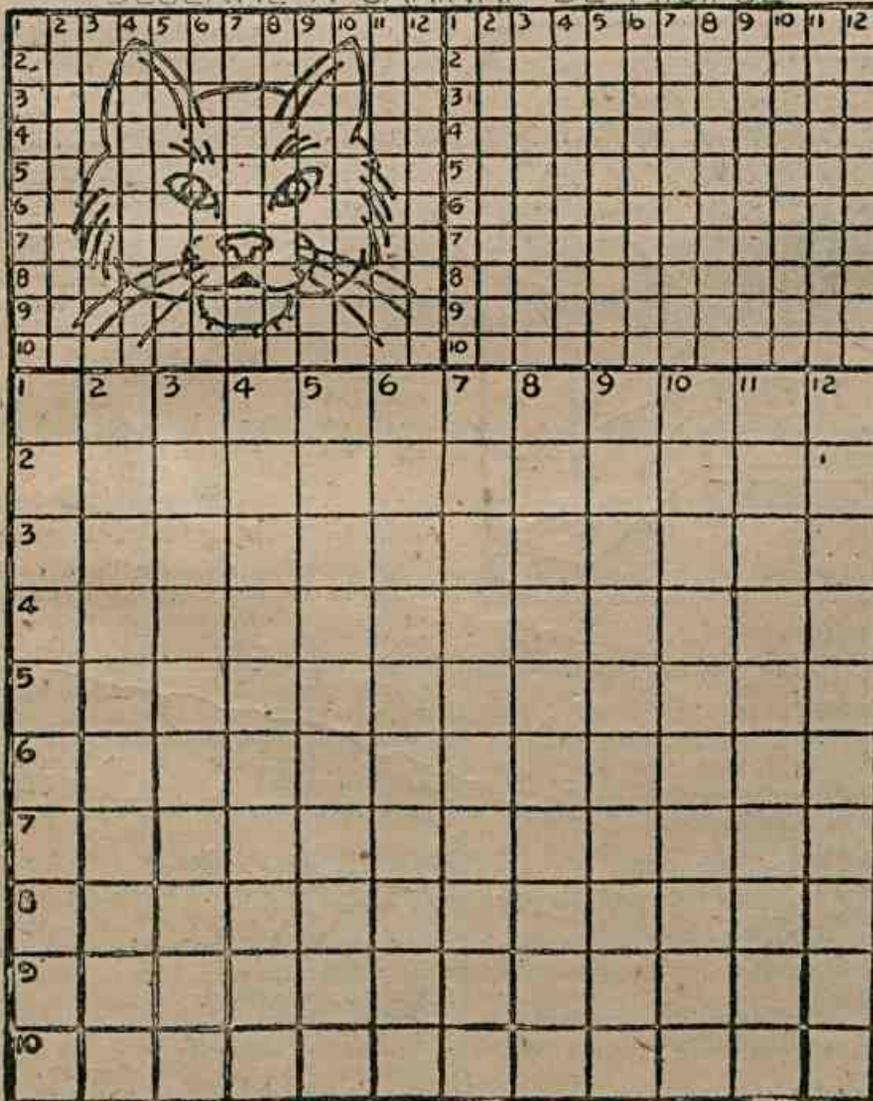
CALENDARIO D'O TICO-TICO

JUNHO

— 1943 —

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

Signo do Zodiaco CARANGUEIJO

DESENHE A CARINHA DE MICIFUZ

OS DEFEITOS

Os discipulos do sábio Murad perguntaram-lhe, em certa ocasião, de que maneira era possivel combater os proprios defeitos.

O bom mestre levou-os até um lugar plantado de árvores e, uma vez ali, ordenou a um dos jovens que arrancasse uma arvorezinha que não teria metro e meio de altura. O discipulo arrancou-o sem dificuldade, com uma só mão. Murad indicou-lhe em seguida outra árvore maior, que o jovem desenraizou com maior esfôço, valendo-se das duas mãos. Tocou a vez de uma árvore mais robusta, mas sómente entre dois puderam arrancá-la. E por último, Murad indicou uma árvore corpulenta, que todos os esforços reunidos dos discipulos não conseguiram mover de seu lugar.

— É impossivel — disseram, desalentados. — O trabalho é superior ás nossas fôrças. Não podemos arrancá-la.

— Pois ai tendes — disse o sábio — o que acontece com os nossos defeitos. A principio, quando não estão bem enraizados, é fácil arrancá-los, mas quando deixamos que criem profundas raizes, então é impossivel arrancá-los de nosso coração.

Desenha-se a carinha de Micifuz copiando nas partes quadriculadas as linhas conforme as posições no modêlo.

Micifuz póde ser desenhado em tamanho igual ao modêlo e em ponto grande.

É ótimo exercicio para você, que quer ser pintor quando crescer, meu leitorzinho amavel.

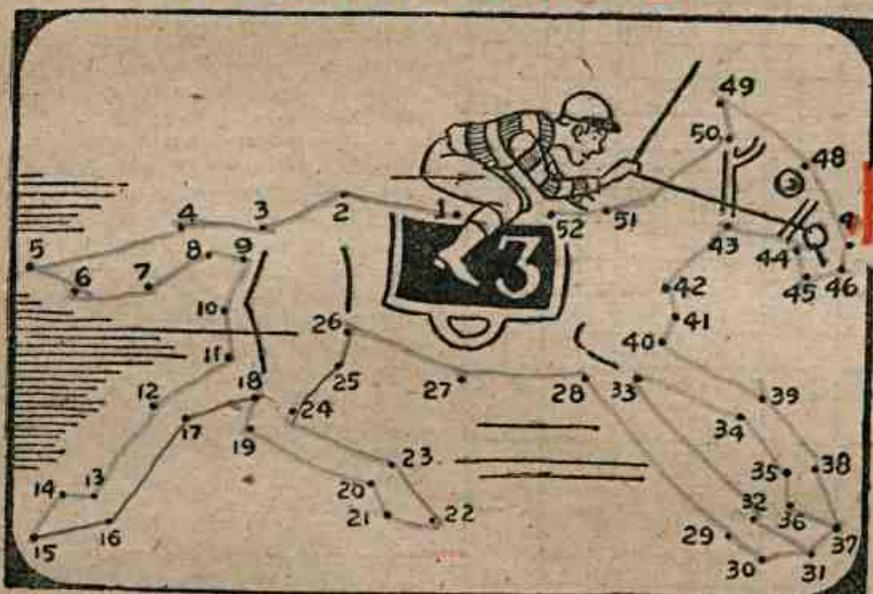
CALENDARIO D'O TICO-TICO

JULHO

— 1943 —

Signo do Zodiaco — LEÃO

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	12	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

PASSATEMPO

Una com um traço os numeros, partindo de 1 e seguindo a ordem natural até 52 e terá completado o desenho aqui esboçado.

A MAIOR PERDA

O celebre poeta inglês Milton, embora houvesse tomado parte nas guerras civis de sua patria que tiveram por consequencia a decapitação do rei Carlos I e a ascenção de Cromwell ao poder, não se via incomodado em nada quando Carlos II subiu ao trono.

O duque de York, depois Jacó II, estando um dia de visita a Milton, que já se encontrava completamente cégo, teve a pouca delicadeza de lhe dizer:

— Não credes, senhor Milton, que uma desgraça tão grande como a perda de vossa vista seja um castigo de Deus por tudo quanto escrevestes contra meu pai?

— Si as desgraças se devem considerar como castigos de Deus — replicou o poeta — Vossa Alteza me permitirá que faça uma simples observação: eu perdi meus olhos, mas vosso pai perdeu a cabeça.

O COSINHEIRO

Côrte em papelão um boné conforme o modelo ao alto e á esquerda, e tambem uma frigideira, uma colher e uma garrafa, tendo o cuidado de deixar na última e na frigideira uma base para que elas fiquem de pé.

O resto, a propria figura está indicando como deve ser feito.

●

CHAVES HISTORICAS

Ha anos, dois pescadores italianos encontraram em suas rêdes, ao tira-las da agua, na foz do rio Arno, um par de chaves de grandes dimensões, cobertas de ferrugem.

Como observaram que elas tinham gravadas escudos de armas, entregaram-nas a pessoas entendidas, em heraldica e póde-se comprovar que pertenceram ao calabouço onde morreu de fome o conde Ugolino, cujo nome foi imortalizado por Dante.

●

ANEDOTA

A preguiça tinha ido buscar côcos para fazer doce. Era no casamento da filha. Quando voltou, daí a dois anos, a preguicinha já tinha um filho. Ao chegar, tropeçou na soleira da porta, caiu e os côcos se quebraram. E ela zangada:

— O diabo leve a pressa!

CALENDARIO D'O TICO-TICO

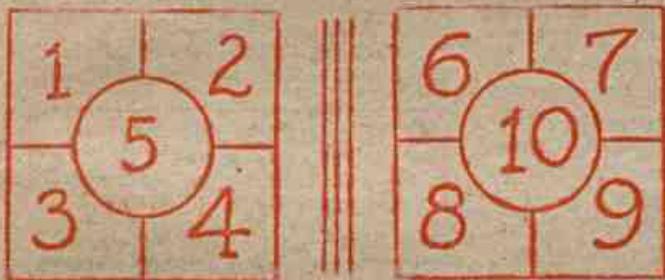
AGOSTO

— 1 9 4 3 —

Signo do Zodiaco VIRGEM

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

USEM PEDRAS CONFORME O MES EM QUE NASCEM

Janeiro — granada-vermelho.
Fevereiro — ametista-roxa.
Março — agua-marinha-azul.
Abril — diamante.
Maio — esmeralda-verde
Junho — perola.
Julho — rubi-vermelho.
Agosto — sardonica-azulada.
Setembro — safira-azul.
Outubro — opala-azulada e leitosa.
Novembro — topazio - amarelo dourado.
Dezembro — turquesa - azul opaca.

FAÇA ESTA MÁGICA

Esta mágica é fácil e de bom efeito. Você se propõe adivinhar o número de cigarros que alguem coloque, na sua ausência, dentro de uma cigarreira. Naturalmente V. terá um cumplice, ou ajudante...

O segredo consiste em que o seu cumplice colocará a cigarreira, na mesa, sempre de acôrdo com um plano convencionado (e bem decorado) que corresponde ao desenho acima.

Se há um cigarro dentro dela, V. a encontrará à esquerda, no canto superior da mesa.

Se houver 5 cigarros, ela será posta no centro. Para números acima de 5, a cigarreira ficará virada ao revés, e nos pontos correspondentes aos números da parte da direita. E é tudo. Depende de habilidade.

VINGANÇA TERRIVEL

Guimarães Passos fizera uma pilheria com seu companheiro de boemia, Dario Freire. Este resolveu tirar a forra. Estava um dia na porta da Livraria Garnier, na movimentação da rua do Ouvidor, no Rio. Vendo de longe Guimarães Passos, Dario fez-lhe um sinal chamando-o. Quando Guimarães chegou perto, Dario gritou com todos os pulmões:

— Não empresto!

Aquele berro numa movimentadissima rua, lojas vizinhas, cheias de gente, chamou a atenção de todos. Num armarinho em frente, as moças que estavam comprando vieram para a porta. Guimarães — coitado — nada percebera. Chegou mais perto e perguntou — mas o que é que não emprestas?

Dario aí, continuou furioso, mais alto ainda:

— Não senhor: Não lhe empresto mais dinheiro! E' todos os dias a mesma coisa! Estou farto de ser "mordido". Eu não sou seu pai...

Guimarães Passos, percebendo tudo, implorou em voz baixa:

— Dario, cala a boca. Não faças escandalo...

Dario, porém continuou a falar em voz bem alta, como se estivesse respondendo a coisa muito diferente a Guimarães.

— Qual pega, qual nada! Sempre que você me pede dinheiro emprestado promete pagar e até hoje não me pagou um vintem. Gasta tudo em orgias, em deboches. O escandalo era grande. O trânsito ficara interrompido. Moços, velhos, homens, todos apreciavam e gozavam a cêna. Guimarães Passos, sentido-se perdido não teve outro remédio sinão fugir, enquanto, aos poucos, tudo se normalizava. Depois de tudo, Dario foi procurar Guimarães na Livraria Garnier, onde este se escondera e berrou-lhe:

— "Não te disse que havia de vingar-me"?

RESPEITAR OS VELHOS DIGNIFICA OS MOÇOS

CALENDARIO D'O TICO-TICO

SETEMBRO

— 1943 —

Signo do Zodiaco BALANÇA

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	31		

Passe o seu lápis enchendo os espaços assinalados com um ponto. Faça trabalho cuidadoso e encontrará alguma coisa interessante.

COMEÇO DAS ESTAÇÕES

O Outono começa em 21 de Março.

O Inverno começa em 22 de Junho.

A Primavera começa em 21 de Setembro.

O Verão começa em 22 de Dezembro.

O CULPADO

Um escudeiro das cavalariças do imperador chinês Tsi, por negligência em seu trabalho e por não atender aos animais na devida fórma, foi culpado da morte do cavalo favorito do soberano.

Este, ao sabê-lo, chamou à sua presença, imediatamente, o descuidado servidor, e cheio de ira arrancou a espada para matá-lo.

Achava-se presente nêsse momento, na câmara imperial, o sábio mandarim Yen-se, o qual, interpondo-se entre Tsi e o escudeiro, evitou a morte dêste, aparando o golpe.

— Senhor, — disse depois ao imperador, — êste homem é muito mais culpado do que crêdes, pois cometeu vários delitos que merecem não só a morte, como a mais espantosa das torturas.

— E que delitos são êsses ? — inquiriu Tsi, muito assombrado. — Dizei-me.

— Ouça, desgraçado ! — exclamou Yen-se, dirigindo-se ao escudeiro. — Eis aqui teus terriveis delitos ! . . . Em primeiro lugar, por teu imperdoavel descuido, deixaste morrer o cavalo favorito do imperador. A seguir, és culpado por têres deixado que o nosso soberano fôsse tomado pela ira até o ponto de te querer matar com suas próprias mãos. E por último, pouco faltou para que o imperador se deshonrasse aos olhos de todos, matando um homem por causa de um cavalo.

O imperador permaneceu uns instantes silencioso e depois disse a Yen-se :

— Compreendi vossa lição. Perdôo êste homem e que volte a ocupar seu posto nas cavalariças.

VAMOS DESENHAR?

Se você gosta de desenhar bichos, aqui estão dois para sua coleção zoológica. A vaca será feita com uma moeda. O elefante será feito com uma caixa de fósforos.

Depois de ter riscado as partes que correspondem ao corpo complete-os.

CORAGEM

A mais bela coragem é a confiança que devemos ter na capacidade do nosso esfôrço.

COELHO NETTO

O Pico de Itatiaiussú e o Pico da Bandeira

Dois pontos se disputam a glória de ser o mais elevado do Brasil : o Pico de Itatiaiussú e o Pico da Bandeira. Para o primeiro, várias altitudes têm sido apregoadas. Para o segundo, o mesmo tem sucedido. As alturas que parecem as mais aproximadas da verdade, são as de 2.948, para o Pico de Itatiaiussú e de 2.950, para o Pico da Bandeira. O Pico de Itatiaiussú fica nas Agulhas Negras, na Serra da Mantiqueira, nas fronteiras de Minas com o Estado do Rio de Janeiro. E o Pico da Bandeira fica na Serra de Caparaó, nos limites do Espirito Santo com Minas Gerais.

A PALAVRA DADA TEM QUE SER CUMPRIDA

CALENDARIO D' O TICO-TICO
OUTUBRO
— 1943 —

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24/31	25	26	27	28	29	30

Signo do Zodiaco ESCORPIÃO

— Papai e Mamãe saíram. Nós ficámos em casa, a Cotinha e eu. E estamos brincando de Dilúvio...

OS DEDOS

Cinco dedinhos
Tem minha mão.
Sempre limpinhos
Êles estão.
Chamo ao primeiro
De polegar,
Médio, ao terceiro,
Posso chamar.

Vae o segundo :
Indicador
Chama-lhe o mundo
Dedo - doutor.
No quarto dedo
Põe-se um anel.
Não é, sem medo,
Um bom papel !

Minimo falo
Ao que é menor.
E aqui me calo,
Pois sou senhor
Dêsses dedinhos
Da minha mão,
E que, limpinhos,
Sempre êles são...

LEONOR POSADA

As mais altas montanhas da Europa

Em mts.

Branco	4.807
Rosa	4.638
Cervino	4.500
Hohe - Tauern	3.797
Mulahacem	3.481
Aneto	3.404
Etna	3.300
Muss - Ala	2.930
Gran - Sasso	2.921
Tatra	2.660
Ymesfield	2.560

CULTO DAS SERPENTES

Antigamente, o culto das serpentes estava muito divulgado em certas regiões dos Alpes suiços e ninguem se atrevia a matar um dêsses reptis, temendo atrair má sorte. Na atualidade, essa crença ainda subsiste.

COLOMBO TEVE O SEU REPORTER

O descobrimento da América teve, também, o seu repórter. Não escreveu para um jornal, mas deixou uma interessante coleção de cartas dirigidas a personagens proeminentes, nas quais narrava circunstanciadamente os fatos que assistia.

Trata-se do italiano Pietro D'Anghesa, conhecido por Pedro Mártir de Angleria, que foi enviado pelo Conde de Tendiela, para divulgar na Espanha a cultura italiana, e que, chegado à Côrte espanhola em 1480, lá permaneceu até 1526.

Fez parte do séquito de Isabel, a Católica, e como tal assistiu aos preliminares e aos sucessivos triunfos do seu compatrióta Cristóvão Colombo; e como gostava de escrever cartas, enviou aos amigos da Itália, especialmente a Leão X, narrativas minuciosas do que ouvia Colombo contar à rainha no regresso das principais viagens.

Com o título de "Opus epistolarum", publicou, em 1527, uma série de 816 cartas num latim bárbaro, datadas de 1488 a 1525, sendo que 31 delas relatam, exclusivamente, com fidelidade, os acontecimentos da descoberta da América, como fazem os jornalistas modernos, porém, com mais critério.

OS PAIS DE FILHOS OBEDIENTES, SÃO FELIZES

CALENDARIO D'O TICO-TICO

NOVEMBRO

— 1943 —

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabbado
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

Signo do Zodiaco SAGITÁRIO

ANEDOTA

Havia um homem que nunca dizia: "se Deus quizer". Sempre que tomava alguma resolução, dizia-lhe a mulher devotamente:

— Fala: "si Deus quizer", marido.

— Não falo, nada! Deus já não sabe que se ele quizer, eu faço, e si ele não quizer, eu não faço?

Um dia vinha vindo para casa, a cavalo e já ia escurecendo. O tempo estava feio, a tarde embrumada, êle não via direito o caminho, caiu com cavalo e tudo dentro do brejo; e não podia sair. Gritou, gritou, até que chamou a atenção de um viajeiro.

— Que é isso, moço? O que foi isso aí?

— Oh! homem, si Deus quizer! — gritou o outro, de dentro do brejo. — Faz-me um favor, si Deus quizer. Vai à minha casa, si Deus quizer, na beira do caminho, si Deus quizer, chama minha mulher, si Deus quizer, p'ra ela trazer uma corda, si Deus quizer, p'ra me tirar daqui, si Deus quizer.

O homem foi, trouxe a corda, trouxe a mulher do atolado, e, juntos, lograram tirá-lo de lá.

NÃO SE PEDE NADA À MESA

"Mamãe, tu pódes me dar um bom bocado
De cosido, pois não?
— Meu filho, sabes bem
Que quem pede à mesa nada tem.
— Oh! Não peço mais nada, estou calado.
— Pois sim, mas tira a mão
Do saleiro. Não posso adivinhar
Porque queres o sal, meu Luizinho.
— Mamãe, é para a carne com toucinho
Que não pedi, mas sei que vais me dar."

PONTOS EXTREMOS

Os pontos extremos do Brasil são os seguintes: ao Norte, o monte Roraima ou Roruimã, próximo às cabeceiras do rio Cotingo, afluente do rio Tacutu; ao Sul, a barra do arrôio Chuí; a Oéste, as nascentes do rio Javari, na serra de Contamana; a Léste, a ponta das Pedras, no litoral pernambucano

O VIAJANTE COMERCIAL: — (*escrevendo à espôsa*) — "Não sáis do meu pensamento. Agora mesmo, parece que te tenho diante de mim . . ."

NUNCA E' TARDE PARA REPARAR O MAL FEITO

CALENDARIO D' O TICO-TICO

DEZEMBRO

— 1943 —

Signo do Zodiaco CAPRICORNIO

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta-	Sabado
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Altura e Pesos Médios das Crianças

ANOS	SEXO MASC.		SEXO FEM.	
	M.	Q.	M.	Q.
4	0m. 95	16	0m. 92	15
5	0m. 99	18	0m. 97	17
6	1m. 05	20,5	1m. 10	19
7	1m. 10	23	1m. 14	21
8	1m. 16	25	1m. 18	23
9	1m. 22	27,5	1m. 20	25
10	1m. 27	30	1m. 25	27
12	1m. 38	35	1m. 35	32
14	1m. 49	43	1m. 45	41

ANEDOTA

Um homem era casado com uma mulher teimosa. Teimosa e mandona. Um dia êle trouxe para casa três pêssegos muito bonitos. Vai a mulher e queria dois.

— Não, mulher. Vamos repartir direito: cada um come um e meio.

— Não. Eu como dois.

— Não come.

— Como dois! Como dois! Como dois!

O marido perdeu a paciência, atirou-lhe a tranca da porta e a mulher caiu desacordada. O desmaio durou muitas horas; julgaram-na morta e levaram-na para enterrar. Quando ia chegando ao cemitério, um dos carregadores tropeçou e com o choque ela recuperou os sentidos. A primeira coisa que fez foi berrar, com quantas fôrças tinha:

— Como dois!

Os carregadores pensaram que era com eles aquilo e saíram correndo.

Figurinha do Presépio

Em hora doce e tranquila,
Que mão delicada, ignota,
Te fez de um pouco de argila,
O' figurinha devota?

Te pôz um riso na boca,
Te pôz no olhar tal encanto,
E deu a cousa tão pouca
Tanta vida, enlevo tanto?

Murmúra o lábio uma prece.
As mãos ofertam afagos,
E teu rosto resplandece
Na luz da estrela dos Magos.

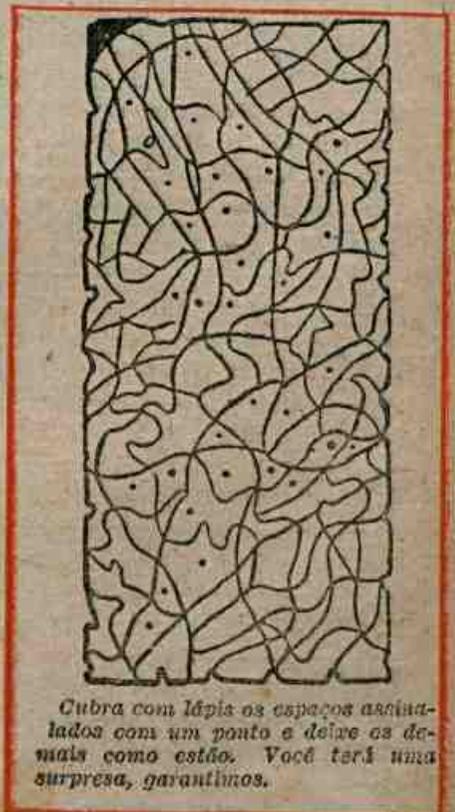
Si cantáras por ventura,
O teu cântico teria
D'um Padre Nosso a ternura
A paz d'uma Ave Maria.

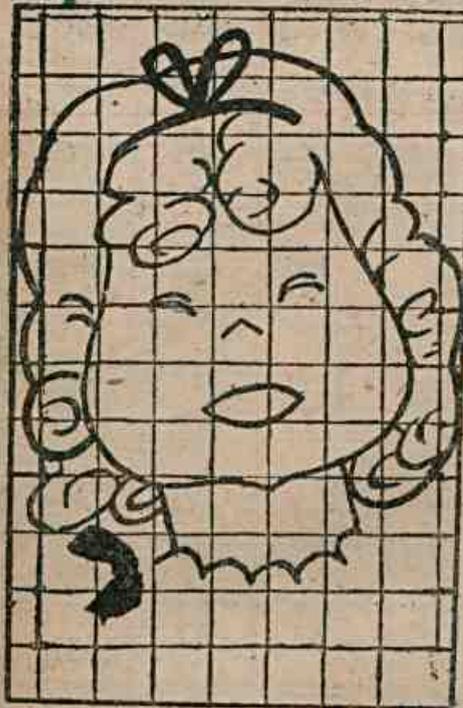
Dedos ingenúos, benditos,
Que tal milagre fizeste;
Quanto podem olhos fitos
Sempre nas cousas celestes!

O' devota figurinha,
Que devotas mãos fizeram,
Dá-nos a nós um nadinha
Da alma pura que te deram!

João da Camara

Mais altas montanhas do Brasil

Bandeira	2.950
Agulhas - Negras	2.948
Roraima	2.600
Marins	2.422
Imbú	2.411
Pedra - Assú	2.230
Caraça	1.955
Itambé	1.823
Piedade	1.783
Itacolomi	1.752
Frade de Macaé	1.750

Cubra com lápis os espaços assinalados com um ponto e deixe os demais como estão. Você terá uma surpresa, garantimos.

Faça êste retrato

Primeiro, quadricula-se um papel. Depois, é só ir copiando os traços sôbre cada quadradinho, de maneira a ir reproduzindo o retrato da menina. Com habilidade e paciência será fácil obter exito.

Um jogo para vocês

Êste jogo é um dos mais divertidos e como se torna fácil haver muitos enganos, também, por isso mesmo, faz pagar muitas prendas.

O primeiro jogador a falar diz, por exemplo, o seguinte: — "Entrei numa loja e comprei uma escova de dentes" e faz ao mesmo tempo, o gesto de esfregar os dentes.

O segundo jogador diz: — "Entrei numa ..ja, comprei — aqui faz o gesto de esfregar os dentes — e um pente". Faz gesto de se pentear.

O terceiro jogador, depois de repetir a frase de introdução, faz de conta que esfrega os dentes, acrescenta: "e um..." e faz de conta que se penteia, acrescentando ainda: "e uma guitarra" fazendo o gesto de tocar êste instrumento.

E assim por diante, quantos forem os jogadores, quantos são os objetos que se vão acrescentando e aumentando cada vez mais a confusão. Por cada engano se paga uma prenda.

Historia do papel-moeda

Em 1684, como o governador do Canadá não tivesse já em seu poder, moeda suficiente para pagar o soldo dos 400 homens que compunham o exército do Rei de França, lembrou-se de usar para êsse efeito cartas de jogar, cortadas em quatro partes.

Em cada um dêsses quartos inscrevia o seu valôr em letras e algarismos. Foi assim que criou a primeira nota de Banco, garantida pela assinatura que seria em breve confirmada pela do rei.

Nessa época, nada parecido existia em nenhum outro País. Havia muitas letras de câmbio — na China existiam há muito tempo — e cartas de crédito, estas inventadas no século XIII, mas o novo papel não era nem uma letra de câmbio, nem uma carta de crédito.

COMO FOI INVENTADA A AGULHA DAS MÁQUINAS DE COSTURA?

Uma das maiores dificuldades que o inventor das máquinas de costura teve de vencer foi o que dizia respeito ao buraco das agulhas. A sua idéia primitiva era usar agulhas como as vulgares, isto é, tendo o orifício na parte mais grossa, mas não conseguia assim obter bom resultado e teria acabado por considerar impossivel a realização da sua idéia se não fôsse por um sonho que teve.

Nunca lhe tinha ocorrido que as agulhas pudessem ter o buraco na ponta, porém, uma noite sonhou que estava construindo u'a máquina de costura para um rei selvagem dum País desconhecido, e tal e qual como lhe sucedia acordado, não sabia como havia de resolver o problema do buraco da agulha. O rei concedera-lhe um prazo de vinte e quatro horas para acabar a máquina. O inventor trabalhava com afinco e dava voltas ao problema sem achar a solução, até que, por fim, expirou o prazo e apareceram-lhe uns guerreiros dispostos a matá-lo, ferindo-o na cabeça com umas lanças que tinham um orifício junto da ponta; imediatamente o inventor viu a solução desejada e quando principiava a pedir uma trégua, acordou. Eram quatro horas da manhã, mas, apesar disso, saltou da cama e dirigiu-se à oficina, e quando eram nove horas já tinha fabricado uma agulha tôsca, com buraco na ponta.

Desde êsse momento ficou vencida a dificuldade principal para a invenção da máquina de costura.

UMA TABELA ÚTIL

VOCÊ quer saber o dia da semana em que cai, em 1947, ou em 1945, a festa de Natal? Ou em que data cairá a festa de Corpus-Cristi em 1950? Veja então a tabela abaixo, onde qualquer pessoa poderá saber, com antecipação, dias e datas de várias festas móveis, a partir dêste ano até o ano de 1950.

	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950
1º. DO ANO	Sexta	Sabado	Seg.	Terça	Quarta	Quinta	Sab.	Dom.
Epifania (Reis) 6/1	Quarta	Quinta	Sabado	Dom.	Seg.	Terça	Quinta	Sexta
Ascenção do Senhor	3/6	18/5	10/5	30/5	15/5	6/5	16/5	18/5
Corpus Cristi	24/6	8/6	31/5	10/6	5/6	27/5	16/6	8/6
São Pedro e São Paulo 29/6	Terça	Quinta	Sexta	Sab.	Dom.	Terça	Quarta	Quinta
Assunção 15/8	Dom.	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Dom.	Seg.	Terça
Todos os Santos 1/11	Seg.	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado	Seg.	Terça	Quarta
Im. Conceição 8/12	Quarta	Sexta	Sabado	Dom.	Seg.	Quarta	Quinta	Sexta
Natal 25/12	Sabado	Seg.	Terça	Quarta	Quinta	Sabado	Dom.	Seg.

AS MOEDAS ORGULHOSAS

ISTO se passou há muito tempo, quando ainda existiam vintens.

Mariazinha ganhára um cofre, o n d e contava guardar as moedas que lhe davam os seus, tôdas as vezes que tomava um remédio ou ficava em casa sem fazer manha quando mamãe saía de visita. Com o dinheiro que juntasse, pensava comprar uma boneca da sua altura, que vira numa vitrina, um relogio que marcasse as horas, um automovel "de verdade" e mais uma porção de coisas que viviam desafiando o seu instinto de mulherzinha cheia de sonhos.

Estréiou o cofre um modesto vintem dado pelo irmão, o Juquinha.

Pouco depois, uma moeda de duzentos réis, obsequio da vovó, foi fazer companhia ao vintem. E' aqui que começa verdadeiramente a história.

— Mas isto é o cumulo! — berrou o niquel. — Realmente não sei o n d e Mariazinha tem a cabeça, pois me coloca ombro a ombro com essa miseravel rodela de cobre! Não faltava mais nada, — eu, niquel, e do melhor, em contacto com um mendigo, u m objeto nauseabundo, que até cheira mal! Crêdo! Si desta vez não apanhar uma molestia séria, é porque Deus é grande!

O vintem encolhido na sua modestia, ouvia calado aquele destampatorio todo.

Dias depois, Mariazinha, que se havia portado bem enquanto mamãe fôra ao teatro, recebeu em recompensa um presente que dava inesperada importância ao seu patrimonio. Fechou-o na mãozinha e dirigiu-se correndo ao cofre: ouviu-se um ruido, e uma pratinha de dois mil réis foi fazer companhia às outras duas moedas.

A pratinha, no começo, não distinguia nada, metida na penumbra daquele calabouço. De repente, acostumando-se-lhe a vista à escuridão, percebeu num relance que o indivíduo que a estava acotovelando era o niquel de duzentos réis. Aquela descoberta deixou-a por um momento muda de espanto. Quando pôde recuperar a voz, prorrompeu em impropérios: — A tanto havia descido no conceito dos homens, que se via atirada ali, ao lado de um imundo niquel de duzentos réis! Teriam d e s a p a r e c i d o as categorias sociais?

O niquel, longe de curvar a cabeça sob aquela saraivada de insultos, pensou reagir. Mas, mal abrira a bôca para protestar, a pratinha anavalhou-o com um berro: — "Cale-se! Então, não se enxerga, abrindo o bico na minha presença?" E foi por aí além, que era um horror ouvi-la.

O vintem ria silenciosamente: que lição!

E o tempo foi passando. A pratinha não desamarrava a cara, sentindo a indignação roer-lhe as entranhas, pelo pouco caso com que fôra tratada exposta ao vexame daquele contacto. O niquel, preocupado com a atitude da pratinha, já nem se lembrava do vintem.

Chegou o dia do aniversario de Mariazinha. Logo cedinho, papai foi pé ante pé ao seu quarto de dormir e, no cofre, que a menina deixava sempre ao pé da cama, introduziu u m a moeda. Instantes depois, partiam de d e n t r o exclamações horrorizadoras. Os gritos eram tão estridentes que Mariazinha despertou. Precipitou-se para o cofre, abriu-o e dele pulou uma libra esterlina — a moeda com que seu pai a presenteava.

— Isto é uma indignidade! — bradou a libra. Onde estou que não os despedaço a todos?

— Mas que foi, que foi?! — perguntou Mariazinha assustada.

— Que nôjo, ai! — cuspiu de lado. Como me podem fazer semelhante afronta? Imaginem só! Acabo de roçar numa moeda de prata!

Aqui termina a história.

E' bom que os orgulhosos, que com tamanho desprezo tratam os que abaixo deles se encontram, vejam como sempre haverá outros acima da sua condição, prontos a agirem para com eles com a mesma injustiça e maldade.

CRISTOVAM DE CAMARGO

QUANDO É "MEIO-DIA" NO RIO...

RIO DE JANEIRO
12.00 horas

MÉXICO
8,23 horas

CHICAGO
9 horas

HAVANA
9,16 horas

NEW-YORK
10 horas

WASHINGTON
10 horas

SANTIAGO
10 horas

MONTEVIDEU
11,01 horas

BUENOS AIRES
11,07 horas

I. MADEIRA
14 horas

PARIS
15 horas

LONDRES
15 horas

LISBOA
15 horas

MADRID
15 horas

BRUXELAS
15 horas

HAYA
15 horas

GENEBRA
16 horas

LENINGRADO
17,01 horas

MOSCOU
17,01 horas

PEQUIM
22,46 horas

NATURALMENTE vocês já ouviram falar nisto: que as horas, nas diferentes cidades do mundo, não correspondem exatamente. Ou, melhor, que a certa hora no Rio, por exemplo, corresponde outra hora em Londres, em Paris, Cairo, Montevideu etc.. Isso se dá em consequência da diferença de posição de cada ponto do globo terrestre em relação ao sol, e não é fácil entrar aquí em maiores detalhes de modo a que vocês, que são ainda pequeninos, compreendam isso perfeitamente.

Por êsse motivo é que às vezes vocês ouvem dizer que tal coisa ocorreu, por exemplo, em New York, a tantas horas "hora local", o que significa que alí, naquela linda cidade é que eram "tantas horas", no momento do acontecido, e não na cidade onde se está lendo a notícia.

Para vocês verem a diferença entre as horas nas diferentes principais cidades do mundo, tomemos para base as 12 horas, ou meio-dia, no Rio de Janeiro.

Ao bater meio-dia aquí na nossa maravilhosa cidade os relógios de Londres, Buenos Aires, Bruxelas, Pequim, Washington, Lisboa, Havana, Santiago, etc., marcam horas diferentes. Quais são essas horas? E' o que vocês vão ver nos diferentes relógios nesta página.

O BARÃO DE RAPAPÉ

NÃO HÁ COMO A GENTE CONHECER QUIMICA. PODE FAZER QUALQUER RECEITA E DESCOBRIR UMA PORÇÃO DE COISAS

SOU A NOVA COSINHEIRA
EVA,
SIM-SINHO

VOCÊ SABE FAZER SOPA ORIENTAL? CONHECE QUIMICA?
NUNCA COSINHEI ESSE BICHO

VOU DAR A VOCÊ A RECEITA DA SOPA ORIENTAL

AQUI ESTÁ A RECEITA, EVA. TRATE DE PREPARA-LA CUMPRINDO Á RISCA A FORMULA
O BARÃO DEVE ESTAR SOFRENDO DA BOLA

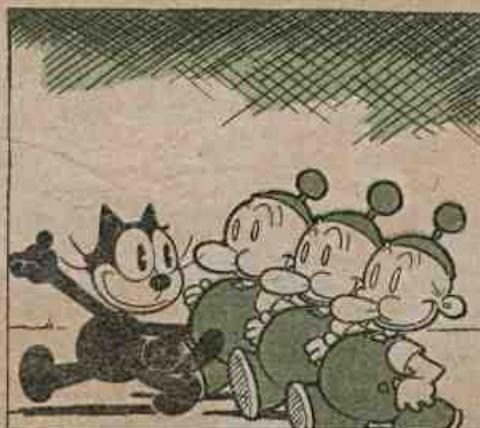
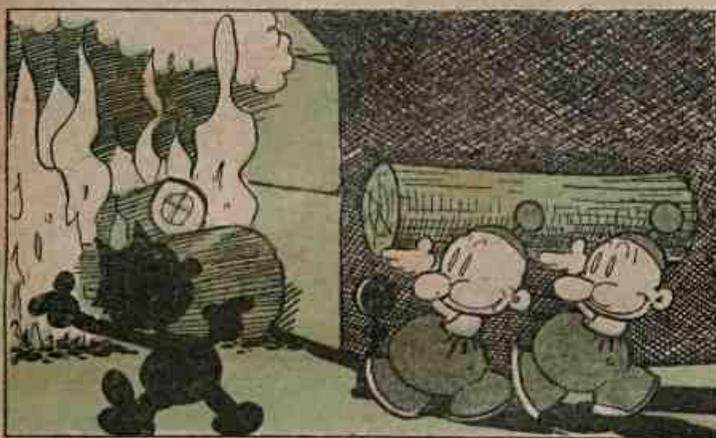
ETÁ! O BARÃO 'TA PENSANO QUI EU SEI LÊ E INSCREVÊ! 'PERA 'I'

NUNCA COSINHEI COM RECEITA. VOU FAZER UMA SOPA QUALQUER QUE VOU CHAMAR DE ORIENTA'

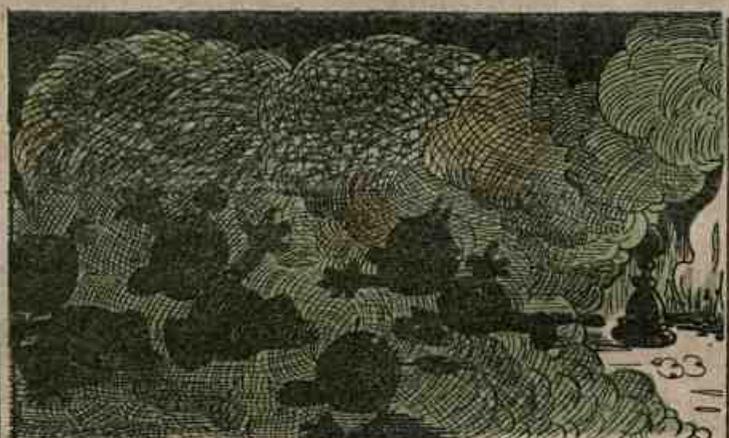
A SOPA URIENTA' 'TA PRONTA "SEU" BARÃO

QUE PAPEL É ESTE DENTRO DA SOPA?
É A RECEITA TAL E QUA'
Yantok

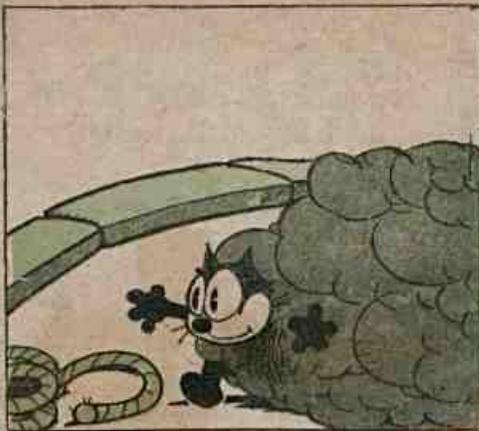
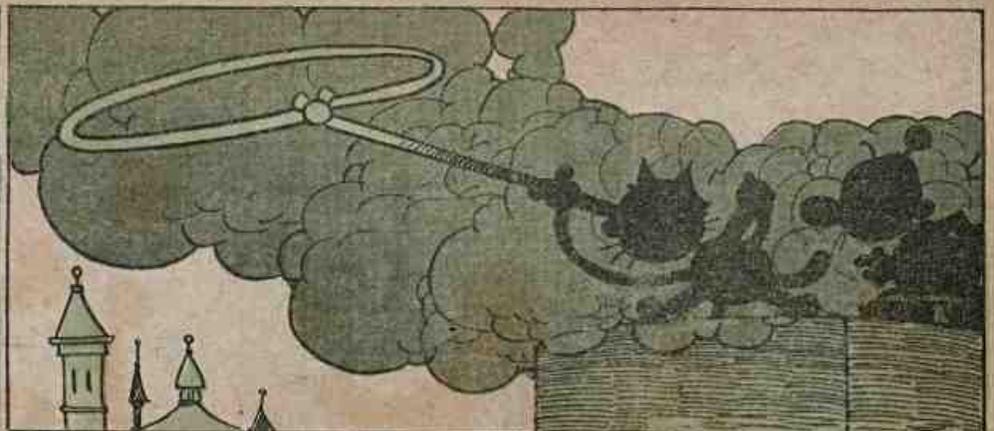
GATO FELIX E O GIGANTE BELELÉU

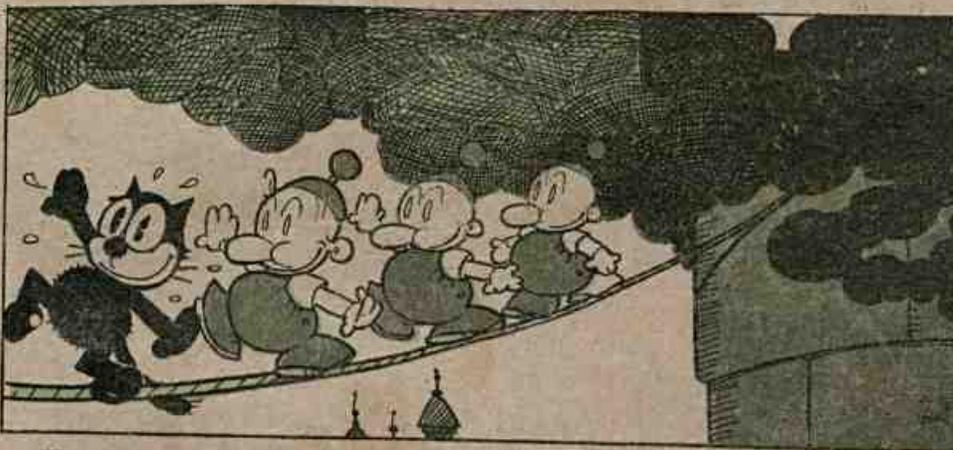
— Está fazendo frio — disse Gato Felix. Fechemos isto..

— Vamos acender a lareira! E' melhor.

— Fôrça, meninos! — animava êle.

Mas o gigante Beleléu estava atento, e mal viu...

...fumo na chaminé correu lá e, com intuitos perversos, cobriu-a.

O resultado foi o que se vê: a fumarada desceu tôda e começou...

...a sair pelas janelas e seteiras do castelo. Beleléu gozava!

Felix e os amigos estavam em máus lençóis!

Mas o nosso herói não se aperta.

Com uma corda, pontaria, espirito de aventura e sangue-frio...

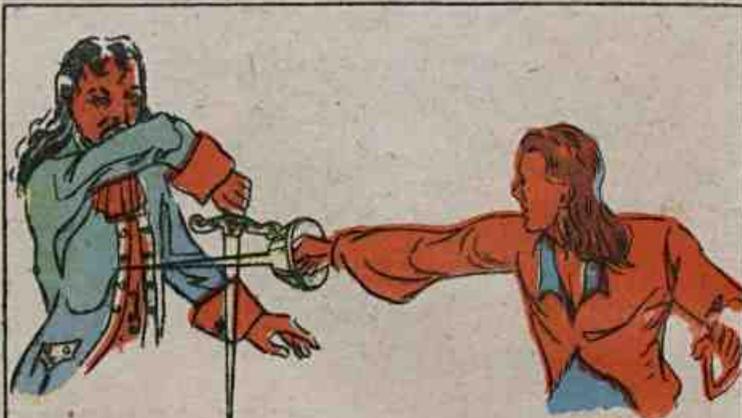
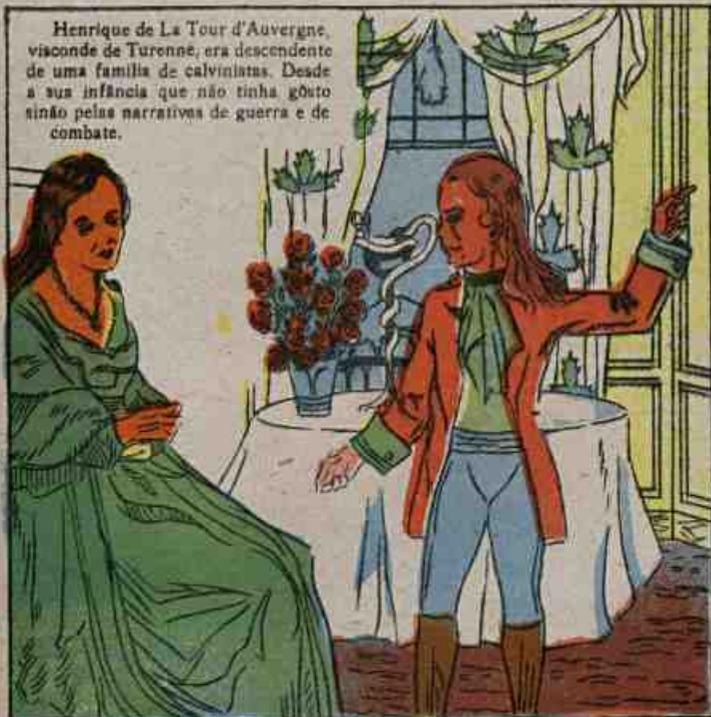
...tratou de solucionar o problema. — Venham, meninos! — gritou, vitorioso.

E atravessaram todos pela corda, equilibrando-se como malabaristas.

— Chegámos, crianças! — gritou.

Desceram, então, pelo poste...

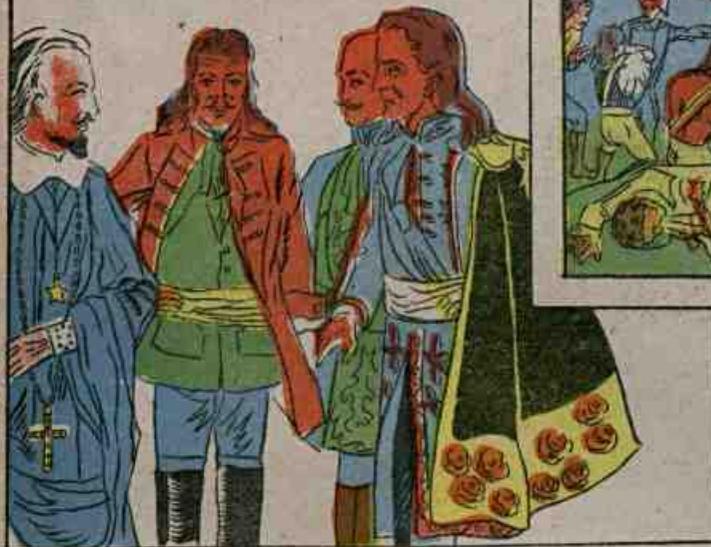
...mas, oh! surpreza! O poste não era mais que a bengala de Beleléu!!

A VIDA DE "LA

Henrique de La Tour d'Auvergne, visconde de Turenne, era descendente de uma familia de calvinistas. Desde a sua infância que não tinha gôsto sinão pelas narrativas de guerra e de combate.

Aos treze anos, sua mãe, cedendo às suas instancias, o enviou para a Holanda, onde estava já seu primogenito, para que aprendesse o oficio das armas debaixo das ordens de Mauricio de Nassau, seu tio.

Morrendo Luiz XIII, foi nomeado marechal de França pela Regente Anna de Austria. Ganhou a batalha de Friburgo com o duque d'Enghien, o grande Condé e a de Nordlingen.

Fez sua primeira campanha como soldado. Serviu cinco anos na Holanda, depois na França e foi nomeado coronel de infanteria pelo cardeal de Richelieu. Fez a campanha de Roussilon, sob as ordens de Luiz XIII.

Fez uma excelente campanha na Suabia, na Franconia e na Baviera, e foi causa do tratado de Westphalia tão vantajoso para a França.

Turenne primeiro tomou parte nos disturbios da Fronda contra a côrte; mas acabou por combater a rebelião, defendeu o jovem rei (Luiz XIV) e venceu o grande Condé, que comandava os revoltados, forçando-o a sair de França.

TOUR d'AUVERGNE"

PO

(Conto para meninas faladeiras)

PAULINA era uma boa menina, mas tinha o máu costume de falar demais, sem refletir nem medir as consequências do que dizia — defeito aliás muito feio e de muito más consequências. E como nem todos dispunham de tempo para prestar atenção a tudo quanto ela queria dizer, escolhera para ouvinte preferida sua amiga Magdalena.

Magdalena ouvia pacientemente todas as conversas da outra, porque, sendo mais moça do que ela, ficava encantada com aquela preferência, que recebia como uma distinção.

Acontecia tambem que o pai de Magdalena era muito rico, e o de Paulina era seu secretário particular. Por isso as meninas estavam quasi sempre perto uma da outra, pois a esposa do secretário era muito boa e muito querida pela esposa do rico senhor Garcia.

Ora, aconteceu certa vez que estando Magdalena à mesa, notou que seus pais estavam sérios, apreensivos, com todos os indícios de que tinham qualquer preocupação. Querendo distraí-los, resolveu contar alguma novidade, e exclamou, dirigindo-se a ambos :

— Sabem da última novidade ? O pai de Paulina vai comprar um automovel !

Os pais de Magdalena trocaram entre si um olhar de inteligência, que a menina interpretou como sendo de incredulidade.

— Vai, sim ! Garanto como é verdade ! Foi Paulina mesmo que me contou, hoje pela manhã, quando esteve aqui. Até me pediu segredo, não sei porque . . . Estou contando a vocês porque não é meu costume esconder nada que me dizem dos meus pais...

Mas isso não é crivel — disse o senhor Garcia. E' mesmo impossivel, querida. O pai de tua amiguinha, como meu secretário, ganha o suficiente para viver bem, mas não para manter um automovel, que é coisa que dá despezas . . .

— Pois, paizinho, tenho certeza. O pai de Paulina foi, até, no domingo, à Exposição de Automovel, escolher o típo . . .

Acabada a refeição, tendo a filha saido da sala, o senhor Garcia e a esposa trocaram impressões.

— Que dizes a isso, minha velha ? — perguntou o industrial, com voz triste.

— Creio que . . . Mas será possivel, meu Deus ? !

— Não devemos nunca fazer juízos apressados — acrescentou êle. E' grave falta perante Deus acusar quem quer que seja de um crime, sem se ter certeza de que ralmente o cometeu. Contudo . . .

— Sim, que prova quereremos nós de que nossas suspeitas são fundadas, diante do que acaba de nos dizer a nossa filha ?

— Tens razão. Embora isso me córte profundamente o coração, reconheço que não podemos duvidar mais.

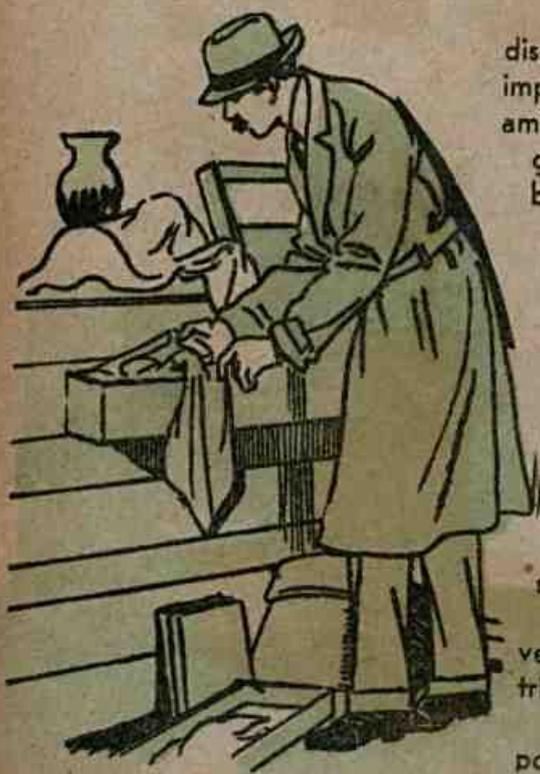
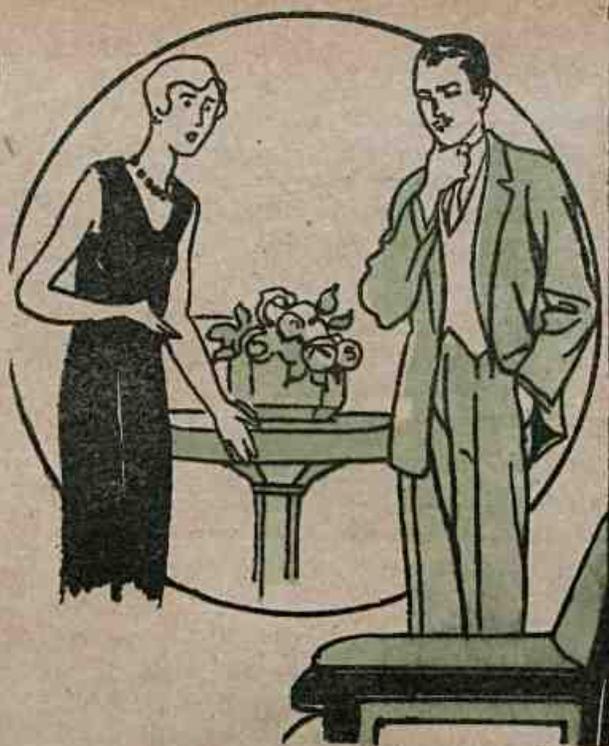
— Mas . . . será possivel ? !

— Os fatos condenam gravemente a pessoa de quem, unicamente, podiamos suspeitar. E eu que o acreditava dono de incorruptivel honradez !

— Se assim é, êle abusou vergonhosamente da tua confiança, e merece indiscutivelmente uma punição séria.

— Tratarei disso — rematou o industrial, cheio de penalisada gravidade.

—oOo—

TENDO dado parte às autoridades de quanto havia ocorrido, não demorou que policiais fossem ter à residência do secretário. Com surpreza, as pessoas da família vi-

COLAR

ram aqueles homens entrando e examinando gavetas, remexendo em tudo, na mais afanosa busca. E como não encontrassem o que buscavam, apezar dos protestos do infeliz senhor Rodrigues, levaram-no preso, pelo menos até que terminassem as averiguações.

A esposa do pobre homem, e Paulina ficaram inconsolaveis, como era natural.

Dois dias depois, entretanto, ocorreu o inesperado: ao abrir uma bomboneira, por acaso, na sala de jantar, a senhora Garcia, mãe de Magdalena, encontrou o colar que, estando desaparecido, fôra causa de toda aquela complicação. Agora, recordava que, ao voltar uma noite do teatro, cheia de sono, colocára a joia ali, provisoriamente, para retirá-la no dia seguinte, de manhã. Tendo esquecido isso, e procurando o colar por todos os recantos do palacete, não sabia mais o que pensar quando, por acaso, a filha lhe contára o que tinha ouvido da boca da amiguinha Paulina — isto é, que o secretário do marido ia comprar um automovel.

Estando com o espírito prevenido, fácil fôra ao casal desconfiar do senhor Rodrigues. E, como consequência, estava o pobre homem detido, humilhado, e sofrendo naturalmente a dôr daquela injustiça enorme.

Trataram, então, de tirar o secretário da cadeia. Para demonstrar-lhe o seu profundo arrependimento, o senhor Garcia melhorou a situação do secretário, e este explicou que tinha ido à Exposição de Automoveis escolher um auto para certo amigo, rico, que o incumbira dessa tarefa, mediante o pagamento de certa comissão dos vendedores.

Tudo fôra causado, pois, pelo vício feio de Paulina, de falar muito, falar àtôa, sem saber bem o que dizia, pelo gosto de tagarelar. A menina, arrependida, jurou à mãe nunca mais fazer assim.

Nada ha mais comprometedor para uma menina, do que falar sem saber o que diz. Quantas ha que repetem frases e palavras que ouviram, por acaso, outras pessoas dizerem, sem lhes conhecer o verdadeiro significado? Estão, assim, correndo o risco de serem mal julgadas, pois há termos que de modo algum ficam bem nos lábios de menina bem educada. A indiscreção de Paulina, e mais o seu desejo de impressionar a amiga menor, de causar sensação, iam causando a infelicidade de seu pai, e tambem a sua.

CONTA a lenda que à margem esquerda do majestoso Amazonas existia, no tempo em que os animais falavam, uma linda e magnifica clareira, localizada bem no centro da Floresta. Parecia que o próprio Creador velava pela paz e sossego desse rincão. Os indios que viviam pelos arredores, os Tuiucas, Uáras e Bororés, nem sabiam da existência de tão formoso recanto.

Era um canto de paz e felicidade, perdido e escondido na imensidão do mundo.

Nem bem nascia o sol e seus raios ainda fracos apenas tocavam a terra, já cópas delicadas das mais belas arvores como que se entreabriam para deixar passar o seu calor esplendido e reconfortante. Então, de cada recanto subiam aos ares as harmoniosas canções dos Passaros-Cantores.

Um a um, a multidão de Passarinhos passava a tomar parte no famoso côro da Floresta. Esvoaçando de galho para galho, apanhando um bichinho, beijando uma flôr, todos os Passarinhos saudavam alegremente a alvorada brilhante do norte brasileiro. Era um verdadeiro Paraiso.

Anos, trás-anos, haviam passado sem que um filhote, siquer, morresse. Quando um acidente fazia um deles cair do ninho, desciam das árvores bandos de Passarinhos que faziam uma verdadeira esteira de pedacinhos de caroá, presa ao bico, e logo repunham no ninho o imprudente. Nunca qualquer bicho inimigo dos Passaros, tinha chegado àquela Clareira da Felicidade. E nessa clan, tão magnifica e tão pura, reinava o belo e imponente Corrupião do Norte, cheio de prestigio e dignidade. A dignidade era a máxima de todos. O respeito, ensinado aos filhotes desde que apareciam as primeiras penas, constituia a grande norma de bem-viver. Rei magnanimo e experiente por hereditariedade, o Corrupião do Norte, com toda a sabedoria, só recomendava um cuidado: nenhum Passaro, grande ou pequeno, devia cantar ao entardecer, no alto de uma grande e linda paineira que existia perto do arroio. E sempre fôra assim.

Um dia, entretanto, em que se comemorava o nascimento de um lindo Pintassilgo, a alegria foi demais na Clareira. Cantavam todos os Passaros em côro magnifico. O solo, extremamente harmonioso, era feito pelo Canario da Terra, famoso tenor. Embeveciam-se todos quando êle trinava. O som mavioso saía, a principio, timidamente de sua garganta privilegiada e ganhava, depois, esplendidamente todas as cercanias. Até as cópas das árvores pareciam encantar-se e como que procuravam acompanhar a harmonia de sua música, baloiçando-se ligeiramente tocadas por leve brisa que soprava.

Desta vez, envaidecido pelo sucesso, que estava obtendo, o Canario da Terra, em certo momento, sentiu que seria mais admirado si se ostentasse no alto da paineira proíbida! Um desejo louco tomou conta do seu inexperiente pensamento. Cantaria do alto daquela paineira! Imaginou o estonteante sucesso que alcançaria! O seu canto, saindo lá de cima, seria ouvido mais longe e maior ainda seria a sua glória!

Foi tudo quanto pôde pensar.

Bateu as asas e mergulhou no espaço, trinando como nunca trinara nenhum outro Canario do mundo. Descreveu uma linda curva e saltitou na relva húmida. Alçou novamente o vôo e pousou numa pequena arueira, no caminho para a paineira. Todos os Passaros, como que tocados por uma percepção sutil compreenderam o temerário intuito do Canario da Terra. Um silencio profundo cobriu toda a Clareira. Sentindo-se observado, um fremito percorreu todo o seu corpo e o Canario da Terra trinou mais e mais.

— Não vá! — gritavam uns.

— Não vá! — advertiam outros.

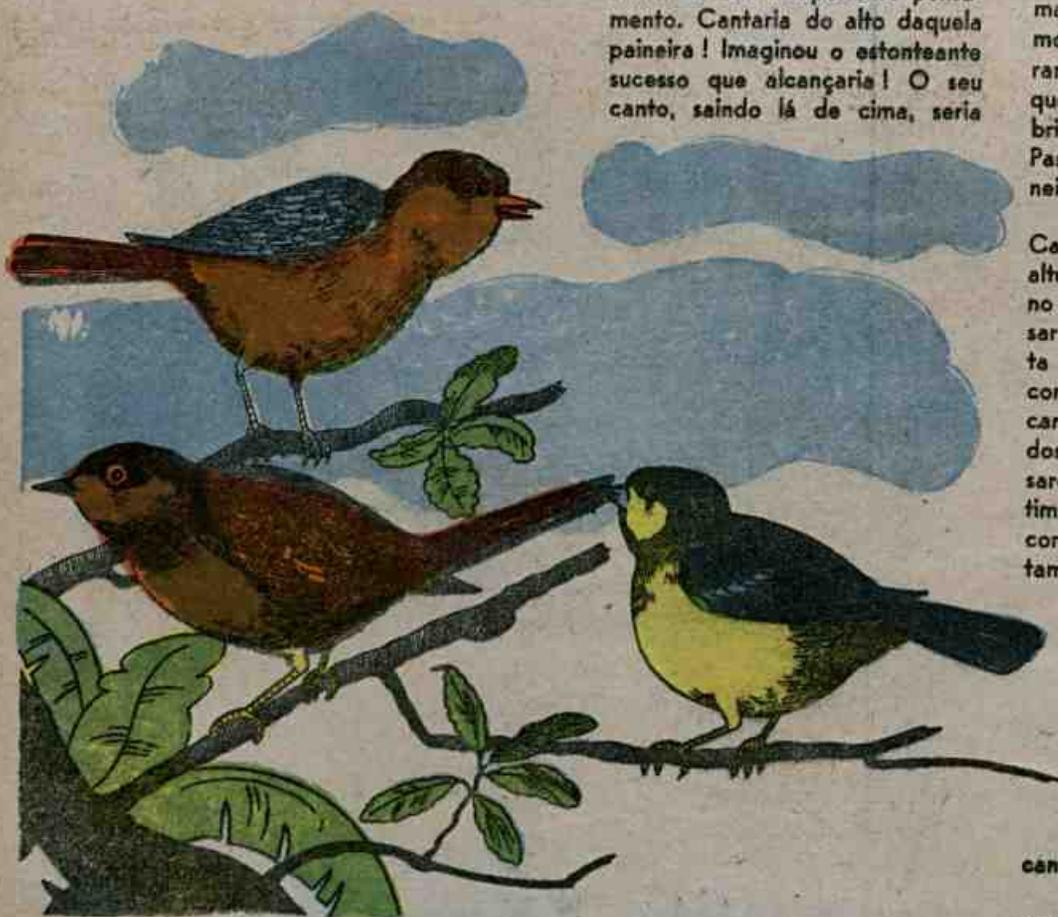
— Volte! — soluçou a mãe do Canario da Terra.

— Não! Não! — disseram em côro todos os Passaros.

Era tarde. A vaidade havia tomado conta do grande Passaro-Cantor. Ele olhou para todos e sentiu a glória próxima, o grande momento ansiado. Por um momento suas vistas, perturbadas, pousaram no Corrupião do Norte. Viu, apenas, que uma nuvem de tristeza e mágua cobrira o rosto severo e sereno do Rei dos Passaros. E lançou-se no vôo, rumo à paineira, cantando estupendamente.

Mas do alto da paineira proíbida, o Canario da Terra sentiu a vertigem das alturas e toda sua glória de músico divino! Cantou desesperadamente. Sem cessar. Com o papinho inchado, a boca aberta e as pontas das asas descoladas do corpo e projetadas para baixo. Sentia-se cansado, mas cantava sempre. Seus trinados eram impressionantes e inumeros Passaros-Cantores choravam com todo o sentimento. A sua música, às vezes, era triste como toda música, bem brasileira, mas, tambem, era forte como nenhuma outra!

Aos poucos foi sumindo o canto do Canario da Terra. Sumindo, sumindo, até desaparecer totalmente. Seu corpo estremeceu levemente. Seu bico ficou aberto e suas asas amoleceram. Quando acharam o seu corpo tão amado, êle tinha a cabecinha partida. O Canario da Terra morrera de tanto cantar a glória do seu dom divino . . .

Uma nuvem de luto e tristeza passou por toda a Clareira. Choravam todos

desesperadamente. Os Pintassilgos, os Ticos-Ticos, os Pardais, toda a família, enfim, dos Passaros do Brasil. Quatro Passaros-Pretos carregaram o corpo do desditoso Canario da Terra. A Canarinha-mãe sofria horrivelmente.

—:::—

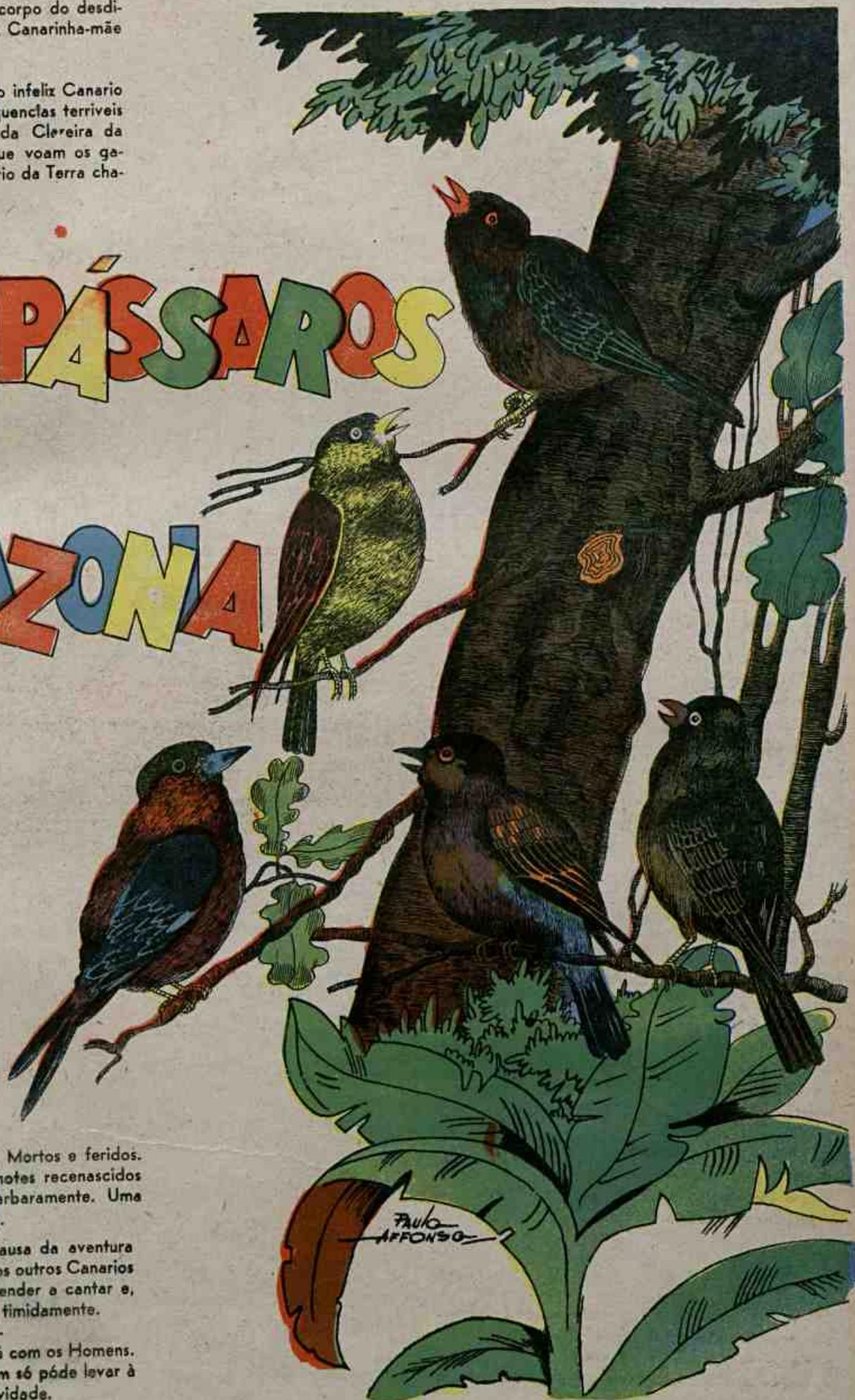
O ato impensado do infeliz Canario da Terra, fôra de consequencias terriveis para todos os Passaros da Clareira da Felicidade. À tarde é que voam os gaviões. O Canto do Canario da Terra cha-

Por SALADINO

mára a atenção desses famintos. E, na manhã seguinte, quando na Clareira brincavam os Pássaros e subiam aos ares os seus canticos maravilhosos saudando alegremente a alvorada brilhante do norte brasileiro, um bando de terriveis e esfomeados gaviões se lançou sobre todos. Mortos e feridos. Passarinhos novos e filhotes recenascidos foram trucidados barbaramente. Uma grande desgraça, enfim.

E, até hoje, por causa da aventura daquele Canario todos os outros Canarios da Terra, custam a aprender a cantar e, no começo, só cantam timidamente.

—:::—

Isso, tambem, se dá com os Homens. Um ato indiscreto de um só póde levar à desgraça toda a coletividade.

OS GRANDES EPISODIOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA

A execução de Tiradentes

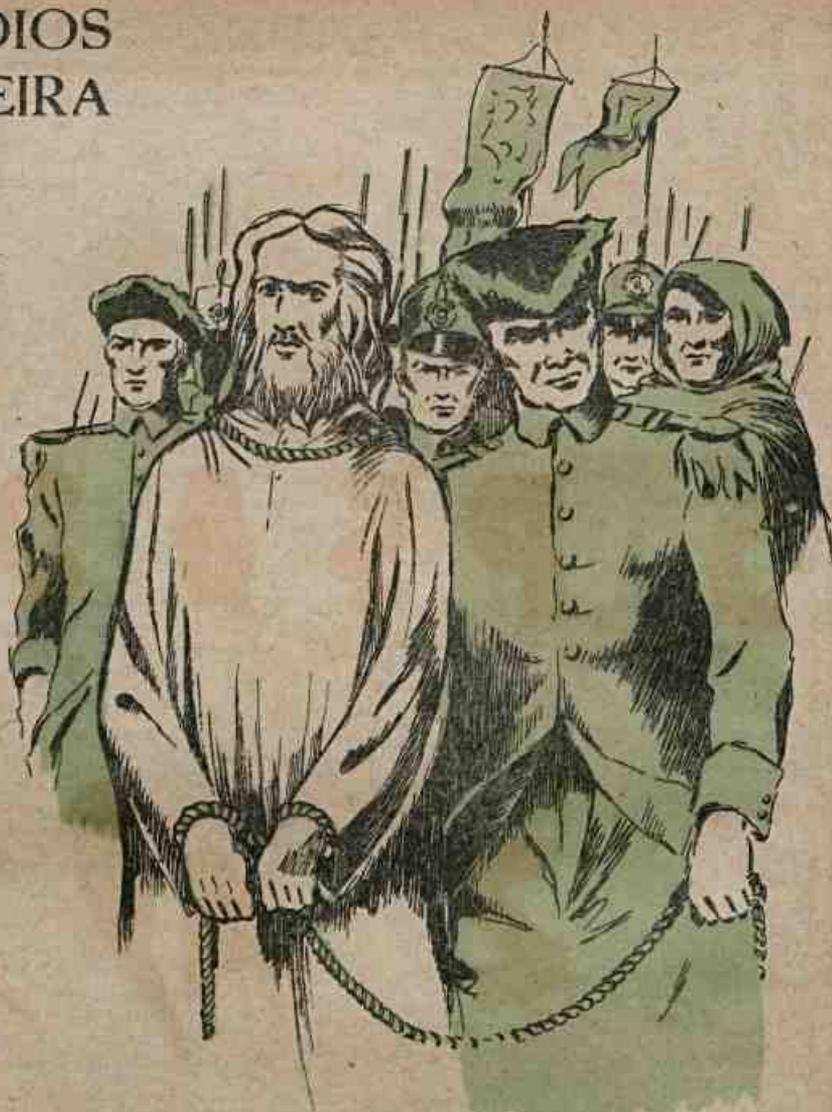
A Inconfidência mineira foi um movimento que tinha por objetivo a independência nacional. Descoberta a trama revolucionária pela delação de Silvério dos Reis, o govêrno do Visconde de Barbacena conseguiu prender todos os seus membros, que eram homens de destaque social, magistrados, poetas, padres, militares, etc. O alferes José Joaquim da Silva Xavier, conhecido pelo alcunha de Tiradentes, era de todos o mais humilde, mas tambem era o mais entusiasta pela causa.

Tiradentes foi preso no Rio, para onde viera em busca de apoio para a revolução. Sua prisão se verificou numa casa da rua dos Latoeiros, hoje Gonçalves Dias. Instaurado o processo, foi êle o único que sofreu a condenação à morte, porque a pena dos seus companheiros foi comutada em prisão e degredo.

* * *

A sentença tremenda foi lida, em presença dos réus, pelo desembargador Francisco Luiz Alvares da Rocha. Tiradentes foi o único, tambem, que recebeu a condenação com serenidade de animo. Animava os outros. Escutara aquela leitura com coragem, sereno diante do despotismo, certo de que seu sangue não seria derramado em vão. O documento da justiça portuguesa o considerava "monstro de perfídias" e dizia que "depois de morto, lhe seja cortada a cabeça e levada para Vila Rica, aonde em lugar mais público dela será pregada em um poste alto, até que o tempo a consuma e o seu corpo será dividido em quatro partes e pregadas pelo caminho."

* * *

A 21 de Abril de 1792, deu-se execução à sentença. Foi num dia de sábado. Dia muito bonito ,de sol, de muita luz. A natureza parecia querer glorificar nesse esplendor o mártir da liberdade brasileira.

Comandava as cerimônias o brigadeiro Pedro Alves de Andrade. Os soldados formavam em triângulo, voltados para o patíbulo. Toda a tropa estava vestida em grande gala.

Os clarins soavam por toda parte. Parecia um dia de festa. Os tambores rufavam. A artilharia rodava pela cidade. Havia do govêrno a preocupação de transformar a cerimônia da morte de Tiradentes num acontecimento de alegria coletiva. As famílias foram obrigadas a deixar as suas casas para assistirem a execução do grande mineiro.

Defronte da cadeia, estava postado o esquadrão de guarda do vice-rei. Toda a tropa estava postada da rua da Cadeia até o Largo de São Domingos.

* * *

Tiradentes, serenamente, aguardava a sua hora. O carrasco entrou na prisão. Pediu-lhe perdão, porque êle não era mais do que um executor da justiça. O carrasco chegou a chorar diante da atitude do mártir.

Ao despir a roupa para envergar a alva dos condenados, disse: "Nosso Senhor morreu nú por meus pecados."

Logo depois, formou-se a procissão. Segurando a corda que pendia do pescoço de Tiradentes, vinha o carrasco. Havia irmandades religiosas, os meirinhos, etc. O juís de fóra montava um cavalo ricamente aparelhado, com arreios de prata e laços de fita côr de rosa.

O sol fazia faiscar todos os metais das armas e das fardas.

* * *

Tiradentes, calmamente subiu os degráus do patíbulo. Era profunda a emoção popular. O frade José Maria do Desterro pediu ao povo que rezasse pelo condenado. Resou o Crédo. Tiradentes acompanhou-o. Terminada a préce, o carrasco, que já pendurara a corda, empurrou a vítima para fóra do patíbulo. O grito das milhares de pessoas presentes, foi abafado pelo rufo dos tambores e o toque das cornêtas.

Assim morreu Tiradentes. Vocês todos devem ter pela memória desse homem o mais fervoroso culto. Ele deu o seu sangue e a sua vida pelo ideal da liberdade que conquistamos em 1822. Sua glória é imortal, meus meninos, e, por isso, nunca deixem de ter o seu nome nos lábios como um símbolo da nossa pátria.

RUBIÁCEA, FAROFA E OURO BRANCO — Por DANIEL

Ouro Branco, por acaso, descobriu um segredo da trinca Canudo, Côco e Gema. Êles prenderam o "tótó" de Mme. Petit-Pois e vão receber os 50$000 que ela oferece como gratificação, pelo jornal.

Radiante, correu a contar a descoberta aos amigos Rubiácea e Farofa, expondo-lhes um plano que tem de desmascarar aquele mal feito. Os outros logo aprovam o plano e então ...

... telefonam à dona do cão e lhe dizem onde êle está. Mme. Petit-Pois corre ao porão ...

... do Dr. Canudo, que é seu inquilino na "Avenida das Flôres" e verifica que de fato o "tótó" está ali prisioneiro.

Chama o Dr. Canudo e lhe faz uma ameaça: vou dar parte à polícia que o senhor roubou meu cachorro!

Furioso com os traquinas, o Dr. Canudo castigou todos êles.

E Mme. Petit-Pois cumpriu a promessa feita pelo jornal: deu a êles os cincoenta!

A trinca adversária foi aprisionada no porão pois o Dr. Canudo pensou mesmo que Mme. Petit-Pois fôsse capaz de dar queixa à Polícia pela travessura dêles. E que raiva tiveram êles, quando os outros lhes vieram mostrar os cincoenta mil réis!!!

O DINHEIRO FOI ESPICHADO UM BOCADO POR ÊLES E DEU PARA BRINQUEDOS, PRESENTES, CINEMA, SORVETES E LIVROS.

O ENGENHO DOS DOIS GATINHOS

Os dois gatinhos haviam terminado com sucesso os seus exames, e tinham, portanto, direito de pedir à mamãe algumas coisas, que ela, satisfeita com êles, não negaria, é claro.

Tendo vontade de fabricar um carro, e não possuindo as rodas para êle, tiveram logo uma idéia maravilhosa. Com os dois rolos compressores da velha máquina de espremer roupa, poderiam fabricar um carro e tanto !

Foram pedir a dona Gata e ela, achando o pedido justo, pois os rolos não prestavam mais serviços, concordou em fazer presente dêles aos queridos filhinhos estudiosos.

Os dois ficaram radiantes! A mamãe era boa para êles, mas êles compreendiam que se não tivessem passado nos exames com boas notas, revelando gosto pelo que o professor lhes ensinava, e sendo sempre bem comportados nas horas de aula, não conseguiriam, agora, com tanta facilidade o que desejavam.

Porque é sempre assim que acontece: quando os filhinhos são estudiosos, aplicados, amigos de guardar com cuidado seus livros, de andarem sempre limpos e bem arrumados, os pais nunca negam o que êles lhes pedem.

O irmão Gatinho era engenhoso e prático. Com os rôlos, um caixote velho, algumas tábuas, um martelo, pregos, uma verruma, e outras ferramentas, e auxiliado preciosamente pela irmãzinha Gatucha, de quem era muito amigo, conseguiu construir um carro que era um encanto, uma verdadeira maravilha !

Fazer pequenos trabalhos dessa natureza, carros, pequenos bancos para jardim, prateleiras, mesas para as bonecas, cabides, casinhas para os cães, etc., é uma diversão muito agradável e bastante útil para os meninos, que aprendem, assim, a realizar coisas úteis, desenvolvendo sua faculdade de inventar.

Num abrir e fechar de olhos, o carro estava pronto. Ficou uma verdadeira obra-prima, ou seja uma coisa bem feita, bem acabada e capaz de orgulhar o seu autor. Aliás, tudo o que a gente faz, deve ser assim, bem feito, de modo a não envergonhar quem o executou, na hora de dizer: FUI EU QUEM FEZ.

E como Gatinho e Gatucha são irmãos muito unidos, muito amigos, aquilo foi um prazer para êles, poder saírem pelas estradas próximas, correndo naquela viatura formidavel, que os levava a todas as partes...

Delicado com a irmãzinha, Gatinho fazia questão de que ela fôsse dentro do carro, sem rezingar nem brigar por querer ser levado por ela. Assim fazem os bons irmãos, é claro. Não acham vocês ?

TRÊS PROEZAS DE FERRABÓDE

POR DONAT

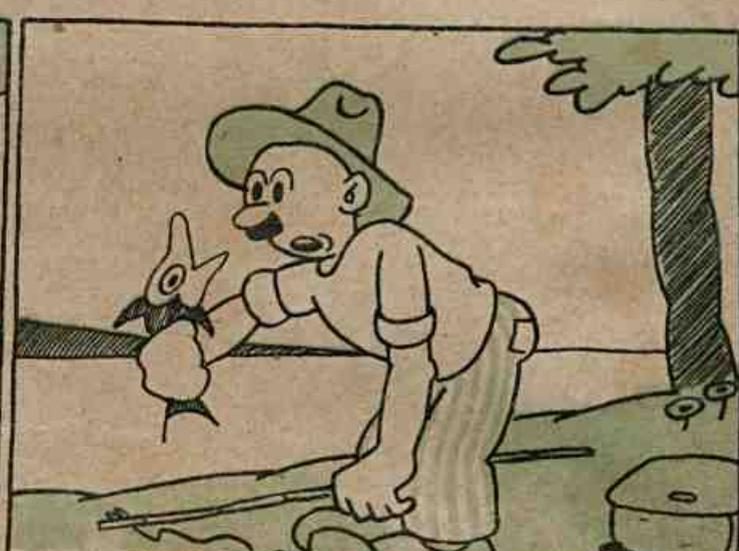
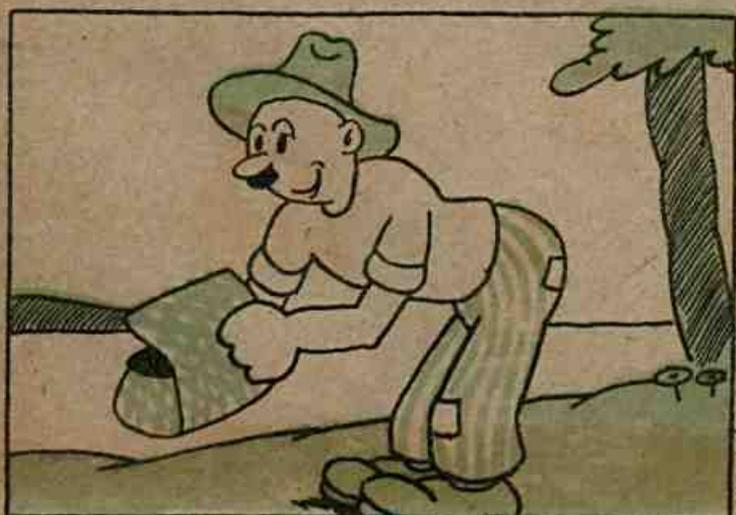
DE ONDE VEIO A PALAVRA "BIBLIA"?

O papel foi inventado pelos chineses. Os arabes aprenderam a fabricá-lo e transmitiram os métodos de fabricação aos povos ocidentais. Mas a palavra" papel" vem de "papiro", planta aquática das margens do Nilo. Seu caule era aberto, imprensado, seco ao sol e enrolado, para ser vendido aos gregos, romanos e povos vizinhos. O nome grego do "papiro" era biblos", de onde veio a palavra" Biblia".

O PESCADOR E A TAINHA

Um homem estava, certa vez, à beira de um rio a pescar, quando ao sentir a linha beliscada, puxou e fisgou uma pequena tainha.

Quando lhe tirava o anzol da boca, notou com grande surpresa que a tainha falava qualquer cousa.

Implorou-lhe o peixinho, chorando de fazer dó, pedindo pelo amor de Deus que lhe désse liberdade.

O homem, embora muito espantado com àquele peixe sobrenatural, não o soltou, pois estava louquinho por comê-lo frito.

Não vês que ainda sou muito pequena e não valho quase nada? Se me deixares voltar agora para a agua e me pescares quando eu for maior posso ser-te mais util, disse a tainha, mas o homem meteu-a na cesta.

E foi para casa dizendo pelo caminho. «Pescar mais tarde? Então eu sou tolo? Pelo menos já agora a tenho na bolsa! Mais vale um passaro na mão do que dois a voar e antes um pequeno bem que é certo do que um grande bem que não passa de uma esperança.

OS DOIS NAVIOS

Por SEBASTIÃO FERNANDES

FOI numa baía de águas muito azuis. As duas embarcações, ao chegarem ao cáis, avistaram-se.

Uma era navio desses altos, chamados transatlânticos, porque atravessam o oceano Atlântico. De corpo bojudo, com chaminés gordas e fumaça negra, mais parecendo, pelo tamanho, um arranha-céu boiando. Estáva se aproximando do cáis dos guindastes, onde do seu bojo seriam retiradas mercadorias que encheriam várias casas.

O rebocadorzinho, muito trabalhador, com sua chaminézinha que parecia de brinquedo, aflito tambem para encostar, foi ficando nervoso e apitou.

O transatlântico arregalou os olhos e foi logo dizendo:

— Vá se afastando porque si não eu o espremo contra o cáis.

O rebocador, muito esperto, ligeiro, acostumado a ter pela frente esses bichanos, não se intimidou com a voz possante. Deu meia-volta em marcha-a-ré e nem ligou.

O navio soltou uma baforada pelá grossa chaminé e avisou:

— Sou assim: nada de confiança com pirralho. Afasta-se, porque aqui só chegam navios poderosos.

O rebocador remexeu-se com a passagem duma onda que nem movimentou o navio e respondeu:

— Eu tambem posso me encostar, porque estou trabalhando e todos somos iguais.

O paquête soltou uma gargalhada que estremeceu o mar:

— Qual igual, qual nada! Olhe o meu tamanho. Não vê que para tirar o que carrego são precisos enormes guindastes e você nada póde carregar porque é fraquinho?

A marola bateu no rebocador e quasi os dois barcos se encontraram.

— Sou fraquinho e pequeno, mas para você chegar até aqui quem o trouxe fui eu. Minha função é indicar o caminho. Orientar.

— Que prózinha, hein? Então por que esta parte da baía é um pouco baixa e eles precisam de alguem para me indicar o canal, julga-se com maior valor do que eu? Que bôbo! E lá depois da entrada da barra por que não vai como eu ao mar alto? Por acasso você aguenta um temporal?

O rebocador respondeu:

— Não sou culpado de me haverem construido pequeno, mas isso não quer dizer que não sejamos iguais e que tenha tambem chaminé, âncora, leme, caldeira e mastro para todas as bandeiras.

Mesmo rindo o grande navio falou:

— Iguais. Bobinho... Mas trate de se afastar porque não posso ficar distraído com conversas e preciso trabalhar, si me atrapalho, basta um pequeno tranco para amassá-lo contra o cimento.

O rebocador era obediente. E já ia recuar meio tristonho, quando viu do bojo do navio uma grossa fumaça e a cara triste do paquête:

— Ai! Ai! Que estou me queimando.

Houve um alvoroço no cáis e em todas as embarcações. Enquanto isso todos os apitos tocavam; era uma barulhada de silvos e sirênas. E o navio, não se contendo, disse para o rebocador:

— Corre! Corre! Vai buscar os bombeiros que eu já não aguento. Você é pequeno mas póde correr para me salvar, vai buscar água para apagar esta fogueira.

O rebocador saiu correndo para ir buscar os bombeiros; e ainda no meio da baía pensava:

— Tão presunçoso, coitado. Não queria acreditar que todos nós somos iguais e acabamos mais tarde ou mais cêdo precisando dos outros e, como os vaidosos, recebendo a lição...

Deu um apito e rápido foi procurar os bombeiros.

UM PRINCIPE EMPRESARIO — Des. de Ed. Silva

Quando o donatario da Capitania de Pernambuco, Duarte Coelho, veio tomar posse dela, gastou de seus haveres importancia que hoje atingiria a muitos milhares de contos de réis. Adquiriu armas, munições, utensilios, material; armou navios, contratou homens darmas e trabalhadores. Trouxe parentes, agregados e tôda a familia. Não era um aventureiro. Pertencia à alta linhagem portuguesa. Desejou realizar, como de fato o fez, uma obra de civilisação. Assim desinteressou-se pela mineração que enriquece fácil, mas torna o homem instavel e aventureiro. Preferiu agricultura que trás a abundancia, radica o homem à terra, facilita a familia e os costumes morigerados. Incentivou a vida na capitania, dando o exemplo do trabalho, auxiliando a uns e a outros, fazendo o colono sentir-se seguro da sua propriedade, pelo policiamento e pela aplicação indistinta da justiça. Assim, a agricultura e o comércio se desenvolveram de tal maneira que Pernambuco se tornou a região mais prospera do Brasil. Era essa a situação, com engenhos de açúcar florescentes por tôda parte, quando os holandeses resolveram invadir o Brasil.

Os holandeses assaltaram o Recife e saquearam a cidade. Como seria dificil, para eles, conservar a posse de Olinda, incendiaram-na. Foi com o material retirado dos escombros de Olinda que puderam fazer algumas construções de que tanto se fala, como o palacio Friburgo. Mas êste palacio foi por eles mesmos quasi totalmente destruido quando, depois do combate das Tabócas, se viram apertados no Recife. Haviam transformado o convento de Sto. Antonio no Forte Ernesto, levantando em cada canto um baluarte. Para aumentar o campo de tiro dos canhões do Forte Ernesto, arrazaram grande parte do palacio que lhe ficava defronte.

UM PRINCIPE EMPRESARIO – Por MARIO IMBIRIBA

Quando Matias de Albuquerque resolveu abandonar a resistencia em Pernambuco e se retirar para Alagôas, mais de oito mil moradores, os mais ricos, o acompanharam. Entretanto os colonos se mostravam cada vez mais irritados com os invasores. Havia um estado de revolta surda. Os Pernambucanos respondiam com emboscadas e guerrilhas. Para atraí-los o invasor mandou anunciar que se aquietassem porque permitiria liberdade de religião e de comércio. Aqueles que se deixaram iludir, por bôa fé ou por não poderem se retirar, breve viram que o holandês dava liberdade, mas se o colono fosse protestante, ou embarcasse as suas mercadorias pelos navios holandeses. A invasão não foi obra do govêrno, mas de comerciantes que se reuniram em Companhias para explorar a pilhagem e o saque. Vendo que a nova colonia não rendia como esperavam, estavam desgostosos. Os Estados Gerais, então, conseguiram um Príncipe para dirigir os negocios da Companhia em Pernambuco. Mauricio de Nassau, exibindo título de fidalguia, poderia fingir propositos mais louvaveis e conseguir aquietar a população.

MAURICIO DE NASSAU

O principe ao chegar a Pernambuco entregou-se logo, com algum sucesso à atividade guerreira. Conquistou Porto Calvo e fez uma perseguição vigorosa pelo rio S. Francisco, aos pernambucanos. O malogro da conquista da Baía, em abril de 1635, o desilude e faz voltar as suas vistas para a administração, na qual predomina a construção de palacios para a sua vaidade e conforto. Além do palacio, Nassau mandou construir uma ponte ligando o Recife a Ilha de Antonio Vaz, que hoje constitue o bairro de Sto. Antonio. O arquitecto, Baltazar de Afonseca, chegou levantar 15 arcos de pedra, porém teve que parar a obra porque o Conselho de Holanda recusou pagar os 240.000 florins, em quanto estava orçada. Como o fato dêsse motivo a censuras Mauricio mandou concluir, com madeira, a metade que faltava. Reconstruida várias vezes, hoje ela se ostenta magnifica com o nome do principe. No dia da inauguração Nassau fez anunciar que se veria em **Mauricéia** uma coisa maravilhosa: um boi voar! Melchior Alvares, rico comerciante, morador à rua hoje do Imperador, possuia um boi tão manso que entrava nas casas livremente e todos o afagavam. Fazia até a proeza de subir escadas com facilidade se o conduzissem. Nassau o pediu emprestado, porém, com antecedencia mandou empalhar um boi igual, no tamanho e na côr, de forma que representava perfeitamente o boi de Melchior. Chegada a hora do prodigio fez passear pelo meio do povo o boi de Melchior Alvares, para que todos o vissem e, depois, o introduziu em um recinto fechado de onde saiu pelos ares, suspenso por um fio... o boi empalhado. Com essa proeza conseguiu 1.800 florins, pois as "entradas" eram pagas...

O REI DA MONTANHA

ERA uma vez um comerciante muito rico que vivia numa pequena cidade e que tinha dois filhos, um menino e uma menina. Toda a sua riqueza estava a bordo dos seus dois navios, que êle esperava a todos os instantes, mas um dia chegou a triste notícia de que os navios se tinham perdido e o comerciante ficou pobre, só com uma quinta muito pequena.

Uma tarde que êle passeava na quinta com um ar muito triste, chegou-se-lhe ao pé um gnomo muito feio, que lhe perguntou:

"Porque estás tão triste?"

"Porque perdi todo o meu dinheiro", respondeu o comerciante, "e só me ficou este bocado de terra."

"Não vale a pena ralares-te", disse o gnomo, "se me prometes dar d'aqui a doze anos a primeira cousa que encontrares no teu caminho para casa, dou-te todo o dinheiro que quizeres".

"Está muito bem", disse o comerciante, pensando que seria naturalmente o seu cão que o iria esperar ao caminho; mas, infelizmente, foi o seu filho quem primeiro encontrou.

Passou-se um mês e o comerciante pensou para si: "eu ainda não tenho dinheiro nenhum; com certeza que o gnomo estava a mangar comigo!" Mas um dia vai ao sotão buscar ferro que lá tinha para vender e encontra-o transformado em ouro. Ficou então muito contente por tornar a ser rico.

Passaram-se os anos e o seu filho cresceu, e era já um homenzinho, quando o pai se começou a lembrar da promessa que tinha feito. O comerciante andava outra vez muito triste e disse ao filho que tinha prometido dá-lo a um gnomo muito feio; o filho não se importou e dizia sempre ao pai que não tivesse medo que êle não se deixaria levar.

Quando chegou o dia em que fazia os doze anos, o pai e o filho foram ao encontro do gnomo. O filho riscou no chão um circulo e meteu-se dentro com o pai. Chegou o gnomo e perguntou ao comerciante:

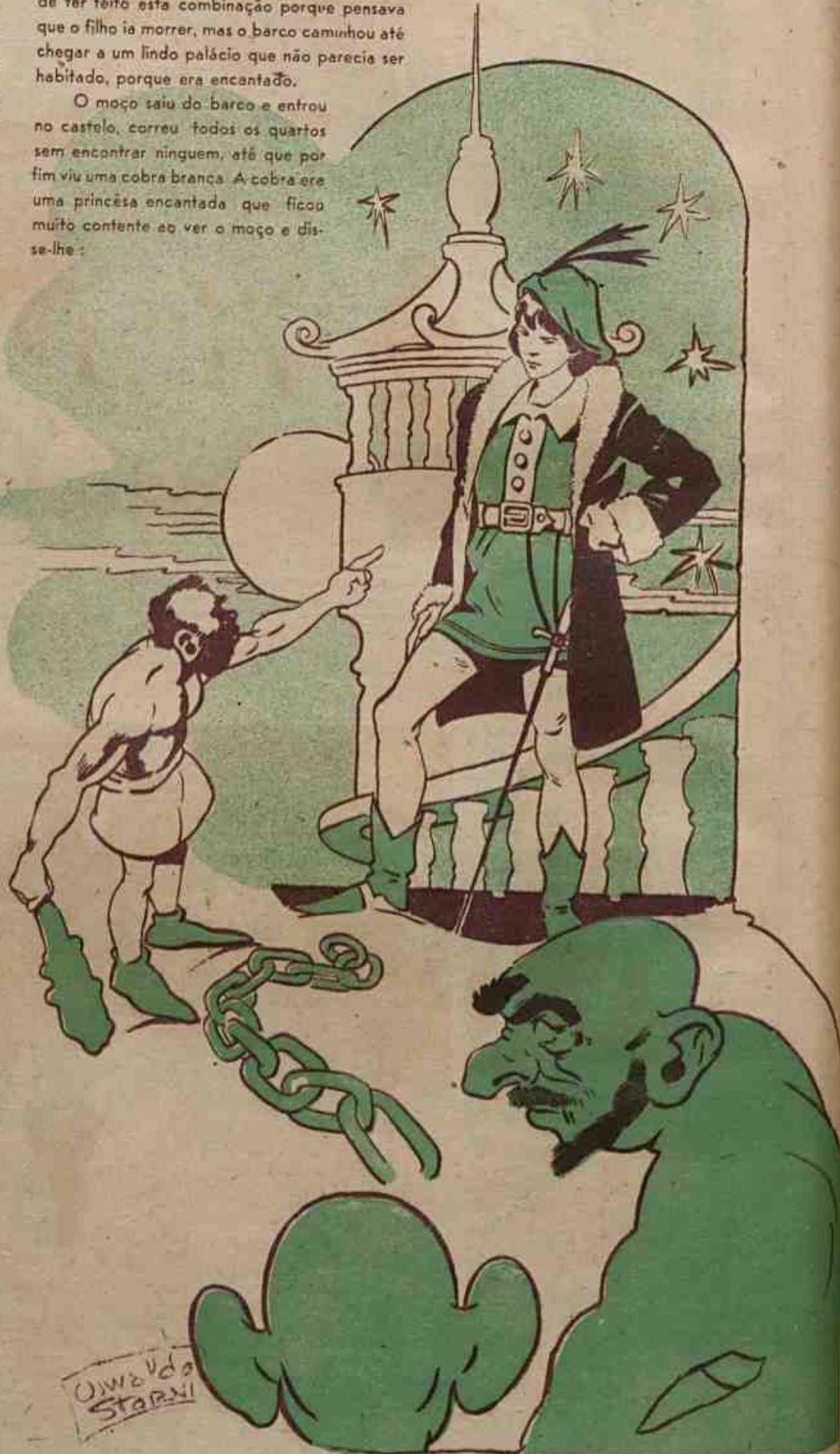
"Trouxeste-me o que te pedi?"

O velho não respondeu e o filho disse:

"Que queres de nós?"

"Não vim aqui para falar contigo, mas sim com teu pai e estou disposto a levar o que êle me prometeu", disse o gnomo.

Então começaram a discutir durante muito tempo e acabaram por combinar que o pai poria o filho sòzinho num barco que havia num grande lago ali próximo. O pai ficou com pena de ter feito esta combinação porque pensava que o filho ia morrer, mas o barco caminhou até chegar a um lindo palácio que não parecia ser habitado, porque era encantado.

O moço saiu do barco e entrou no castelo, correu todos os quartos sem encontrar ninguem, até que por fim viu uma cobra branca. A cobra era uma princêsa encantada que ficou muito contente ao ver o moço e disse-lhe:

"Ainda bem que chegaste. Vais salvar-me a vida. Tenho estado á tua espera ha doze anos e agora tens que fazer exatamente o que eu te disser. Esta noite veem doze homens pretos com correntes e vão-te perguntar porque estás aqui, mas tu não lhes respondes nem mesmo que eles te batam e te façam mal. Na noite seguinte virão mais doze e na terceira mais vinte e quatro que te cortarão a cabeça. Mas á meia-noite o seu poder acaba e eu estarei livre; virei ter contigo lavar-te-ei com água da vida e tornarás a viver."

Tudo aconteceu como ela tinha dito e na terceira noite a cobra branca transformou-se numa linda princêsa que casou com o filho do comerciante, e este ficou sendo o rei da montanha dourada.

Viveram muito tempo juntos, foram muito felizes e a rainha teve um filhinho. Um dia o rei lembrou-se do seu velho pai e quís ir vê-lo mas a rainha não queria e disse-lhe que se ele fosse uma cousa terrivel aconteceria. O rei não atendeu aos pedidos da mulher e ela acabou por lhe dar um anel e dizer:

"Aquí tens este anel que te garante a satisfação dos desejos que tiveres, mas promete que nunca desejarás a minha presença em casa de teu pai."

O rei prometeu, e metendo o anel no dedo desejou estar perto da cidade onde vivia o pai. A's portas da cidade os soldados não o queriam deixar entrar porque o seu fato era muito diferente dos deles, e o rei teve que pedir emprestado o fato d'um pastor. Foi assim à casa do pai que o não conheceu e lhe disse:

"Tu não és o meu filho; ele morreu ha muito tempo."

O rei da montanha dourada respondeu:

"Sou o teu filho; não tens meio nenhum de me conhecer?"

"Temos", disse a mãe, "o nosso filho tem uma marca debaixo do braço direito."

O rei mostrou a marca e eles ficaram convencidos que era o seu filho. Então ele contou-lhes todas as suas aventuras, disse que era um rei casado com uma linda princêsa e que tinha um filhinho de sete anos. O velho comerciante duvidava da verdade de tudo isto e disse num tom desconfiado:

"Como é que sendo tu um rei viajas com o fato d'um pastor?"

Ao ouvir isto o rei ficou muito zangado e desejou que a rainha e o seu filho alí estivessem! No mesmo instante apareceram deante d'ele, e a rainha cheia de tristeza disse-lhe que tinha faltado à promessa e que uma desgraça os ameaçava.

Um dia o rei e a rainha foram dar um passeio ao sítio onde o rei tinha sido metido no barco. Sentiram-se muito cansados, sentaram-se e adormeceram. A rainha quís castigar o rei por ter faltado à sua promessa, tirou-lhe o anel e desejou-se com o filho outra vez no seu castelo.

Quando o rei acordou e se viu só e sem o anel, disse para si: "Não posso voltar para casa de meu pai; êle ha-de dizer que sou um bruxo. Irei viajar e procurar o meu reino." Assim fez e partiu logo. Chegou a uma montanha onde estavam três gigantes a brigar por causa d'uma herança. Quando eles o viram disseram:

"Aquele homenzito deve ser esperto; êle vai dividir a nossa herança entre os três."

A herança era uma espada que cortava as cabeças logo que a pessoa que a usava dissesse "cabeças fóra", um casaco que tornava a pessoa invisivel ou a transformava em qualquer cousa, e um par de botas mágicas que levavam a pessoa que as calçasse para onde quizesse. O rei disse:

"Preciso experimentar as cousas primeiro e depois decidirei."

Deram-lhe o casaco e êle desejou ser uma mosca, transformando-se logo na mosca.

"O casaco é bom", disse, "dêem-me a espada."

"Sim, mas só se prometes não dizer "cabeças fóra", porque se o disseres nós morremos".

Então o rei experimentou o poder da espada numa árvore. Quís depois as botas, e logo que teve as três cousas, o esperto rei desejou-se na montanha dourada.

Quando se aproximou do castelo começou a ouvir música alegre e disseram-lhe que a rainha estava para casar com outro principe. Ao ouvir isto o rei ficou muito zangado, poz o casaco e entrou no castelo. Havia uma grande festa e o rei sentou-se invisivel entre a rainha e o principe, e quando ela ia a beber qualquer coisa êle tirava-lh'a. A rainha ao ver isto ficou muito assustada e foi para o seu quarto; o rei seguiu-a.

"Que vida a minha", dizia ela, ainda estou debaixo d'algum poder mágico. Pressinto que se vai dar na minha vida qualquer grande acontecimento: o meu coração advinha e não me engana."

O rei tirou então o casaco e disse:

"Eu salvei-te e tu enganaste-me. Merecia eu isto? Responde. Que te fiz eu para que assim te esquecesses de mim?"

A rainha permanecia silenciosa mas as lágrimas corriam-lhe pelas faces, revelando assim o seu grande arrependimento.

Depois veiu cá fóra, disse a todos que se fossem embora, que a rainha já não casava, e que ele era o rei verdadeiro. Os principes e nobres quizeram agarrá-lo e riram-se d'ele, mas o rei tirou a espada e desejou-lhes as cabeças cortadas.

Assim voltou a ser o rei da montanha dourada e viveu muito feliz com a rainha e o filho.

Você Sabia...

O URSO-COM-MÚSICA-NA-BARRIGA

Conto de ERICO VERISSIMO

Desenhos de J. FAHRION

VOCÊ está vendo a casinha azul com telhado amarelo lá no meio dos pinheiros altos ? Aquela com a chaminé fumegando... E' aquela mesma. Pois alí mora a família do Urso-Pardo. A mulher dêle é d. Ursa-Ruiva. No princípio êles tinham um único filho, o Urso-Maluco, um gurí travesso que parecia mesmo ter a cabeça ôca.

A vida da família era muito calma. O Urso-Pardo era funcionário do Correio Central do Bosque Perdido. A mulher dêle passava o dia tomando conta da casa, lavando louça, remendando a roupa do marido e do filho, fazendo comidas e doces gostosos. Quando a gente se aproximava da casa de d. Ursa-Ruiva já sentia o cheiro dos deliciosos bolinhos que ela fazia.

O Urso-Maluco estava no colégio mas preferia fazer gazeta. Ia para a beira da lagôa jogar pedras no Jacaré-Deixa-Estar, que ficava danado da vida. O Urso-Maluco tambem gostava muito de implicar com o Tucano-Narigão. Era mesmo um sujeitinho impossível.

tempo passou e um dia, quando se achavam os três sentados ao redor da mesa, d. Ursa-Ruiva suspirou e disse :

— Meu velho, nós podiamos ganhar mais um ursinho. Eu ficaria tão contente se Deus nos desse uma menina, uma linda ursinha parda como o papai dela !

Ouvindo isto, o Urso-Maluco saiu da mesa, pegou a caneta, o tinteiro, uma folha de papel e com os seus garranchos horríveis escreveu o seguinte bilhete:

"Dona Cegonha-Côr-de-Rosa.

Boa-tarde ! Minha mãe quer ganhar um filhinho. Eu venho lhe pedir que nos mande um ursinho. Ela diz que quer um homenzinho. Não se esqueça de me mandar um irmão no comêço da primavera. Muito obrigado, ouviu ?

Urso-Maluco."

Antes de botar a carta no envelope lembrou-se duma coisa, soltou uma risadinha e escreveu bem em baixo do papel:

"Nós queremos que o ursinho tenha música na barriga".

Fechou a carta e foi até a casa da andorinha. O inverno estava chegando e a andorinha preparava as malas para ir para outras terras onde fôsse verão. O Urso-Maluco bateu na porta e quando a Andorinha-de-Casaca apareceu êle lhe disse:

— Dona Andorinha, eu gosto muito da senhora e por isto vim lhe pedir um favor.

— Que é que você quer ? — perguntou a Andorinha-de-Casaca, já com mêdo duma travessura do menino.

— Eu quero que a senhora me entregue esta carta a d. Cegonha-Côr-de-Rosa, que mora atrás da Montanha Vermelha.

— Está bem.

O Urso-Maluco entregou a carta à Andorinha-de-Casaca e disse :

— Muito obrigado !

A Andorinha-de-Casaca seguiu em sua viagem e entregou a carta à Cegonha-Côr-de-Rosa.

Assim, quando o inverno já estava por terminar d. Ursa-Ruiva recebeu um telegrama da Cegonha-Côr-de-Rosa, avisando-a da próxima chegada de mais um ursinho. Ninguem póde imaginar o contentamento de d. Ursa-Ruiva. Saíu correndo e gritando por toda a casa :

— Vou ganhar um bebê na primavera ! E vai ser uma menina ! Vai ser uma menina !

O Urso-Pardo, ao voltar da repartição, sabendo da notícia, começou a cantar e a chorar de alegria.

Todas as manhãs d. Ursa-Ruiva abria a sua janéla, olhava para as árvores, para o céu, para as nuvens e perguntava :

— Ainda não chegou a primavera ?

Os vizinhos respondiam :

— Ainda não.

Muito impaciente, Pai-Urso comprou um binóculo e todas as manhãs trepava na árvore mais alta e se punha a olhar a estrada, procurando ver se a Primavera vinha vindo ou não.

Até que um dia finalmente ela chegou. Chegou sem que ninguém visse. Quando as árvores acordaram uma bela manhã estavam todas cheias de flores. O sol ficou mais claro. O rio cantou mais uma música. O ar estava mais verde e mais cheiroso. O Jacaré-Deixa-Estar tomou um banho na Lagôa-Espêlho. Tudo ficou mais alegre no Bosque-Perdido.

E uma tarde, ao entrar no quarto-de-dormir, mãe Ursa encontrou o seu filhinho novo em cima da cama, muito quietinho. Quasi desmaiou de contentamento. Pegou o filho no colo e foi procurar o marido, gritando:

— E' um menino ! E' um menino !

Pai-Urso, que estava na varanda fumando seu cachimbo e lendo o jornal (era domingo), ergueu-se da poltrona e começou a dar graças a Deus pelo filho que Ele lhe mandara por intermédio da Cegonha-Côr-de-Rosa.

Descobriram a Cegonha escondida na chaminé, dando boas gargalhadas. Mãe-Ursa convidou-a para jantar. A Cegonha jantou às pressas e disse que precisasva ir embora para atender outros freguêses que iam ganhar filhos. E lá se foi batendo as asas e rindo a sua risada engraçada.

O Urso-Maluco achou o irmãosinho muito querido.

— Parece um urso de brinquedo ! — disse êle. — Olha só os olhinhos dêle. Serão de vidro ou de marmelada ?

— Tira a mão daí, malcriado — gritou-lhe a mãe.

Todos os vizinhos e conhecidos vieram à casa de Pai-Urso para ver a maravilha. Saíam encantados com a beleza do ursinho, que era muito ruivo e tinha os pêlos lisos como sêda.

Pai-Urso deu uma festa para comemorar o nascimento de seu segundo filho. Veio um jaz-band muito bom. A Vaca-Amarela tocava piano. O Sapo-Boi, contrabaixo. O Tamanduá-Bandeira soprava no saxofone. A Raposa tocava violino. O Jacaré-Deixa-Estar fazia floreios no flautim. O Macaco-Patusco tomou conta da pancadaria. Havia um lagarto violinista e a Onça-Malhada arranhava o banjo.

Dansaram três dias sem parar. Comeram e beberam. A Abelha - Trabalhadora entrou com o mel. A Vaca-Amarela com o leite. O Macaco-Patusco com as frutas. Mãe-Ursa com suas comidas gostosas. O rio mandou a sua melhor água de presente para o recém-nascido.

Foi uma festa muito bonita. Até hoje se fala nela com saudade, no Bosque Perdido.

Os dias passaram. E uma noite Pai-Urso e Mãe-Ursa descobriram que o seu filhinho número dois não chorava como as outras crianças: tocava música. Quando sentia uma dôr, abria a bôca e o que saía dela era uma musiquinha muito engraçada, — plin-plon-plin-plen-plin-pluuuum ! Êles se assustaram com aquilo e resolveram chamar o dr. Cavalo.

O dr. Cavalo veio no seu automóvel comprado a prestações. Amarrou-o na frente da casa de Pai-Urso e entrou, com a maleta na mão.

— Doutor — disse Pai-Urso, de ôlho arregalado. — O nosso filhinho não chora como as outras crianças : toca música.

— Deixe vêr a criança.

Levaram o dr. Cavalo ao quarto do recém-nascido. O médico examinou-o com cuidado, encostou o ouvido na barriga do ursinho e depois coçou o queixo e ficou pensando muito, muito tempo.

O Urso-Maluco estava achando graça em tudo aquilo, pois

fôra êle mesmo que pedira à Cegonha um irmão daquele jeito.

No fim de dez minutos o dr. Cavalo disse :

— E' sério, muito sério.

— O nosso filho vai morrer ? — perguntou Mãe-Ursa, choramingando.

— Não senhora, — respondeu o doutor. — Êle não vai morrer, mas está sofrendo duma doença muito exquisita.

— Que é que êle tem, doutor ? — Perguntou Pai-Urso.

E o dr. Cavalo, coçando de novo o queixo, respondeu :

— Êle tem música na barriga. Só póde sarar com uma operação.

— Não ! Não ! — gritou Mãe-Ursa. — Operação ? Nunca !

O dr. Cavalo ficou ofendido, botou a cartola na cabeça e disse :

— Pois então passem bem.

Saíu tão atrapalhado que, em vez de entrar no automovel, saiu a puxá-lo, como si êle fosse uma carroça.

O tempo passou. O Urso-com-Música-na-Barriga cresceu, sempre engraçadinho. Quando tinha fome, tocava uma certa musiquinha. Quando tinha sêde, tocava outra. Quando sentia alguma dôr, a música que saía de sua barriga era muito triste. Quando estava contente, a música era alegre. Aos poucos os pais do Urso-com-Música-na-Barriga foram aprendendo a fala dêle e a felicidade voltou a morar na casa de Pai-Urso e Mãe-Ursa.

As andorinhas foram embora e voltaram duas vezes. As árvores se cobriram de flores em duas primaveras. O Jacaré-Deixa-Estar perdeu cinco dentes. O Tucano-Narigão fez cento e cincoenta e quatro sonêtos. A Abelha-Trabalhadora fabricou um barril enorme de mel. Quero dizer : passaram-se dois anos.

O Urso-com-Música-na-Barriga começou a caminhar.

Toda a gente gostava dêle, porque êle era quieto e bonzinho. Só o Urso-Maluco é que implicava com o irmão mais moço e não perdia ocasião para fazer troça dêle.

Quando o ursinho estava dormindo o Urso-Maluco, reunia os seus amigos, moleques da rua, e dizia :

— Querem ver uma coisa exquisita ? Venham cá.

Aproximava-se do ursinho e apertava a barriga dêle. Quando êle fazia isso saía de dentro dela uma música tremida — bi-ri-lu-liluuuuuuem ! dilin-dlon ! — Os outros desandavam a rir.

O Urso-com-Música-na-Barriga era muito quieto, tão quieto que às vezes parecia um urso de brinquedo, um urso sem vida. A sua tristeza era grande, porque êle via os outros bichos falarem e se entenderem, ao passo que êle só podia tocar música. Quando dansava, sentia na barriga uma coisa horrível: parecia ferros batendo uns nos outros, molas tinindo, gaitinhas soando. Se, de noite, deitava de barriga para baixo, lá saía um guincho, como um boneco de vento que se esvazia: — fiiiiiiuuuuuuuuuuuu.

Um dia, não tendo mais nada que fazer, o Urso-Maluco lembrou-se de pregar uma pêça a certo lenhador que costumava passar todas as manhãs pela beira do Bosque Perdido. Esse lenhador não era bicho, mas sim um homem como eu e como você que está lendo ou ouvindo esta história. O Urso-Maluco pensou assim : Eu boto o meu irmão à beira da estrada. O lenhador passa, pensa que é um urso de brinquedo, abaixa-se para encostar a mão nêle e leva um susto.

Levou o Urso-com-Música-na-Barriga para a beira da estrada, escondeu-se atrás duma árvore e ficou esperando a passagem do homem. O lenhador se aproximou, viu o urso, sorriu, abaixou-se e apanhou o bicharoco.

O Urso-com-Música-na-Barriga estava no bom do sôno e nem se mexia. Então o lenhador falou baixinho consigo mesmo.

— Que lindo ursinho de brinquedo ! Vou levá-lo para o meu filho.

Saíu a caminhar, enquanto o Urso-Maluco estava escondido atrás duma árvore, já assustado com o que fizera.

No caminho o lenhador sem querer apertou na barriga do ursinho e ficou muito admirado quando viu que dentro dela morava uma musiquinha interessante.

— Mas que brinquedo bonito mesmo ! Vou vender na primeira loja.

Chegou à aldeia, entrou numa loja e perguntou ao dono dela :

— Quanto me dá por êste lindo urso de brinquedo ?

O dono da loja respondeu :

— Vinte mil réis.

— Olhe que êle tem música na barriga.

— Então dou cincoenta.

— Está vendido !

O lenhador recebeu a nota de 50$, deixou o urso e foi embora. Depois de examinar o bicho, o dono da loja achou que êle era mesmo uma maravilha e foi ao mercado vendê-lo. Conseguiu vendê-lo por cem mil réis a um carroceiro com cara de gato. O carroceiro com-cara-de-gato viajou para a cidade mais próxima, entrou numa linda loja de brinquedos e vendeu o ursinho por 200$000. O dono da linda loja esfregou as mãos e botou o ursinho na vitrina, com um cartaz que dizia assim : "O brinquedo mais lindo do mundo. Um ursinho que parece de verdade e tem música na barriga. 500$".

Um menino rico passou pela calçada com o pai. Parou na frente da vitrina. Viu o urso. Ficou logo apaixonado por êle e pediu :

— Papai, compra esse ursinho para mim.

O pai entrou na loja com o filho e disse ao dono :

— Quero comprar aquele ursinho.

O homem tirou o urso da vitrina e colocou-o em cima do balcão. O ursinho abriu os olhos, viu muita luz, muito brinquedo e aqueles homens que êle nunca tinha visto. Começou a dansar e a tocar uma música muito puladinha e alegre.

— O senhor está vendo ? — gritou o dono da loja. Um urso que toca música e que dansa. Um brinquedo maravilhoso. Custa um conto de reis.

CONTINÚA NA PÁGINA SEGUINTE

O URSO-COM-MÚSICA-NA-BARRIGA

— Eu quero, papai! — gritava o menino, batendo palmas. — Eu estou louco por esse ursinho!

O pai tirou dinheiro do bolso, deu-o ao comerciante e mandou que êle embrulhasse o urso.

Foi assim que o Ursinho-com-Música-na-Barriga foi parar na casa daquele menino rico. O menino se chamava Rafael. Era muito travesso. Gostava de estragar os brinquedos. Estripava os bonecos para ver o que eles tinham na barriga. Quebrava os cavalos, os violões, abria as bolas. O pai até achava que êle devia estudar medicina, para ser médico operador.

O Urso-com-Música-na-Barriga vivia muito triste, com saudade de sua casa. Queria dizer que não era urso de verdade. Quando ia falar, só lhe saía da bôca a sua musiquinha de fazer rir.

O tempo passou. O ursinho caminhava por toda a casa. As visitas diziam:

— Nunca vimos um brinquedo que caminha assim como se fosse um bicho de verdade.

Rafael queria muito bem a seu ursinho.

Mas aconteceu uma coisa espantosa. Com o correr do tempo o ursinho foi crescendo. O pai de Rafael estava admirado. Nunca se tinha visto coisa igual. Um brinquedo que crescia.

O ursinho tinha um quarto muito bonito, com pinturas nas paredes. Um guarda-roupa com porta de espêlho, Uma escrivaninha. Um rádio. Uma prateleira com livros de figuras. Rafael gostava de conversar com o ursinho. Quando os programas de rádio estavam ruins, Rafael dizia:

— Ursinho, toca a tua música que é mais bonita.

E o ursinho tocava.

O tempo passava e o Urso-com-Música-na-Barriga ia crescendo, até que ficou quasi do tamanho de Rafael.

Uma tarde o menino estava de vento-norte e resolveu descobrir o grande mistério.

— Quero ver que é que este ursinho tem na barriga. Será um piano? Será uma gaita? Ou um rádio?

Agarrou uma tesoura bem afiada, escondeu-a debaixo do casaco e se aproximou do ursinho, dizendo:

— Meu amigo, vamos brincar de doutor? Tu és o doente, eu sou o médico. Faz de conta que eu vou te fazer uma operação na barriga. Deita-te ai...

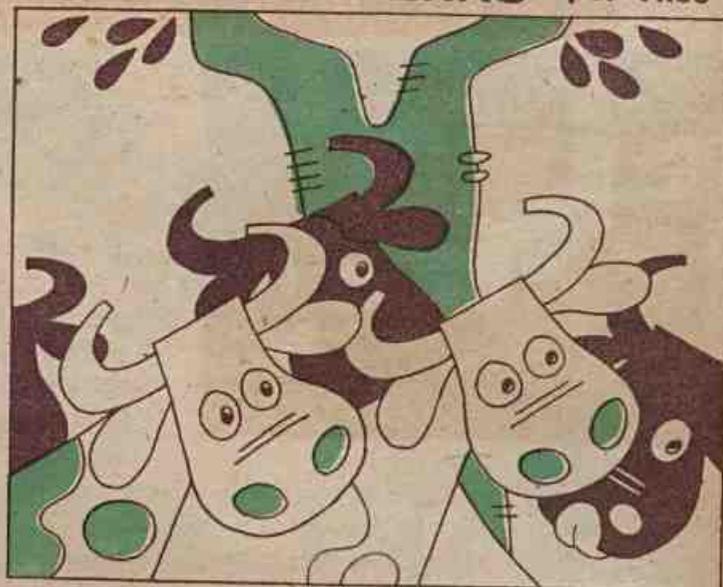
O ursinho obedeceu e Rafael segurou a tesoura e encostou-a na barriga do amigo. Sentindo a picada da ponta da tesoura, o ursinho deu um pulo e de sua bôca saiu uma nota desafinada. Êle então arreganhou os dentes, cresceu para o menino, derrubou-o e fugiu do quarto. Desceu as escadas, jogou ao chão um criado que ia subindo e ganhou a rua, desesperado. Correu pela cidade, assustando os que caminhavam pelas ruas. Chegou ao campo e sentiu-se perdido. Mas aconteceu que quando a noite desceu a lua lá do céu conheceu o Urso-com-Música-na-Barriga e, por intermédio do vento, mandou um recado ao Pai-Urso, dizendo-lhe onde estava o seu filho. Pai-Urso, louco de alegria, pediu ao Chefe de Polícia do Bosque Perdido uma esquadrilha de águias, que voaram com toda a fôrça de seus motôres para a cidade, trazendo nas suas garras o nosso querido ursinho.

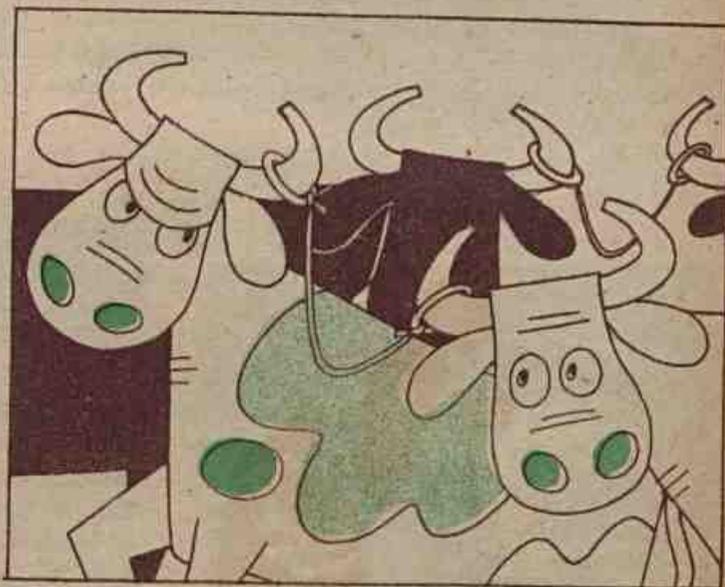
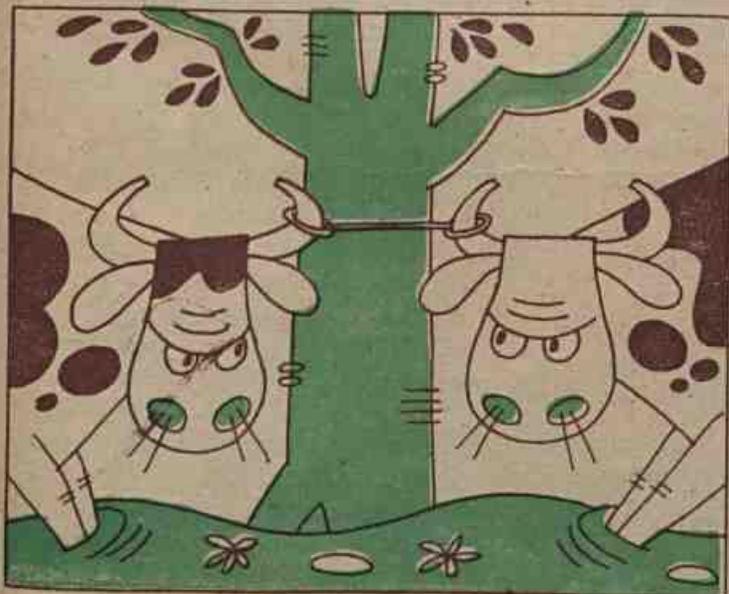
Foi uma festa a chegada do Urso - com - Música-na-Barriga. Houve baile. Os pais do rapaz choravam de contentamento. O Urso-Maluco veio pedir perdão ao irmão pelo mal que sem querer lhe fizera. Depois disso ficaram muito amigos.

O Urso-com-Música-na-Barriga vive ainda com seus pais no Bosque-Perdido.

E você, meu amigo, às vezes de noite ou mesmo de dia não escuta uma musiquinha misteriosa que não se sabe de onde vem? Pois fique certo de que é a musiquinha do ursinho da barriga misteriosa, a musiquinha que nos vem trazida pelo vento, que é o melhor e o mais rápido dos meninos-de-recados.

AVENTURAS DE TINOCO, CAÇADOR DE FÉRAS - por Théo

Tinoco apareceu, outro dia, com duas argolas ligadas por um cabo muito forte.

Mister Brown quis saber logo que novidade era aquela. Uma invenção de uso pacifico... .

... que tambem podia ser usado nas caçadas. Tinoco, notando que os vaqueiros ...

... empregavam muita força e trabalho para dominar o gado, depois de laçado, inventou aquele laço duplo que jogado ...

... aos chifres dos touros, força-os a uma luta titânica, que os deixa esfalfados, sem ...

... esforço algum para o "cow-boy". A idéia é bôa, disse o inglês. A dificuldade é acertar as argolas.

FÁBULAS DE ESOPO

O VEADO E O BOI

UM veado que ia fugir d'uns caçadores entrou num estábulo e pediu ao boi que lá estava que o deixasse esconder alí. O boi não se opôs a este desejo mas disse-lhe que nao estava muito seguro porque d'aí a pouco viriam os creados e o amo.

"Contudo", disse o veado, "não me descobrindo tu sinto-me seguro".

D'aí a pouco entraram os moços e ninguem reparou no veado. Entrou tambem o boeiro e tampouco o viu mas, d'aí a pouco entrou o amo e começou a inspecionar as mangedoiras e todos os cantos para corrigir todos os descuidos dos creados e descobriu debaixo do feno as hastes do veado e chamando a sua gente, mandou-o matar.

Ninguem olha melhor pelas suas cousas que o verdadeiro interessado.

A RAPOSA E AS UVAS

UMA raposa contemplava uns cachos d'uvas já muito maduros que estavam pendurados numa linda parreira e queria-os comer mas não sabia o que havia de fazer para os alcançar. Vendo que não era possivel apanhá-los e que todos os seus esforços seriam inúteis disse, para se consolar.

"Não quero estas uvas porque estão verdes".

E' mais prudente fingir que não nos apetece aquilo que não podemos alcançar.

O leão enamorado

UM certo leão enamorou-se da filha d'um lavrador e desejando casar com ela, foi ter com o pai e pediu-a com todas as formalidades. Como era de esperar o bom homem negou-lha ficando maravilhado com aquela extranha proposta.

A féra não se conformou e pôs-se logo a ranger os dentes e a ameaçar a todos; o lavrador então achou prudente apoiar os desejos do leão evitando assim o seu desespero. Disse-lhe que não via inconveniente algum em lhe ceder a sua filha mas era preciso que êle se deixasse arrancar as unhas e os dentes para que a donzela não se atemorizasse. O leão tão apaixonado estava que não viu nisto inconveniente algum mas assim que o lavrador o viu sem armas, pô-lo fóra de casa à cacetada.

Aquele que se entrega d'uma ou d'outra maneira ao seu inimigo terá sempre que sofrer a sorte dos vencidos.

A DEUSA E A ARVORE

UM dia os deuses lembraram-se de colher uma árvore para protegerem e guarda-la.

Jupiter escolheu o carvalho, Venus o mirto, Hercules o álamo, Minerva, a deusa da sabedoria reservou para si a oliveira.

"Eu prefiro esta árvore", disse ela, "porque produz uma grande quantidade de frutos úteis".

"Tens razão", retorquiu Jupiter, "e vejo que é razoavel que honrem a tua sabedoria. Com efeito se nas nossas ações não encontrarmos um benefício é um disparate faze-las por vanglória".

Façamos com que as nossas ações sejam prudentes e úteis.

RÉCO-RÉCO, BOLÃO e AZEITONA.

por Luiz Sá

AVENTURAS DE FAUSTINA

Outra vez o inverno! E sem uma pele! Faustina estava desolada com a falta de recursos para...

...realizar o seu sonho. Quando consultou a carteira, viu que só tinha 10$000!

Mas, oh! surpresa das surpresas! De repente viu numa vitrine uma capa de pele de onça por dez mil réis.

Não teve dúvida! Comprou-a com o dinheiro que possuía. Iria causar uma surpresa ao...

...Zé Macaco. Porém a chuva começou a cair, mas Faustina se achava bem abrigada. Nada temia! Mas que decepção a esperava!

A capa de pele de onça por dez mil réis era apenas uma imitação ordinária e tinha sido pintada com tintas que se desbotaram aos primeiros pingos.

PATRÃO, O SR. ESTÁ COM UMA CARA AMARELA! ESTÁ DOENTE?
EU, NÃO. ESTOU BEM
SERÁ QUE ESTOU MESMO DOENTE? ESTOU AMARELO ATÉ NA LINGUA
UEH! PIPOCA, VOCE TAMBEM ESTÁ AMARELO. DEVE ESTAR DOENTE, TAMBEM. CHAME O MEDICO
NÃO DIGA!
DR. VEM CAJÁ ... VEM JÁ CÁ ... ESTAMOS AMARELANDO
HM! NÃO QUERO MORRER NA FLOR DA MINHA MOCIDADE
SOU O DOUTOR SACABUXO
COM EFEITO O SR. ESTÁ BEM DOENTE
EU, NÃO, É O PATRÃO
HM! VAI VER QUE EU TAMBEM ESTOU DOENTE
O CASO É SÉRIO
JÁ SEI, É AMARELÃO ... VOU RECEITAR
UPA!
NÃO TEMOS NADA, PATRÃO! É A VIDRAÇA AMARELA QUE O SR. MANDOU BOTAR NA JANELA

A FONTE DA VIDA

ERA uma vez um rei que estava tão fraco e doente que todos desesperavam de o salvar. Êste monarcha tinha três filhos; tão aflitos ficaram eles com cuidado na enfermidade de seu pai, que foram para um canto do jardim do palacio, chorando desesperadamente.

Enquanto assim davam largas ao desgosto que os pungia aproximou-se um velho de alvas cãs que lhes perguntou o motivo de suas lágrimas; eles retorquiram que o pai estava tão mal que não tinham esperança de salvá-lo.

"Conheço um remedio para o curar", acudiu o velho; "é a água da fonte da vida; bebida que seja uma só gota, o doente recobrará a saude; não é, contudo facil encontrar essa fonte".

"Saberei encontra-la!" exclamou o filho mais velho.

Palavras não eram ditas, foi logo ter com o pai a quem pediu licença para ir em busca da fonte da vida, que era o unico remedio capaz de o sarar.

"Não", respondeu o soberano. "Os perigos que tu passas para o conseguir são muito grandes, e eu prefiro morrer".

O principe, porém, insistiu com tanto entusiasmo que o rei não teve remedio sinão dar-lhe o consentimento.

O moço pensava de si para si que, se conseguisse esta água, seria o preferido de seu pai e o herdeiro do trono.

Pôs-se, pois, a caminho, e depois de cavalgar um certo tempo, encontrou um anão que lhe perguntou:

"Para onde vais com essa pressa tôda?"

"Nada tens com isso", retorquiu o juvenil principe, em tom altivo, dando de esporas ao corcel.

Estas palavras irritaram o anão que, colerico, rogou uma praga ao cavaleiro.

O viajante depressa chegou a uma garganta de montanhas; mas, quanto mais ia andando, mais os rochedos se apertavam em volta, e de tal maneira que o caminho se tornou tão estreito que lhe cortou o acesso para mais além; nem siquer podia voltar o ginete ou mesmo tirá-lo dos rochedos.

O monarcha continuava doente e esperou em vão pelo filho.

Assim, veiu o segundo filho ter com o pai e pediu:

"Conceda-me licença para, por meu turno, procurar a fonte da vida". E para consigo mesmo pensava:

Que me importa que meu irmão morresse! Serei eu o herdeiro!

O rei, a principio, não queria deixar; mas de tantas instancias e de meios usou o filho, que o pobre velho cedeu.

O principe tomou a mesma direção do irmão, e não tardou a encontrar-se com o anão que lhe perguntou:

"Para onde vais com essa pressa tôda?"

"Nada tens com isso", respondeu o moço, que continuou a rota sem se voltar para trás.

O anão, porém, rogou-lhe a mesma praga que havia rogado ao viandante anterior; como êle tambem o principe se engolfou na garganta de rochedos, de tal maneira que não podia andar nem para trás nem para diante.

Tal o castigo dos vaidosos.

Como o segundo dos irmãos não tornasse, o mais moço dos principes quis tentar a aventura e ir em busca da fonte da vida; o rei deu mais uma vez a licença. E lá foi o arrojado principe, acompanhado do seu escudeiro, não querendo, para se não demorar, pernoitar nas estalagens, e conservando-se sempre montado no cavalo, sôbre que adormecia. Até que por fim, resolvendo-se a caminhar só, seguiu o caminho por onde haviam cavalgado os seus dois irmãos.

Como a êstes, logo que o anão o viu, fez-lhe a pergunta costumada:

"Onde vais com essa pressa tôda?"

Mais ajuizado que os irmãos, respondeu:

"Vou vêr se encontro a fonte da vida, porque meu pai está perigosamente enfermo.

"E sabes onde ela se encontra?" proseguiu o anão.

"Não, não sei!", continuou o principe.

"Para compensar a maneira delicada com que respondeste à minha pergunta", concluiu o anão, "vou indicar-ta. Está situada no atrio d'um palacio encantado. Afim de que nele possas penetrar, aqui te dou esta varinha de condão; bate com ela três pancadas na porta de ferro do palacio, que logo girará nos gonzos. Verás então dois leões deitados sob a abobada e que se disporão a castigar o teu arrojo; deita-lhes imediatamente duas buchas de pão que os farão socegar. Em seguida, apressa-te e toma bem cuidado em exgotar a fonte da vida antes que sôe a meia-noite, senão a porta fecha-se e ficas prisioneiro".

O principe agradeceu, tomou a varinha e as duas buchas de pão e dirigiu-se para o palacio, onde tudo se passou conforme o anão havia dito.

À terceira pancada da varinha, a porta abriu-se, o principe tratou logo de acalmar a furia dos lões, entrou no palacio e chegou a uma grande e bonita camara onde permaneciam principes adormecidos pelo encanto; tirou-lhes os aneis; em seguida agarrou num pão e numa espada que lá viu. Foi andando sempre, até que deparou um quarto onde estava uma linda menina que ficou doida de alegria quando o viu. Disse-lhe ela que a sua presença a desencantára, e em paga lhe daria todo o reino casando com êle, acrescentando que aparecesse de aí a um ano para celebrarem as bôdas. Acabou por explicar-lhe onde se encontrava a fonte de vida, e recomendando-lhe que a exgotasse antes de soar a meia-noite.

O principe, ao deixá-la, chegou a um aposento onde havia uma grande cama com luxuosos lençóis; cançado como estava, não resistiu à tentação de socegar um pouco; ao despertar, ouviu dar onze e três quartos; levantou-se sobresaltado, correu à fonte e encheu um frasco que se achava no rebordo e deu-se pressa em sair do palacio.

Entretando, no momento em que franqueava a porta de ferro, bateu meia-noite, e tão rapidamente se fechou, que rasgou um bocado do gibão do moço.

Êste não ficou muito amedrontado porque já tinha o frasco cheio de água da fonte da vida; tornou por onde veio e não tardou que encontrasse novamente o anão. Apenas êste viu a espada e o pão, exclamou:

'Arranjastes bôa presa, não haja duvida; com essa espada poderás derrotar exércitos inteiros; e êsse pão tem tal virtude que se póde comer sempre sem que se acabe".

O principe pensou de si para si: Não devo voltar para meu pai, sem meus irmãos. E falando, ao anão:

"Não és capaz de me dizer onde é que param meus irmãos? Tinham vindo antes de mim em busca da fonte da vida e não tornaram ainda".

"Estão detidos entre duas montanhas", respondeu o anão; "roguei-lhes essa praga por haverem sido malcreados comigos".

O moço-principe tanto suplicou para que os libertasse que o anão perdoou-lhes.

"Mas conserva-te sempre cauteloso com eles; são de máu carater!", acrescentou.

Logo que os irmãos apareceram, o principe contou tudo o que lhe havia sucedido; como achara a fonte da vida; como levava um frasco cheio d'essa preciosa água, como finalmente, desencantára uma linda princeza que queria que a aguardasse durante um ano, findo o qual a desposaria e partilharia do seu reino.

Após esta narrativa, os três irmãos montaram a cavalo e depressa chegaram a um país infestado pela fome e pela guerra, o que fazia o desespero do seu soberano.

Ora o principe apresentou-se na sua presença e entregou-lhe o pão com o qual sustentou os subditos todos; depois confiou-lhe a espada que serviu para derrotar o exército inimigo e pôde, por fim, conseguir a paz.

Feito isto, o principee recuperou o pão e a espada, proseguindo os três irmãos na sua róta. Acharam dois outros países onde igualmente reinava a fome e a guerra; aí, ainda o principe prestou aos infelizes soberanos o socorro do pão e da espada; e assim se salvaram três reinos.

Os viajeiros fretaram um navio e fizeram-se ao mar. Durante a travessia os dois mais velhos disseram entre si:

"Foi o mais novo, e não nós, quem achou a fonte da vida; por conseguinte, nosso pai é a êle que deixará o reino!"

Combinaram, portanto, o meio de o perdêr. Esperaram que adormecesse profundamente para deitar em outro frasco a água maravilhosa e encheram com água do mar aquele que o moço trouxéra do palacio encantado.

Apnas os três irmãos chegaram ao palacio real, o mais novo deu-se pressa em levar ao rei doente o frasco que devia restituir-lhe a saude. Logo, porém, que o rei bebeu alguns goles da água salgada, o seu mal aumentou.

Lamentava-se d'êste resultado, quando apareceram os dois mais velhos que acusaram o moço principe de querer envenar o rei, pois que só eles haviam enchido um frasco, o qual apresentaram em seguida. O monarcha, mal chegou à bôca o frasco, sentiu-se completamente bom, como se voltasse aos tempos da mocidade.

Entretanto os dois perfidos irmãos foram à cata do mais moço, ralhando-lhe e dizendo:

"E' certo que encontraste a fonte da vida, e para nós será o proveito; devias ser mais prudente e não teres os olhos tão fechados; pois que te tiramos a água enquanto dormias, no navio. Deixa passar o ano e um de nós dois irá buscar a princeza; livra-te, porém, de nos acusar; o pai não te acreditará e se uma só palavra disseres que nos comprometa, tiramos-te a pele; em compensação, se te calares velaremos por ti".

O velho soberano estava irritadissimo contra o mais moço, crente de que êste o quizera matar. D'esta maneira reuniu o conselho que recebeu ordem para julgar o criminoso e pronunciar em sessão secreta a sua sentença. Ficou assente que um dia, em que o principe fosse à caça, o caçador do rei, seu companheiro habitual, o assassinasse.

Chegou êsse dia e, quando os dois caçadores se encontraram a sós no centro de uma floresta, o principe notando a tristeza do companheiro, perguntou-lhe:

"Que tens, que tão acabrunhado estás?"

"Não lhe posso dizer, por isso me calo", respondeu o caçador.

"Fala sem receio", retorquiu o principe, "e conta com a minha indulgência".

"Ah! meu principe, sou obrigado a matar-vos com um tiro de espingarda . . . é a ordem que recebi do soberano vosso pai!", concluiu tristemente o caçador.

Estas palavras aterrorizaram o rapaz que retorquiu:

"Bom caçador, concede-me a vida; eu dou-te as minhas vestes reais, dando-me em troca êsse teu fato de pouco falôr".

"Com a maior das vontades, demais que nunca teria animo para vos matar".

Trocaram os fatos, tornando o caçador para o palacio e o principe embrenhando-se no mais espesso da floresta.

Passado algum tempo, anunciou-se ao velho monarcha que estavam próximo três coches cheios de presentes em ouro e pedrarias, destinados ao mais moço dos principes.

Êstes presentes eram lembrança dos três reis que haviam derrotado o inimigo com a espada do principe e sustentado os póvos com o pão por êle fornecido.

A esta nova, o coração do rei confrangeu-se e subitamente acudiu-lhe ao pensamento a lembrança de que o filho talvês não fosse crimonoso.

"A que se meu filho não tivesse morrido!" lamentava-se aos vassalos. "Que remorso me não punge de o haver mandado matar!"

Palavras não eram ditas, quando o caçador, disse:

"N'êsse caso, bem avisado andei em não haver cumprido a ordem recebida, por me faltar coragem para executá-la".

E narrou como o fato se passára.

O monarcha ficou radiante de alegria e fez apregoar em todo o reino que o filho podia regressar ao paço onde lhe seriam restituidas as honras e bençãos a que tinha jús.

Durante êstes sucessos, a princeza do palacio encantado mandára edificar, em frente d'êle uma estrada de ouro puro e brilhante, avisando depois os seus vassalos:

"Aquele que dirigir o cavalo a direito por êste caminho é que é o noivo por que espero; deixem-no entrar; aquele que, pelo contrario, se dirigir para outro lado, êsse não será o noivo a quem espero, e não o deixem entrar".

Estava-se quasi no termo do ano, quando o mais velho dos principes pensou que não seria máu ir apresentar-se à princeza como sendo o seu libertador, afim de lhe obter a mão e o reino. E se bem o pensou, melhor o fez, pois que, montando um bonito alazão, para lá se dirigiu; quando, porém, chegou à frente do palacio e viu a excepcional estrada d'ouro, pensou para consigo que seria pena encaminhar por ali o corcel.

E, ao pensar assim, voltou de redea, e dirigiu a sua montada para o lado contrario do caminho.

Mas ao chegar à porta, os guerreiros gritaram-lhe:

"Não é o verdadeiro noivo; retroceda".

Pouco depois, o segundo irmão tambem para o palacio se dirigiu; chegado que foi à celebre estrada d'ouro e quando o ginete ia a pôr a pata, o cavaleiro pensou tambem para consigo:

"Nada, que seria asneira. O casco do cavalo poderia prejudicar o caminho".

Virou o bridão e costeou o caminho. Apenas chegou à porta ouviu que os guardas gritavam:

"Retroceda, que não é o verdadeiro noivo da princeza".

Volvido o ano, o mais moço dos principes decidiu-se a sair da floresta e encaminhar-se para junto d'aquela que o amava, na esperança de esquecer o seu desgosto.

Tomou o caminho do palacio, mas tão abstrato ia, tão mergulhado no pensamento da felicidade de tornar a vêr a princeza que chegou à porta do palacio sem que dêsse pelo caminho que levava, e que era a d'ouro. O cavalo fôra sempre pelo meio. À porta abriu-se logo. A princeza ficou contentissima quando o tornou a vêr, aclamou-o seu libertador e senhor do reino; e celebrou-se o casamento com grande magnificencia.

Terminada as festas, a juvenil rainha disse-lhe que o pai havia sido desengnado e lhe perdôara.

O principe apressou-se em regressar ao palacio de seu pai, a quem narrou tudo quanto se havia passado: como os irmãos abusaram da sua confiança e em que condições lhe haviam recomendado não desvendar o segredo da sua perfidia.

O rei dispunha-se a inflingir-lhes o castigo de que eram merecedores; os miseraveis porém, haviam-se fei ao mar e nunca mais houve novas d'eles.

Cinco Minutos de Riso

DEFINIÇÃO

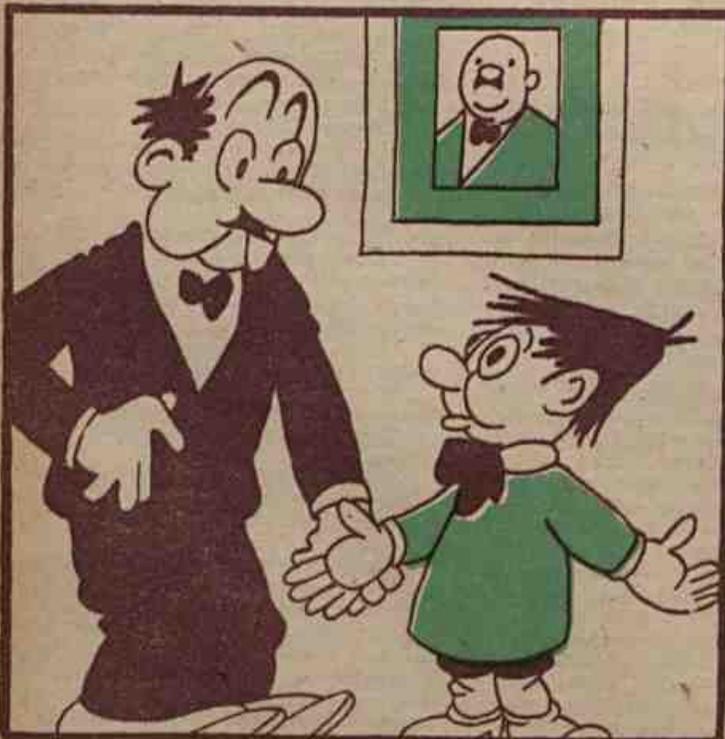
— MENINO, VOCÊ SABE O QUE É UM JABOTÍ?

— SEI SIM SENHOR: É UM BICHO COM UNS QUADRADINHOS NAS COSTAS, E QUE, QUANDO A GENTE VAI MEXER NÊLE, ENFIA A CABEÇA PARA DENTRO DA BOCA.

— QUAL É O ANIMAL QUE MENOS SE ALIMENTA?

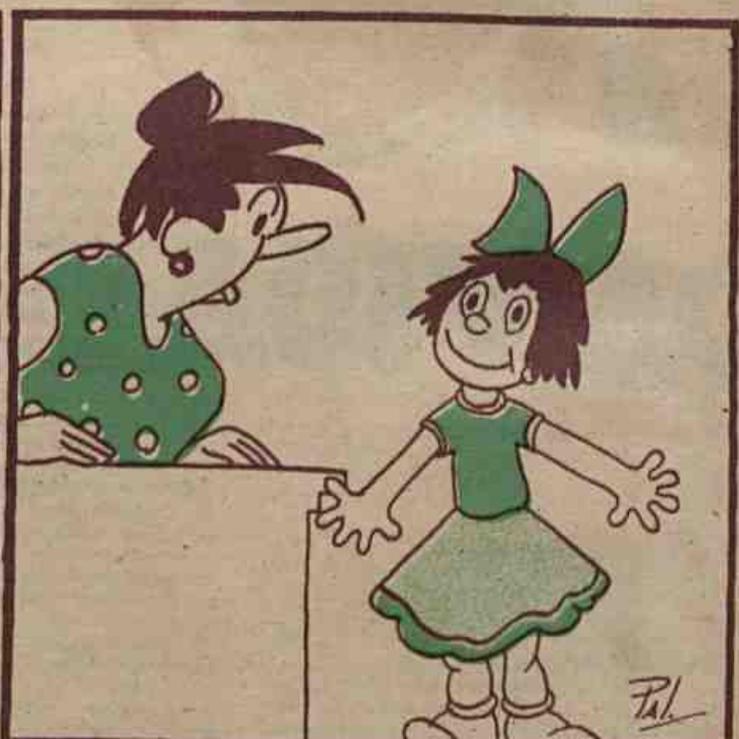
— A TRAÇA PROFESSOR...

— A TRAÇA ?! PORQUE?

— PORQUE O SENHOR NÃO VÊ QUE ELA SÓ COME BURAQUINHOS ?

— MEU FILHO, VOCÊ DISSE AO PROFESSOR QUE EU O TINHA ENSINADO A RESOLVER O PROBLEMA ?

— SIM, SENHOR...

— E ÊLE NÃO O CASTIGOU ?

— NÃO SENHOR. DISSE QUE EU NÃO TINHA CULPA DO SENHOR NÃO SABER ARITMÉTICA.

— QUAIS SÃO OS MINERAIS QUE SE ENCONTRAM NO BRASIL ?...

— O OURO, O FERRO, O CARVÃO, A ÁGUA...

— A ÁGUA ? NÃO !

— A ÁGUA SIM SENHORA ! A ÁGUA MINERAL.

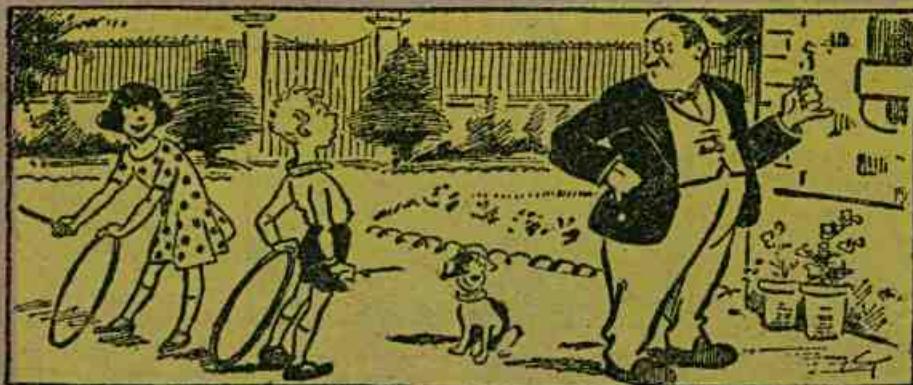
PÁSSARO CATIVO

Poema de OLAVO BILAC

O autor deste lindo poema que contém precioso ensinamento para a infância, era o Príncipe dos Poetas Brasileiros.

ARMAS, num galho de árvore, o alçapão...
E, em breve, uma avesinha descuidada,
Batendo as asas cái na escravidão!
Dás-lhe então, por esplendida morada
A gaiola dourada.

Dás-lhe alpiste, água fresca, ovos e tudo.
— Porque é que, tendo tudo, há de ficar
O passarinho mudo,
Arrepiado e triste, sem cantar?
E' que, criança, os pássaros não falam:
Gorgeando apenas, sua dôr exalam,
Sem que os homens os possam entender...
Si os pássaros falassem
Talvez os teus ouvidos escutassem
Este cativo pássaro dizer:
"Não quero o teu alpiste!
Gosto mais do alimento que procuro
Na mata livre em que voar me viste;
Tenho água fresca num recanto escuro
Do bosque em que nasci;
Tenho frutas e flôres,
Sem precisar de ti;
Não quero a tua esplendida gaiola:
Pois nenhuma riqueza me consola
De ter perdido aquilo que perdi!
Prefiro o ninho humilde, construido
De folhas secas, plácido e escondido,
Entre os galhos das árvores amigas.
Deixa-me! quero o sol,
Quero o ar livre, o perfume da floresta!
Com que direito à escravidão me obrigas?
Quero o esplendor da Natureza em festa!
Quero cantar as pompas do arrebol!
Quero, ao cair da tarde,
Soltar minhas tristissimas cantigas!
Porque me prendes? Solta-me, covarde!
Não me roubes a minha liberdade:
Quero voar! voar!..."

Essas cousas o pássaro diria,
Si pudessem os pássaros falar...
A tua alma, criança, sentiria
Essa imensa aflição:
E a tua mão, tremendo, lhe abriria
A porta da prisão...

— Brinquem direitinho que eu lhes dou um doce.
— E' doce que eu gósto? Se fôr eu fico direitinho. Se não...

ANEDOTA

Bilac não era um Adonis nem tinha a menor pretensão a esse respeito. Não gostava entretanto, o que é muito natural, que aludissem ao seu físico. Usava por necessidade um pince-nez de grossas lentes que não conseguia corrigir o seu acentuado estrabismo. Pois certa feita um rapazola que se iniciava nas letras, no meio de uma conversa, disse-lhe de sopetão:

— Meu caro Bilac, quando te vejo, tenho a impressão de que tens quatro olhos...

— Meu caro M., retrucou-lhe Bilac, de pronto, pois eu, quando te vejo, tenho a impressão de que tens quatro pés...

ORIENTAÇÃO NO MAR, ONTEM E HOJE

Outrora à mercê dos astros, os navegadores encontraram depois na bússola o auxílio precioso para suas viagens, conseguindo, graças a esse instrumento maravilhoso, realizar longas viagens sem erros de orientação. Hoje em dia, com o auxílio de outros inda mais exatos e precisos, eles podem até conhecer a posição geográfica em que se encontram e seguir as rotas desejadas sem perigo de equívocos que dantes eram bastante frequentes e que muito prejudicaram a navegação.

A navegação ao longo das costas foi, sem dúvida, a praticada em toda a antiguidade. Podemos duvidar, por exemplo, de que os marujos de Néchao, rei de Memphis, tenham realmente feito a volta em torno do continente africano, mas é certo que outros fizeram toda a volta pelas costas do Mediterrâneo, e executaram essa grande façanha — grande para aquela época — tendo as elevações da costa como ponto de referência para sua orientação, para saberem que rumo seguir, sem errar. Assim se "orientavam" os marítimos de então.

Os Fenícios, que foram os primeiros povos antigos a se aventurarem à navegação em mar alto, costumavam orientar-se pelo sol, durante os dias, e pelas estrelas, à noite. O célebre Hannon, que foi um dos navegadores que primeiro realizaram viagens de circunavegação, partindo de um ponto e voltando ao mesmo sem passar pelo caminho já feito, não se serviu de outro elemento para orientar-se. Hannon era cartaginês e seu nome está ligado com destaque à história da navegação.

A bússola, transmitida aos europeus pelos arabes, que a receberam dos chineses, permitiu longas viagens, a partir do século XV. Foi graças a ela que Colombo descobriu o Novo Mundo, podendo orientar-se com a precisão necessária; que Vasco da Gama pôude alcançar as Índias e que Fernão de Magalhães realizou a viagem em torno do mundo, feitos que encheram de glória e tornaram imortais seus nomes de audazes marinheiros, destinados a permanecer nas páginas da História.

Com o sextante, ou compasso do mar, aparelho essencialmente composto de dois espelhos, dos quais um é movel, o navegador mede a altura dos astros e suas distâncias angulares. Por esse processo deduz-se a longitude e a latitude, uma vez que tem como dados conhecidos a posição normal de tais astros no mapa do céu. Medidos os ângulos, acha a posição, o ponto em que está o navio, no mapa terrestre. O sextante serve, assim, para *localisar* ou *situar* o navio, ou avião.

Superior à bussola, o giróscopio serve para indicar o Norte verdadeiro. Daí a invenção da *bussola giroscópica*, magnífica idealização que presta excelentes resultados. Provida de contactos elétricos em sua periféria, aciona o leme, por um motor e, uma vez regulada, mantém o navio na direção desejada. E' um produto do engenho humano, que serve pelos meios mais interessantes ao progresso dos homens. Muitos navios modernos usam a *bussola giroscópica*.

Falemos agora sobre outro elemento importante de que se servem os navegadores para sua orientação em alto mar: *os traçadores de rôta*. Por um engenhoso processo ele vai deixando fixada sobre o papel a rota que o navio leva. Serve para fixar o rumo que foi feito, e auxilia as correções. Em todo o caso, é um elemento auxiliar da orientação, pois qualquer erro de rota póde ser verificado a tempo e corrigido.

Os faróis são, em terra ou em pleno oceano, preciosos elementos orientadores dos marinheiros. São visiveis, hoje, graças ao aperfeiçoamento introduzido pelo engenheiro Fresnel, a 20 quilometros de distancia, e conforme a côr da luz, a duração da luminosidade, o número de vezes que se acende por minuto, os farois são conhecidos, ou, melhor, reconhecidos e orientam os navegadores que, pela posição deles, ficam conhecendo as de suas embarcações.

Há ainda os *radio-faróis*, mais modernos e mais possantes. Êsses, emitem e recebem ondas eletro-magnéticas, entram em comunicação com os radio-telegrafistas de bordo, dão informes sobre o tempo, os ventos, etc., e prestam, além disso, informes outros muito necessarios. Como vocês vêem, muitos progressos foram introduzidos na arte da navegação. Hoje não é o acaso quem conduz os navios, como nos bons tempos do bravo Pedro Alvares Cabral, nosso descobridor.

A LENDA DO ARROZ

DE J. LEON-MARTIN

(Tradução de AMAURI P. DE OLIVEIRA)

FOI há muito tempo, numa pequena vila, situada no ponto mais alto de uma ilha nevoenta perdida nos Mares do Sul.

Alí todos viviam felizes. Como estavam no cimo da montanha parecia-lhes estar mais perto do sol e quando vinha a noite as estrelas e os vagalumes os iluminavam como para uma festa. Havia o espetáculo maravilhoso do mar entrando pela terra, lá-em-baixo e as barcas dos pescadores que o vento balançava ao longe.

Mas essa felicidade foi de súbito cortada por um ano inteiro de sêca. E os habitantes da ilha viram angustiados a terra tornar-se árida, estalar, fender-se, enquanto o céu continuava azul, intensamente azul, não dando esperança alguma de novas chuvas.

Os rios e as fontes acabavam-se, o capim morria à beira dos caminhos e a vida desaparecia dos troncos das árvores. Nos campos não havia mais grão de milho, os ricos lançavam-se às reservas de seus celeiros e os pobres pereciam.

Foi então que dois garotos, Kalinga e sua irmã Fantek, deixaram a vila e se foram, sem destino. Seus pais haviam morrido e a fome os impelia. Por vários dias êles seguiram os leitos secos dos rios, atravessando montanhas sem vegetação e desfiladeiros espinhentos. As sacolas já não tinham a menor migalha e o fim parecia próximo.

Em vão Kalinga procurava amparar a irmã, seus passos tornavam-se cada vez mais difíceis e ela mal se podia ter em pé. Mas o menino avançava sempre e quando Fantek não poude de todo andar êle a tomou nos ombros e corajosamente seguiu caminho.

Mas ao fim de algumas horas, já completamente extenuado, Kalinga deteve-se ao pé de um rochedo, deixou-se cair por terra e os dois ficaram a se olhar em silêncio, resignados com a sorte que os esperava.

E foi então que de gruta próxima surgiu uma mulher já de idade e de fisionomia agradavel. Ela surpreendeu-se muito vendo aquelas duas crianças tão pálidas e parecendo famintas, jogadas sôbre o sólo. Carinhosamente aproximou-se e pediu lhe contassem sua história. Kalinga falou da sêca, da fome, de seus pais recusando a última porção de alimento para que os filhos vivessem. E, apesar de sua coragem, chorava copiosamente.

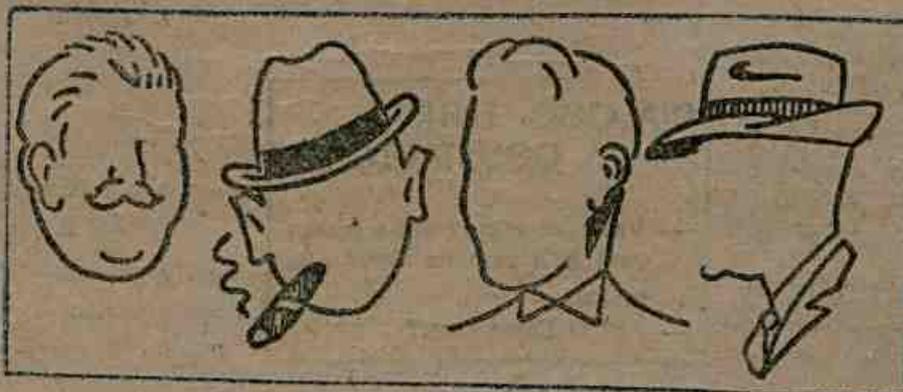
A boa velha entristeceu ouvindo suas desgraças e admirou a coragem com que a suportaram. Disse-lhes então ser a sacerdotisa de Kabuniam, deus do Sol, de quem havia conseguido o poder sôbre os seres e as coisas, e convidou-os a entrarem na gruta, onde preparou uma refeição que às pobres crianças pareceu a melhor que já tinham tido. Fantek, comovida, exclamou: "Ficaria mais contente se pudesse repartir esta comida com as outras crianças de minha vila."

A sacerdotisa ficou tão encantada com essas palavras que resolveu ajudar os pequenos e, concentrando-se por um momento, lhes disse: "Vocês vão voltar para casa, seguirão o caminho pelo qual vieram; desta vez, porém, terão o coração alegre e forças novas os sustentarão. Grandes festas serão feitas quando chegarem junto aos seus".

Os meninos olhavam-na sem compreender e Kalinga interrompeu-a: "Seguirei seu conselho, pois sei que a senhora é uma sacerdotisa muito poderosa, e eu sou apenas um garoto ignorante. Entretanto, morreremos se voltarmos, porque na vila nada há que comer."

A boa mulher levantou-se, pegou das mãos do pequeno e lhe disse gravemente: "Sabia que você tinha um bom coração, mas agora vejo que tambem é corajoso. Confie em mim e não tenha susto. Tome Fantek pela mão e volte para sua aldeia. Eu lhes darei um bocado de farinha que uso nos sacrifícios ao deus Kabuniam, e ela lhes dará forças. E agora tomem êsse saco cheio dos grãos divinos e essa jarra dágua. Quando chegarem joguem os grãos ao sólo e lancem por cima a água".

(Cont. à pg. 129)

DESENHOS PARA COMPLETAR

DOUTOR... DOS PÉS À

PERSONAGENS:

SABINO — empregadinho de consultório médico

O DOUTOR — médico

1.º DOENTE }
2.º DOENTE } clientes

CENÁRIO:

Sala representando um consultório médico. Mesa com vários vidros de remédios. Cadeiras. Um espelho sôbre a mesa.

O DOUTOR (tirando o gôrro e o roupão branco, que põe sôbre a mesa, e indo a uma cadeira, de onde tira o casaco que veste, pondo o chapéu na cabeça, fala ao Sabino) Preciso sair, Sabino, para ver um doente; porém não me demorarei.

SABINO — Sim, senhor. (Limpa os moveis).

O DOUTOR — Se chegar algum cliente pede-lhe a fineza de esperar um pouco que eu já chego. (Sái).

SABINO — Sim, senhor. Pedirei a fineza. Pode ir descançado, doutor... (Tirando o roupão e o gôrro de cima da mesa) Mesa não é lugar de roupão, nem de gôrro... (Pondo o gôrro na cabeça e vestindo o roupão) Na falta de um cabide para botar isso, eu posso servir... (Apanhando o espelho de cima da mesa e mirando-se nele) Sim, senhor, seu Sabino... Você dava uma bonita estampa de médico!... Não há dúvida... Vou fazer meu curso ginasial, e me matricular na Faculdade de Medicina. Trabalharei à noite e estudarei durante o dia, pois hoje quem mais sabe é quem mais vence, e eu, me chamando Sabino, hei de saber muito e vencer!

1.º DOENTE — (entrando com a cabeça envôlta em gaze, geme) Ai!... Doutor!... Não posso mais...

SABINO — Tenha a bondade de esperar, porque...

1.º DOENTE — (atalhando): Esperar?!... Não posso... Estou com uma dor de cabeça que não passa, há oito dias...

SABINO — E' que o doutor pediu...

1.º DOENTE — Não. Quem pede sou eu: Dê-me um remédio p'ra a cabeça...

SABINO — E' pra cabeça?...

1.º DOENTE — E', sim... Já não sei onde a tenho...

SABINO — O quê?...

1.º DOENTE — A cabeça...

SABINO — Bom... quer dizer... se o senhor não pode esperar... espere aí... (Procura um vidro de remédio entre os que estão na mesa).

1.º DOENTE — Se eu estou dizendo que não posso esperar mais...

SABINO — Então leve este remédio... (Dá-lhe um frasco) E o esfregue na testa...

1.º DOENTE — Esfrego o vidro na testa?!...

SABINO — Não. Esfregue na testa o remédio que está dentro do vidro.

1.º DOENTE — (Saindo): Muito obrigado, doutor!... Vou esfregar já... Eu sou seu vizinho aqui no mesmo apartamento... Vou esfregar o remédio... (Sái gemendo) Ai!... minha cabeça!...

SABINO — (Chamando-o): O' seu doente!... Escute!... Foi-se!... Ele pensou que eu era o doutor... Viu logo que eu tenho cara de médico especialista em dôres de cabeça...

2.º DOENTE — (Entrando a gemer e quase sem poder andar) Ai!.. Doutor!... Não posso mais... Ai!...

SABINO — Outro?!... Tenha a bondade de esperar um pouco, porque...

2.º DOENTE — Esperar?!... Não posso! Estou com uma dôr nos pés que não passa há mais de oito dias...

SABINO — E' que o doutor recomendou...

2.º DOENTE — E' justamente isso que eu quero: saber o que é que o doutor recomenda para isto...

SABINO — Para isto o que?

2.º DOENTE — Para dôr nos pés...

SABINO — O melhor é não andar...

2.º DOENTE — Não andar?... Não posso... Eu sou procurador de causas e, por causa disso, tenho de andar o dia inteiro... Ai!... Dê-me logo um remédio que eu não posso esperar mais. Já não sei mais o que faço... Baralho tudo. Meto os pés pelas mãos...

SABINO — Neste caso... espere um pouco...

2.º DOENTE — Já não lhe disse que não posso mais esperar?!...

SABINO — (Procurando um remédio na mesa) Espere um pouco enquanto lhe arranjo um remédio... pedal.

DIALOGO ENTRE CONSTRUTORES

— Vou para casa, vestir a casaca para ir à casa do Casas que se casa.

— Ah! O Casas casa?

CABEÇA

SAINETE EM I ATO

EUSTORGIO WANDERLEY

2.° DOENTE — Pedal?!...

SABINO — Sim: para os pés... (Dando-lhe um vidro). Esfregue isso na sola...

2.° DOENTE — Dos sapatos?!...

SABINO — Não. Na sola dos pés...

2.° DOENTE — (Saindo com o remédio). Muito obrigado, doutor. Eu sou seu visinho aqui no mesmo apartamento e vou esfregar os pés no remédio...

SABINO — Não!... Ao contrário...

2.° DOENTE — Dá no mesmo, doutor, esfregar o remédio nos pés... (Sái sempre claudicando).

SABINO — (Chamando). Olhe aqui!... Faz favor!... Sumiu-se!... Não! Vou tirar este gôrro e este roupão, pois, com eles, todos pensam que sou eu o doutor... (Tira o gôrro e o roupão).

O DOUTOR — (Entrando, tira o casaco que põe nas costas de uma cadeira): Dá-me o roupão e o gôrro.

SABINO — Pronto aqui, doutor.

O DOUTOR — Não apareceu nenhum cliente?...

SABINO — Apareceram dois...

O DOUTOR — E onde estão?!... Não esperaram?!...

SABINO — Não puderam esperar... Um estava com uma dor na cabeça e outro com duas dôres... nos pés...

O DOUTOR — Duas dôres?!...

SABINO — Sim, senhor: uma em cada pé... E ainda foi feliz ter somente dois pés, porquê se tivesse quatro...

O DOUTOR — Já sei: teria quatro dôres. Ficaram de voltar mais tarde?...

SABINO — Creio que não. Quando apanharam os remédios saíram e nem pagaram a consulta...

O DOUTOR — (Muito surprezo). E tu lhes déste remédios?!...

SABINO — Dei, sim, senhor. Eles disseram que não podiam esperar...

O DOUTOR — Que loucura!... E que remédios foram?!...

SABINO — (Indo à mesa) Ao que tinha dôr de cabeça eu dei um vidrinho dêstes... (Mostra um vidro).

O DOUTOR — Idiota!... Isto é remédio para reumatismo!... E ao outro, o que déste?...

SABINO — (Mostrando outro vidro). Eu dei este remédiozinho...

O DOUTOR — Infeliz!...

SABINO — (assustado). E' veneno?!

O DOUTOR — Não! E' um sedativo! E' remédio para dôr de cabeça!...

1.° DOENTE — (Entrando muito alegre e já sem as gazes a lhe envolverem a cabeça): Muito obrigado, doutor!... Que remédio maravilhoso este!... (Mostra o vidro que levou).

O DOUTOR — Ah! O senhor é que tinha reumatismo nos pés?

1.° DOENTE — Não. Eu tinha uma dôr de cabeça há oito dias, e que sòmente passou com o remédio que "seu colega" me deu. Com a pressa me esqueci de pagar a consulta, o que vim fazer agora... (Tira dinheiro do bolso).

2.° DOENTE — (Entrando a correr e a rir). Que alegria, doutor! Que alegria!... Já não me doem os pés, graças a este remediozinho que "seu colega" me deu. (Mostra o vidro que levou). Vim pagar a consulta, o que, devido à pressa com que saí, deixei de fazer! (Tira dinheiro do bolso).

O DOUTOR — Os senhores nada me devem, nem aqui ao "meu colega"...

SABINO — Eu me sinto bem pago pelo prazer de lhes restituir a saúde... da cabeça aos pés...

1.° DOENTE — Muito agradecido, doutor!!...

2.° DOENTE — Vamos fazer propaganda do seu nome... Como é mesmo?...

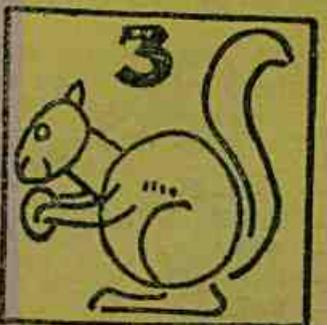
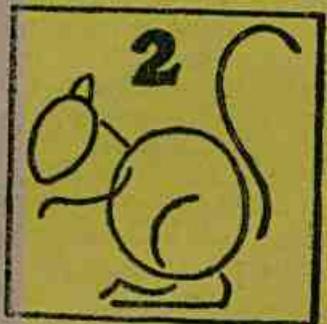
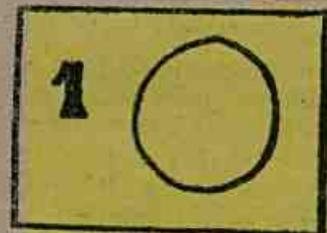
SABINO — Não é preciso...

O DOUTOR — O "meu colega" é muito modesto. E' um grande médico... até quando troca os remédios, tendo a sorte de não matar os clientes e sendo um perfeito doutor... dos pés à cabeça!...

1.° DOENTE — (abraçando o Sabino). Um abraço, doutor!...

2.° DOENTE — (idem) — Doutor... um abraço!...

O DOUTOR — E é assim que se escreve a história!...

(PANO)

PARA TREINAR

A CIGARRA E A FORMIGA

A cigarra, todo o estio
Tendo levado a cantar,
Ao chegar o tempo frio,
Não tinha que manducar
Nem siquer um pedacinho
De mosca, de vermezinho.

Faminta, foi lacrimosa,
Bater à porta vizinha
Da formiga laboriosa
Para obter uma nadinha,
Que a tirasse d'aflição
Até a nova estação.

— "Pagar-vos-ei, fé jurada,
Antes de agosto futuro,
Dessa divida sagrada
O capital e seu juro."
Mas a formiga é poupada
Não dá, nem empresta nada.

—"Que fizeste no Verão ?"
Ela inquire à pedinchona.
—"Sem cessar cantava, então,
Aos moradores da zona."
— "Cantavas ! muito que bem :
Pois, dança agora também."

GODOFREDO AUTRAN

UM JOGO

PEGADOR VENENOSO

Jogo interessante para praia ou campo. Podendo tomar parte, tantas pessoas, quantas quizerem.

Um participante do jogo será escolhido, para ser o primeiro "pegador". Deve correr atraz dos outros e procurar tocar qualquer um, fato que o tornará livre. Aquele que foi tocado, colocará sua mão esquerda no logar onde foi tocado pelo outro e, nessa posição, correrá, procurando tocar uma terceira pessoa para ficar livre, por sua vez.

O jogo torna-se interessante, quando a pessoa fôr tocada num logar onde se torne dificil manter a mão esquerda.

BUSCA GEOGRAFICA

TODAS estas palavras atravezadas ocultam nomes conhecidos dos leitores que estudam geografia. Vamos vêr quais são?

1 — SAMANOZA
2 — PROMBECUNA
3 — ANPARA
4 — PRIGESE
5 — CAREA

(Vêr as soluções à pg. 116)

OS ANIMAIS NA LENDA

Tanto na Mitologia, como nas lendas e na História, aparecem sempre os animais. Nós os encontramos, bons e máus, amigos e hostis, úteis e nocivos. Tal como acontece na vida comum. Vejamos, pois, alguns exemplos de casos em que os animais aparecem e que se tornaram célebres.

OS GANSOS DO CAPITÓLIO

OS gaulezes tinham tomado *Roma, no ano 390 A. C. (antes*

de Cristo) e a resistência mais forte estava sendo encontrada no Capitólio. Então êles estabeleceram o cêrco e resolveram aproveitar a noite sem lua para atacar de surpreza.

O plano teria dado bom resultado, se não fosse os gansos sagrados do templo de Juno, que se puzeram a gritar, dando o alarme. Os Romanos acudiram e o Capitólio foi salvo.

O GOLFINHO DE ARION

Arion, músico e poeta grego, viajava para Corinto, de regresso de um concurso que vencêra em Siracusa, e seus companheiros de viagem resolveram mata-lo para se apoderar dos valiosos prêmios ganhos por êle.

Arion pediu, então, que, antes de morrer, lhe fosse permitido cantar alguns de seus poemas, acompanhando-se êle próprio em seu alaúde. Sendo-lhe dada a permissão, debruçou-se à amurada e cantou os poemas que lhe tinham dado a vitória no torneio *e, após, atirou-se ao mar.*

Ora, um golfinho, encantado com a sua voz, e por ela atraído, vinha seguindo o navio. O peixe recolheu o poeta às costas e transportou-o às praias da Laconia. Como prêmio, foi incluido entre as constelações.

O CAVALO DE BRUNHILDA

Brunhilda, tendo perdido a Austrasia e tendo-se refugiado em Borgonha, contava como sua maior inimiga a rainha Fredegonda, esposa do rei dos Francos, Chilpérico I.

Quando o filho de Fredegonda, Clotario II, se tornou rei, por instigação de sua mãe mandou matar Brunhilda amarrando-a pelos cabelos à cauda de um cavalo bravo.

O CAVALO DE TROIA

Embora seja de madeira... é sempre um cavalo, e dos mais célebres da História. Não podia deixar de ser lembrado aqui. Quando os gregos sitiaram Troia, depois de 10 anos de assedio sem sucesso, usaram êsse subterfúgio : fizeram um cavalo de madeira enorme e ôco, e dentro dêle meteram muitos

E NA HISTORIA

soldados. Depois, fingiram ir embora, levantando o cerco. Os troianos introduziram o cavalo na cida-

de e á noite os soldados que estavam ocultos no interior do cavalo de lá sairam, abriram as portas da cidade e os invasores penetraram, sem encontrar resistência séria. O cavalo de

Troia ficou célebre através dos tempos.

A ÁSPIDE DE CLEÓPATRA

Cleópatra era rainha do Egito. Tendo seus generais perdido a batalha de Actium (30 anos antes de Cristo) para os soldados do imperador Augusto, a rainha, temendo cair prisioneira nas mãos do adversário, fez com que um escravo lhe trouxesse uma vibora, ou áspide de veneno terrivelmente mortal, oculta em um cesto de figos. Deixou-se, então, picar pelo ofídio e disso resultou a sua morte.

A HIDRA DE LERNA

Contava a lenda que certo animal fabuloso, espécie de serpente com muitas cabeças, vivia nos pântanos de Lerna, na Argolida, espalhando o terror pelas imediações.

Coube a Hércules, que já exterminára o terrivel leão de Neméia e o javali de Erimanto, *destruir tambem ésse monstro*, que só morreria se alguem conseguisse cortar de uma vez todas as suas cabeças.

Hércules conseguiu isso, e foi este um dos doze "trabalhos" que êle devia realisar para obedecer ao seu destino.

O LEÃO DE ANDROCLES

Androcles era escravo de um procônsul da África. Foi atirado ás féras no Coliseu, por ter fugido da casa do seu senhor. Um leão feroz já se aproximava dele, para devora-lo, quando, de súbito, estacou. Logo se achegou ao escravo, rojou-se aos seus pés lambeu-lhe as mãos...

O espanto foi enorme entre os que assistiam á céna.

É que a féra havia reconhecido o homem que outróra lhe havia, em pleno deserto, pensado uma ferida. Impressionado com o que vira, o senhor perdoou Androcles e ainda fez com que lhe dessem o leão como presente.

A AVÓ

A avó, que tem oitenta anos
Está tão fraca e velhinha...
Teve tantos desenganos:
Ficou branquinha, branquinha,
Como os desgostos humanos.

Hoje, na sua cadeira,
Repousa pálida e fria,
Depois de tanta canseira,
E cochila todo o dia,
E cochila a noite inteira.

A's vezes, porém, o bando
Dos netos invade a sala,
Entram rindo e papagueando:
Este briga, aquele fala,
Aquele dança, pulando...

A velha acorda, sorrindo,
E a alegria a transfigura;
Seu rosto fica mais lindo,
Vendo tanta travessura
E tanto barulho ouvindo.

Chama os netos adorados,
Beija-os e, tremulamente,
Passa os dedos engelhados,
Lentamente, lentamente,
Por seus cabelos dourados.

Fica mais moça e palpita,
E recupera a memória,
Quando um dos netinhos grita:
"O' vovó! conte uma história!
Conte uma historia bonita!"

Então, com frases pausadas,
Conta histórias de quimeras,
Em que há palácios de fadas,
E feiticeiras e feras,
E princesas encantadas...

E os netinhos estremecem,
Os contos acompanhando,
E as travessuras esquecem,
Até que, a fronte inclinando
Sôbre o seu colo, adormecem.

OLAVO BILAC

BUSCA ASTRONÔMICA

TODAS estas palavras arrevezadas ocultam nomes que damos a corpos celestes muito conhecidos dos estudantes de cosmografia:

1 — SARTELE
2 — TAPANEL
3 — TEMACO
4 — OBLUSANE
5 — ESTEATIL

(Vêr as soluções á pg. 116)

OS GRANDES EPISODIOS DA NOSSA HISTORIA

RUI BARBOSA

EM HAIA

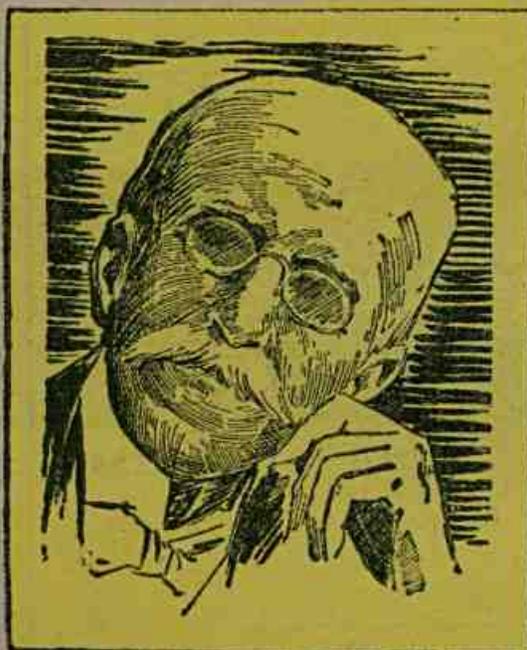
O nome de Rui Barbosa deve ser para vocês todos, meninos do Brasil, uma legenda imortal. Deve ser para vocês, do Norte, do Sul e do Centro, um dos motivos do mais alto orgulho patriótico. Êle foi um advogado intransigente do Direito, da Justiça e da Liberdade. Ninguem mais do que êle se bateu por esses princípios. Sua voz sempre esteve posta ao serviço da defesa dos direitos do homem, sem medir consequências ou vicissitudes. Mas, não era somente a liberdade dos seus patricios que lhe inspirava discursos memoráveis. Era a liberdade de todos os povos.

Em 1907, reuniu-se em Haia, capital da Holanda, o II Congresso Internacional de Paz. Era presidente do Brasil, naquela época o Conselheiro Rodrigues Alves e ministro do Exterior o grande Barão do Rio Branco. Convidada a nossa pátria para se fazer representar naquele Congresso, o govêrno escolheu para nosso Embaixador o Conselheiro Rui Barbosa. Não poderia ter sido melhor a escolha. Rui era um eminente jurista, um notavel orador e um homem de cultura que ninguem possuia igual. Todos os brasileiros, sem excepção, mesmo os adversários politicos de Rui Barbosa, aplaudiram a lembrança de Rio Branco. Rui iria brilhar e elevar o nome do Brasil.

* * *

Quando se iniciou a Conferência, Rui Barbosa era olhado com certo desprezo pelos representantes de outros países, das chamadas grandes potências.

Não só por ser o nosso país muito pouco conhecido, como tambem pelo físico do nosso Embaixador. Animado, porem, pelo vigor dos mais nobres ideais humanos, Rui não se deu por vencido. Começou a falar. O embaixador da Alemanha, o Barão de Marshall, toda vez que Rui subia à tribuna, retirava-se do recinto. Mas, o nosso Rui, pouco a pouco, foi empolgando a assembléia. Seus argumentos impressionavam profundamente. A lógica, a sinceridade, o poder dos princípios, tudo isso fez com que, dentro de pouco tempo, êle fôsse a figura predominante da Conferência.

Rui Barbosa defendia uma tese ousada: a igualdade de todas as nações. Sustentava o embaixador brasileiro o direito das nações pequenas, dentro da civilização, de se ombrearem com as potências de grande poder militar. Contra o direito da força, êle opunha a força do direito. Nunca se vira um homem falar assim numa assembléia internacional. O Brasil desfraldava, pela palavra empolgante do seu embaixador, o princípio da arbitragem para derimir questões entre as nações. Combateu a guerra de conquista e a supremacia do poder bélico como elemento de grandeza dos povos.

* * *

Os écos do sucesso que Rui Barbosa alcançava em Haia se espalharam por todo o mundo. As nações pequenas batiam palmas calorosas aos seus pontos de vista. A política internacional do Brasil se exaltava e a figura do nosso eminente embaixador se consagrava como o defensor dos fracos contra os fortes.

De toda parte do globo, Rio Branco recebia felicitações pelo êxito da missão confiada a Rui Barbosa. O momento universal era de vibração cívica.

Contra as teses arbitrárias do Barão de Marshall, o brasileiro ilustre atirava a sua réplica fulminante. E no fim de tudo, Rui vencia fragorosamente o embaixador alemão. Nunca um espírito humano conseguiu vitória mais estrondosa do que a que Rui conquistara em Haia. Foi uma consagração universal ao seu gênio maravilhoso.

* * *

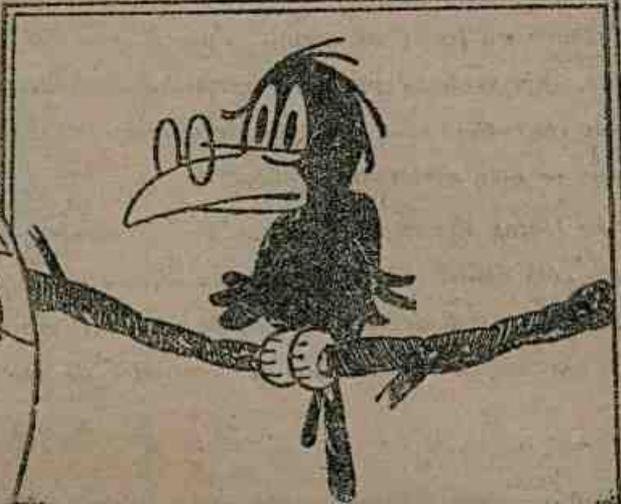
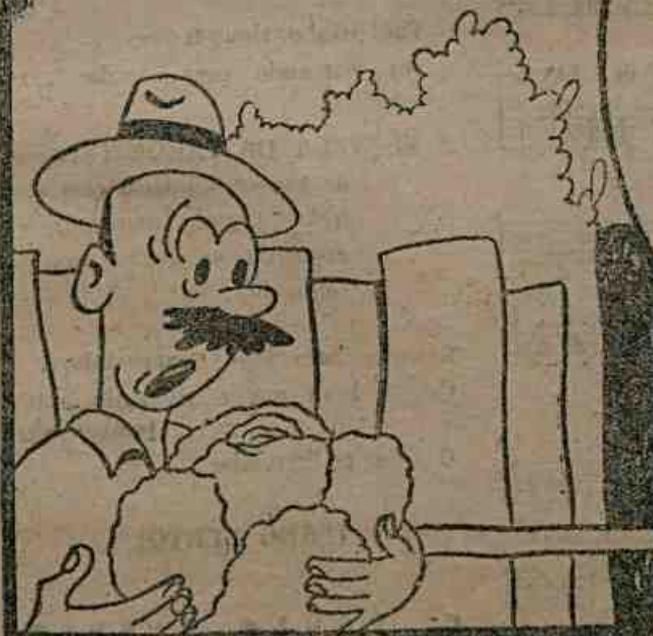
Como prova dos triunfos de Rui Barbosa vamos oferecer a vocês a palavra de William Stead, um grande jornalista inglês: "As duas maiores forças pessoais da Conferência foram o Barão de Marshall, da Alemanha e o dr. Rui Barbosa, do Brasil. Atrás do Barão, porém, se erguia todo o poder militar do imperador germanico alí bem a mão, presente a todos os delegados. Atrás do dr. Barbosa, estava apenas uma longinqua república desconhecida, com exército incapaz de qualquer movimento militar e esquadra por existir. Todavia, ao acabar a Conferência, o dr. Barbosa pesava mais do que o Barão de Marshall. Maior triunfo pessoal na recente Conferência nenhum dos seus membros obtivera e, tanto mais notavel foi, quando o alcançou, por si só, sem nenhum auxilio estranho. Aliado não tinha o dr. Barbosa, tinha muitos rivais, muitos inimigos, e, contudo vingou aquele cimo. Foi imenso triunfo pessoal que redundou em crédito para o Brasil."

Tambem o sr. Louis Barthou, um eminente estadista francês, disse:

(Conclúe à pag. 129)

AMERICO PALHA

Você sabia?

TRATADO DE ZOOLOGIA
Os zoologos calculam que dentro cem anos, não haverá nenhum leão na superficie da terra.
No jardim zoologico de Londres, há um côrvo no qual foi necessario fazer uma operação da cataratas. Desde então usa oculos especialmente feitos para êle.
Em Vichy (Allier), França, o snr. Caillau, agricultor, colheu em sua horta uma couve, que media 4 metros de circunferência, isto é: 1 metro e 27 centimetros de diâmetro. O pêso dêsse fenômeno era de 13 quilos.
Os gatos conservam o sentido do olfato durante o sono. A prova disto é que colocando um pedaço de carne ao alcance do nariz de um gato adormecido, êste lhe sente o cheiro e desperta.

O RELÓGIO

(Palco em forma de câmara. Fundo — tendo a metade em cortina branca, cujo centro é um disco vermelho, simbolizando o sol e a outra metade em cortina azul, ponteada de estrelas. (O dia e a noite). Cortinas laterais — uma azul outra branca.

As Horas. Em circulo de ciranda — 24 meninas — 12 trazem vestido branco com diadema em forma de sol vermelho, 12 azul escuro com estrelas brancas e diadema em forma de crescente. Ao centro 10 relojoeiros tendo por estandarte um grande mostrador de relógio).

Música de J. Otaviano

(Do livro "Teatro Escolar")

1.ª VOZ — (*Relojoeiros*).

Meu relógio, tique-taque,
tem ponteiro marcador!...

2.ª VOZ — (*Horas*).

Tique-taque, tique-taque,
relojinho de valor.

1.ª VOZ

Tique-taque, tique-taque.
relojinho de valor.

2.ª VOZ

Tique-taque, tique-taque,
meu ponteiro marcador.

1.ª VOZ

Meu relógio, tique-taque,
sem parar um só minuto:

2.ª VOZ

Tique-taque, tique-taque,
dia e noite sempre escuto.

1.ª VOZ

Meu relógio, tique-taque,
bate horas, bem batidas...

2.ª VOZ

Ponteirinho, tique-taque,
vai marcando nossas vidas!...

A ESTRELA DA TARDE (*Vestida de branco, diadema com estrela de prata, assoma pela esquerda a passo grave, cantando*):

Relógio, bate bem devagarinho...
Que é hora que a mãezinha está embalando
O filho no bercinho

(PANO LENTO)

C. PAULA BARROS
(*poeta paraense*)

Da Lampada à Luz Eletrica

Si fizermos um retrospecto das condições materiais dos nossos lares, há meio século, veremos que, insensivelmente, nos adaptamos a certo confôrto que, lentamente, nêles se operou, sob vários aspectos.

A iluminação, por exemplo, sofreu enormes transições.

Nos tempos coloniais, adotava-se, como se sabe, a lamparina de azeite, com pavios de algodão. Isso até na iluminação pública e durante festejos típicos, em "Luminarias".

Paralelamente, havia, nos usos domésticos, o que se chamava "rolo", que era um longo pavio revestido de cera, que se enrolava à maneira das "rodinhas" que se queimam pelas festas joaninas e que se ia desenrolando à proporção que se queimava. Ao lado dêste, existiam também as velas de sebo e as de cêra, estas mais usadas nas igrejas.

Mas já vai longe êsse tempo, bem como o tempo em que os lampeões a querozene e as velas em castiçais e os candelabros de ferro e de prata, constituiam a única iluminação.

Estes últimos, estão reaparecendo, como objétos raros e de luxo, a preços proibitivos, dada a valorização dêsse metal. Mas, assim mesmo, são disputados pelos amantes da arte e de antiqualhas.

Também lustres valiosos ornamentavam as casas das familias abastadas, sendo, muitos dêles, quasi que exclusivamente de cristal, crivados de pingentes prismáticos, que à sua volta se colocavam.

A seguir, em substituição a êsse sistema de iluminação, apareceu o gás, cuja invenção, por Lebon, data do século XIX.

A princípio, a sua simples combustão, através de encanamentos apropriados, fornecia uma chama avermelhada, que não resolvia por completo o problema, porque, além de não ser prático o processo, se tornava a luz prejudicial à visão, pela deficiência da claridade que irradiava, não obstante a existência de numerosos fócos por todos os comodos.

Com o tempo, foi êle se aperfeiçoando até que se obteve o gás incandescente. Nessa época, então, já os lustres se assemelhavam aos de hoje, com a diferença apenas que, em lugar de lampadas elétricas, eram guarnecidos de mangas de vidro, no interior das quais se colocavam uns dispositivos de um tecido muito fino e transparente, como se fôra uma gase, os quais se reduziam a pó, ao se lhes tocar, mesmo de leve, uma vez que tivessem tido contacto com a chama do gás.

Devido à sua fragilidade, tornava-se necessária a sua frequente substituição, encarregando-se a própria Companhia de Gás dêsse serviço.

As mangas de vidro, também, facilmente se estragavam, devido ao permanente calor a que estavam sujeitas de fórma que, em lugar destas, se inventaram as fabricadas de malacacheta ou mica, as quais, se por um lado se tornavam inquebráveis, por outro apresentavam o inconveniente de serem inflamaveis, necessitando, pois, de especial cuidado, a sua adoção.

Finalmente, culminando essa benéfica evolução, tivemos a energia elétrica aplicada à iluminação, a qual, datando de 1902, só se generalizou, na Capital, a partir de 1916, mais ou menos.

O seu aparecimento suplantou todo e qualquer concorrente no genero. A principio, devido, talvez, à qualidade das lampadas, a luz que irradiava era um tanto deficiente.

Mas hoje, dia a dia, mais se acentúa o seu aperfeiçoamento, como se vê na luz indiréta e nos letreiros luminosos, com enormes vantagens não só do ponto de vista prático, como econômico e higiênico.

O PATO GAIATO

Verdade historica

Certa ocasião, Luis Felipe, rei de França, havia encarregado o célebre pintor Horacio Vernet para que pintasse um quadro representando a tomada de Valenciennes.

O artista começou o trabalho e um dia, apresentou-se no "atelier" o monarca, acompanhado de um de seus cortesãos, afim de verificar como ia a obra.

— Desejo — disse — que Luis XIV figure na tela em primeiro plano, precedendo a coluna de assalto e franqueando a paliçada.

— Ah, senhor! — protestou Vernet. — Isso não posso fazer.

— Por que? — perguntou Luis Felipe, um pouco incomodado diante da negativa do pintor.

— Porque o rei não estava ali.

— Estais tão ao corrente dêsse feito glorioso?

— Sim, senhor.

— Mas é uma tradição de familia — acrescentou o monarca insistindo — e quero que se faça.

— Impossivel, senhor — retrucou o pintor. — A história desmente essa tradição, pois é sabido que Luis XIV, na tomada de Valenciennes, estava a quatro leguas da brecha.

Então interveiu o senhor de Cailleux, que acompanhava o soberano e disse com severidade:

— O rei vos paga e deveis fazer o que êle vos manda.

— O rei não me paga para mentir — repôs Vernet altivamente.

Distrações de um Professor

Chamava-se Johannes Amer, era alemão de origem e lecionou muitos anos em Viena. As suas distrações — mas será o termo exato? — tornaram-se célebres. Eis algumas delas, recolhidas por um dos seus discipulos, e que ainda despertam o riso passado mais de meio século: "Julio Cesar, disfarçado em escravo, atravessou a nado, completamente nú, o rio Tibre". — "Alexandre o Grande nasceu quando seus pais estavam ausentes". — "Os porcos foram inventados na Asia Menor". — "Assim começou a conflagração geral da página 94". — "A terceira guerra Tânica (sic) teria acabado mais depressa si houvesse começado mais cêdo". — "Golpeado vezes sem conta, Cesar caiu morto junto à estatua de Pompeu; com uma das mãos cobria o rosto com a toga, ao passo que com a outra pedia socorro".

UMA GRANDE FIGURA DA IGREJA

SANTO AGOSTINHO

AURELIO Agostinho nasceu em Tagaste, cidade da Africa, perto de Madura, no ano de 354. Era filho de um pagão chamado Patricio e de Monica. Sua mãe era cristã e também foi santificada. Monica influiu muito para que Agostinho se convertesse ao cristianismo.

Aquele que havia de ser uma das brilhantes figuras do cristianismo teve uma juventude turbulenta. Fazia parte de grupos que viviam entregues aos divertimentos nas cidades de Madaura e Cartago. Sua mãe pedia-lhe constantemente para abandonar os maus companheiros.

Agostinho estudou durante 9 anos com os Maniqueos, propagandistas das doutrinas de Manes. Mas, não estando de acôrdo com estas, separou-se dêles e começou um periodo de sua vida durante o qual a dúvida dominou completamente seu espirito, fazendo-o descrer de tudo.

Já estava famoso como professor de eloquência quando fez uma viagem a Roma. De Roma foi a Milão, onde conheceu Santo Ambrósio, cujas prédicas e exemplos de bondade causaram viva impressão em sua alma ainda atormentada pela dúvida. Ouvia com atenção os sermões de Santo Ambrósio.

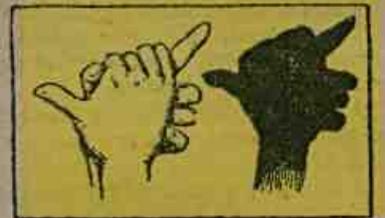
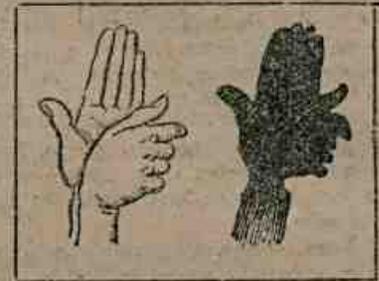
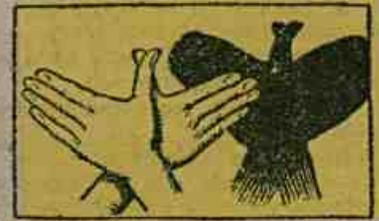
Finalmente, as suplicas e lágrimas de Monica e a indiscutivel influência de Santo Ambrósio o levaram para o cristianismo. Convertendo-se, Agostinho encontrou a paz que desejava. Recebeu o batismo nas mãos de Santo Ambrósio quando contava 32 anos de idade.

Ao voltar à sua pátria, o bispo de Hipona, Valério, deu-lhe as ordens sacerdotais. Agostinho começou então as suas lutas a favor do cristianismo, fazendo sermões e escrevendo obras notáveis como as "Confissões", "Tratados da Graça e do Livre Arbitrio", "A Cidade de Deus", etc..

Santo Agostinho foi o mais ilustre representante da Igreja Católica, e devido ao seu grande talento o apelidaram de "Aguia da Igreja". Suas doutrinas contribuiram para a fundação de numerosos conventos. Seus livros tiveram grande influência sobre os homens da Idade Média.

Assistiu à ruina do Império Romano atacado por nações barbaras e presenciou a invasão da África pelos Vandalos. Quando era bispo em Hipona e esta foi sitiada, animou com seu exemplo os defensores da cidade, que foi destruida pelos Vandalos. Mas êle morreu pouco depois.

Santo Agostinho era tão genial que escreveu com sabedoria sobre os mais diversos assuntos como religião, música, ciências e costumes. Seus "Sermões" estão cheios de verdadeiro sentimento e foram escritos num estilo muito simples. São famosos em todo o mundo.

SOMBRINHAS CHINESAS

TODAS estas sombrinhas chinesas são, como vocês vêem, fáceis de fazer. Basta olhar para elas e copiar a colocação das mãos, para obter os mesmos efeitos.

A MOCIDADE VICIOSA FAZ PROVISÃO DE ACHAQUES PARA A VELHICE

VAMOS DESENHAR UM BODE?

DA foz do Oiapoc à barra Xui, que são as extremidades Norte e Sul do Brasil, a extensão do litoral do nosso País ultrapassa a 9.000 quilômetros, incluindo os perímetros do golfão amazônico e das principais baías.

ANTONIO JOÃO

O 1.º Tenente Antônio João era diretor da Colônia Militar de Dourados, na Província de Mato-Grosso, quando explodiu a guerra do Paraguai. A Colônia fica no caminho que vai de Ponta Porã a Bela Vista e era o nosso pôsto mais avançado.

No dia 28 de dezembro de 1864 teve Antônio João notícias de que os paraguaios invadiam pelo sul aquela província brasileira.

Reune a sua fôrça: 16 homens! Dentre êles, o de mais confiança é encarregado de levar um bilhete ao governador dando notícias da invasão.

Diz aos seus soldados do perigo que os ameaçava, conhecia-lhes a bravura. Ordenou que os colonos se evadissem e estava cumprida a primeira parte do seu dever: o salvamento das famílias; restava-lhe a segunda: resistir e morrer!

Tomou da espada e formou o destacamento: quinze homens contra um exército! Centenas e centenas, talvez milhares!

Chegam os emissários inimigos.

Antônio João pergunta-lhes:

— Trazem ordem do meu govêrno para que entreguemos a praça?

— Não; — responderam arrogantes — mas trazemos 250 homens para tomá-la à força das armas.

— Então, senhores — disse-lhe Antônio João, sublime, — retirem-se. Enquanto pulsarem os corações dos filhos do meu País só receberemos ordens e intimações dos nossos próprios chefes e superiores. E voltando-se para os 14 heróis companheiros:

— Preparar! Apontar!...

Foram quinze disparos e em resposta os 250 tiros das armas invasoras.

Prêso o mensageiro pelos paraguaios, mais tarde, leu-se o bilhete:

"Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirá de protesto solene contra a invasão do sólo de minha Pátria".

ANTÔNIO JOÃO

Está aí quem foi Antônio João, o que é cumprimento do dever, o que é disciplina, o que é patriotismo.

Antônio João não é só um exemplo a ser imitado. Antônio João é uma Bandeira!

JOAQUIM SILVEIRA THOMAZ

Adestrando futuros detetives

E êste um jôgo excelente para pôr à prova as faculdades de registro visual de cada um, e recomendado, até, como um dos seus melhores exercícios práticos, por uma escola de *"detectives"*.

Está um grupo de pessôas reunidas num quarto. Uma dessas pessôas, a quem se designa pelo nome de *"detective"*, sái e durante a sua ausência, muda-se rapidamente de lugar ou de posição qualquer objéto, quer seja um móvel, uma almofada, uma jarra, ou mesmo um insignificante "bibelot". Em seguida, convida-se a pessôa que se havia retirado, a voltar para a sala.

Aquela não há de levar mais de três minutos a notar a mudança efetuada durante a sua ausência.

E si lhe não concederem mais do que um minuto para êsse efeito, o jôgo tornar-se-á mais interessante e melhor se poderão ainda apreciar as qualidades de bom *"detective"* que o jogador possúe.

AMIGO SINCERO

— Apareça lá em casa no domingo, meu caro Rodolfo! Faço anos e reunirei ali muitas pessôas inteligentes e interessantes.

— Ora! Ora! Não irei lá por causa de pessôas inteligentes! Irei, só por sua causa!

SE TODAS AS VEZES QUE AFIRMAMOS ALGUMA COISA DE QUE NÃO TEMOS ABSOLUTA CERTEZA, FICASSEMOS CALADOS, MUITAS CENAS DESAGRADAVEIS SERIAM EVITADAS.

A FAMILIA DE ZÁIDA

Em meio às suas bonecas
Zaida está, séria, gorducha.
Dez são bonecas de louça
E uma é de pano: uma bruxa.

Zaida veste-as como entende
E faz delas o que quer:
Põe-lhes calças — viram homem;
Bota saias — são mulher...

Hoje brinca de familia,
Pois a casa dela tem,
Com o pai, a mãe e irmãos todos,
Onze pessôas tambem.

Os pais são as duas grandes,
Nêste ponto não hesita.
As mais são irmãos de Zaida
E Zaida esta: a mais bonita...

A pobre bruxa de pano
Está no canto encostada.
Zaida, contando a familia
Ficou tôda atrapalhada:

— "Está faltando a Leônia...
Como é que há de ser agora?..."
Chega-se à tia Dodôr
Conta o caso e mesmo chora...

Dodôr péga a bruxa feia:
— "Ponha esta tambem na súcia!..."
— "Não!... que essa é bruxa... de pano...
Isso é a Enf... da tia Lúcia!...

ALMEIDA COUSIN

Exercite sua memoria

1.º — Quais as "ilhas" que se comem?

2.º — São "poucas" e estão no inferno. Quem são elas?

3.º — Qual a provincia de Madrid que é de "côr"?

4.º — Qual o golfo profundo do litoral venezuelano que é "miseravel"?

5.º — Qual o "continente" que tem o nome de uma filha do rei da Fenicia?

6.º — Qual o "heroi da mitologia grega" que tem o nome da constelação do hemisfério boreal?

7.º — Qual o mais "famoso astronomo da antiguidade" que tinha o nome de um governador de Atenas, antes de Jesus Cristo?

(*Soluções à pág. 116*)

Quem foi Larousse? —

Pierre Larousse, célebre gramático e literato francês, iniciador dos dicionários manuais e enciclopedias que trazem o seu nome e são conhecidos no mundo inteiro.

— *Vamos apostar quem de nós matará a lebre maior?*
— *Você, naturalmente!*
— *Porque?*
— *Porque você mente melhor do que eu...*

Quando o cinema chegou ao Rio e com que nome? —

Em 12 de junho de 1896 aqui se inaugurou o primeiro cinema, trazido da França, e que se chamava omógrafo".

O Meu Brasil

Vinde ver! Vinde ouvir, homens de terra estranha!
O Brasil de minh'alma, atormentado e aflito,
Cujo nome parece um grito de montanha,
De quebrada em quebrada, acordando o infinito.

Não é esse Brasil de vida efemera e leviana,
Superficial, anemico, franzino:
E' o Brasil que nasceu na minha terra pernambucana,
O Brasil que embalou meus sonhos de menino.

E' o Brasil intrépido na pele reteza e bronzeada
Do caboclo feliz como um "galo da serra";
O caboclo que, com o dealbar da madrugada,
Faz o sinal da cruz e vai cavar a terra.

E' o Brasil que, ao canto puro do "acorda-vaqueiro",
Abre os olhos atonitos para a paizagem,
E retezando os musculos de guerreiro,
Olha de frente o sol, como um touro selvagem.

Olegario Marianno, autor de "O Meu Brasil", o lindo poêma que vocês estão vendo aqui, é o Principe dos Poêtas Brasileiros, titulo que é o melhor elogio que se poderá fazer à sua inspiração e ao seu éstro. Membro da Academia Brasileira de Letras, e autor de vários livros que todo o país lê com enlêvo e encanto, é êle um dos maiores cultôres da Beleza, da Graça e da Poesia, e só de uma pena como a sua poderiam sair estrófes tão belas e tão emocionantemente empolgantes como as que aqui publicamos.

E' o Brasil de cocar e de tacape ao braço,
O ouvido em terra ou a erguer as mãos ameaçadoras,
Para, num salto de jaguar, suster o passo
Das primeiras "bandeiras" invasoras.

E' o Brasil que bebe na concha das mãos crispadas
A agua pura dos rios, se tem sêde,
E dorme, sob a unção das noites estreladas,
Embriagado de luz, ao balanço da rêde.

E' o Brasil de mãos calósas que os campos dilacera
E vê, passada a sarabanda dos temporais,
Num milagre divino, o hálito da primavera
Desfraldar a bandeira verde dos canaviais.

E' o Brasil destemeroso das "vaquejadas",
Que nos grotões, em cóleras, explóde,
O Brasil que chora na voz do "abôio" nas quebradas
E dansa na espiral do laço que sacode...

E' o Brasil garimpeiro, o Brasil que no fundo
Dos rios morde a terra e caminha de rastros;
Para trazer ao sol, para mostrar ao mundo,
Vindas da ganga impura, as pedras que são ástros

E' o Brasil triste das casas mal-assombradas,
De onde vinham na noite uivos longos e cavos;
O Brasil que partiu com as mãos ensanguentadas,
As grilhêtas de todos os escravos.

E' o Brasil semeador de lendas sertanejas,
Esvelto como o "Burity" de Afonso Arinos;
O Brasil de Ouro-Preto, o Brasil das igrejas,
A embalar os cristãos na viola dos seus sinos.

E' o Brasil que salta na crista da onda revôlta e linda;
Jogando os braços nús para a vela enfunada;
O meu Brasil dos meus pescadores de Olinda;
Atirados ao mar num berço de jangada.

E' o Brasil virgem e ingenuo, sem atavios;
Abrindo o coração ao sol como as corolas;
O Brasil lirico das "toadas" e "desafios",
Escondendo a alma no bojo das violas.

E' o Brasil deus pagão bárbaro e forte,
Humilde e bom como ele sempre foi;
O meu Brasil dos "Pastoris" do Norte,
O Brasil do "Fandango" e do "Bumba-meu-boi".

O Brasil de alpercata e de chapéu de couro,
Agil, nervoso, leal, puro como nasceu,
Que tem na sua rêde o ouro do seu thezouro,
E tem no seu cavalo a asa que Deus lhe deu.

Poêma patriotico de

Olegario Marianno
(DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

Os caprichos do acaso

Interessante processo de iluminação

Os habitantes de uma região do Canadá, onde ainda não chegou a eletricidade, encontraram um curioso sistema de iluminação. Pescam uns pequeninos peixes, abundantes na região, atravessam-nos com uma pequena mécha de algodão, da cabeça á cauda e como contêm bastante matéria gordurosa, quando sêcos acendem a mécha como se fosse uma vela.

Vinho instantaneamente transformado em agua

Ainda quando diluido em água, o permanganato de potassio, composto de manganês, oxigênio e potassio, é muito oxidante. Tinge êle de vermelho-arroxeado a água que o dissolve, mas essa côr desaparece si agregardes á solução certas substâncias orgânicas, tais como sumo de limão, açúcar, leite, ácido tartárico, etc., isso porque ao mesmo tempo que oxida, que "queima" essas substâncias, é o permanganato consumido.

Bactérias e micróbios de que a água possa estar contaminada, destroi-as também o permanganato de potassio. Para desinfetar um pôço será, pois, indicado e prático atirar-lhe dentro uma quantidade de permanganato de potassio suficiente para conservar a água colorida durante longo tempo. Não se deve beber a água assim tinta, mas é fácil descolori-la com um pouco de sumo de limão ou com uns cristais de ácido cítrico. Verdade é que então a turvará um pó pardo, — o bioxido de manganês, insolúvel, — resultante da decomposição do permanganato. Não há inconveniente em ingerir água com êsse bioxido, que é inofensivo, mas póde-se eliminá-lo, passando o liquido através de um papel filtro.

É a aludida rápida decomposição do permanganato de potassio que aproveitaremos para fazer uma "prestidigitação". Tendo posto numa garrafa meio litro dágua, uma grama de ácido sulfúrico e meia grama de permanganato, transvasareis, no momento da "mágica", êsse liquido para um copo que tenha no fundo, imperceptiveis, algumas gôtas de hiposulfito de sódio (sal redutor, isto é, avido pelo oxigênio).

A medida que o vosso "vinho", — tal é bem a tonalidade da côr impressa á água, pelo permanganato e ácido sulfurico na supradita proporção, — fôr passando para o copo irá perdendo a coloração . . . convertendo-se em água.

EXERCITE SUA MEMORIA

— 1.° —

Qual a criação de Walt Disney que tem o nome de um personagem mitológico?

— 2.° —

Que corpos existem em nós e que têm o mesmo nome de uma serra do Brasil?

— 3.° —

Qual o sacerdote que possue igual designação de um paiz?

— 4.° —

Qual o Estado do Brasil que tem o mesmo nome do vapor que conduziu d. Pedro II e sua familia à Europa, após a proclamação da Republica?

— 5.° —

Qual a particula sêca que tem a particularidade de ser molhada graças a um rio europeu?

— 6.° —

Qual o capacete que tambem é planta?

— 7.° —

Qual o animal carnivoro que tambem leva o nome de um inventor?

— 8.° —

Qual o nosso filósofo que é lagôa brasileira?

— 9.° —

Qual o quadrupede que tem nome de mulher?

(Veja as respostas à pagina 116)

CURIOSO

O Brasil foi a primeira nação da América do Sul a utilizar-se da luz elétrica — o que se verificou em 24 de julho de 1883, com a inauguração, feita por D. Pedro II, da iluminação pública da cidade fluminense de Campos. Um ano mais tarde, foi instalada a particular.

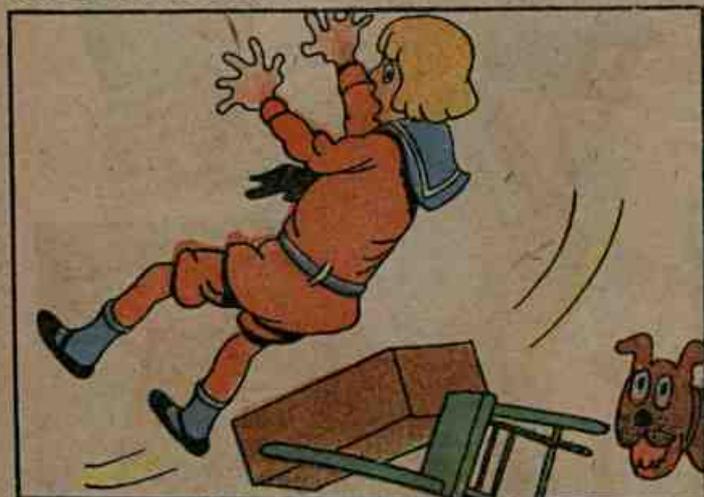
O AVIADOR : — Vou me atirar dos 3.000 metros. Queira Deus que o paraquédas funcione !
O MECÂNICO : — Se não funcionar, venha me avisar que arranjarei outro.

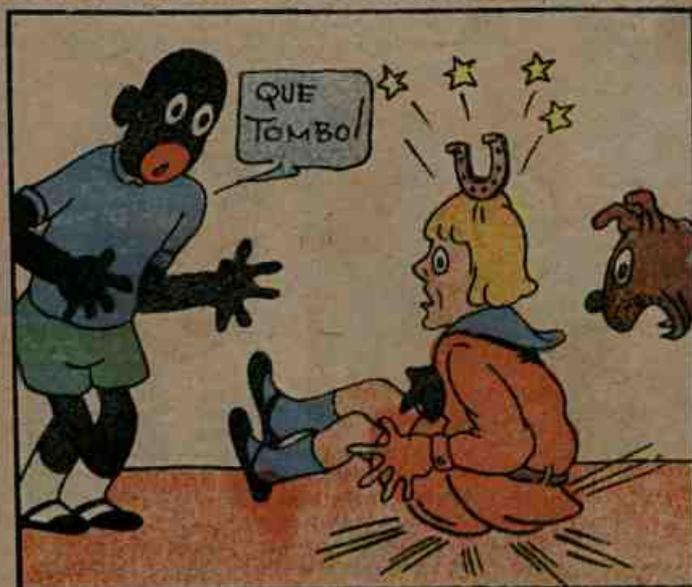
A PRINCEZA E O SONHO
1
Certa vez, num reino longinquo, a filha do rei foi pedida em casamento. Então se prepararam grandes festas, e foram convidadas todas as princezas dos paises vizinhos, para servirem de damas de honra.
2
Os Embaixadores levaram os convites e as princezas escolhidas eram as mais belas que vocês possam imaginar. Todas, menos uma, que apezar de ter ótimo coração e possuir os melhores sentimentos, possuia uma...
3
...péle feia, cheia de manchas e de espinhas, o que muito lhe causava desgosto. Por isso o convite foi recebido com reservas pelo soberano, que...
4
...sabia que se tratava apenas de uma formalidade, pois todos preferiam que sua filha não acedesse ao convite, para não ser a única feia entre as que formariam a guarda de honra da noiva. Quando o Embaixador se foi, o rei chamou a filha e lhe falou carinhosamente, muito triste:
5
—Minha querida filha, aconselho-te a não ires ao casamento. Não te preciso dizer porque, minha querida... A desditosa moça nem poude escutar o que o pai lhe dizia, pois caiu em pranto convulso, e se foi a soluçar.
6
Ficando só, em seu quarto, chorou tanto que acabou por adormecer. E foi então que teve um belo sonho. Apareceu-lhe uma linda figura feminina, que lhe pôs a mão sobre a cabeça, e lhe disse:
7
«Não chore, princeza. O seu mal não é dos que levam ao desespero... Nos bosques do reino se encontra uma planta maravilhosa que produz uma flôr bonita e perfumosa: a Flôr de Colonia.
8
Os quimicos do Reino poderão tirar dela uma agua miraculosa, que aplicada ás faces manchadas e cheias de espinhas, fará o verdadeiro milagre de tornar a péle nova, fresca e macia.» Alvoroçada, a princeza contou ao pai o que acorrêra.
9
Chamaram os sabios e estes realizaram buscas, estudos e produziram o maravilhoso Leite de Colonia que, aplicado às faces da princeza, realizou o milagre anunciado. A princeza poude ir à festa. E desde então o Leite de Colonia vem sendo o preferido por todas as mulheres para tratarem da péle.
Leite de Colonia
PARA O EMBELEZAMENTO DA MULHER
LABORATORIOS LEITE DE COLONIA STUDART & CIA
MANAOS - RIO
LABORATORIOS STUDART

AVENTURAS DE CHIQUINHO

(PÁGINA 1)

CHIQUINHO NOUTRO DIA ACHOU UMA FERRADURA, E COMO OUVIRA DIZER QUE AQUELE OBJETO DAVA SORTE, LEVOU-O PARA CASA SOB...

...OS OLHARES DO BENJAMIM, COLOCOU UM CAIXOTE SÔBRE UMA CADEIRA E NA PONTA DOS PÉS, FAZIA PRODIGIOS DE EQUILIBRIO PARA PENDURAR A...

...FERRADURA NA BANDEIRA DA PORTA. MAS DE REPENTE A UM MOVIMENTO EM FALSO O CAIXOTE ESCORREGOU E CHIQUINHO PERDEU...

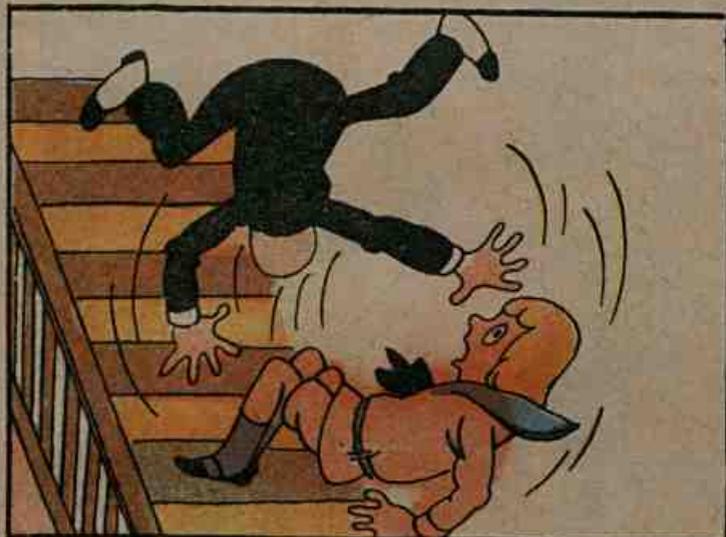
...O EQUILIBRIO E PRONTO! DEU UMA PORÇÃO DE CAMBALHOTAS NO AR, ENQUANTO JAGUNÇO E BENJAMIM, DE OLHOS ARREGALADOS, BERRAVAM SEM...

...NADA PODER FAZER. E VEIO CAIR ESTRONDOSAMENTE NO CHÃO, ENQUANTO A FERRADURA COM TODA A FÔRÇA ESTOUROU-LHE NA CABEÇA.

NO ALTO DO CRANIO LOGO LHE NASCEU UM GALO, E TÃO DANADO FICOU CHIQUINHO, QUE JOGOU A FERRADURA LONGE.

AVENTURAS DE CHIQUINHO

(Continuação) (Página 2)

MAS TEVE TÃO POUCA SORTE QUE A FERRADURA FOI REBENTAR NA CABEÇA DO VÔVÔ QUE NAQUELE MOMENTO APARECIA NA PORTA.

O VÔVÔ, ZANGADO, SAIU A CORRER ATRÁS DE CHIQUINHO, QUE FUGINDO AFOBADO FOI ESBORRACHAR O NARIZINHO NA PAREDE.

TROPEÇARAM OS DOIS, E VIERAM DE CAMBALHOTAS, FAZENDO UM BARULHO INFERNAL ROLANDO A ESCADA.

E CÁ EM BAIXO ESBORRACHARAM-SE COM TODAS AS FORÇAS, JUNTAMENTE COM JAGUNÇO, SOB OS OLHARES DE BENJAMIM.

VÔVÔ ENTÃO PEGOU O ENDIABRADO CHIQUINHO, E DEU-LHE TANTAS PALMADAS, QUE FICOU DEZ DIAS COM AS MÃOS INCHADAS.

E CHIQUINHO, TODO DOLORIDO, AMARRADO EM GAZES E ATADURAS, JUROU NUNCA MAIS ACREDITAR EM FERRADURAS DE SORTE.

FLÔR DE LIS

História e desenhos de Raimundo Santos

Essa história se passou num reino longinquo em tempos remotos:

Seu velho pai, monarca poderoso, possuia um coração de ouro, e era muito estimado e respeitado pelo povo.

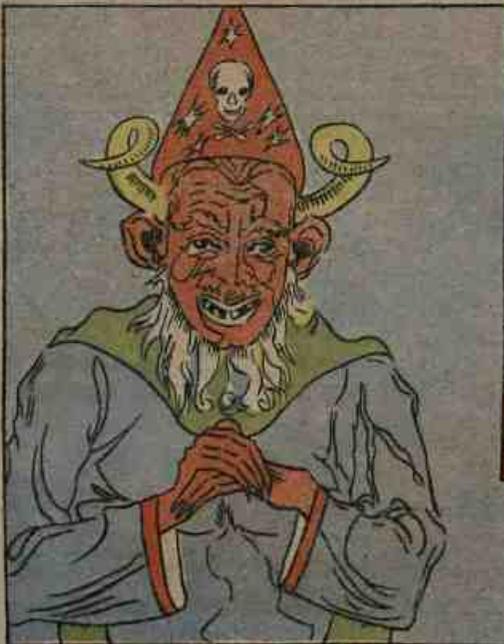
Certo dia, burlando a vigilancia dos guardas do Palácio, a princezinha saiu a passeio e penetrou numa grande floresta.

Corria a lenda de que existia nessa floresta um castêlo de aspecto medonho, no qual morava um feiticeiro, chamado Gôlo, que era o terror daquele povo.

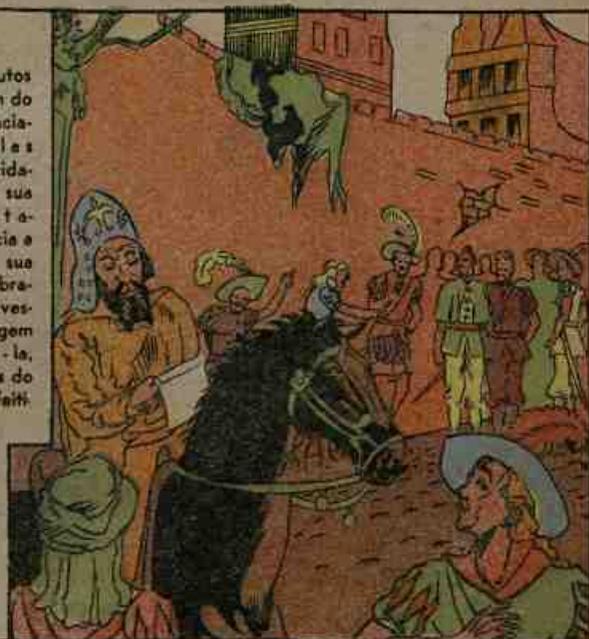
Flôr de Lis, após longa caminhada, sentindo-se fatigada, deitou-se à beira de um regato, e adormeceu profundamente.

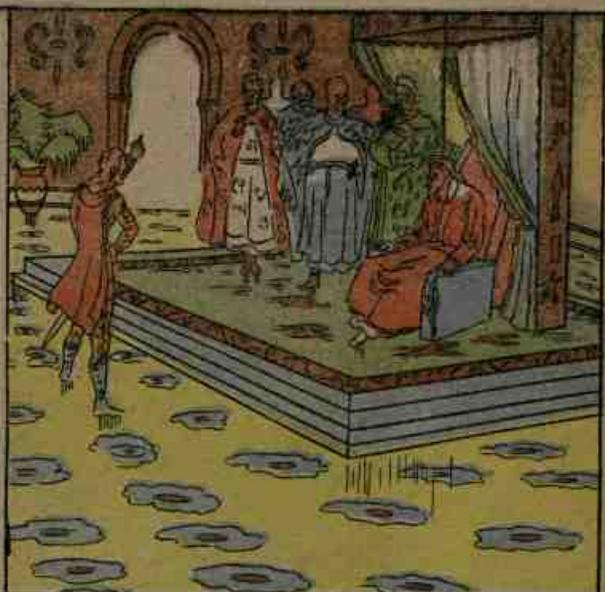
Quando acordou estava deitada em rico divam, num deslumbrante salão, de aspecto bizarro e extranho para ela.

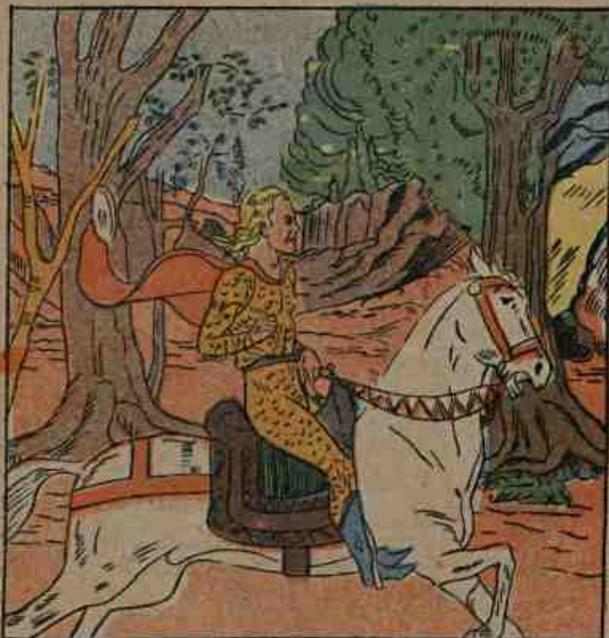
FLÔR DE LIS

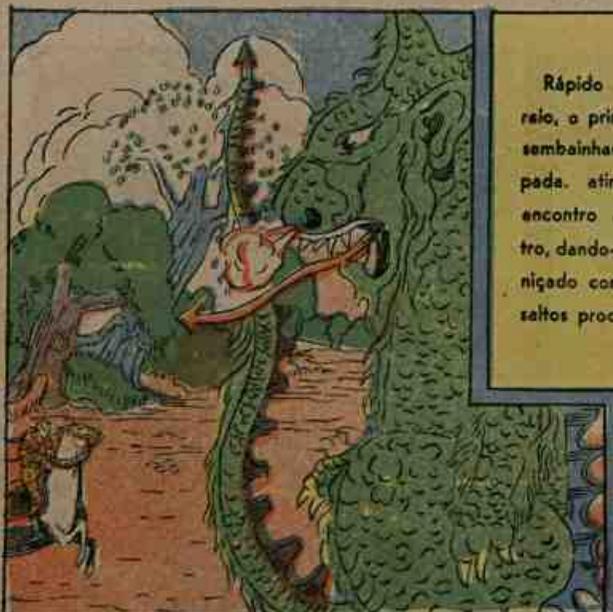
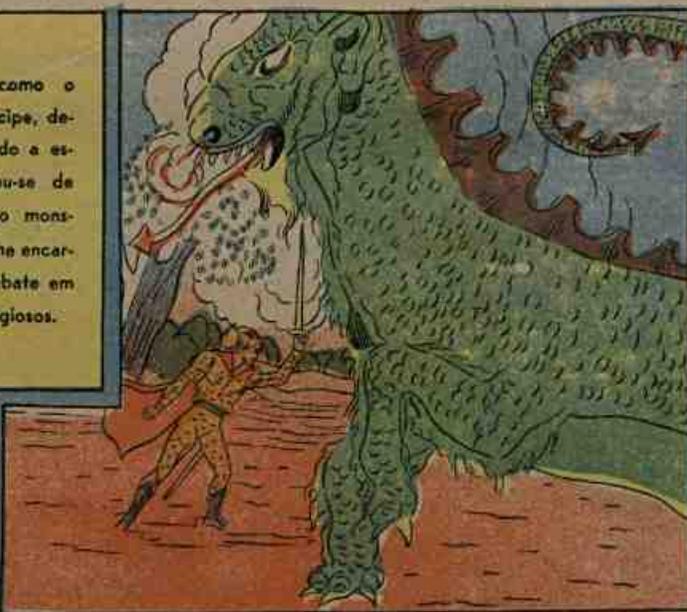
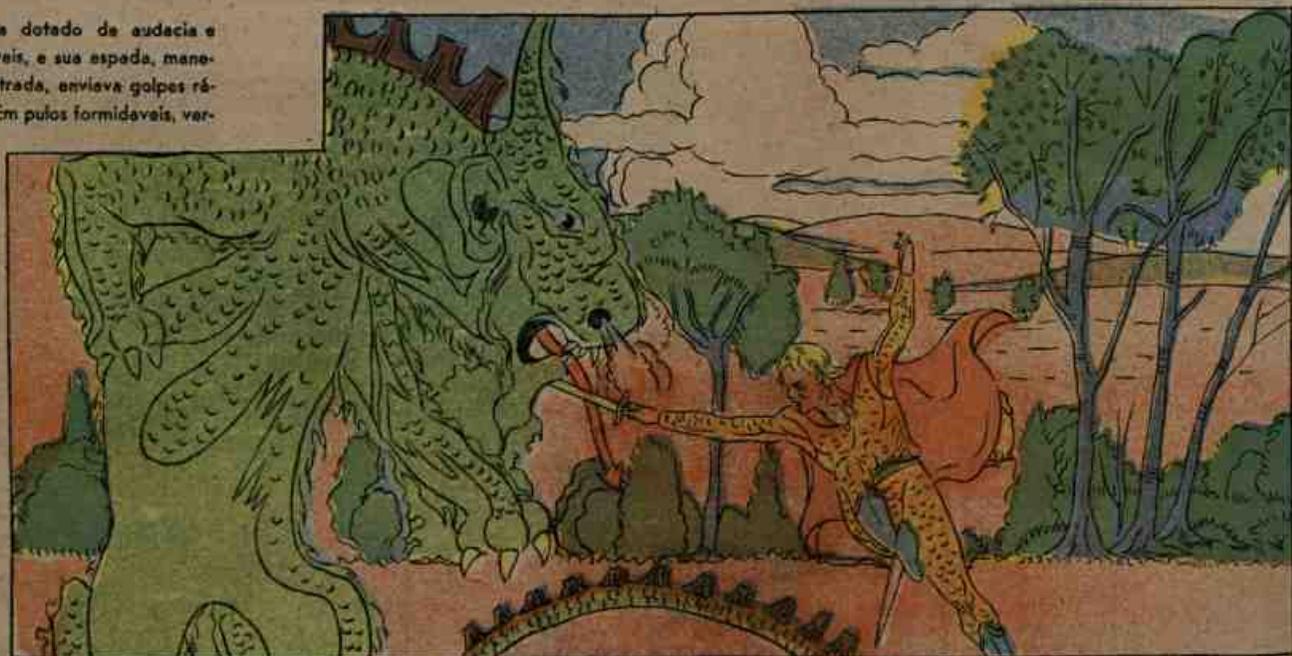
Voz cavernosa e sinistra, rompeu o silêncio numa gargalhada infernal.

— Não vos assusteis, minha bela princezinha! disse depois. Mandei um aviso ao vosso pai, de que estais em meu poder e que sereis minha esposa.

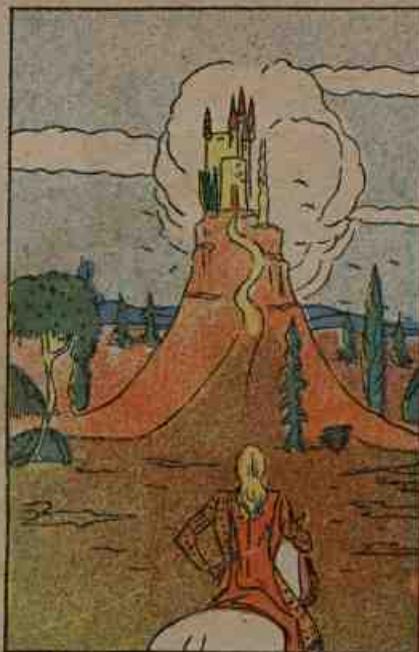
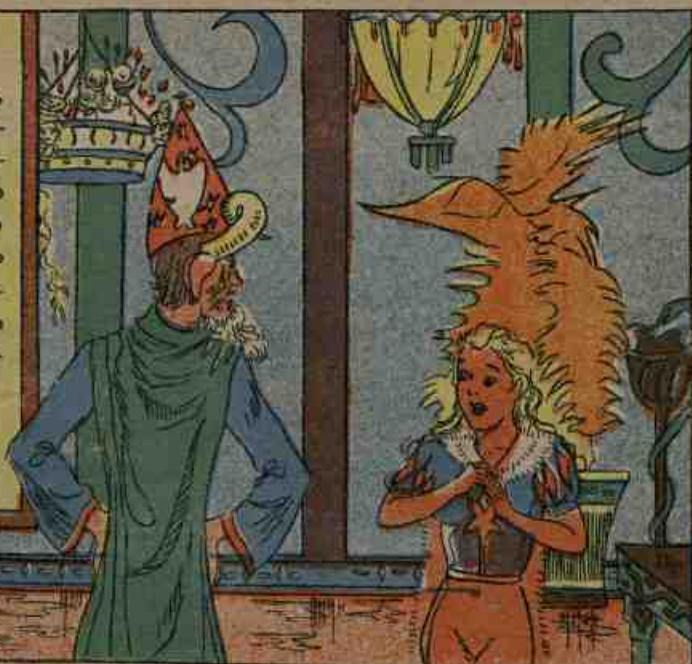
Compreendendo a terrível verdade, Flôr de Lis deu um salto, pondo-se de pé, tremula, com o coração a palpitar. Grande terror estampou-se no seu lindo semblante.

Os arautos por ordem do rei, anunciavam pelas ruas da cidade que sua magestade oferecia a mão de sua filha ao bravo que tivesse a coragem de salvá-la, das garras do terrivel feiticeiro.

Muitos candidatos à emprêsa partiram, mas, deles não mais houve notícias. Certo dia, ao reino chegou um belo cavaleiro, encarnação perfeita de nobreza e bravura.

O nosso cavaleiro era um principe de reinò distante, à procura de aventuras, e que uma vês informado do que se passava teve compaixão da princezinha, e apresentou-se garantindo ao rei que salvaria sua filha e que traria para prova de sua bravura a cabeça do feiticeiro.

FLÔR DE LIS

Partiu então no seu belo cavalo branco o valoroso principe Diamantino, disposto a salvar Flôr de Lis.

Sentindo a aproximação de um terrivel adversário, Gôlo teve um ligeiro estremecimento mas, confiante no seu poder de mágico ergueu as mãos e nervosamente executou um gesto ameaçador, gritando numa voz de louco: — MORRERA'!

Ouve-se tremendo estrondo que abala toda a floresta, e eis que de súbito surge à frente do principe pavoroso dragão de gigantesca estatura

Rápido como o raio, o principe, desembainhando a espada, atirou-se de encontro ao monstro, dando-lhe encarniçado combate em saltos prodigiosos.

O principe era dotado de audacia e sangue frio admiraveis, e sua espada, manejada por mão amestrada, enviava golpes rápidos e sucessivos. Em pulos formidaveis, verdadeiras manobras de combate, em dado momento conseguiu ferir o dragão soltando este tremendo urro de dôr, que abalou toda floresta. Outro golpe, mais outro, e o monstro tombou por terra.

FLÔR DE LIS

Exultante o bravo príncipe embainhou a espada e, novamente a cavalo, seguiu rumo ao castelo.

Gôlo, colérico, blasfemando pragas terríveis, fitava de vez em quando Flôr de Lis que nada compreendia da estranha atitude do feiticeiro.

Ouviu-se o barulho de fortes pisadas e uma voz firme, que retumbou no salão como uma trovoada. Era o príncipe que saudou a prisioneira com estas palavras:

— Aqui estou princêsa. Tenha coragem!

Gôlo voltou-se bruscamente e encarando o perigoso adversário levantou as mãos ameaçador. E exclamou, no auge do desespero, erguendo os braços:

— Vou reduzir-te a pó!

Com um salto o príncipe sacou da espada e com golpe certeiro pôs fóra de combate o feiticeiro.

Flôr de Lis não poude ocultar sua admiração pelo heroismo do príncipe, e cavalgando ao seu lado, rumo ao palácio de seu pai, sorria grata e satisfeita, envolvendo o belo mancebo num olhar terno e carinhoso. Casaram-se, então, e viveram ditosos.

OS IMPACIENTES SÓ TEEM A PERDER

Conta a lenda que os animais andavam agitados. Os Elefantes-Chefes eram comumentes vistos conferenciando com Cavalos-Chefes.

Os Elefantes, em geral, pacientemente aguardam "qualquer coisa". Não modificaram seus habitos. Só seus chefes andavam de lá para cá.

Com a Cavalhada, o caso era diferente. Embora o Tamanduá, diretor do Transito da Floresta, houvesse proibido o excesso de velocidade o galope e só fosse permitido o relinxar em tom grave, os Cavalos andavam em correrias assombrosas e relinxavam fortemente atropelando e assustando os Preás. As Corujas andavam em franca atividade "marcando" os Cavalos infratores.

Mas, qual! Aquilo só era possivel — raciocinava a Capivara, que era a encarregada do "Inteligence Service", porque havia "alguma coisa no ar".

De fato, a Capivara tinha razão. Até os papagaios comprometiam a situação. Durante as semanas se sucediam os banquetes e os papagaios davam grandes demonstrações de oratória. As medidas da Governança cada vez mais diminuiam a liberdade dos bichos. Até os vôos em "piqué" das andorinhas estavam proibidos. Acusavam os periquitos de origem estrangeira, de serem paraquedistas e se formavam, na Floresta, verdadeiras esquadrilhas civis de Maritácas.

Um dia, um Cavalo, muito moço, brigou num bar chic. E, no auge da indignação, comprometeu a situação. Foi preso imediatamente e, interrogado com habilidade pela Coruja, forneceu indicios preciosos. Em pouco tempo a situação era outra. O Leão ordenou medidas definitivas. Foram feitas prisões em massa. A Cavalhada andava assustada e de crina torcida. Só os Elefantes foram ligeiramente incomodados. A paciencia fôra-lhes de grande valia. Comentando esses excitantes acontecimentos achava-se reunido um grupo de bichos:

— Pois é... — gritava o desastrado Macaco — essa "gente" não tem fibra: O Coronel Baio...

— Deixe de histórias — redarguia a Queixada, derrotista conhecida. — Não adianta mudar nada...

— Isso, não! — protestou o Urubú, conhecido como incitador de lutas.

— Isso, não! Está provado que a evolução exige...

Um pequeno ressonar chamou a atenção do grupo.

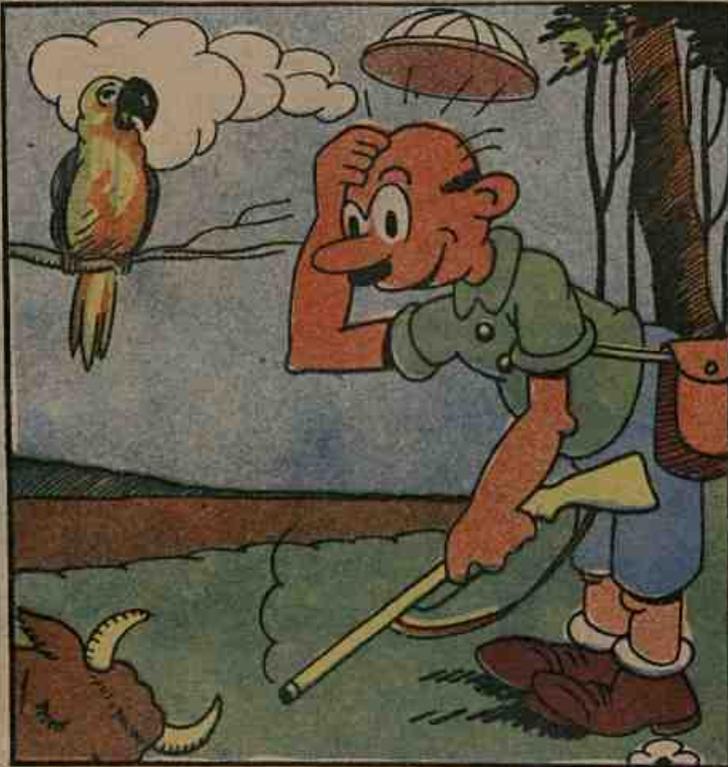
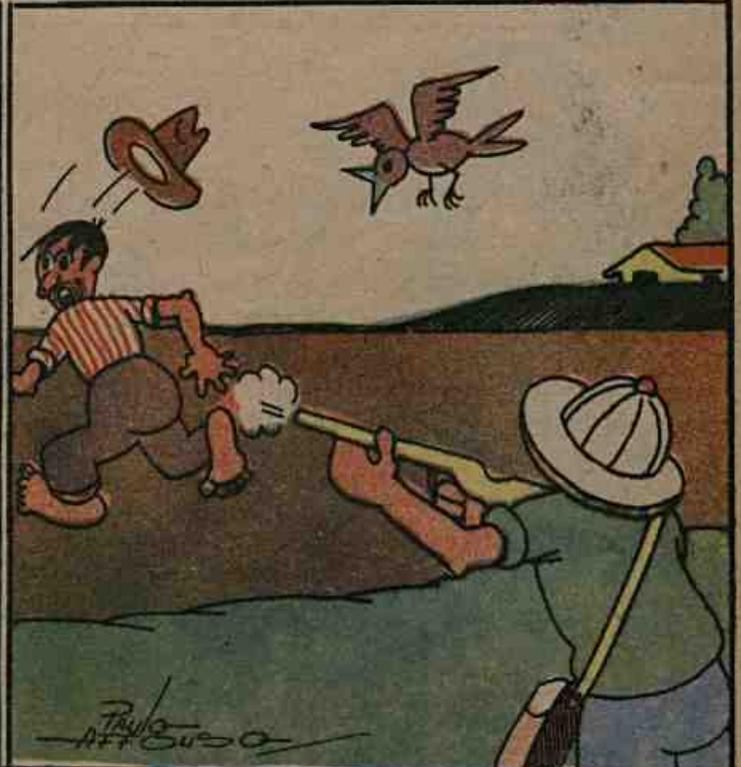
Olharam. Era o filósofo Coelho que, apenas com a cabeça para fóra da tôca, dormia como um justo.

— Eh! Coelho! — berrou Macaco.

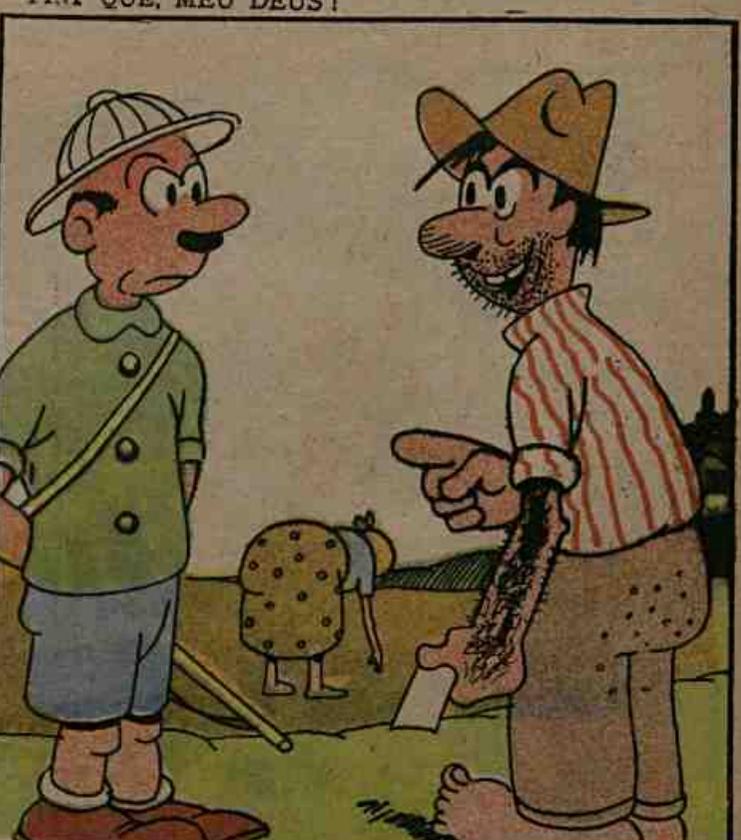
Mestre Coelho não fez um movimento. Abriu calmamente um olho e continuou dormindo com o outro. Contudo, viu o suficiente: a prisão de todo o grupo por Cabritos da Policia de Choque que estavam espiando.

A falta de paciencia foi prejudicial, mais uma vez, aos bichos.

O Macaco foi processado como revolucionário perigoso. A Queixada foi acusada de derrotismo e de sabotagem. O Urubu teve de prestar uma vultosa fiança. Só ao Mestre Coelho nada aconteceu. Adquiriu êle, entretanto, desde esse dia o habito de dormir na tôca sempre com o olho esquerdo aberto.

APROVEITA A OCASIÃO

O FELISBINO COMO CAÇADOR ERA UM VERDADEIRO DESASTRADO; SE FAZIA PONTARIA NUMA POMBA A VOAR, CHUMBAVA UM BOI NO CAMPO. MUITO RICO E LIBERAL, VIVIA PAGANDO BEM CARO OS SEUS INCRIVEIS ERROS DE PONTARIA.

CERTO DIA, INDO CAÇAR NA ROÇA, ONDE O ZE' LAMPREIA E SUA MULHER NHÁ NÓCA ANDAVAM CURVADOS A APANHAR RESTOS DE MILHO, O FELISBINO TOCOU UMA FORMIDAVEL CARGA DE CHUMBO NA PARTE CARNUDA DO ZE' LAMPREIA. PRA' QUÊ, MEU DEUS!

O CABOCLO, FURIOSO BOTOU A BOCA NO MUNDO GRITANDO QUE IA SE QUEIXAR AO DELEGADO, MAS O FELISBINO MAIS UMA VEZ RESOLVEU LOGO A SITUAÇÃO.

— NÃO FAÇA ISSO MEU AMIGO! TOME LA' QUINHENTOS MIL RÉIS E VÁ SE TRATAR. ZE' LAMPREIA PEGOU A NOTA...

...NOVINHA EM FOLHA, COÇOU A BARBICHA, SORRIU E PERGUNTOU:

— CADA VEIS QUI CUNTECE ISSO VANCÊ PAGA 500$?

— PAGO, RESPONDEU FELISBINO.

E O CAIPIRA PISCANDO O OLHO MOSTRANDO NHÁ NÓCA CURVADA, COLHENDO O MILHO DISSE:

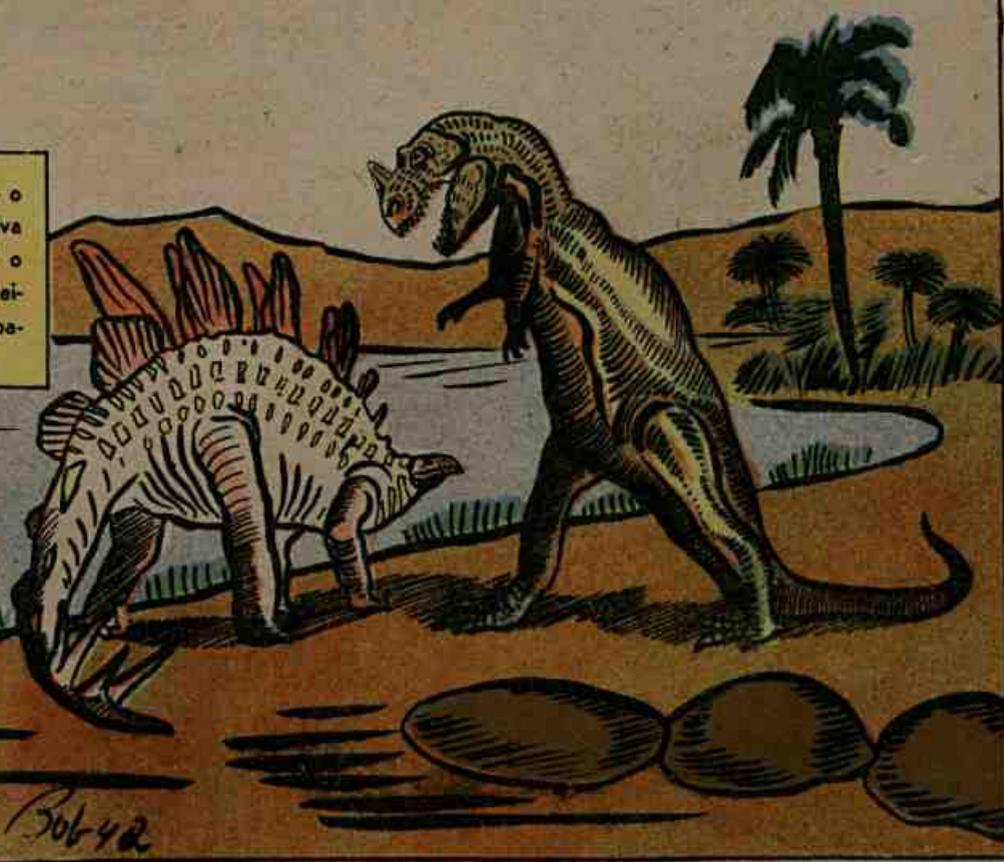
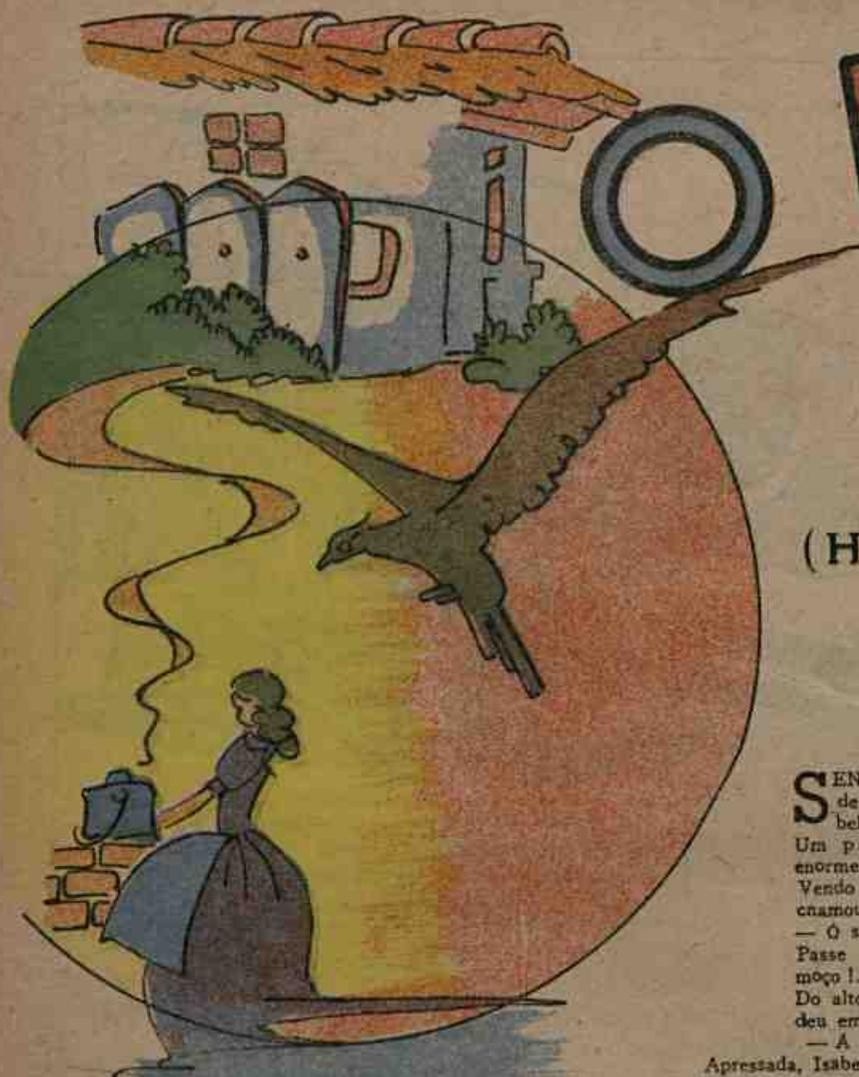
— OI... TA' BEM DE GEITO... TAQUE UM TIRO NA NÓCA TAMBEM... PURVEITE A CASIÃO...

UM PASSEIO PELA

Embora de proporções gigantescas, o MEGATHERIUM, precursor da preguiça dos tempos atuais, era um animal de gestos lerdos e muito desprotegido, sendo vítima fácil para o terrível tigre de grandes presas, que acabou por destruir completamente a espécie.

Este mamífero imenso — o MASTODONTE — já habitou a zona que atualmente está ocupada pelo estado de NEW YORK, onde teem sido encontrados vários vestígios fósseis do grande paquiderme.

O TITANOTHERIUM, o gigantesco antepassado do búfalo americano era um animal tão bem armado e possante, que até hoje a extinção dessa espécie, permanece em mistério para a ciência.

PRE-HISTÓRIA -- por Bob Steward

O MOÇO BONITO

(HISTÓRIA SERTANEJA)

SENTADA à porta de sua cabana Isabel olhava o céu. Um pássaro negro, enorme, passou voando. Vendo-o, Isabelinha chamou-o:

— Ó seu moço bonito! Passe por aquí, seu moço!...

Do alto, a ave respondeu em voz grossa:

— A noite...

Apressada, Isabelinha entrou em casa. Arrumou tudo. Enfeitou a mesa. Fez um cúscús saboroso. Já era noite, quando terminou. Sentou-se então à espera da visita.

As horas iam passando. Não podendo resistir ao sôno, a menina adormeceu.

Mal fazia poucos instantes que estava dormindo, eis que duas pancadas soaram à porta da cabana, enquanto uma voz rouca e grossa cantou:

— Isabelinha, Isabelão,
ponga las tipongas,
abre a porta que eu venho te visitar,
ponga las tipongas...

Tetéia, a cachorrinha de Isabel, respondeu, em lugar da menina:

— Já me lavei, já me deitei,
ponga las tipongas,
si quisér venha amanhã,
ponga las tipongas...

Acordando nesse momento, Isabel ouviu a resposta da Tetéia. Cheia de raiva, atirou-se sôbre a cadelinha, matando-a.

No dia seguinte, pôs-se de novo, à porta da cabana.

Veio o pássaro negro, voando. Isabelinha chamou-o:

— Ó que moço bonito!... Passe por aqui, seu moço!...

— A noite...

Contente, Isabelinha preparou novo cúscús. Enfeitou a mesa. Preparou todo e se pôs a esperar o visitante.

Como demorasse, a menina, cansada, adormeceu.

Apenas dormia uns momentos, quando duas pancadas bateram à porta da cabana e uma voz cheia canton:

— Isabelinha, Isabelão,
ponga las tipongus;
abre a porta que eu venho te visitar;
ponga las tipongas...

Embora morta, Tetéia respondeu:

— Já me lavei, já me deitei,
ponga las tipongas,
si quisér venha amanhã,
ponga las tipongas...

As últimas palavras acordaram Isabel. Cheia de ódio, correu ao corpo do animalzinho e atirou-o às cinzas, debaixo do fogão.

No outro dia, foi à porta da cabana.

Quando o pássaro passou, alvorotada Isabelinha chamou:

— Ó que moço bonito ! Passe por aquí, seu moço!...

Do alto, a ave respondeu:

— A noite...

Arrumou a menina, de novo, a casa. Fez um bolo de castanhas de cajú.

Enfeitou a mesa de manacás cheirósos e esperou a visita.

Como tivesse sôno, não quis deitar-se. Encostou-se à porta. Dormiu,

Daí a pouco, duas pancadas soaram na porta da cabana. Uma voz cheia cantou:

Isabelinha, Isabelão,
ponga las tipongas,
Abre a porta que eu venho te visitar,
ponga las tipongas...

Mas, debaixo do fogão, as cinzas de Tetéia responderam fracamente:

Já... me... deitei... já... me... lavei...
pon...ga...las...ti...po..n...

Não acabaram as palavras. Isabelinha acordou e abriu a porta. O moço bonito entrou. A menina deu-lhe o bôlo, mostrou-lhe a sala toda enfeitada por causa dêle. Mas a grande ave nada disse.

Curiosa, Isabelinha pôs-se a olhar a sua visita.

Vendo-lhe os olhos enormes, as garras, o bico adunco, tomada de medo, indagou:

Seu moço, porque é que seus olhos são tão grandes?

— São para melhor te olharem, minha menina...

— Seu moço, porque suas asas são tão largas?

— São para te abraçar, minha menina.

E o pássaro preto agarrou a pequena.

Medrosa ainda, mas cheia de curiosidade, Isabelinha continuou:

— Seu moço, porque é que seu bico é tão grande?

— E' para te comer !

E num pronto, o pássaro preto devorou a menina.

LEONOR POSADA

A cozinheira de seu dotô

— A culpa é tua! — dizia D. Durvalina a seu marido o dr. Paralamas que se queixava da vida. — Por que não te dedicas ao oficio de manicura?

E o dr. Paralamas; tão orgulhoso de seu titulo; resolveu meter a cara no tal oficio; mas sem mostrar a cara.

Arranjou um biombo com dois orificios e escreveu em cima: "Maquina de fazer as unhas".

Assim era possivel exercer aquela função modesta e manter-se desconhecido.

Os fregueses, e principalmente as freguesas, começaram a aparecer. O dr. Paralamas...

...meteu mãos à obra e não tinha mãos a medir. O seu gabinete estava sempre cheio, porque seus preços, além de cômodos, eram ainda favorecidos com um bilhete numerado correspondente aos bichos do jogo.

Uma vez uma preta gorda meteu as mãos nos buracos do gabinete.

O dr. Paralamas fez-lhe as unhas sem o menor preconceito...

...mas a mulher quiz ver como era a maquina; meteu a...

...cara por cima do biombo e soltou uma exclamação: — "Ué! Seu dotô! Era a Brigida, cozinheira do dr. Paralamas!

OS SENHORES DO

EM tempos que já lá vão viviam para as terras do Oriente dois nobres senhores; cada um d'eles tinha, no meio dos seus dominios, um castelo suntuoso. Um dos castelos era de marmore branco e o outro de marmore cinzento. O senhor do castelo cinzento tinha um filhinho e o do castelo branco uma filhinha. Quando se encontravam no palacio d um d eles, tinham por costume dizer: "Quando os nossos filhos crescerem, casarão e ficarão com os nossos castelos e terras".

Assim os senhores, os seus filhos e seus vassalos viviam alegremente, até que numa noite de festa no castelo branco bateu à porta um viajante que tinha visto muitas terras longinquas e cousas maravilhosas, e com quem tôda a gente gostava de falar das suas viagens. Por isso, mandaram-no entrar e o senhor do castelo branco disse-lhe:

"Dize, bom estrangeiro: qual foi a maior maravilha que viste em tôdas as tuas viagens?"

"A cousa mais extraordinaria que vi", respondeu o viajante, "foi, no fim d'aquela floresta, sentada no interior d'uma casa de madeira, uma velha que tece com o seu próprio cabelo pano cinzento num tear muito desengonçado. Quando precisa de mais fio, corta o seu próprio cabelo grizalho, que cresce tão depressa que, tendo-a eu visto cortá-lo de manhã, à tarde já lhe enchia o quarto".

Depois do viajante se ter ido embora, o senhor do castelo branco pôs-se a cismar no que êle dissera, a tal ponto que já não comia nem bebia com a idéia de vêr a velha que tecia o seu próprio cabelo. Por fim, decidiu-se a explorar a floresta em procura da casa onde a mulher habitava, e comunicou as suas intenções ao senhor do castelo cinzento. Combinaram os dois partir, sem que ninguem désse por tal, para que os outros senhores da região se não rissem d'eles. O senhor do castelo branco tinha um criado que o servia havia muito e cujo nome era Verdeprado; chamou-o e disse-lhe:

"Vou fazer uma longa viagem com o meu amigo. Véla pelos meus bens e acima de tudo sê bom para a minha filhinha Lindaflôr até ao meu regresso".

O senhor do castelo cinzento tinha tambem um criado que o servia havia muito e cujo nome era Gostoamargo; chamou-o e fez-lhe as mesmas recomendações que o outro fizéra ao seu, dizendo-lhe que velasse especialmente pela vida do seu filho Rondabosques. Em seguida, os senhores beijaram os seus filhos, enquanto eles dormiam, e partiram.

As crianças sentiram a falta de seus pais e os vassalos a de seus senhores. Ninguem, a não ser os criados, podia dizer o que fôra feito d'eles; e assim passaram sete meses sem que voltassem. Os senhores tinham pensado que seus criados eram de confiança porque os haviam servido bem sob as suas vistas; ao contrario, porém, eram ambos ambiciosos, sem escrupulos, e, julgando que algum mal sucedêra a seus amos, tomaram posse do castelo.

Verdeprado tinha um filho chamado Matogrosso e Gostoamargo uma filha chamada Milmigalhas. Resolveram os pais fazer d'eles os futuros senhores d'aqueles dominios e assim tiraram os fatos que Lindaflôr e Rondabosques costumavam usar e deram-nos aos filhos, vestindo os filhos dos senhores com fatos esfarrapados. Não contentes com isto, sentaram seus filhos à mesa principal e fizeram-nos dormir nos melhores quartos, enquanto Lindaflôr e Rondabosques eram obrigados a guardar porcos e a dormir no palheiro. Os pobres meninos não tinham ninguem que velasse por eles. Tôdas as manhãs, ao nascer do sol, eram mandados guardar um grande rebanho de porcos, num vasto campo aberto de pasto, próximo da floresta.

Sentavam-se na relva a conversarem e consolavam-se um ao outro, dizendo que seus pais haviam de voltar; apesar de esfarrapados, pareciam tão formosos como d'antes; enquanto Matogrosso e Milmigalhas zangavam-se um com o outro e estavam cada vez mais feios.

Os manhosos criados não gostavam d'isto, e queriam que seus filhos parecessem meninos de alta linhagem, e Lindaflôr e Rondabosques pequenos pastores pobres. Por isso mandaram-nos para um campo de pasto ainda mais selvagem, mais próximo da floresta, e deram-lhes dois porcos mais bravos que todos os outros para guardar. Num dia nevoento dos fins da primavera Lindaflôr e Rondabosques sentaram-se à sombra d'uma rocha musgosa. D'aí a pouco Rondabosques deu pela falta dos dois porcos mais bravos; e, julgando que tinham ido para a floresta, os pobres meninos puzeram-se à procura d'eles; mas, apesar de o fazerem durante horas, não encontraram siquer vestigios dos animais. Ao fim de muito andar, viram uma senhora que caminhava direito para eles; tinha na mão direita um ramo de flôres e o que havia de mais notavel no seu vestido eram as compridas mangas, verdes como a erva.

"Quem são vocês?" perguntou ela.

As crianças contaram a sua história e a maneira como tinham perdido os porcos.

"Bem; vocês são os mais lindos guardadores de porcos que teem atravessado o meu caminho. Escolham: querem ir para casa e continuar a guardar porcos para o Verdeprado e o Gostoamargo, ou querem viver livremente, comigo, na floresta?"

"Ficaremos contigo", responderam os meninos.

Enquanto eles falavam, a dama introduziu o ramo de flores pela herva como se fôsse uma chave; e de repente abriu-se uma porta num grande carvalho, no qual havia uma casa encantada. Quando entraram, a senhora disse-lhes:

"Aqui vivo há cem anos e sou a senhora Mangasverdes. Tenho por única companheira o meu anão Pequenito que aqui vem no fim das colheitas".

Em breve os meninos viram como tinha sido bom com a senhora. Mangasverdes deu-lhes leite de cabra e tortas de farinha de nóz, e tenro musgo verde para lhes servir de cama. Êste bom tratamento fez com que os pobrezinhos esquecessem as suas aflições.

Durante todo aquele verão, Rondabosques e Lindaflôr viveram com ela no grande carvalho tanto a seu gôsto que, se não fôsse a falta de noticias de seus pais, seriam inteiramente felizes. Porfim começaram a murchar as flôres e a cair

E DO CASTELO CINZENTO

as folhas. Mangasverdes disse-lhes que Pequenito estava prestes a chegar; e numa noite de lua cheia deixou a janela aberta, dizendo que esperava alguns amigos que deviam trazer-lhe noticias do bosque. Pouco depois entrou um grande urso.

"Bôa noite, senhora", disse o animal.

"Bôa noite, urso", disse a dama. "Que noticias me traz dos seus vizinhos?"

"Nem por isso muitas", respondeu o urso. "Os veados estão cada vez mais dificeis de apanhar; não é possivel caçar mais de três por dia."

"Más noticias me dás", disse Mangasverdes, enquanto entrava, voando, um grande côrvo negro.

"Bôa noite, senhora", disse êste.

"Bôa noite, côrvo. Que noticias me trazes dos teus vizinhos?"

"Nem por isso muitas", respondeu a ave. "Só sei que dentro d'um século, pouco mais ou menos, viveremos muito retirados...; as matas serão demaziado espêssas".

"Como é isso?"

"Oh!", exclamou o côrvo. "Não ouviu dizer que o rei das fadas do bosque encantou dois nobres cavaleiros que viajavam pelos seus dominios para vêr a mulher que tece os seus próprios cabelos? Ano após anos tinham vindo os carvalhos a rarear, pois se cortava a lenha para o lume dos nobres; por isto, encontrando-se o rei, pediu-lhes que por estar um dia de tão grande calôr, bebessem pela sua taça de carvalho; assim que o fizeram, esqueceram-se das suas terras e dos seus filhos e em nada mais pensaram sinão em semear bolótas, trabalho em que se ocupam dia e noite; e não descansarão d'êste trabalho até que alguem os obrigue a parar antes do pôr do sol".

Na manhã seguinte os meninos fôram ter com Mangasverdes e disseram-lhe:

"Ouvimos ontem à noite o que o côrvo te disse, e sabemos que os dois cavaleiros são os nossos pais; diga-nos como se póde quebrar o encanto".

"Tenho mêdo do rei das fadas do bosque", respondeu a dama, "mas vou dizer-lhes o que deverão fazer. No fim do caminho que começa nêste barranco voltem a cabeça para o Norte e acharão uma verêda direita, salpicada a espaços de penas negras; tomem por ela, que irão ter diretamente ao país do côrvo, onde verão seus pais a semear bolótas debaixo das árvores do bosque. Esperem que o sol esteja prestes a pôr-se, e digam-lhe então o que acharem mais próprio para lhes fazer esquecer o seu trabalho; mas tenham o maior cuidado em não dizer sinão a verdade e não bebam sinão água corrente; do contrario cairão certamente em poder do rei das fadas".

Agradeceram os meninos o bom conselho que a dama acabava de lhes dar, e puzeram-se a caminho. Em breve encontraram a estreita verêda salpicada de penas negras, e ao setimo dia, entrando no país do côrvo, em uma grande clareira em que os carvalhos eram mais raros, viram os meninos seus pais ocupados a cavar e a semear bolótas. Chamaram-nos pelos seus nomes e, correndo a beijá-los, disseram-lhes:

"Querido pai, volta ao teu castelo e aos teus".

Mas os senhores replicaram:

"Não sabemos de castelo algum e não conhecemos ninguem. Não há mais nada no mundo sinão carvalhos e bolótas".

Cheios de tristezas, Lindaflôr e Rondabosques sentaram-se para comer, e, após a refeição, encaminharam-se para o regato que corria perto e começaram a beber a água clara.

De subito, enquanto bebiam, aproximou-se d'eles, deslizando por entre as árvores, um alegre caçador com uma grande taça de carvalho cheia de leite até às bordas. Quando chegou perto dos meninos, disse-lhes:

"Formosos meninos, não bebam essa água impura; bebam antes êste leite".

E mostrava-lhes a sua taça repleta de leite.

Mas Rondabosques e Lindaflôr responderam:

"Obrigado, bom caçador; mas prometemos não beber sinão água corrente".

O caçador aproximou-se mais dos meninos com a sua taça, dizendo-lhes:

"Esta água é suja; póde ser bôa para os lenhadores, mas não para meninos tão lindos. Não fôram educados em palacios?"

Ao que os meninos responderam:

"Não; fomos educados em castelos e somos

os filhos d'aqueles senhores que estão ali. Diga-nos como poderemos quebrar o encanto que os tem enfeitiçados".

Imediatamente o caçador voltou-se lançando-lhes um olhar furioso, entornou o leite no chão e desapareceu com a taça vazia.

Quando, ao meio dia, o calôr se tornou quasi insuportavel, os meninos voltaram ao regato; tambem d'essa vez lhes apareceu por entre os carvalhos outro caçador trazendo na mão uma taça de carvalho cheia de hidromel até às bordas. Como o outro, pediu-lhes que bebessem, disse-lhes que o regato estava cheio de rãs e perguntou-lhes se eram principes. Mas, quando os meninos responderam como da primeira vez: "Prometemos não beber sinão água corrente e somos filhos d'aqueles senhores; diga-nos como havemos de quebrar o seu encanto", o caçador voltou-se, lançando-lhes um olhar furioso, entornou o hidromel e seguiu o seu caminho.

Durante tôda aquela tarde trabalharam os meninos junto de seus pais, semeando bolótas; mas os senhores não deram pela sua presença nem ouviram as suas palavras. Ao aproximar-se

(CONTINUA NO FIM DO ALMANAQUE)

Porque o frio provoca tremuras e o calor faz suar?

Quando faz frio, treme-se. Um calafrio percorre nosso corpo. Mas este tremôr não é sómente causado pelo frio. O tremôr tem um fim. A movimentação rápida dos nossos músculos provoca um certo aquecimento. Trememos para aquecer-nos. O mesmo póde ser dito sobre o suór. O suór não sómente é resultado do calôr, mas tambem tem um escôpo que é esfriar o nosso corpo. As pessôas que não súam nos dias quentes sofrem mais com o calôr do que as que súam mais. Ultimamente se descobriu que existe no nosso cérebro um centro especial, que contrôla o tremor e o suór. Este centro póde ser influenciado por ondas de rádio, o que provoca resultados interessantes. Experiências realisadas em pessôas e em gatos demonstraram que por uma qualidade especial de ondas de rádio se póde fazer tremer o organismo quando faz calôr e, pelo contrário, fazê-lo suar, quando faz frio. Resultados semelhantes foram assinalados em casos de hipnotismo. Quando o hipnotisador diz ao seu paciente que faz frio, este começa a tremer, apesar de estar fazendo calôr. Quando o hipnotisador diz que está fazendo calôr, o hipnotisado começa a suar e a tirar as roupas que usa, apesar de fazer muito frio no momento. As palavras do hipnotisador agem diretamente sobre o cérebro e provocam tremôres e suóres conquanto faltem as condições exteriores.

PORQUE SE PODE ESTICAR O ELASTICO ?

A explicação deve residir no modo como as moléculas que formam o elastico estão ligadas umas ás outras. Tudo o que até no momento presente sabemos a êste respeito é que estas moléculas são relativamente grandes e complicadas, e estão provavelmente unidas de uma maneira muito complexa. Deve-se distinguir entre a distensão de um corpo, como o elastico, que recupera a sua fórma primitiva, e a de outros, como, por exemplo, a massa, que jámais a recuperam.

Porque é que os peixes se não afogam ?

Todos os animais e plantas precisam de ar, sob uma ou outra fórma, para poderem viver, ou, falando mais corretamente, precisam de oxigênio, que é um dos gáses que constituem o ar. Faltando-lhes o ar, morrem irremediavelmente, quer por asfixia, quer por qualquer outro processo. Quando uma pessôa se afoga, o que acontece é que, em virtude de ter estado demasiado tempo debaixo de água, se lhe acaba a sua reserva de ar vivificante, e, como só póde readquiri-lo no ar, morre.

Contudo, não creiam por isto que a água não tem oxigênio; pelo contrário, ela contém, dissolvida, uma grande quantidade d'este gás vivificante, o que acontece é que os sêres humanos e todos os animais que respiram por meio de pulmões o não pódem utilizar. Os seus orgãos só são áptos para respirar no meio do ar livre.

Os peixes, pelo contrário, não teem pulmões e respiram por meio de guélras, cuja maravilhosa estrutura lhes permite extrair o oxigênio da água, podendo viver debaixo d'esta perfeitamente á vontade. Mas se alguma cousa impedisse que os peixes pudessem tirar da água o seu oxigênio, ou, se esta, por qualquer circunstância, deixasse de o ter, os peixes afogar-se-iam como quaisquer outros animais.

Porque é que o leite azéda ?

Se nós pudessemos evitar a introdução de toda e qualquer substancia extranha no leite, este nunca azedaria; mas, infelizmente, isto é impossivel. O que acontece, pelo contrário, é que entra no leite toda espécie de substâncias extranhas. Algumas delas são grãos de poeira e cousas semelhantes, que se vêem perfeitamente e que seria fácil evitar; outras, porém, que existem no ar ou nas próprias vasilhas onde metemos o leite, não podem ser vistas a ôlho nú, por serem pequenissimas. São seres vivos, chamados microbios, que devem a sua importância à extraordinária vitalidade de que são dotados. Muitas são as espécies destes seres que entram no leite, mas existe um, cujo nome cientifico significa "micróbio do leite" que, mais ou menos, lá se encontra sempre.

Porque é que as estrelas não são redondas como a lua e o sol ?

Nós não vemos as estrêlas redondas, pela simples razão de estarem muito longe. Os planêtas são muito mais pequenos que elas, mas estão relativamente tão perto de nós, que, quando os observamos com um telescópio, podemos vêr perfeitamente que são redondos, porque os encontramos sob a fórma d'um pequeno disco. Contudo, por mais poderoso que seja o telescópio com o qual observemos a mais brilhante ou a mais próxima de todas as estrêlas, jámais veremos disco algum e só encontraremos um ponto luminoso. Embora a estrêla que observemos com o telescópio seja um milhão de vêses maior que um pequeno planêta, Venus ou Marte, cujo disco é visivel mesmo com um pequeno óculo, acha-se tão distante, que o seu disco não póde ser visto e parece provavel que, por mais aperfeiçoamentos que se introduzam nos telescópios e por maiores que êles venham a ser, jámais se conseguirá vêr o disco d'uma estrêla. E, não obstante, temos a certeza de que as estrêlas são redondas como o sol e como a lua.

PORQUE É QUE OS OVOS PODRES FLUTUAM E OS OVOS FRESCOS VÃO AO FUNDO?

Um ovo fresco é formado pela gêma e por outra substância, branca, que se chama clara; ora, como cada uma d'estas substâncias é mais pesada que a água, o ovo vai ao fundo dentro d'ela. Num ovo pôdre, a clara e a gêma transformam-se noutras substâncias, muitas d'elas gazosas, que se escapam através dos póros da casca, d'onde resulta, para o ovo, a perda d'uma bôa parte do seu peso; ora, como êste se torna menor que o peso do volume de água deslocada, eis explicada a razão por que um ovo pôdre flutua na água e não vai ao fundo.

Soluções dos problemas e charadas

(Ver as pgs. 36, 88, 89, 96 e 98)

A PARTILHA DOS FRASCOS DE VINHO

(Pag. 36)

Dois dos amigos ficaram cada um com 3 frascos cheios, 1 frasco com vinho pelo meio e 3 vazios, e o outro com 1 frasco cheio, 5 com vinho pelo meio e 1 vazio; ou então respectivamente com 2 frascos cheios, 3 pelo meio e 2 vazios um dos 2 primeiros, e 3 frascos cheios, 1 pelo meio e 3 vazios o terceiro.

BUSCA GEOGRÁFICA

(Pag. 88)

1 — Amazônas
2 — Pernambuco
3 — Paraná
4 — Sergipe
5 — Ceará

BUSCA ASTRONÔMICA

(Pag. 89)

1 — Estrela
2 — Planeta
3 — Cometa
4 — Nebulosa
5 — Satelite

EXERCITE SUA MEMÓRIA

(Pag. 96)

1.ª — Sandwich
2.ª — Parcas
3.ª — Pardo
4.ª — Paria
5.ª — Europa
6.ª — Ercules
7.ª — Hiparco

EXERCITE SUA MEMÓRIA

(Pag. 98)

1.ª, Pluto; 2.ª, órgãos; 3.ª, boto; 4.ª, Alagoas; 5.ª, Pó; 6.ª, morñão; 7.ª, Morse; 8.ª, Maricá; 9.ª, Marta.

DOIS JOGOS INTERESSANTES

JOGO DOS SEMEADORES

Traça-se uma grande linha no chão, onde ficam os concurrentes enfileirados. Traçam-se mais 3 linhas, com a distância de 8 metros, entre cada uma. Depois da terceira linha, mede-se mais 8 metros e espeta-se no chão um pau. Cada concurrente deve ter, nas mãos, uma pedra, um lapis, uma fruta ou qualquer outro objéto. O jogo consiste em, a um sinal dado, sairem correndo os concurrentes e, ao passarem pelas linhas, nelas deixarem um dos objétos que têm na mão e continuando a correr, devem dar a volta por tráz do pau, e voltar, apanhando novamente, os objétos que haviam deixado em cada linha.

Aquêle que primeiro chegar à linha de partida, tendo preenchido todas as condições do jogo, ganhará o jogo.

PRISIONEIRO

Serve para praia e para recreio. E' muito engraçado podendo participar quem quizer.

Os jogadores formam um circulo com as mãos dadas e uma pessôa fica no centro sendo chamada "a Raposa".

Dado um sinal, esta procurará evadir-se o que os outros jogadores procurarão impedir, só com os braços.

Quem deixar fugir a raposa, tomará o seu lugar.

BOLIVAR

Naseeu Simon Bolivar, em Caracas, a 24 de julho de 1783, sendo filho de don Juan Vicente Bolivar y Pontes, nobre espanhol. Aos seis anos de idade viajou para Madrid, conduzido pelo seu tio, marquês de Palácios. Terminados os seus estudos, viajou por toda a Europa, demorando-se em Paris onde viveu no "grand monde" uma existência faustosa e romântica. Apesar disso, formou-se pela Escola Politécnica. De novo em Madrid, casou-se com Tereza de Toro, da aristocracia espanhola.

Orientado por um grande mestre — Simão Rodrigues — Bolivar começa a estudar a história e penetrar as idéias do seu tempo. Em Roma, no alto do Monte Mario, profere — em fórmula poética — o juramento de libertar a América. A invasão da Espanha por Napoleão indicou-lhe que era precioso o momento que vivia: vem para a América e inicia a revolução. Seu vulto se transfigura: o homem pálido e magro torna-se um herói de legendas. Numa série formidavel de vitórias, destroça os espanhóis e liberta cinco nações. Em Ayacucho — a mais bela de suas batalhas — escreve para suas tronas uma página fulgurante pela forma e pelo sentido.

Uma de suas mais famosas e justas afirmações, que hoje adquire ainda maior força e veracidade, é esta: — "O sistema de govêrno mais perfeito é aquêle que produz maior sôma de felicidade para o povo".

Soluções da página «VAMOS VÊR?»

A LESMA E A PAREDE

Em 5 dias. Nos primeiros 4 dias ela percorreu 4 metros, e no 5.º atingiu o alto, porque subiu 3 metros.

O BILHETE DO ADVOGADO

O bilhete dizia apenas "Com D. nada".

QUE FLORES SÃO ESTAS?

1 — Resedá
2 — Dalia
3 — Begonia
4 — Azaléa
5 — Ciclamen
6 — Girasol
7 — Gardenia
8 — Cravina
9 — Goivo
10 — Margarida
11 — Violeta
12 — Bogarí

QUEM FOI PAULO SETUBAL

Paulo de Oilveira Setubal nasceu em Tatuí S. Paulo, em 1.º de janeiro de 1893. Ficou orfão de pai em idade muito tenra. Começou os estudos primários em sua cidade natal, com o professor Chico Pereira. Foi para São Paulo, em 1904; e, no Ginásio de N. S. do Carmo fez, com os irmãos maristas, os estudos secundários. Pensou em fazer-se padre e chegou a dar os primeiros passos nesse sentido. Mas cedo desistiu da carreira religiosa, e em 1910, matriculou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo. Obteve um lugar de professor no Ginásio Arquidiocesano e outro na Escola do Comércio do Braz, na capital paulistana. Começa a trabalhar como revisor da *Tarde*, passando sem demora a redator dessa mesma folha. Mas, achando-se enfraquecido dos pulmões, deixa, a conselho médico, S. Paulo, indo, com sua mãe, para Tatuí e depois para Campos do Jordão. Regressa a São Paulo, para continuar os estudos. Formou-se em 1915, e logo depois era nomeado promotor público interino da capital, tendo tido ocasião de recusar a nomeação efetiva para esse cargo, que lhe era oferecido. Abre escritório de advogado, obtendo o maior êxito que podia esperar. Novamente se vê impossibilitado de residir em S. Paulo, pelas suas condições de saúde. Vai residir em Lages, Santa Catarina, em companhia de seu irmão mais velho.

Em 1917, regressa a S. Paulo, entregando-se de novo às suas atividades de advogado. Em 1922, casa-se.

Em 1928, Paulo Setubal faz uma experiência politica: aceita uma cadeira na Câmara Estadual de S. Paulo, como deputado. Não é a politica, porém, a carreira natural às suas aspirações. E êle sem demora a abandona.

Nessa vida assim insegura e incerta é que Paulo Setubal consegue escrever seus numerosos livros — sua "Alma Cabôcla", deliciosa coletânea de versos, reveladora de um poeta simples, emotivo, ingênuo, de musa fácil e popular; sua "Marquêsa de Santos", seu "Principe de Nassau", suas "Maluquices do Imperador", seus numerosos livros sôbre a história de S. Paulo e do Brasil, e tambem êsse encantador livro de ternura humana, de sentimento profundo, de religiosidade, de recolhimento interior, de poesia triste, que é o "Confiteor".

Paulo Setubal, que pertencia à Academia Paulista, foi, em 1924, eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de João Ribeiro.

E, AFINAL, NENEM DORMIU...

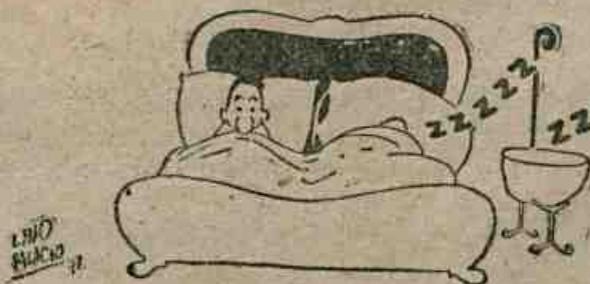
Papai e Mamãe dormiam
roncando como ninguem.
De longe os roncos se ouviam.
Neném roncava tambem.

Mas, eis que Mamãe desperta
ouvindo chorar Neném.
E Mamãe se desconcerta:
que será que Neném tem?

Mamãe acorda Papai
que diz: — "Isso não é nada!"
E Mamãe lhe pede: — "Vai niná-lo" . . . Estou tão cansada!

Papai segura Neném
ao colo e se põe a andar.
Vem e vai e vai e vem . . .
Já nem sabe o que cantar!

Por fim, Neném adormece
e Papai, devagarinho,
cuidando que não tropéce,
vai pôr Neném no bercinho.

Contente, vai-se deitar
querendo dormir tambem.
Como é bom poder sonhar!
Estava a dormir tão bem!

Mas qual! O sôno fugiu!
O sôno, agora, não vem . . .
E o resto da noite, ouviu
roncar Mamãe e Neném . . .

Galvão de Queiroz

A GRATIDÃO DE MARIO

AQUELA casinha tosca, ao pé do morro, servia de abrigo a três pessoas: o Vinicio, sua esposa Jurema e o filhinho do casal, o Mario, um robusto garoto de 9 anos. O resto era constituido pelo cão "Mingo", um gato, patos e galinhas.

Vinicio era carteiro da pequena cidade de Icarí, e Jurema trabalhava em costuras de roupa comum. Nada perturbava a paz daquela vida simples, nêsse recanto solitário, um pouco afastado da estrada de rodagem, e pouca gente conhecia a casinha, perdida entre as folhagens espessas das mangueiras, embora os habitantes todos de Icarí conhecessem o carteiro Vinicio, pelo seu ofício de ir de casa em casa, na faina diária de entregar cartas.

Mario, apezar dos seus 9 anos, já sabia cuidar de trabalhos caseiros, da peqena horta, dos animais de criação e, quando se aproximava deles, estabelecia-se alvoroço no galinheiro, o que dava à alminha do garoto uma sensação de felicidade, que muita gente haveria de invejar.

Vinicio, ao voltar, à tarde, exhausto pelas voltas que dava pela cidade, gritando "Correio!" e entregando a correspondência, quando via o Mario, que a hora fixa, o esperava à porta da casinha, tomava-o em seus braços e apertava-o com efusão.

— Assim, meu filho. Começas cêdo a conhecer o valor do trabalho. Quizera eu ser rico para te recompensar!

— Rico? Que é que nos falta, papai, — perguntava Mario.

— Educação, instrução, para que possas ser um homem de valor na vida, meu filho. Apenas pudeste frequentar a escola e tiveste que suspender os estudos para não deixares sosinha tua mãe o dia inteiro, nesta solidão. Mas, é preciso que te eduques e que te tornes um homem estimado e isso não se aprende em casa.

— Papai, desde que sei lêr, só preciso de livros, mas não quero que papai gaste para comprá-los.

De repente Mario bateu a mãosinha na cabeça, como se tivesse uma bôa idéia, seus olhos tiveram um brilho de inteligência, mas nada disse e foi continuar seu trabalho, enquanto o pai descarregava sôbre a mesa a enorme sacóla. Havia comprado mantimentos, como sempre fazia e os embrulhos ocupavam o lugar da correspondência já entregue. Mas, ao retirar os embrulhos, Vinicio notou no fundo uma carta.

— Hom'essa; — exclamou — Ficou uma carta aqui. Tenho que sair outra vez.

— Eu vou entregá-la, papai — propos Mario.

— Mas, meu filho, já é noite.

— Não faz nada. É para o Dr. Honorato, não é? — retorquiu o garoto, lendo o endereço no envelope. — Eu vou levá-la. Deixa, papai? É um pulo... mas,

— Então vá, mas cuidado.

Mario enfiou seu casaquinho, calçou os sapatos, que só usava quando ia a Icarí e, guardando cuidadosamente a carta no bolso, partiu sob dois olhares enternecidos e um afetuoso aceno de despedída.

Mario disse que era um pulo, mas, dali até Icarí era caminhada de três quartos de hora, por uma estrada pedregosa e esburacada. Mas, pelo caminho, Mario ia amadurecendo uma idéiasinha que o fazia sorrir de vez em quando. Afinal, foi bater palmas à porta da casa do Dr. Honorato, o único médico de Icarí, já velho, mas estimadíssimo e muito ativo.

— Entre! que há? — respondeu uma vóz de dentro da casa, quasi sumida entre floridas trepadeiras.

Mario entrou e viu-se na presença do velho doutor, simpático rosto emoldurado de cabelos grisalhos, barba e bigódes raspados e oculos de aro de ouro. Êle estava sentado à sua escrevaninha, escrevendo, talvez alguma receita. Em volta do gabinete, as paredes estavam cobertas por estantes cheias de livros.

O garoto observava com os olhos arregalados todos esses livros e quasi esquecia sua missão. Despertou em tempo da sua distração admirativa e, pondo a mão no bolso, retirou a carta que entregou ao velho.

— Uma carta para o doutor. Desculpe se papai não a entregou antes. Tinha ficado escondida no fundo da carteira.

— De nada, meu filho. Você é o filho do Vinicio, não é?

— Sou, sim... às suas ordens.

— Já vejo que você é um rapagão que gosa saúde. Nunca esteve aos meus cuidados. Tome lá dez tostões pelo seu incomodo.

Mario não avançou a mão para tomar do dinheiro que o médico lhe aferecia. Levantou a cabecinha, deu uma olhadêla de relance aos livros, alinhados nas estantes e reanimado, disse:

— Desculpe, doutor, se não aceito. Estou cumprindo uma obrigação de papai.

— Muito bem, menino! Gosto de ouvir isso. Você já compreende o que é o dever. Mas, eu quero recompensar você de qualquer maneira.

Mario ficou um instante pensativo e, emfim, tomado de subita resolução, pediu, ainda com certo acanhamento:

— Doutor, o senhor que tem tantos livros, acha que póde emprestar-me um que eu possa lêr? Eu leio depressa e não estrago, garanto.

O Dr. Honorato sorriu bondosamente e, batendo uma palmadinha amigavel no ombro do pequeno, disse:

— Você é o único nesta cidade que me faz semelhante pedido e eu vou mostrar que não sou egoista. Empresto-lhe quantos livros quizer e não tenho pressa em vê-lo de volta, pois sei que você é filho de um carteiro honrado e escrupuloso e seu pai já me contou que você trabalha como gente grande. Vou mostrar os livros de que você precisa, e se você não compreender alguma coisa, venha cá que eu com muito gosto explicarei.

Mario ficou radiante e, não resistindo a um gêsto impulsivo beijou a mão do bondoso velho. Quando saiu da casa do médico, ia sobraçando um volumoso embrulho com livros, de gramática, história, aritmética e um de contos com lindas gravuras coloridas. Chegou triunfante em casa e logo queria começar, a lêr, quando sua mãe disse:

— Janta primeiro, meu filho. Estás cansado e terás tempo de sôbra para lêr.

O tempo foi passando e Mario ia se entretendo com os livros, lendo, estudando, devolvendo e trocando, quasi sempre ganhando um de presente, até que o Dr. Honorato, percebendo os rápidos progressos do menino, concebeu o plano de mandá-lo cursar os estudos na cidade,

à sua custa. Tudo decidido, chegou o dia da partida, dia triste pela separação mas cheio de esperanças, que proporcionariam alegrias futuras. No momento da despedida, o Dr. Honorato foi à estante e, tomando de um livro, que êle próprio escrevera, sôbre medicina, escreveu uma afetuosa dedicatória e presenteou com êle o Mario.

O menino leu a dedicatória com duas grandes lágrimas nos olhos. Para disfarçar a emoção, o velho médico disse:

— Êsse meu livro não está completo, pois falta a segunda parte.

Tomado de súbita resolução, Mario, tomou da caneta e no fim do livro escreveu estas palavras: *"Em sinal de gratidão ao meu bemfeitor prometo completar a presente obra"*.

E, chegando à cidade, Mario atirou-se com afinco aos estudos, sendo logo admitido a cursos superiores, devido ao seu adiantamento. Começou logo a merecer elogios de seus professores e a estima dos seus colégas. Havia escolhida a carreira de médico, em homenagem ao seu bemfeitor, ao qual escrevia comovidas cartas, assim como aos seus pais, que anciavam pela sua volta, já diplomado.

Êsse grande dia chegou, enfim, o da entrega do diploma, na presença do Dr. Honorato e dos pais de Mario, orgulhosos. A tése apresentada pelo novo Dr. Mario foi muito elogiada por todos, mas, quando a ela o orador ia se referir, Mario pediu a palavra e declarou:

— Esta tése é o cumprimento de uma promessa que fiz ao meu bemfeitor Dr. Honorato, para completar a sua obra com uma segunda parte. A tése se funda na primeira parte. É a êle que eu devo o que sei e os meios para me diplomar.

E, mostrou aos assistentes o que escrevêra no fim do livro.

Uma grande emoção se apoderára de todos, o Dr. Honorato e os pais do novo médico choravam, abraçados ao rapaz. Quando voltou certa calma, o Dr. Honorato disse:

— Lembra-te, Mario, daquela carta que viéste me entregar, e que teu pai esquecêra?

— Não haveria de esquecer de fórma alguma.

— Pois, é por aquela carta que o editor do meu livro reclamava a segunda parte. Eu ia dizer que não era possivel, devido à minha idade, mas, quando olhei para o teu rosto, tive uma grande esperança e não me enganei. Escrevi ao editor que esperasse. E tu, meu filho, a completaste.

— Foi apenas uma parcela da minha grande gratidão, doutor, — respondeu Mario.

Tempos depois o Dr. Honorato recebia a segunda parte da sua obra, continuada pelo Mario, com uma esplêndida tése e isso veiu compensar seus sacrifícios para ajudá-lo nos estudos.

A EVOLUÇÃO DA CASA

Denomine-se Furna, Tóca, Ninho ou Casa, em essência é o mesmo: um abrigo seguro onde se refugiar, convalescer e se reproduzir.

Descrevêr a história da casa seria escrever a história da humanidade; aqui está apenas um resumo das que fixam as épocas e estilos com mais nitidês, mostrando ainda a maneira de viver de quem as habitou.

A natureza deu um casulo à borboleta, mas não deu ao castor, que no entanto tem casa. Ele a construiu. O homem não ganhou um casulo, portanto fez sua casa. Os animais não evoluiram na construção de suas casas, mas o homem sim, e é isso que torna o estudo da casa interessante.

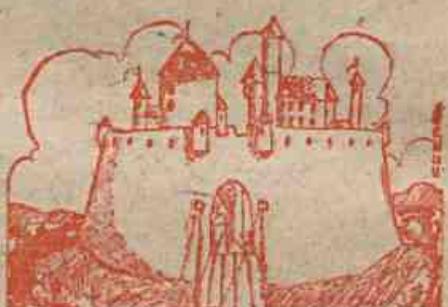
O primeiro refúgio humano foi a árvore, sôbre a qual se encontrava a seguro dos felinos.

Depois veio a éra glacial, o mundo ficou congelado e a árvore já não protegia, abrigou-se então no interior mais quente e seguro da caverna.

Com o derretimento do gêlo e aprendendo a pescar, o homem construiu a casa lacustre.

O igloo do esquimó, é uma reminiscência da éra glacial; na planicie não ha caverna, fez-se então a casa de gêlo.

Os grégos construiram suas casas e seus templos com meticulosa magnificência, mas o tempo é fatal a tais maravilhas, a poeira dos séculos deixou-nos apenas um ruinoso amontoado de pedras.

Maomé, o profeta, fez surgir vigorosamente a doutrina do "Olho por Olho, Dente por Dente" e ainda hoje os "Muezins" islamitas proclamam do alto de suas mesquitas que "Alhah é bom e Poderoso"

Os séculos da idade-média foram os mais ferózes da humanidade, isso o provam os castélos-fortes, cercados de fôssos e altas muralhas donde não raro despejavam óleo e chumbo fervente sôbre seus sitiantes.

Atualmente o homem procura alcançar as nuvens, amontoando andares num frenesi louco e fútil de alturas, pois o pó ao pó volta.

Entre todos o mais feliz com sua casa é o caracol que a carrega vagarosa mas seguramente ás costas.

PAULO CEZAR

O Brasil foi a segunda nação do mundo a empregar o aeróstato em operações de guerra, depois dos Estados Unidos da América do Norte. Em 1867, antes e durante a marcha de flanco dos Exércitos Brasileiros no Paraguai, preparada por Caxias, foram empregados com êxito aeróstatos, adquiridos por sugestões dêsse grande general, para observações militares.

O DIA DAS AMERICAS

ANA MARÍA BRIBIESCA DE SÁNCHEZ

PERSONAGENS:

Crianças representando as 21 Repúblicas da América

ATO 1.º

As nove nações da América Central e das Antilhas, representadas por meninas vestidas de branco, trazendo na mão a bandeira do país que representam e no peito o seu escudo.

GUATEMALA:

Somos nove irmãs aquí reunidas,
Que vivemos do oceano em meio,
Sem temer os seus vendavais,
Pois a fé mantemos em nosso seio.

COSTA RICA:

Eu me chamo Costa Rica.

EL SALVADOR:

Eu El Salvador.

PANAMÁ:

Panamá aquí fica.

HONDURAS:

Meu nome é Honduras

GUATEMALA:

Guatemala o meu.

CUBA:

Cuba sou, eis-me aquí.

NICARÁGUA:

Eu Nicarágua.

REPÚBLICA DOMINICANA

República Dominicana sou.

HAITÍ:

E eu Haití.

COSTA RICA:

Constituímos
[todas juntas
Os países das
[Antilhas
E da América
[Central,
Mas parte tam-
[bem somos
Das nações que
[integram
A América Con-
[tinental.

PANAMÁ:

Lutaremos sempre unidas
Para poder conservar
A unidade da terra
Prodigiosa e sem par.

(Retiram-se um pouco para trás)

ATO 2.º

Entram, todas de branco, e tomam o centro do palco as dez nações da América do Sul, com seus respectivos escudos e bandeiras.

VENEZUELA:

Somos nós as dez nações
Em que se divide a América do Sul.
Também unidas estamos
Sob o vasto céu azul.

COLÔMBIA:

Do imortal genovês
Trago o nome vencedor.
Chamo-me Colômbia
E estou junto ao Equador.

EQUADOR:

Equador é o meu nome.
Dos países do Sul
Um dos menores sou.

BOLÍVIA:

Porém grande em valor,
E do Perú perto estás,
País de rica tradição.

PERÚ:

Em tradição, Bolívia,
Não me ficas atrás.

CHILE:

E de ambos bem perto está
O vasto e belo Brasil.

PARAGUAI:

Assim como o valoroso Uruguai.

URUGUAI:

E o meu irmão, o lindo Paraguai.

BRASIL:

E o Chile com seus picos mil
Da grande cadeia andina.

ARGENTINA:

E por fim a Argentina.

BRASIL:

Bemvinda, companheira!
Tu que ao meu lado estás,
Rica, forte e prazenteira
Nossa festa alegrarás.

EE. UU. DA AMÉRICA:

México, meu grande vizinho
Da América Setentrional
Entremos nesse bailado
Com alegria fraternal.

BRASIL:

Estados Unidos, país do Norte,
Vem reunir-te às irmãs do Sul
E estende-nos a tua mão.

EE. UU. DA AMÉRICA:

Com prazer e alegria
Eis-me aquí Brasil amigo
Estreitemos essa afeição.

CHILE:

Cuba é exímia dansarina.

CUBA:

Contigo dansarei.

MÉXICO:

Dansarei com a Argentina.

BRASIL:

Iniciemos pois o bailado,
Em grande e formosa ronda,
Que vinculadas trás
As vinte e uma nações
Com alegria e concórdia
E um abraço de paz.

TODAS:

Que enorme felicidade
Causa o belo sentimento
Amor, Paz e Harmonia.
O mundo virá respeitar
Esta unidade de amigos
Que inspiração irradia.

Reunem-se as meninas e fazendo um circulo marcham ao som dos hinos das diversas nações da América.

Os senhores do Castelo Branco e do Castelo Cinzento

(CONCLUSÃO DA PAG. 113)

a noite, os meninos, sentindo-se com fome, dividiram entre si a última torta, e, pôsto que de nenhum modo conseguissem convencer os seus pais de que deviam comer com eles, encaminharam-se para a margem do regato e começaram a comer e a beber sózinhos.

Os côrvos voltaram aos seus ninhos, pendurados nas árvores mais altas; mas uma d'estas aves, que parecia velha e cansada, esvoaçava perto dos meninos como querendo beber no regato. Enquanto os meninos comiam, os côrvos mantinham uma atitude espetante e debicavam nas migalhas que os pequenos deixavam cair.

"Irmão", disse Lindaflôr, "êste côrvo tem fome com certeza; vamos dar-lhe de comer; não importa que seja a última torta".

Rondabosques concordou e ambos deram ao côrvo um bocadinho do que comiam; mas o grande bico do côrvo devorou os pedaços num momento; e o côrvo, saltando para mais perto d'eles, começou a olhar ora para um ora para outro.

"O pobre côrvo ainda tem fome", disse Rondabosques; e deu-lhe outro pedacinho.

Quando a ave o engoliu, dirigiu-se a Lindaflôr, que lhe deu tambem outro pedacinho, e assim continuaram até que o côrvo comeu tôda a torta que lhes restava.

"Bem", disse Rondabosques, "ao menos podemos beber".

Mas quando chegaram ao pé da água, apareceu por entre os carvalhos outro caçador, trazendo na mão uma grande taça de carvalho cheia de vinho.

Tambem êste lhe disse:

"Deixem essa água pantanosa e bebam comigo".

Mas os meninos responderam:

"Não beberemos sinão d'esta água: aqueles senhores são nossos pais; diga-nos como poderemos quebrar o seu encanto".

O caçador voltou-se, lançando-lhes um olhar de raiva, entornou o vinho sôbre a erva e proseguiu o seu caminho.

Mal tinha desaparecido, o velho côrvo olhou-os de frente e disse-lhes:

"Comi a última torta que tinham; em recompensa, dir-lhes-ei como poderão quebrar o encanto. Antes do pôr do sol, aproximem-se dos senhores e digam-lhes como fôram tratados pelos criados e como eles os mandaram guardar porcos. Quando virem que lhes dão atenção, peguem nas pás de madeira e guardem-nas se puderem, até que o sol se tenha pôsto".

Rondabosques e Lindaflôr agradeceram ao côrvo, e, correndo, acercaram-se de seus pais e disseram-lhes o que o côrvo lhes aconselhára. Enquanto os meninos contavam como haviam sido obrigados a dormir no palheiro e forçados a guardar porcos, os senhores fôram trabalhando cada vez mais lentamente, até que chegaram a largar as pás. Então Rondabosques, pegando na de seu pai, correu a atirá-la ao rio e o mesmo fez Lindaflôr com a do seu. Naquêle momento desapareceu o sol por detráz dos carvalhos do Ocidente, e os senhores ficaram de pé, olhando, como se acabassem de despertar d'um sonho, o bosque, o céu e os seus filhos.

Rondabosques e Lindaflôr voltaram contentíssimos aos castelos com seus pais. Obrigaram Milmigalhas e Matogrosso a deixar os vestidos de sêda e a sair dos melhores aposentos, que ficaram novamente para os filhos dos senhores, e os perversos criados, com os seus máus filhos, fôram mandados guardar porcos.

Pelo que respeita a Rondabosques e a Lindaflôr, não sofreram d'ai em diante mais contratempos e, quando tiveram idade para isso, casaram-se e herdaram os castelos e as terras de seus pais. Não se esqueceram da solitária senhora... Mangasverdes, pois, segundo se soube em todo o Oriente, tanto ela como o seu anão Pequenito passaram com eles de então por diante tôdas as festas de Natal; e os novos senhores, pelo seu lado, fôram todos os anos, pelo verão, passar uma temporada com a dama no grande carvalho do bosque, gosando a amenidade d'aquela estancia.

— Vou contar ao teu pai!
— Ih! E' Tão feio fazer isso! Não se deve falar da vida alheia!!

O ESPELHO

Não é fácil dizer quando apareceu, no mundo, o primeiro espêlho. O mais certo é que os primeiros homens — homens e mulheres, é claro... — se inclinassem á beira de um riacho

ou de um lago, para se mirarem nas águas.

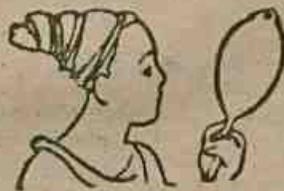
A primeira referência ao espêlho, que se conhece, está na Bíblia. Lê-se, ali que "com os espêlhos de suas mulheres" os hebreus fabricavam a vasilha para as abluções no tabernáculo.

Donde se conclúe que os espêlhos eram de metal. E eram, mesmo. No interior dos tumulos grêgos, egipcios e fenícios se encontravam espêlhos

metálicos, principalmente de bronze.

Em Roma, capital do mundo antigo, as matronas patrícias (fidalgas) usavam duas espécies de espêlhos: uns, de cobre, convexos, outros formados por dois discos unidos por uma dobradiça minúscula.

Pedras havia que, polidas ao mais alto gráu, davam excelentes espêlhos.

Néro possuia uma esmeralda — diz

o historiador Plinio, na qual se mirava como em um espêlho.

Mas parece fóra de dúvida que o espêlho que nós conhecemos, e usamos, foi inventado em Veneza e levado à França por Colbert.

Foi um brasileiro, natural de São Paulo, o padre Lourenço Bartolomeu de Gusmão, apelidado o "Voador", quem inventou o aeróstato. Pretendem os franceses haver sido o balão inventado pelos irmãos Estevão e José Montgolfier — o que não é exato, pois que as experiências realizadas por estes tiveram lugar em França no ano de 1783, ao passo que a "máquina aerostática" do grande santista subiu aos ares, pela primeira vês no ano de 1709 em Portugal, perante el-rei, D. João V, a côrte e grande massa de povo. Quer dizer 74 anos antes dos irmãos Montgolfier.

O emprego do tempo

Alfredo, o Grande, um dos melhores monarcas que a Inglaterra tenha tido e que reinou desde o ano 871 a 900, deveu seus éxitos ao bom emprego de seu tempo. Havia dividido as 24 horas do dia em três partes: uma estava destinada a resolver os assuntos de seu reino, outra ao estudo e praticas religiosas e a terceira ás distrações e ao sôno.

Isto em época em que reinava a desordem, era na verdade digno de chamar a atenção e os cortesãos, foram os primeiros a admirar aquela sábia disposição de seu rei que costumava resolver não poucos incidentes aborrecidos que se produziam na côrte devido à confusão que havia em todos os casos. E o monarca ás vezes leva quasi um dia para solucionar algo de pequeno interêsse.

Como os relógios ainda não haviam sido inventados, para medir o tempo, o rei Alfredo se valia de seis cirios de um tamanho determinado que tardavam quatro horas justas para consumir-se e que ardiam um atrás do outro, dentro de grandes lanternas colocadas diante do palácio. Quando um dos cirios terminava, um guarda imediatamente ia avisar o monarca.

Esse metódico emprego do tempo fez que Alfredo, submetido a essa disciplina pudesse chegar a ser um dos reis mais famosos de que a história se recorda; e isto a par de sua sabedoria, discreção e austeridade.

QUANDO A MARÉ VASOU

....— Ih! O mar está ficando vasio! A água está indo embora!
— Você é tão bôbo! O mar é como uma banheira: todos já tomaram banho e agora está sendo mudada a água!

CORRIDA DE BICHOS

Os bichos organizaram uma corrida e alinharam os corredores aos pares, de acordo com a velocidade natural das espécies. A preguiça, tocou o jaboti, como competidor. Ao sinal de partida, largaram ao mesmo tempo que os outros. No entanto, o jaboti chegou uma semana mais tarde e a preguiça, dois meses depois. Quando aclamaram o jaboti vencedor, a preguiça reclamou contra a injustiça:

— Como é que eu havia de ganhar? Vocês me dão para parceiro um bicho daquela ligeireza!...

Unindo cuidadosamente os pontos numerados, de 1 até 42, pela órdem vocês terão desenhado o retrato de um velho amigo.

Alguns plurais que oferecem dificuldades

Cônsul	cônsules
Caráter	caractéres
Cidadão . . .	cidadãos
Pagão	pagãos
Cânon	cânones
Réptil	répteis
Real	reais (de rei), réis (moéda)
Paúl	paúes
Lúcifer	Lucíferes
Mel	méis ou meles

Plurais duplos

Charlatão . . .	charlatões ou charlatães
Anão	anões ou anãos
Aldeão	aldeões ou aldeãos

A origem de «coupon»

Ha oitenta anos atrás a Great Western Railwlay, da Inglaterra, distribuia para os seus passageiros uns bilhetes de passagem que mediam 69 centímetros de comprimento.

Felizmente esse bilhete era feito de papel fino, facilmente dobravel e, portanto possivel de ser posto no bolso. Não era esse o caso das passagens que, na mesma época, vendia a estrada de ferro do norte da França, e que consistia em uma longa e grossa tira de cartão, onde estavam impressos os nomes de todas as estações da estrada.

Nas antigas estradas de ferro belgas eram utilizados bilhetes semelhantes aos empregados nas primitivas diligências, isto é, pequenos cadernos, cujas páginas eram cortadas em cada estação. O chefe do trem pedia ao passageiro o caderno e cortava a página:

— "Coupon"! — dizia êle.

E foi desse hábito que se derivou o vocábulo "coupon", que vem do verbo francês "couper" — cortar.

PENSAMENTOS

"O homem de bem não póde sofrer uma afronta. O homem de valôr não póde cometê-la."

La Roche

"Um esfôrço isolado, perde-se. Energias conjugadas, deslocam montanhas." *Coelho Netto*

O SUBSTANTIVO COLETIVO

Um substantivo ou nome que significa mais de uma coisa da mesma espécie chama-se coletivo: povo *(muita gente),* tropa *(muitos cavalos ou burros, etc.),* exército *(muitos soldados)* floresta *(muitas árvores),* cardume *(muitos peixes),* rebanho *(muitos carneiros ou cabras,* gado-vacum*, etc.),* alcatéia *(muitos lôbos), etc.*

NA ESCOLA

Numa classe, à hora do cálculo mental, o mestre pergunta:

— Luiz, quantos são cinco e dois?

O pequeno fecha os olhos. Põe-se a pensar. A coisa está difícil, e o mestre vem em seu auxilio.

— Suponha que eu dou a você cinco coelhinhos e que o seu padrinho lhe dá mais dois... Com quantos fica?

— Com oito.

— Oito?!... Veja bem. Cinco coelhinhos e dois coelhinhos não são oito coelhinhos. Vamos lá... Conte.

— Fico com oito, acóde, triunfante, o pequeno. São oito mesmo, professor. Lá, em casa, eu já tenho um.

● *Se há coisa que deva ser feita com todo o capricho, bem clara, com bôa letra, é o endereço lançado no sobrescrito de uma carta. Não digam envelope. Para que? se temos em nossa lingua, termo que é muito nosso — sobrescrito. Prefiramos sempre a prata de casa ao ouro do vizinho. Batamos à porta alheia só na última necessidade, quando o nosso velho e bom português, a nossa lingua tão querida que até lhe chamamos materna, não tiver o que nos dar. Voltemos ao sobrescrito. E' preciso fazê-lo sem pressa, com todo o cuidado. Quantas cartas não se perdem, não se extraviam, ou não ficam esquecidas nos refúgos do correio, por falta de clareza do sobrescrito, ou por estar êle incompleto!*

Que é preciso para aprender?

— Que é preciso para aprender? — perguntou um filho ao pai.

— Para aprender, para saber, e para vencer, — respondeu o pai, — é preciso buscar os três talismãs: a alavanca, a chave e o facho.

— E onde encontrá-los? — interroga o filho.

— Dentro de ti mesmo, — explica o pai. — Os três talismãs estão em teu poder, e serás poderoso se quizeres fazer uso deles.

— Não compreendo, — diz o filho, cada vez mais intrigado. — Que alavanca é essa?

— A tua vontade. E' preciso querer, é preciso remover obstáculos para aprender.

— E a chave?

— O teu trabalho. E' preciso esfôrço para dar volta à chave, e abrir o palácio do saber.

— E o facho?

— A tua atenção. E' preciso luz, muita luz, para iluminar o palácio. Só assim poderás vêr com clareza, e descobrir a verdade, que vence a ignorância.

Tiro ao alvo

Dois soldados faziam exercicios de tiro e não conseguiam acertar o alvo.

Um oficial que vinha passando parou e ficou a observá-los. Vendo que as balas se perdiam aproximou-se dos recrutas e os admoestou:

— Que falta de jeito a de vocês! Como acertar sem alvejar? Apontem primeiro... Vocês precisam aprender a dormir na pontaria. Sem isso, babau! é bala perdida... Vejam, é assim.

O oficial toma um dos fuzis, visa e atira. A bala passa à direita do alvo.

O instrutor oficioso não se desconcerta. Volta-se para o soldado e diz:

— Viu, "seu" bicho? Era assim que você estava atirando.

Aponta uma segunda vez, dispara a arma, e a bala recalcitrante passa à esquerda do alvo.

O oficial não se dá por achado nem perde o entono. Volta-se para o segundo recruta e diz:

— Viu você tambem, "seu" desajeitado? Era assim que você estava atirando.

Enfim, uma terceira bala atinge o alvo. Diz, então, o oficial aos dois recrutas boquiabertos de admiração:

— Aí está como eu atiro. Aprendam. Não é difícil.

DEUS E A POESIA

Que te diz a natureza,
A despedir-se saudosa,
Findo o dia?
Quando a noite é mais formosa
E o lugar tem mais beleza?
— Poesia.
Que te diz êsse profundo
Brilhar trêmulo de estrêlas
Pelos céus?
E ao vê-las assim tão bélas
Em que te fala êste mundo?
— Fala em Deus.

ANTERO DE QUENTAL

O primeiro homem que saltou de páraquédas

A glória de haver saltado, pela primeira vez, de páraquédas, de um balão, pertence a André-Jacques Garnerin. No dia 22 de Outubro de 1797, André-Jacques Garnerin fez a primeira exibição pública, de saltar de um balão, por meio de páraquédas, no Parque Monceau, em Paris. De fato, Garnerin saltou de 2.236 pés de altura e chegou ao sólo, são e salvo. Essa proeza causou imensa emoção no mundo inteiro. Garnerin repetiu a sua proeza na Inglaterra, a 21 de Setembro de 1802, com igual êxito.

ARITMÉTICA RIMADA

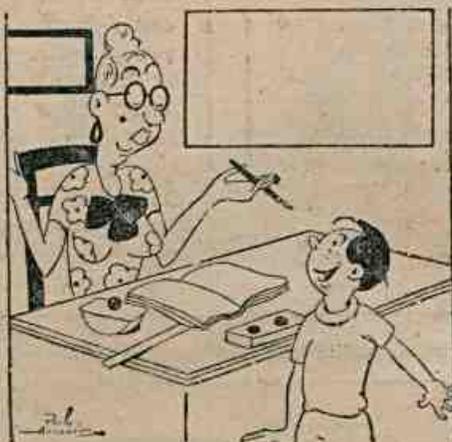
POR CARMEN SILVA

NUMERAÇÃO

Um, dois!
Feijão com arroz

Um, dois, três
Enterre a faca na barriga do freguês.

Quatro, cinco, seis e sete,
Oito de páus, dama e valéte,

Oito, nove e dez,
Se não sabes, tolo és.

SOMAR

Três com cinco: oito
Pão, bolacha e biscoito.

Três com dois: cinco
Quando estudo, não brinco!

Seis com três: nove
Não é só dizer: prove.

Seis com cinco: onze
Ferro, latão e bronze.

Quinze e quinze: trinta
Desaperte a sua cinta.

Vinte e vinte: quarenta
Sáia! Feia e rabugenta!

SUBTRAIR

Cinco menos três: dois
Você come muito! Depois...

Cinco menos quatro: um
Negro! Côr de anúm!

Nove menos quatro: cinco.
Estude a lição com afinco.

Treze menos quatro: nove
Sua roupa está suja. Escóve.

MULTIPLICAR

Três vezes quatro: doze
Não sei pra que tanta pôse.

Quatro vezes dois: oito.
Sáia! Barriga de biscoito.

Quatro vezes cinco: vinte
Atenção, amigo ouvinte!

Vinte vezes três: sessenta
Que roupa velha, sebenta!

Três vezes sete: vinte e um
Que barulho! Que zum-zum!

DIVIDIR

Seis por três: dois
Se sabeis, dizei quem sois.

Oito por dois: quatro
Por que deixaste o teatro?

Seis por dois: três
Sofres, porque não crês.

Vinte por dois: dez
Já matei dois jacarés.

FRAÇÕES

Um terço, um quarto
Tenho medo de lagarto.

Um meio, um quinto
Tome banho, seu Jacinto.

Um sétimo, um oitavo
Você é poltrão, seu Olavo!

Um sexto, três nônos
Entregue tudo aos donos.

PROVAS

Noves fóra nada
Aí está a versalhada.

RAIZES

Raiz cúbica e raiz quadrada
Não se encontram com enxada.

O JURAMENTO DO ARABE

Bacús, mulher de Ali, pastora de camelas,
Viu de noite, ao fulgor das rútilas estrelas,
Wail, chefe minaz de barbara pujança
Matar-lhe um animal. Bacús jurou vingança.
Corre, celere vôa, entra na tenda e conta
A um hóspede de Ali a grave e inulta afronta.
"Bacús, disse tranquilo o hóspede gentil
Vingar-te-ei com meu braço, eu matarei Wail."

Disse e cumpriu.

Foi esta a causa verdadeira
Da guerra pertinaz, horrivel, carniceira
Que as tribus dividiu. Na luta fratricida
Omar, filho de Amrú, perdêra o alento e a vida.

Amrú que lanças mil aos rudes prélios leva,
E que em sangue inimigo, irado, os ódios céva,
Incansavel procura e é sempre embalde, o vil
Matador de seu filho, o tredo Muhalhil.

Uma noite, na tenda, a um moço prisioneiro,
Recemcolhido em campo, o indómito guerreiro
Falou severo assim:

"Escravo, atende e escuta!
Aponta-me a região, o monte, o plaino, a gruta,
Em que vive o traidor Muhalhil, dize a verdade;
Dá-me que o alcance vivo, e é tua a liberdade!"

E o moço perguntou:

— "E' por Allah que o juras?"
— Juro, o chefe tornou.
— "Sou o homem que procuras!
Muhalhil é o meu nome, eu fui que espedacei
A lança de teu filho e aos pés o subjuguei!"
E intrepido fitava o atonito inimigo.

Amrú volveu: — És livre, Allah seja contigo!

Gonçalves Crespo

TRINDADES

Três coisas devemos cultivar — sabedoria, bondade e virtude.

Três coisas devemos ensinar — verdade, trabalho e resignação.

Três coisas devemos amar — o valor, a educação e o desinteresse.

Três coisas devemos apreciar — cordialidade, bondade e bom humor.

Três coisas devemos governar — carater, a lingua e a conduta.

Três coisas devemos defender — a honra, a pátria e a família.

Três coisas devemos admirar — o talento, a dignidade e a graça.

Três coisas devemos evitar — a crueldade, a insolência e a ingratidão.

Três coisas devemos perdoar — a ofensa, a inveja e a petulância.

Três coisas devemos imitar — o trabalho, constancia e lealdade.

Três coisas devemos combater — mentira, fingimento e calunia.

Paciência com o seu Jogo de Dominó

VEJA se consegue fazer isto: tirando as pedras de duplas do seu dominó (um e um, dois e dois até seis e seis) e ficando apenas com 21 pedras, distribúa estas em 3 colunas, de sete pedras cada uma, cujos pontos somem 42 em cada uma das colunas, verticalmente.

Abaixo vai uma solução para servir de guia. Mas há outras. Procure-as.

Quando os ventos, indo em direção oposta, se encontram, dão origem a um rodamoinho no ar, ou, quando são violentos, a uma tromba. Mas, se a direção dos ventos é para a terra, a tromba estabelece um vácuo no centro e os objétos, à sua passagem, são atraídos pela fôrça de sucção. Daí, se explicam as chuvas de peixes, de rãs e de areia, que têm havido em certos lugares.

A' BANDEIRA

O' minha Bandeira amada
Que eu quero e estremeço tanto!
Ao ver-te assim desfraldada,
O' minha Bandeira amada, —
Minh'alma entusiasmada
Vibra terno e doce canto,
O' minha Bandeira amada
Que eu quero e estremeço tanto!

Quer na paz ou quer na guerra
És nosso farol e guia!
És o maior bem na terra
Quer na paz ou quer na guerra!
Nossa força em ti se encerra,
És da nossa alma a alegria!
Quer na paz ou quer na guerra
És nosso farol e guia!

Quando te vejo, Bandeira
Da minha Pátria querida,
Altiva, nobre, altaneira,
Quando te vejo, Bandeira,
Minh'alma, de prazenteira
Comove-se, enternecida,
Quando te vejo, Bandeira
Da minha Pátria querida!

Jámais tombes bem amado
Penhor do nosso heroismo,
Pálio santo, idolatrado,
Jámais tombes bem amado
Pendão puro, abençoado,
Cheio de puro civismo!
Jámais tombes bem amado
Penhor do nosso heroismo!

Meu coração reverente
Vendo-te ao sol desfraldada,
Se expande alacre, contente,
Meu coração reverente!
Quem é que emoção não sente
Ao ver-te Bandeira amada?
Meu coração reverente
Só quer te ver desfraldada!

Salve! Bandeira querida,
Bandeira da minha terra,
Por ti darei minha vida,
Salve! Bandeira querida!
Quero ver-te sempre erguida
Na paz, na luta, na guerra!
Salve! Bandeira querida,
Bandeira da minha terra!

XAVIER PINHEIRO.

OS GRANDES EPISÓDIOS DA NOSSA HISTÓRIA

RUI BARBOSA EM HAIA

(Conclusão da página 90)

"havia em Rui Barbosa a fôrça de numerosos homens, dos quais cada um era um homem de primeira ordem. O pensamento, a palavra, a ação, se uniam numa só harmonia, diante da qual minha admiração se inclina com respeito."

* * *

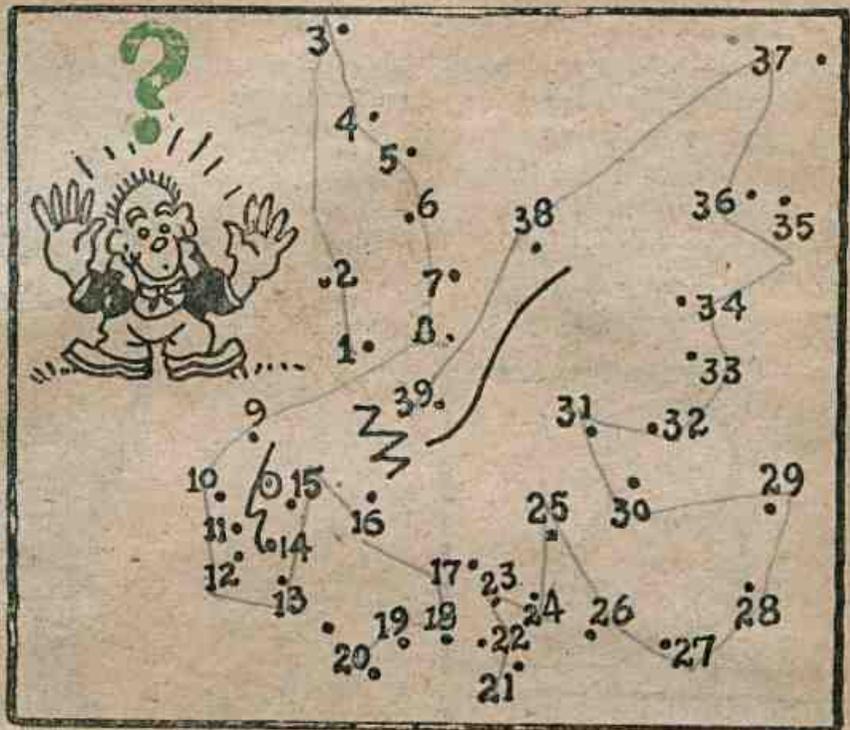
Aí está, meninos do Brasil, o papel que o Brasil representou em Haia. Não é verdade o que dizem certos inimigos de Rui Barbosa que êle só fazia o que mandava Rio Branco. Não é verdade. Num recente livro publicado pelo filho do nosso glorioso chanceler, o ministro Raul Rio Branco, este declara que seu pai dera a Rui Barbosa carta branca, isto é, plena liberdade de ação. E foi assim que o nosso Embaixador triunfou e conquistou o título de "Aguia de Haia". Seu regresso ao Brasil foi uma apoteóse. Saudou-o à sua chegada ao Rio o escritor Euclides da Cunha, que vocês devem conhecer pelo seu famoso livro "Os Sertões".

Somente essa passagem da vida de Rui Barbosa, lhe dava direito aos laureis da Imortalidade. Não foi só o talento, o gênio, a cultura que venceram. Mais do que isso, foi o idealismo sadio que se fundamenta no respeito à liberdade, ao direito, à justiça e à dignidade humana.

Vocês cumprem um dever de brasileiros venerando a memória de Rui Barbosa. Êle foi digno da sua pátria e do amor dos seus compatriotas.

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

O Brasil foi descoberto no dia 22 de abril do ano de 1500, comemorando-se seu descobrimento, entretanto, no dia 3 de maio. Motivou essa transferência de data a reforma havida no Calendário, em 1592, reforma essa ordenada pelo Papa Gregório XIII, e em virtude da qual foram adiantados dez dias sôbre o antigo Calendário Juliano, que se achava atrasado justamente em tal tempo.

SIMÃO ESTÁ ASSUSTADO!!

Se você ligar os pontos em serie, de 1 a 39, verá porque é que êle se espantou tanto.

A lenda do arroz

(Conclusão da página 85)

E os meninos se foram confiantes. Sentiam-se possuídos de um grande bem estar e durante os dias da viagem uma pitada dos grãos maravilhosos bastava para lhes acalmar a fome e a sêde, dando-lhes forças extraordinárias.

Chegaram assim à aldeia, mas vinham tão belos e de tão boa saúde que todos os receberam com grandes festas, esperando ter a revelação do segrêdo daquela mudança.

Kalinga tomou então a sacola e dispersou os grãos pelo sólo. Em seguida Fantek virou a jarra e a água derramou-se barulhentamente.

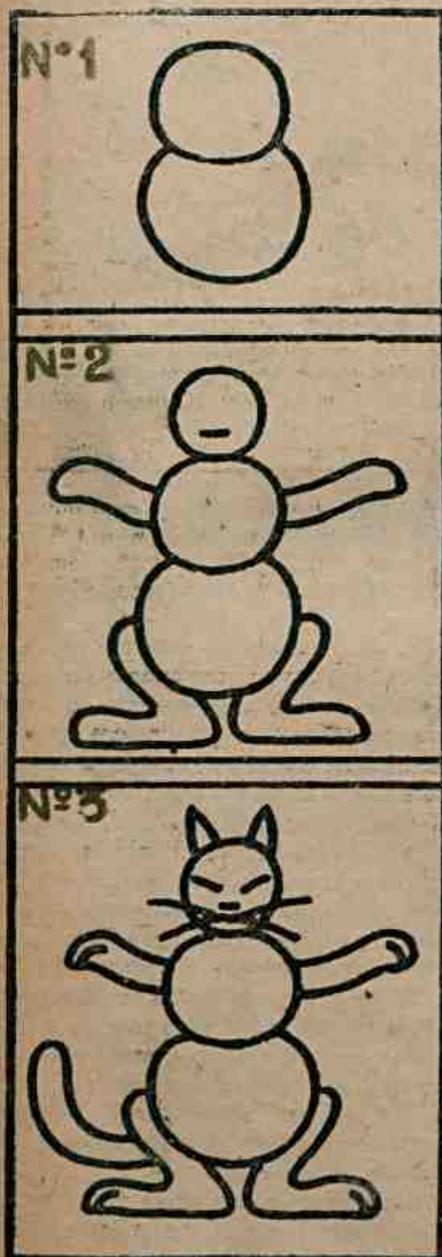
E logo grande quantidade de erva, verde e espessa, começou a brotar, e cresceu, e se alastrou, e em pouco uma vegetação opulenta e bela tomou conta do sólo empobrecido.

A colheita foi tão abundante que todos os celeiros se encheram para muitos anos.

O arroz dos deuses fora dado aos homens.

Eis aí como, devido a duas crianças corajosas e confiantes, teve fim o flagelo que há muito, muito tempo, acabrunhou pequena vila, numa ilha nevoenta dos Mares do Sul.

Veja o que significa

PIAUÍ — rio dos piaus.
PIRACICABA — quéda de água piscosa.
PIRATININGA — muito peixe.
PITANGUÍ — rio das pitangas.
SARAPUÍ — rio dos sarapós (peixe).
SEPETIBA — abundância de sapê.
SOROCABA — rasgão no solo.
TABATINGA — barro branco.
TIETÊ — grande caudal.

PARA VOCÊ DESENHAR UM GATINHO

JOGO DAS SOMBRAS

É um passatempo para reuniões.

Estende-se um lençol no vão de uma porta de comunicação entre duas salas. Uma das salas está sem luz, e aí fica uma pessôa. Na outra sala, bem iluminada, ficam todos os outros que se acham em fila, para passar, cada um de uma vez, diante do lençol, deixando que a sua silhueta apareça. Quando a pessôa no quarto escuro adivinhar de quem é a silhueta, deve esta tomar o lugar do quarto escuro.

Para dificultar o reconhecimento, é permitido à pessôa lançar mão de disfarces, como chapéus, roupas, attitudes, etc

O Veado de São Julião

(Conclusão da pág. 14)

— Oh! meu bem amado, eu que fui a tua companheira na alegria, se-lo-ei tambem na dôr.

E abandonando os dois o castelo, fugindo para longe, internando-se pelas florestas, depararam com um rio de difícil travessia.

Aí ficaram no exercício de penitências severas.

Depois armaram uma canôa para conduzir os viajantes de um para outro lado, enquanto para melhor servir a Deus construiram um hospital, onde se recolhessem os doentes, e para onde ocorriam todos os pobres do logar.

Uma noite, debaixo de um frio glacial, tendo-se Julião deitado cheio de fadiga, uma voz, partindo do outro lado, o chamou por três vezes: Julião! Julião! Julião!

Julião preparou a canôa e partiu. Era um leproso que o chamava.

— Conduza-me para o outro lado.

E Julião o conduziu.

Tendo chegado, exclamou:

— Tenho fome!

Julião deu-lhe todo o resto da comida que possuia.

— Tenho sêde!

Julião foi buscar água.

— Tenho frio!

Julião deu-lhe o seu manto.

— Tenho sôno!

E êle o deitou no seu próprio leito.

— Sinto que vou morrer, diz o doente, abraçando Julião.

E o leproso repugnante se transformou então num anjo luminoso, que, subindo ao céu, exclamou: Julião, Deus recebeu a tua súplica e te perdôou!

Tempos depois Julião e a esposa deixaram a vida cheia de esmolas, de perdões e de bons serviços.

As baionêtas, segundo se afirma, fizeram-se pela primeira vez na cidade de Baiona, em 1523. Daí a origem do seu nome.

Os ciganos de todo o mundo são apenas cêrca de um milhão, mas êles estão de tal maneira espalhados por toda parte que não há país onde não se encontrem.

Antropologia é o estudo do gênero humano, considerado em seu conjunto, em seus detalhes e em suas relações com o resto da natureza.

O PRESENTE DE PAPAI NOEL

Conto de ALMA CUNHA DE MIRANDA

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 8)

tregar, com urgência, ao Papai Noel. Uma carta escrita, ou melhor, rabiscada às escondidas, que enfiara por baixo do travesseiro, ao deitar-se.

Agora, tirando-a do seu esconderijo, e com a cabeça bem junto ao raiozinho de luz — que, sendo muito metediço, tambem passava os olhos pelo que estava escrito — Pedrinho releu o que, com tôda a ternura de sua alma, pedira ao velho sábio, eterno, barbudo, querido das crianças:

"Papai Noel: (dizem os rabiscos) leve tudo para as crianças pobres que não teem papai nem mamãe. Faça de conta que é meu aniversário e que sou irmão do menino Jesús. Deixe só uma coisinha — só uma, para que eu fique sabendo que você fez o que eu pedi, sim? Aceite um beijinho do Pedrinho".

Ao ler isso, o raiozinho de luz foi aos poucos, empalidecendo, tão grande era sua emoção e achou melhor voltar logo para o céu antes que desmaiasse ao lado do Pedrinho, só de ver quão bondoso êle era.

A estrêla, que já estava tôda trêmula e aflita pela demora de seu companheiro, ficou admirada ao ver o gaiato raiozinho de luz voltar lentamente, tristonho, pálido, segredando o que acabara de ler às árvores, às plantas e pelo espaço afóra.

A notícia do que estava escrito na carta de Pedrinho espalhou-se pelo mundo celeste. Todos se comoveram. Todos quizeram dar-lhe um presente — um presente magnifico, digno de um rei! E, olhando para a janéla do quarto, repararam que lá estava a criancinha, com o nariz achatado de encontro aos vidros da janéla, a boquinha a sorrir, entreaberta, cobiçando, com o olhar — a estrelinha cintilante.

Aí, num pensamento só, todos — a lua, os planetas, os astros e até os raios de luz — resolveram dar a estrelinha ao Pedrinho.

Mas, como fazer? Não era possível levá-la até à terra. Era contra as leis do Criador... Ah! .. Pronto! Descobriu-se um modo de presenteá-lo. Fazê-lo sonhar!... Enviar-lhe, em sonhos, a imagem da estrelinha marota!... E tudo se pôs em movimento, para realizar o sonho.

A brisa ligeira tornou-se vento, para poder formar as nuvens que deveriam velar a claridade da lua e das estrêlas para que a criança, embalada pelo farfalhar das fôlhas das árvores e pelo sussurro do vento, de novo dormisse.

Ao escurecer-se o quarto, Pedrinho, já de volta ao leito, com os olhos carregados de sono — dormiu... Dormiu e sonhou... Agarrava, com a mãozinha, a linda estrêla que o raiozinho de luz enviava, a deslizar, pela sua esteira clara e suave.

Lá fóra, porém, o vento irrequieto, tanto se excedeu, que se tornou violento e já não se contentava apenas em bailar por entre as fôlhas e a sussurrar. Passou a arrancar os galhos, em seu bailado louco pelas árvores, acompanhando sua fúria de um sibilar longo, penetrante, estridente... Numa reviravolta, chegou tão perto da casa, que escancarou as janelas do quarto de Pedrinho, arrancou parte da trepadeira que ali estava, e, num rodopio, a dansar qual bailarina pelo quarto a dentro, largou as fôlhas e florezinhas perfumadas.

Algumas delas foram cair sôbre a criança adormecida; nos cabelos louros, no peito, nos pés; e uma, pura e ainda úmida, com algumas gotinhas de orvalho a brilhar, foi pousar na concha rósea, gorducha, da pequena mão daquele amorzinho dourado a sonhar...

No firmamento, o azul escuro da noite esmaecia; o piscar das estrêlas era mais lento; a lua e seus raios de luz tornavam-se mais pálidos — tudo ia indo para longe, como a querer sumir-se no infinito, para dar lugar ao dia!

Nessa fuga, porém, a estrêla, ao ver partir o raiozinho de luz, lembrou-se, de súbito, da recompensa que lhe devia.

Rápida, aproximou-se e êle, sorrindo, ao ver que ela não se esquecêra, deixou-se beijar.

Êsse movimento celeste foi leve, quasi imperceptível...

A aurora, que vinha espiando por trás do horizonte, sorriu, nêsse momento, e tôda jubilosa, acenou com os braços, à sua majestade o Sol, para que tambem, com o seu beijo ardente, se apressasse a dourar o dia!

E como tudo no mundo é composto de beijos, a mãe de Pedrinho foi despertá-lo com essa carícia suave e sempre desejada...

Ao entrar no quarto, deparou-se-lhe a janêla aberta; com as flores e as fôlhas espalhadas pelo chão, pela casa, sôbre seu bebê louro; e o gorducho dormia, lindo, tôdo encolhido, com as pernas descobertas, as mãozinhas fechadas perto do rosto, os lábios vermelhos, bem apertados, fazendo covinhas ao lado da boca, e um biquinho encantador.

— Ah! meu bebê! Que vento malvado! Acorda, Pedrinho!

E Pedrinho acordou com os beijos da mamãe, pondo-se a rir, com aquela risadinha gostosa que só os bebês louros e rechonchudos sabem dar.

— Olhe, Pedrinho! Olhe o que você tem na mão! Um jasmim, meu filho!

A criança, com risadas que eram como o tinir de pancadinhas leves em cristal, surpreendeu-a:

— Não é jasmim, não, mamãe! E' a estrelinha do céu que Papai Noel me deu.

E a mãe que não havia sonhado, achou graça na louca alegria do pequerrucho, ao vê-lo guardar, com carinho, aquela estrelinha perfumada de jasmim, entre as páginas do seu livro preferido.

O Rio Gurupi serve de limite entre o Estado do Pará e o do Maranhão.

Guaraná quer dizer "dádiva do céu". Conta a lenda que êsse produto amazônico, do qual se faz ótima bebida, nasceu dos olhos de um índio.

A conquista de Mato Grosso se deve ao espirito aventureiro de Pascoal Moreira, Miguel Sutil irmãos Antunes Maciel e Pais de Barros, Almeida Lara e Morais Novarros. Rouger Conteville proclama que se pode "qualificar Mato Grosso como criação exclusivamente brasileira".

em ponto de cruz e uma belíssima coleção de "paneaux", mostrados a 6 côres. Tudo isso com mais de 60 motivos rigorosamente lindos no

Novo Ponto de Cruz

Edição de "ARTE DE BORDAR"

Preço — 10$000

Uma publicação que apresentamos para solucionar o problema complexo, e, por vezes, complicado, da organização do enxoval da noiva e dos arranjos multiplos da casa. Ambos essenciaes á base da vida do novo casal, estarão, pela melhor maneira, detalhados no GUIA DAS NOIVAS.

Trata-se nelle da "lingerie" do corpo, da de cama e mesa, da "toilette" de casa e a da rua em todas as suas minucias (os demais accessorios, pequenos nadas e grandes factores da arte de "apresentar-se bem), dos segredos de belleza, dos conselhos uteis, da fórma de organizar um "lunch", um almoço, um jantar, do mobiliario, decoração da casa e tudo que se possa enquadrar na materia, que é a serie de utilidades essenciaes á vida commum, e um numero de coisas apparentes de arte e de elegancia, tambem indispensaveis á arte de viver.

E', pois, com justo orgulho que apresentamos este volume utilissimo, unico no genero, o qual será o croquis padrão de todas as noivas.

PREÇO 10$000

TODOS Estes Albuns são editados pela Bibliotéca de "Arte de Bordar". Faça seu pedido acompanhado da respectiva importancia em vale postal, carta registrada ou mesmo selos do correio. Aceitamos encomendas pelo serviço de reembolso postal, para as localidades servidas por êsse sistema de cobrança. — Pedidos à S. A. O Malho — Travessa Ouvidor, 26 — C. Postal, 880 — Rio.
A venda nas livrarias

GOIABADA
MARCA PEIXE
GOIABADA
UM DOCE IRRESISTIVEL
CARLOS DE BRITTO & Cia.
- Fabricas em: Recife, Bezerros, Areias, Pesqueiras, Rio de Janeiro e São Paulo.